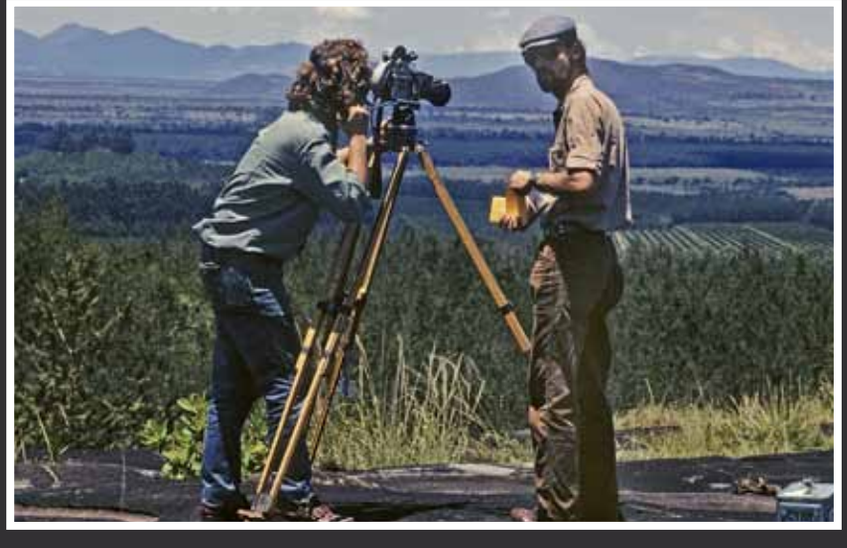
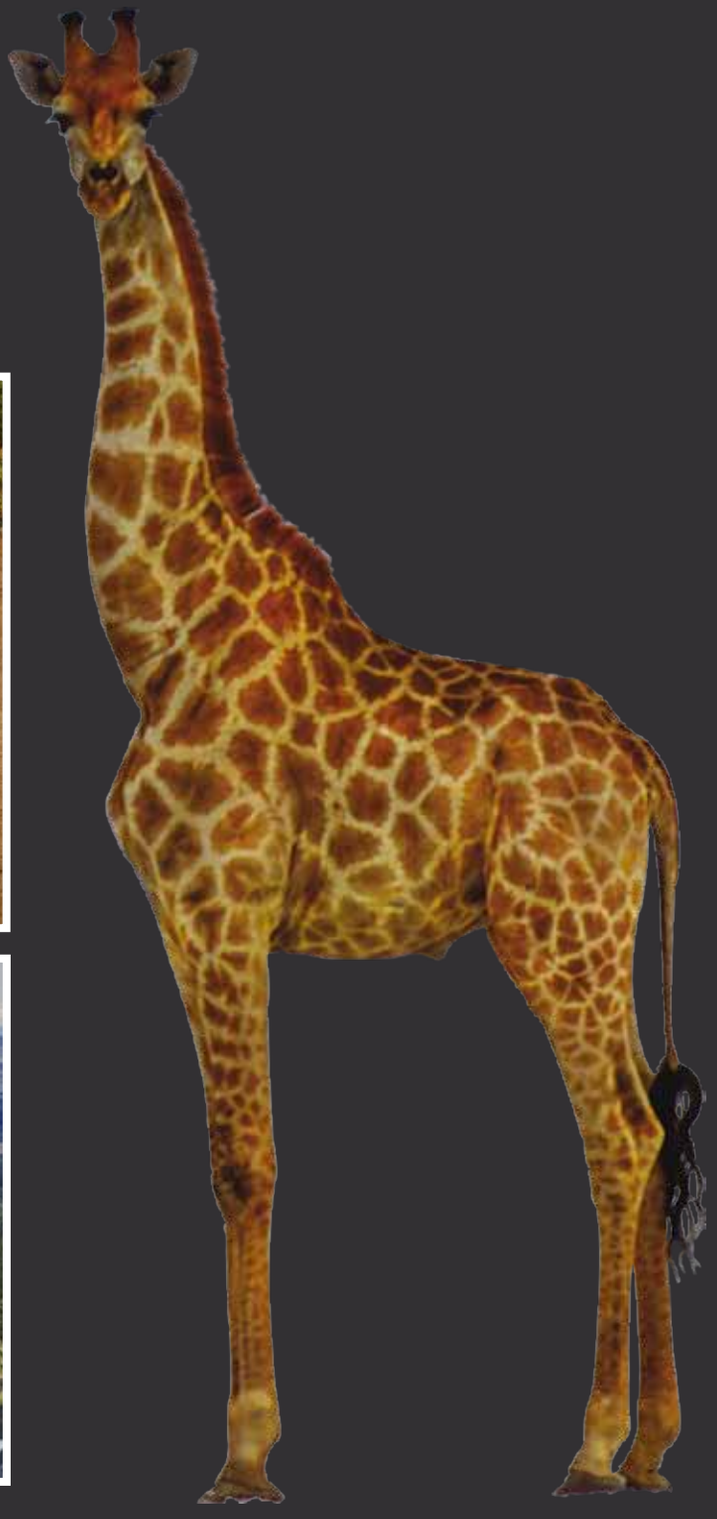
ANGOLA 1

Dever de memória

AS NOSSAS AVENTURAS

FOTOGRAFIA
JEAN-CHARLES PINHEIRA
GUY LEROY





ANGOLA 1
AS NOSSAS AVENTURAS

NO INTERESSE DO LEITOR

Se a algum leitor interessar uma imagem ou um livro completo, terei o prazer de enviar num CD o que me for solicitado, por correio, sem a cobrança de direitos autorais. Por estas imagens estarem registadas no © qualquer publicação em suporte papel ou na internet com intuitos comerciais, está sujeita ao pagamento dos respectivos DIREITOS AUTORAIS.

ANGOLA 1
AS NOSSAS AVENTURAS

ANGOLA 1

A EQUIPA AUSTRAL 70

PREFÁCIO

GENERAL SILVINIO SILVÉRIO MARQUES

TEXTO

J. C. PINHEIRA E INÊS BRANCO

FOTOGRAFIA

J. C. PINHEIRA / GUY LEROY

KOSTA CVENTICANIN

EDITORA PALANCANEGRA

JC & MC PINHEIRA

REPORTERS PHOTOGRAPHES

**Jean Charles, a Christine e a Sofie, a filha mais nova,
actualmente em sua casa, perto da cidade francesa de Amboise.**

Indice

4 **No interesse do leitor**

10 **“Mise au point”**

12 **Angola retratada no antes do “25 de abril”**

14 **Dever de Memória – Parte I**

41 **Como tudo começou...**

55 **Luanda 1970**

75 **Primeira reportagem em Angola**

159 **Reserva da Cagandala**

177 **Reserva do Bicuari**

199 **Rumo ao Sul**

217 **Rumo às terras do Fim do Mundo**

225 **Acampamento de Caça do Mucusso**

329 **Pungo Andongo**

335 **Parque Nacional do Iona**

409 **Benguela-Moçamedes pela Costa**

428 **Anexos**

"MISE AU POINT"

Nunca foi minha intenção escrever as minhas memórias sobre África. A minha missão em Angola era a de captar o máximo de fotografias sobre este maravilhoso país, para, no final, se montar um espectáculo audiovisual em três ecrãs, sonorizado com músicas angolanas, o que estava muito na moda nos anos 70.

Infelizmente após o 25 de Abril de 1974, este projecto ficou sem efeito, pois não parecia interessar a ninguém mostrar o que era a realidade angolana, sob administração portuguesa. Em 1980 fui para o Brasil, país que fotografei durante dez anos e me fez esquecer Angola. Por volta do ano 2000 passei por Lisboa e admirei-me de não encontrar quaisquer livros ilustrados que descrevessem como era Angola no início da década de 70. Com alguns documentos meus, outros do meu colega Guy Leroy e a ajuda da Inês Branco, consegui alinhar o que se segue.

Consultei vários editores portugueses. Uns não estavam interessados, outros "enrolaram-me na farinha", empatando-me durante anos, acabando

por fazerem nada. Um deles editou um livro, mas não pagou a percentagem contratual. Serão todos os editores aldrabões e vigaristas como este? Não duvido que os haja honestos, mas para minha pouca sorte não os encontrei…

Pensei ainda em fazer uma edição de autor, mas dado os preços de fabricação e a crise que grassa em Portugal, desisti. Optei pela Internet: ao longo deste ano, no sítio palanca-negra irão aparecer, gradualmente, os 8 livros temáticos que elaborei.

Peço desculpa por alguns eventuais erros identificativos dos locais e das espécies referidas, agradecendo a quem os detecte que me escreva, de modo a remediar esses lapsos. A memória já começa a falhar, pois já decorreram 40 anos…

ANGOLA RETRATADA NO ANTES DO "25 DE ABRIL"

SILVINO SILVÉRIO MARQUES
EX-GOVERNADOR GERAL DE ANGOLA

LISBOA, 14 DE ABRIL DE 2005

Como era Angola quando foi abandonada? Que Angola foi deixada? Como conhecer ou pelo menos visualizar, e daí procurar intuir como era aquela terra e a sua gente?

A destruição levada a cabo ali após o 25 de Abril de 1974 impede uma reconstituição imaginada, mas permite facultar a descrição de Angola destruída ao sabor de quantos interesses se movam para o fazer, como tem acontecido… Testemunhar a verdade, material e pormenorizadamente tanto quanto possível, torna-se uma justa ambição de quantos, mesmo num mínimo, se sintam colaboradores na construção de Angola e também de todos os que a amavam.

Revelar Angola é procurar mostrá-la em várias facetas da sua vida e da vida da sua gente. É dar a conhecer aspectos que induzam como era considerada por todos os responsáveis, em que patamar se situava, a saúde, a educação, as comunicações, a agricultura, a pecuária, a indústria, o comércio. E, daí, deduzir a que tal se devia e o que daí se admitia potenciável obter…

Como foi possível que um operador munido de boa máquina que largos anos de experiência faziam manejar como excelente perito, pudesse, em sua carrinha, e, em lanços curtos, a pé e demorando-se em muitas sanzalas do interior, percorrer Angola de lés a lés, em plena e feroz guerra civil, conseguir, ao fim de 5 anos de penoso trabalho, registar tão conclusiva documentação? Somente uma determinação férrea, servida por uma forte coragem e uma forte resistência física e psíquica, o teria permitido. Bem merece a gratidão de quantos se sintam de alguma for-

ma ligados ao que é revelado e a todos quantos se têm sentido, justamente, indignados pelo modo como, os ultramarinos em geral, foram cruelmente tratados.

E como havia sido possível que uma Província Ultramarina de Portugal, na qual se desenrolara de 1961 a 1974, uma subversão, que chegou a afectar alguns dos seus 14 Distritos, ostentasse tão reveladoras provas de desenvolvimento? Tal, somente em clima duma geral convivência pacífica e harmoniosamente cooperadora entre todas as etnias da sua população, a administração e o governo. Uma situação que, só por si, mostra quão limitadas, no espaço e nas gentes, seriam então, as preocupações que haviam levado à subversão, e como esta, teria sido essencialmente preparada e impulsionada por interesses e ambições que não eram os dos construtores do desenvolvimento mostrado. Somente motivações que tivessem penetrado a generalidade da população de todas as etnias, produziam e consentiam, a unidade e convergência que a convivência e o património ostentado revelam. Motivação que tendo sido abandonada, logo deu origem a prolongado, doloroso, e desumano sofrimento de todas as etnias da população.

Um "flash significativo do que era Angola, é expresso nas duas citações seguintes:

– No meu primeiro governo de Angola, esta então Província Ultramarina Portuguesa foi visitada por altas personalidades de grandes países, a convite do Governo do País, com o objectivo de apreciarem objectivamente a Província e a sua vida.

– Um grupo de brasileiros que por lá andou, no final da visita, foi-nos agradecer e cumprimentar. Na conversa tida connosco, um deles, comentou, com expontaneidade, a sua surpresa e satisfação: "mais que no Brasil, multirracialidade é aqui!"

– E conta o Ministro da Coordenação Interterritorial a página 69 do 1º, Vol. do seu livro "Quase Memórias":

«Quando, na fase da descolonização, os primeiros altos responsáveis da ONU visitaram, já a meu convite, Angola e Moçambique, não esconderam a surpresa: Pois vocês tinham aqui estes dois países e dificultavam a nossa visita?

Nós não mas o Governo de Lisboa. Apesar de nós e das nossas exigências de abertura.

Foi então que um vice-secretário-geral daquela Organização me alertou para um facto que a muitos havia passado despercebido: a regra, em África, era a de uma só grande cidade por país, quase sempre a capital. Quer em Angola, quer em Moçambique, ele havia visitado quatro ou cinco grandes cidades, à escala africana, qualquer delas com aptidão para ser capital.»

Duas opiniões, independentes e competentes, sobre verdades que, por ódios, ambições e ideologias, tantas vezes se ocultam ou se invertem...

Verdades que neste precioso trabalho o autor revela e, sugerindo, faculta.

* O nosso Governo de então tinha razão para não duvidar que nesse caso os visitantes seriam escolhidos por forma a concluírem de forma menos entusiástica, segundo interesses pré-determinados…

DEVER DE MEMÓRIA

PARTE I

DE MENINO A HOMEM. UMA HISTÓRIA BANAL

Chamo-me Jean-Charles Pinheira e nasci em Grenoble, França, em 1932.

Como o meu próprio nome indica, o meu pai era português. Ainda jovem foi estudar para França, onde conheceu a minha mãe, filha de emigrantes gregos. Eu e o meu irmão somos o resultado deste encontro.

Com três anos de idade, por decisão do meu pai, fomos viver em Portugal. Ficámos em casa dos meus avós paternos, no Bombarral. Mas a estadia não durou muito tempo, nem a união familiar. Pouco tempo depois, o meu pai foi para Moçambique arranjar fortuna e a minha mãe regressou a França na companhia do meu irmão. Quanto a mim, fiquei entregue a umas tias.

Antes que a adolescência chegasse, ainda com dez anos, as minhas tias deram as suas tarefas por completas e meteram-me num barco rumo a Quelimane, cidade no Norte de Moçambique, banhada pelo Oceano Índico. Com apenas dez anos, lá fui sozinho. Um mês de viagem ao encontro do meu pai.

Talvez esta tenha sido a minha primeira aventura, embora na época não tivesse disso noção.

Pouco tempo depois, o meu pai mudou-se para Nampula, mais a Norte. Ele era um comerciante, possuía um hotel e uma loja. Infelizmente, a nossa relação não era muito boa e várias vezes tentei fugir de casa. A solução foi meter-me num colégio interno em Maputo, capital de Moçambique. Tinha então treze anos.

Estudei ali durante dois anos. Completei o segundo ano dos liceus e, com 15 anos, conquistei a minha liberdade.

Desde caixeiro, vendedor de peixe, ajudante alfandegário, pescador, a capataz numa fazenda, fiz toda a sorte de trabalhos.

Enfim, aos 20 anos fui fazer a tropa em Lourenço Marques e, logo a seguir, aos 22 anos, fui para França conhecer a minha família. Isto foi a minha juventude, uma história banal.

O NASCIMENTO DE UM FOTÓGRAFO E A CRIAÇÃO DE UMA FAMÍLIA

Como nasceu a minha paixão pela fotografia? Em 1950, com 18 anos, trabalhava na alfândega do Lumbo e morava em casa de um primo do meu pai. Nesse ano estoirou a notícia que o Aly Khan, chefe espiritual de uma seita muçulmana, cujos súbditos habitavam naquela região da Ilha de Moçambique, viria visitá-la, acompanhado da esposa, a Ryta Hayworth grande "star" de Hollywood. Se não me engano,faziam esta viagem de cinco em cinco anos, para abençoar os casamentos e receber presentes dos seus súbditos. Vieram de avião e ficaram hospedados no Grande Hotel do Lumbo. Toda a gente conhecia a grande estrela e havia muito povo no aeroporto para vê-la. Ela chegou cansada, sem maquilhagem e com uns enormes óculos escuros, que lhe cobriam parte do rosto. Pedi emprestada ao meu primo uma máquina fotográfica Kodak 6x9, já muito velhinha, e lá fui eu para o hotel ver se conseguia tirar uma foto dela sem os óculos.

Como conhecia bem o hotel, sentei-me em frente da porta da suite onde estava instalada, com a máquina em cima da cadeira e fiquei à espera. Algum tempo depois, o grupo saiu e por sorte ela vinha à frente, sem os óculos! Apertei o botão e fugi logo, pois tive medo do guarda-costas, que era um verdadeiro gigante. A foto ficou boa e ainda hoje tenho o negativo. Teria sido eu o primeiro "paparazzi" do mundo?

Foi a partir daí que me apaixonei pela fotografia. Comprei com as minhas magras economias um "caixote" Kodak e comecei a fotografar os meus amigos, paisagens, animais, tudo o que me despertasse interesse. Durante o meu serviço militar, já com uma máquina melhor, era eu o fotógrafo da companhia.

Em Janeiro de 1955 rumei para França, passando pelo Canal de Suez. O navio acostou em Veneza, coberta de neve. Foi uma desagradável surpresa, pois eu tinha saído de Moçambique no Verão e chegava à Europa com um frio danado. Tive que comprar um casaco, não aguentava mais! A partir dali, a viagem fez-se de comboio, o que me agradou, pois a carruagem era aquecido e tudo correu bem.

A chegada a Grenoble é que foi pior. Era já noite, havia uns 20 centímetros de neve nas ruas e fazia um frio de vários graus negativos. Da estação fui de táxi para casa dos meus avós. Lembro-me do quentinho, quando entrei.

No dia seguinte disse a minha mãe que só ficaria um mês, pois aquele frio era insuportável para mim. O meu quarto não era aquecido e eu dormia com vários cobertores e um enorme barrete na cabeça. Ela fez de tudo para que eu não voltasse para Moçambique. Também os meus tios, sabendo que eu gostava de mecânica automóvel, arranjaram-me emprego numa oficina e lá trabalhei um ano. Porém, não pude continuar, já que o Estado Francês não autorizou a minha

candidatura. Era Português, era estrangeiro. Como tinha que ganhar a minha vida, arranjei outro emprego numa fábrica de tecidos. Trabalhava à noite, o que me dava um salário muito razoável. Juntava dinheiro para voltar novamente a Moçambique, mas desta vez atravessando o continente africano de mota, uma das minhas paixões. Ainda conservo os mapas que juntei para essa grande viagem, que afinal não se realizou, porque foi precisamente nessa altura que conheci aquela que viria a ser a minha primeira mulher. Ela tinha 17 anos e era linda. O pior era que os pais da rapariga eram sicilianos e não autorizavam o namoro e muito menos que eu casasse com ela, se a levasse para longe deles. Todos aqueles meses a fazer economias, a arranjar o material para a viagem e, afinal, para nada. Tive de optar.

Deixei Moçambique de lado e, em 1958, casei. Fui passar a lua-de-mel em Portugal. Entretanto, como não podia continuar a trabalhar à noite, pois a minha mulher trabalhava de dia, entrei numa escola de soldadura especial e, seis meses depois, com os meus diplomas, entrei numa grande empresa, onde comecei a trabalhar 50 a 55 horas por semana, mas em que conseguia o dobro do salário anterior. Essa enorme fábrica tinha, entre outros lazeres, um laboratório de fotografia, onde eu passava a maior parte do tempo livre, pois ficava a uns escassos metros da minha casa. Foi lá que aprendi a arte da revelação de filmes, das ampliações e da fotografia de estúdio. Trabalho não me faltava, já que os meus colegas e outros amigos davam-me filmes para revelar e ampliar. Comecei também a fazer baptizados, festas, casamentos e tudo o mais relacionado com a Arte Fotográfica. Finalmente, sentindo-me à vontade com a minha nova profissão, tirei uma licença e abri um pequeno estúdio nos arredores de Grenoble. Entretanto, em 1961, nasceu o meu filho Olivier e, em 1967, a minha filha Fabienne. Hoje vivem em Curitiba no Sul do Brasil onde casaram e fundaram família.

DESTINO: ANGOLA

Este é um resumo do que foi a minha vida até à data em que "tudo começou": Maio de 1968. Nesse ano estava a tratar da papelada para emigrar para a África do Sul na companhia da mulher e dos filhos, onde teria condições de vida muito melhores. O meu tio, Dr. João Pinheira, tinha ido representar Portugal num congresso sobre saúde, em Genebra. Como esta cidade fica perto de Grenoble, resolveu vir dar-me um abraço. Falámos sobre o meu trabalho de fotografia e da minha vontade de partir para a África do Sul. Ele falou-me nos potenciais de Angola, onde tinha sido Governador do Moxico. Considerava que ali eu poderia ter um futuro melhor, sobretudo porque ele me ajudaria instalar-me. Concordei com a sugestão dele e comecei a dar forma ao projecto. Tinha amigos cineastas em Genebra e foi com eles que falei para juntos formar uma equipa e dar um salto até Angola.

Em 1969 nasceu a Australe 70, um grupo de quatro entusiastas, que começou logo a preparar-se.

J. C. Pinheira: luso-francês – fotógrafo

Guy Leroy: francês – cineasta

Bernard Bolle: suíço – cineasta

Kosta Cventicanin: jugoslavo – mecânico

Com bastantes dificuldades conseguimos comprar um Land Rover em segunda mão, um velho reboque do exército, que consegui recuperar, e todas as máquinas de cinema e fotografia. Tivemos algumas ofertas de filmes e de material pequeno e, claro está, tive que vender o meu estúdio. As passagens de barco foram oferecidas pelo Ministério do Ultramar em troca de três filmes.

A equipa Australe 70 partiu em Abril de 1970 com todo o equipamento rumo a Lisboa, para dali embarcar para Luanda. Apesar de trazer todos os documentos do material de cinema e fotografia, foi um caso sério conseguir entrar em Espanha e atravessar o país. As portas do Land Rover foram seladas, assim como o toldo do reboque. Já na fronteira portuguesa nem mesmo assim conseguimos passar e só depois de algumas horas de discussão lá se chegou a um acordo: um alfandegário acompanhar-nos-ia até Lisboa, para ver se não vendíamos o material pelo caminho e, em troca, pagar-lhe-íamos o "serviço". Assim foi, porque não tínhamos alternativa, mas pesou-nos no orçamento, porque não contávamos com este tipo de "despesas extraordinárias".

O resto da viagem correu bem e chegámos a Lisboa sem mais problemas. Ficámos várias semanas na capital a tratar de mais papelada, encontrando-nos com pessoas relacionadas com a nossa viagem e esperando a hora do embarque.

Como o dinheiro era pouco, ficámos numa pensão muito barata, a pensão Sevilha, na praça da Alegria, e comemos em restaurantes do povo, dos mais baratos que se podia encontrar.

Finalmente, em Junho de 1970, chegou a tão esperada ordem de embarque. Depois de tanto tempo em Lisboa, acabámos por juntar uma companheira ao grupo e, assim, embarcámos com mais uma passageira, a Lara, cadela de estimação do nosso amigo Kosta.

A viagem correu bem, com uma escala na Madeira, com bom tempo e mar calmo e a inevitável passagem do Equador, com muita festa e alegria.

ANGOLA: UMA ESCOLA PARA A ARTE DE FOTOGRAFAR

A chegada a Luanda com um pôr-do-sol maravilhoso foi óptima. Ao nosso encontro veio uma funcionária do CITA, que nos acompanhou até ao Hotel Trópico, onde ficámos várias semanas. O tempo passou-se em visitas a pessoas relacionadas com a nossa missão e também a conhecer a magnífica cidade.

A passagem pela alfândega correu da melhor maneira e foi ali que conheci o meu grande amigo Simões de Abreu, que facilitou ao máximo todo o processo de legalização. Infelizmente falecido, assim como a esposa, neste ano de 2013. O nosso Land Rover dava nas vistas e atraía muita gente para dois dedos de conversa, servindo eu de intérprete. Ficamos cerca de um mês em Luanda a filmar, a fotografar, a estudar o nosso roteiro e a aproveitar a praia. Nos fins-de-semana íamos dançar a Rebita e beber Cucas bem fresquinhas nos muceques em redor de Luanda. Uma vida de sonho como recompensa pelos sacrifícios todos por que havíamos passado nos meses anteriores, em França e Portugal.

O Kosta era o nosso "relações públicas", apesar de não saber falar quase nada de Português. Ainda assim, entre o francês e o italiano lá conseguia desenrascar-se, com muito jeito, e conse-

guiu muitos contratos que muito aumentaram as nossas finanças, que estavam bastante em baixo aquando da chegada a Angola.

Algumas empresas de Luanda emprestaram-nos alguns materiais que nos facilitaram a vida. A firma Rocha Monteiro ofereceu-nos vário material fotográfico e a Fina deu-nos alguns milhares de litros de gasolina, mais de 22 mil. Esta foi uma importante ajuda, tendo em consideração que a nossa Land Rover possuía um motor a gasolina de 8 cilindros e gastava entre 20 e 30 litros aos 100 km, dependendo das estradas. A própria Land Rover ofereceu-nos a manutenção do carro e a Toyota emprestou-nos uma camioneta.

Tudo isto facilitava-nos o trabalho, que se dividia entre as filmagens e as fotografias. A melhor surpresa veio do Governo da Província, que nos deu um subsídio de 400 contos (por volta de 13 mil dólares da época) para as nossas despesas de manutenção, comida, filmes, material de cinema e de fotografia, entre outras coisas. O tesoureiro da equipa, o Guy, entregava a cada um de nós uma pequena quantia de 500 escudos para despesas pessoais, e todas as outras, tais como refeições e bebidas, roupas, calçado e viagens eram também pagas pelo tesoureiro. Os maiores gastos deviam-se à compra dos filmes e sua revelação, que sendo feita na Suíça, custava uma pequena fortuna.

Eu não tinha prática de fotografia de reportagem, pois o que fazia no meu estúdio de Grenoble eram fotografias (revelações e ampliações) de casamentos, comunhões, baptizados e retratos, tudo a preto-e-branco. Reportagens a cores ainda eram um mistério para mim e Angola foi a minha grande escola.

A primeira reportagem, em Agosto de 1970, foi a do norte de Angola, na região de S. Salvador, a convite do Governador-Geral, Sr. Coronel Rebocho Vaz. O meu colega Guy Leroy acompanhou-me, levando a sua câmara de filmar. Uma comitiva de jornalistas e cineastas seguiram o Governador durante toda a viagem, assim como militares e outros membros do seu gabinete. Foi uma experiência inesquecível, cujas fotos estão no meu último livro, que diz respeito aos militares. Muito povo, pretos e brancos à mistura para cumprimentarem o Governador à chegada do avião. O ambiente era de muita alegria, com música e danças. A emoção para mim foi tanta, que não consegui controlar as lágrimas que me assomavam aos olhos.

À noite no hotel, na companhia do Governador-geral e da sua comitiva, a festa foi extraordinária. O ritual da lavagem dos pés àqueles que faziam a viagem pela primeira vez marcou-me de especial forma. Por ali pude perceber a forma acolhedora como os angolanos recebiam e creio que foi a partir desta viagem que comecei a Amar Angola…

AS BELEZAS NATURAIS DE ANGOLA

De volta a Luanda, alguns dias mais tarde, toda a equipa A70 rumou para a Quiçama, tendo em vista filmar e fotografar toda a fauna e a flora deste magnífico parque. Voltámos lá várias vezes em épocas diferentes. Havia sempre algo mais a fazer. A travessia do rio Quanza por jangada, em Bom Jesus, fez-se sem problemas e, pela primeira vez, montámos o nosso acampamento, lindo de se admirar pelo seu aspecto. O chefe do parque era pai do meu amigo Cesário de Abreu.

Elefantes, pacaças, veados e todo o tipo de antílopes não faltavam e por vezes apanhámos alguns sustos, devido à falta de experiência necessária para nos aproximarmos dos animais, sobretudo, dos elefantes. Valeram-nos os conselhos do nosso guia, o António.

À noite havia batucada no acampamento com o pessoal do parque e muita Cuca à mistura. São coisas que só aqueles que as viveram podem compreender…

Uma empresa de Luanda emprestou-nos um pequeno carro todo-o-terreno, aberto, que nos facilitou as filmagens. Passámos vários dias de sonho, sem pressas e para nós tudo era maravilhoso. Foi com muita pena que deixámos a Quiçama, mas jurámos voltar lá outras vezes, o que de facto aconteceu mais tarde.

A etapa seguinte foi as Pedras Negras do Pungo Andongo, a terra da Rainha Ginga, a grande revolucionária. A seguir demos um salto até às Quedas do Duque de Bragança, outra maravilha da natureza. Tendo entrado em contacto com o Museu de Luanda, conseguimos que um funcionário, o Dr. Lagriffa, nos acompanhasse. A sua presença foi valiosa. Através dele obtivemos todas as informações necessárias sobre estes dois maravilhosos locais.

Acampámos sobre um rochedo mesmo em frente das Quedas do Duque, o que nos permitia aproveitar aquele maravilhoso espectáculo, tendo como música de fundo o enorme barulho produzido pela água que se despenhava mesmo à nossa frente.

Voltámos novamente a Luanda para deixar o senhor e tratar do envio dos filmes para serem revelados na Suíça. Na capital, a equipa já tinha deixado o hotel e, portanto, ficámos todos em locais diferentes. O Centro da Mocidade Portuguesa na Ilha foi um deles. As refeições eram feitas em pequenos restaurantes, onde se comia à farta e barato.

Ali ficámos várias semanas, a fim de realizar os contactos necessários para o bom desenrolar da nossa missão. O objectivo era executar filmagens daquela cidade de características europeias e indígenas e, sobretudo, obter imagens aéreas (feitas a partir de um helicóptero) que dessem mais relevo a toda a sua beleza.

Durante a nossa estadia passámos alguns fins-de-semana na maravilhosa ilha do Mussulo. Aos sábados à noite íamos para os muceques dançar a rebita e beber cerveja naquelas tabernínhas, até altas horas da madrugada.

Quando penso o que a imprensa e a televisão estrangeiras diziam sobre a "guerra" de Angola… Afirmavam, sem vergonha nenhuma, que três quartos do território estavam nas mãos dos guerrilheiros e que havia massacres nas principais cidades, mas na realidade, nessas mesmas cidades circulava-se melhor do que em muitas cidades europeias ou americanas: sem roubos, sem ódio e sem brutalidades de qualquer sorte. Apesar de já terem passado quase quarenta anos, continuo a sentir uma raiva imensa, porque todos aqueles que intervieram naquela vergonhosa independência continuam a não manifestar o mínimo remorso. Muitas coisas do que vi e ouvi sobre esta "guerra" serão contadas no meu oitavo livro. Pedindo desculpa por este desabafo, continuo com a minha narração.

O REENCONTRO

Depois de muitas voltas nos serviços de veterinária para obter as autorizações necessárias à nossa estadia no Parque Nacional de Cagandala, foi graças ao pedido feito pelo Governador-Geral

que conseguimos resolver a burocracia. Finalmente, toda a Equipa A70 partiu para o paraíso da célebre Palanca Negra (Hipotragus Niger Variani), símbolo de Angola. O parque situa-se perto da cidade de Malanje e da Reserva Natural do Luando, que tinha também palancas. No total existiam cerca de 2.500 cabeças nas duas reservas.

Segundo me explicou o fiscal de caça, que vigiava escrupulosamente as manadas para as proteger dos eventuais predadores, quem fosse apanhado a matar um animal podia ser punido com sete anos de cadeia e todo o material seria confiscado. Nos machos adultos os cornos chegavam a atingir 160 centímetros e, por essa razão, eram um troféu muito procurado pelos caçadores; chegavam a valer uma pequena fortuna.

Só nesta região de Angola era possível encontrar palancas, pois alimentavam-se com as folhas de uma árvore que não existia noutro lugar. Os serviços de veterinária bem tentaram aclimatar a espécie em outras regiões de Angola, sobretudo no Sul, mas sem resultado. Efectivamente, existe em quase toda a África o Hippotragus Niger, de porte menor, com chifres mais pequenos e com manchas brancas diferentes na cabeça, mas creio que as palancas não se encontram em nenhuma outra reserva de África, nem em jardins zoológicos. Trata-se de uma subespécie descoberta pelo engenheiro italiano Variani, daí o nome Hippotragus Niger Variani.

Nos anos 1969/70 esteve em Cangandala um casal de cientistas americanos, durante um ano, a estudar os hábitos deste animal. Tinham um material de fotografia e de cinema incrível e até pequenos carros anfíbios para poderem circular na época das chuvas. Comparado com as máquinas que eu e os meus companheiros possuíamos, estávamos a anos-luz das nikons e teleobjectivas deste casal, que trabalhava para a revista americana National Geographic. Infelizmente nunca vi publicado nesta revista este estudo e a reportagem de muitos milhares de fotografias.

Actualmente, julgava-se extinto este magnífico animal devido à guerra civil que assolou durante 28 anos esta região. Porém, segundo o actual governo de Angola, parece que foi encontrada uma pequena manada que escapou ao massacre. A ver vamos...

O que me deixou perplexo foi verificar a existência de várias aldeias indígenas dentro da reserva, onde eram cultivados vários cereais, sobretudo arroz. Comerciantes vinham comprar ou trocar estes produtos por objectos de uso corrente. Grandes camiões transitavam pelas picadas levantando grandes nuvens de pó, mas o que mais preocupava o fiscal, o Sr. Andrade, era que a Diamang andava com acampamentos e a fazer furos, à procura de diamantes e que, segundo assegurava, todo aquele reboliço afugentava as palancas. Tudo isto para nada, pois não havia diamantes naquela zona...

Toda esta conversa foi feita à volta de um bom jantar oferecido pelo Sr. Andrade, na nossa primeira noite passada na reserva. Tínhamos boas instalações para passar os dias previstos para a nossa reportagem.

O Sr. Andrade começou então a contar que o acampamento da Diamang era muito perto dali e que era até engraçado que o chefe também se chamasse Pinheira. Sobressaltei-me e respondi que Pinheiras havia muito poucos e pertenciam quase todos à mesma família. Talvez fosse alguém meu conhecido…

Depois do jantar arrancamos numa Land Rover e lá fomos rumo ao acampamento. Já estavam todos a dormir e eu pedi para irem acordar o chefe, que também já estava deitado. Grande surpresa tive quando reconheci o meu irmão mais novo António Jorge, que já não via há quase 20 anos

Efectivamente ele tinha deixado Moçambique com a idade de 7 anos para ir estudar para Portugal. Muitos abraços, apresentações e, claro está, a conversa caiu em cima dos diamantes. O meu irmão confirmou que, de facto, nada tinha encontrado, mas que seguia as ordens da companhia.

Ainda hoje penso em toda a carga de trabalhos que a equipa teve em Luanda para conseguir as autorizações para entrar na reserva da Palanca e, afinal, qualquer camionista lá entrava sem autorizações nenhumas. Obviamente que respeitavam os animais, com medo das consequências, que eram prisão e confiscação do material, se matassem uma palanca. Paradoxos destes encontrámos à balda em Angola.

No dia seguinte voltei com o Guy Lerroy para fazer algumas fotos (n° 229). A dado momento, o meu irmão chamou-me à parte, levou-me para dentro da sua tenda e abriu uma mala de onde tirou dois frascos... cheios de diamantes! Pediu-me para guardar segredo, o que eu fiz, sem nunca ter falado disso com os meus companheiros.

Nos dias seguintes foi uma correria a filmar e a fotografar os animais, sobretudo as fêmeas e as crias pequenas, que nos deixavam aproximar relativamente perto. Os machos adultos viviam em bando, à parte, e dedicavam-se a comer e a lutar pela chefia do grupo, só se aproximando das fêmeas quando estas estavam com o cio. Eram muito ariscos e com dificuldade nos deixavam chegar perto. Os machos mais novos tinham a pelagem vermelha e só quando chegavam a adultos é que esta se tornava negra.

A Palanca negra gigante (ou Hippotragus Niger Variani, ou em linguagem africana, Luimbe ou Sumbakaloko) foi declarada emblema de Angola em 1935. A sua originalidade são os longos chifres encurvados, que podem atingir os 1,60 cm nos machos adultos, e as manchas brancas em volta dos olhos, por baixo do focinho e na barriga. O resto do corpo é de um negro profundo. A vegetação desta zona é muito específica, com arvoredo disperso e um tapete de relva e flores variadas, muito propício à alimentação das palancas. A partir da época das chuvas, o solo fica inundado, o que permite à vegetação crescer rapidamente e em abundância.

Pouca coisa tenho a dizer sobre a vida destes magníficos antílopes, mas as minhas fotos dão uma pequena ideia do que eram estes animais, talvez hoje extintos pela malvadez dos humanos…

O Sr. Andrade era o nosso guia e motorista. A sua Land Rover tinha um pára-choques reforçado e agora vou explicar porquê. Quando perseguíamos um grande macho adulto com umas defesas magníficas, dignas de um recorde, o nosso motorista ia sempre a direito fazendo curvar as árvores, sem que elas se partissem. Mesmo as de maior porte, endireitavam-se logo que o carro lhes passava por cima a uma velocidade considerável (Fotos n° 237/238). O susto que apanhei quando da primeira batida...

Descrevo também as queimadas efectuadas com segurança, a fim de que na época das primeiras chuvas o capim saísse bem verdinho e tenro, para servir de alimento às palancas, javalis, veados, etc.

Infelizmente nunca mais lá voltei e hoje, embora lamente bastante o meu descuido, posso afirmar que fui o último a fotografar este emblema vivo de Angola. Com muita saudade deixámos as palancas sem nunca imaginar a catástrofe que mais tarde cairia sobre estes animais.

A etapa seguinte foi Henrique de Carvalho, depois de passarmos pelos rápidos do Rio Cuanza e pelas Quedas do Dala.

Com as centenas de fotos que ia fazendo começava a afinar a minha técnica, mas o principal era as filmagens em 16 milímetros, que eram bastantes complicadas naqueles tempos. Estávamos a anos-luz do vídeo de hoje em termos de material e de custos. Durante o ano de 1971, todas as grandes cidades de Angola - Luanda, Malange, Carmona, Cabinda, Dondo, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Nova Lisboa, Silva Porto, Sá da Bandeira, Moçâmedes, Serpa Pinto, Pereira d'Eça e outras mais – assim como os principais parques e reservas - Quiçama, Cagandala, Bicuari, Iona e a Couta-da do Mucusso – estavam filmados.

Voltámos várias vezes ao Iona, maravilhosa região, com lindas paisagens e grande variedade de animais. Quando chovia, as planícies ficavam cobertas de erva muito verde, aí com uns 30 a 40 centímetros de altura, que era um regalo para os olhos. No interior havia sempre muita água, onde grandes manadas de antílopes, elefantes e outros vinham beber.

Junto ao mar, maravilhosas dunas e, ao longo do rio Cunene, altas montanhas. À entrada do parque havia uns arcos enormes, esculpidos pelo vento e, logo ao lado, um lago seco que se en-chia de água no tempo da chuva e assim ficava maravilhoso, com muito peixe. Os ovos ficavam retidos no leite seco e eclodiam logo depois das primeiras chuvadas.

Nos anos em que não chovia, o parque ficava uma lástima. Tudo seco e sem água, os animais sofriam bastante e havia muitas mortes. Para encontrá-los, era preciso ir para os lados das monta-nhas, onde ainda se encontrava um pouco de verdura e água nas várias nascentes espalhadas por aquelas serras.

Entre os vários animais do parque, menciono alguns de que tenho maravilhosas fotografias: elefantes (muito bravos), rinocerontes pretos, bois cavalos, zebras, gungas, guelengues, cabras de leque, olongos, avestruzes, leões, leopardos, suricatas, lebres, sem esquecer, ao longo da costa, as lontras e os pinguins. Também toda a espécie de insectos e répteis, que consegui dificilmente fotografar, e plantas e flores, cuja maior parte desconheço o nome, com destaque para a célebre Velwitschia Mirabilis, macho e fêmea, planta que só se encontra no deserto do Namibe.

Passei meses a fotografar a fauna e a flora desta região, em companhia dos meus colegas e, mais tarde, com a Christine, a minha mulher. A melhor época para fotografar era fins de Fevereiro e Março. Todas as fotografias deste paraíso estão no meu quinto livro, "Maravilhas de Angola".

De dia fazia um calor de sufocar e à noite muito frio. O ar era muito seco e quase não havia humidade. Tinha que beber vários litros de água por dia para aguentar aquele clima do deserto. Havia algures na parte montanhosa uma nascente de águas quentes, com certeza medicinais, que pouca gente conhecia. Talvez o "turra" guia e grande caçador daquela região, conhecesse.

ALGUMAS HISTÓRIAS

Agora vou contar algumas histórias que aconteceram durante os meses que por ali andei.

Uma das histórias que nunca cheguei a entender, vou tentar explicar. No parque do Iona, havia o acampamento principal, onde eram recebidos os turistas, e que tinha uma pequena pista de aviação. As "palhotas" redondas e em cimento eram muito confortáveis, com sala de refeições, cozinha e luz eléctrica de gerador. No entanto, o grande problema era não haver água. Era preciso ir buscá-la de carro a uma nascente a cinco quilómetros junto à montanha. Junto a esta nascente, na serra, tinha sido construída uma vivenda em madeira com um ar muito aconchegante, rodeada de bastante verdura. Havia também uma "piscina", que na verdade não passava de um simples tanque de cimento, cheio de água muito fresquinha, onde era um regalo mergulhar quando apertava o calor (foto n° 574). Era a antiga casa do fiscal. Apesar de ter todo este conforto, o fiscal tinha-se mudado para o acampamento principal e recusava-se a viver ali. Explicou-me que de tempos a tempos a casa começava a tremer e tudo caía no chão, como se houvesse um tremor de terra. Segundo ele, a causa era o "vulcão", que existia algures naquelas serras e que podia entrar em erupção dum momento para o outro.

Depois de muito procurar e de muita canseira a interrogar os indígenas, os Muchimbas, que habitavam para aquelas bandas, tive a certeza de que não existiam vulcões naquela zona. Então porque razão a terra estremecia?

Eu e os meus companheiros fomos para lá morar durante uma das estadias, no ano de 1971, e verificámos o fenómeno. Não havia explicação!

Muito mais tarde, já de volta a França, penso ter percebido o problema. Segundo consta, o Estado de Israel possui a bomba atómica. Em que país os técnicos poderiam fazer as experiências de "mise au point"? Na Palestina? Com certeza que não era possível... Talvez me engane, mas penso que foi no deserto do Namibe, na zona da Costa dos Esqueletos, bem perto do território angolano, precisamente na Foz do Cunene.

Na África do Sul havia uma grande concentração (diáspora) de judeus e de israelitas e as relações entre os dois países eram muito boas. A Namíbia estava naqueles tempos sob o controlo do governo da África do Sul e daí pensar que aquele território, altamente vigiado, prestava-se maravilhosamente para fazer toda a sorte de experiências, tais como explodir as bombas em furos subterrâneos, com toda a tranquilidade. Por essa razão, a terra tremia e daí o fenómeno inexplicável presenciado pelo fiscal e por nós mesmos. Utopia? Talvez não...

Outro fenómeno engraçado aconteceu também nesse ano. As nossas viaturas estavam equipadas com rádios de ondas curtas para o caso de nos perdermos, podermos comunicar. Nos outros parques andávamos sempre com um guia, mas no Iona nada disso acontecia, era a "Aventura em Estado Puro". Mesmo que fosse proibido correr atrás dos animais naquelas planícies enormes, estávamos sozinhos e, por essa razão, consegui fazer fotos magníficas e também apanhar alguns sustos valentes...

Um dia andava perdido naquela imensidão e tentei comunicar com o outro carro, que devia andar a uma dezena de quilómetros dali. Não consegui estabelecer a ligação, mas de repente oiço

uma voz que responde, mas que não era a voz de um dos meus companheiros. Para obter uma melhor ligação, virei a antena para sul e assim pude falar à vontade e com toda a nitidez. Qual foi o meu espanto ao saber que o meu interlocutor era um francês de... Grenoble! Encontrava-se no hemisfério Norte e eu virado para o Sul! Foi um radialista amador quem me explicou a razão deste fenómeno. É que as ondas fazem ricochete na camada de nuvens e, por isso, conseguimos falar como se estivéssemos ao lado um do outro. Como morava perto da minha casa, foi logo buscar a minha primeira mulher e alguns minutos depois estávamos numa conversa incrível.

Algum tempo depois, os meus companheiros apareceram bastante aborrecidos, pois eles também tinham tentado comunicar comigo, mas sem sucesso. Expliquei que estava a falar com um rádio amador de Grenoble e eles, claro, pensaram logo que eu tinha apanhado um bom "coup de soleil dans la tete". Passei-lhes o micro e nem queriam acreditar. Durante vários dias assim falámos, até que um dia a ligação desapareceu.

Uma outra vez, acompanhado por um guia Muchimba, lá fui eu para a montanha tentar fotografar (uma lenda?) os elefantes, que segundo eles, no tempo seco, conseguiam trepar até ao cimo das serras, à procura de algum pasto ou folhas para comerem, e isto empurrando com a cabeça e a tromba até chegarem ao arbusto cobiçado.

Estava um calor terrível, a partir das nove da manhã. Era obrigado a beber alguns golos de água do garrafão que levava comigo. O Muchimba não levava água nenhuma e durante o dia não o vi beber. Como ele aguentava?

Apesar de levar comigo os meus binóculos, nada consegui ver e muito menos fotografar. De volta e já na base da serra, muito cansado, vi um velho elefante macho solitário e, portanto, bastante perigoso. Foquei com a maior teleobjectiva que levava, mas estava longe demais. Com o meu guia, lá demos algumas voltas para ter o vento a favor e assim podermo-nos aproximar. No entanto, num espaço plano, o animal deu conta de nós e carregou com toda a fúria sem parar. Quando vejo o Muchimba voltar costas e começar a correr à procura de um abrigo, fiz o mesmo e, de repente, vejo à minha frente um rochedo e penso logo esconder-me atrás dele. Não é que a uns dez metros vejo o "rochedo" levantar-se e começar a raspar o chão com as patas, furioso de ter sido acordado da soneca! Era um rinoceronte que estava ali a dormir e que devia estar tão assustado como eu.

Parei e não consegui fazer um único gesto, fiquei paralisado de terror. O animal, porém, depois de farejar, deu meia volta e lá se foi embora num trote lento. Eles têm uma vista muito má e com certeza não chegou a ver-me. Comecei então a tremer de tal maneira, que nem conseguia segurar a máquina fotográfica que levava na mão.

De volta ao acampamento, contei a minha aventura ao fiscal e ele disse-me que a minha sorte foi não me ter mexido nem feito fotografias, pois com o barulho da máquina ele poderia ter atacado.

Uma outra aventura, muito mais perigosa, aconteceu algum tempo depois. Um professor da Universidade de Pau, sul da França, veio visitar Angola a convite do Governo Português. Ele encontrava-se em Moçâmedes e eu também. O Governador mandou chamarem-me ao Palácio e pediu-

-me se eu poderia servir de guia ao senhor, pois conhecia bem a região e falava francês. Aceitei logo, por ser uma boa oportunidade para fazer algumas belas fotografias aéreas.

O Governador pôs à nossa disposição um pequeno avião e lá fomos sobrevoar toda aquela zona do Namibe. Já perto do acampamento do Iona, vi uma linda manada de elefantes e pedi ao piloto para aterrar na pista do acampamento. De seguida, o fiscal levou-nos no seu Land Rover ao local, a fim de eu poder fotografar de perto a manada.

O carro ficou estacionado bem perto, em cima de uma colina, e eu desci com as máquinas para poder fazer algumas boas fotos. Já me tinham avisado que os elefantes daquela região eram muito perigosos e sobretudo quando havia fêmeas com crias, o que era o caso. Entre mim e os elefantes havia uma "molola" (rio seco) aí com uns 20 metros de largura e dois de altura. Também havia bastante arvoredo e os animais estavam ali a pastar.

Aproximei-me até ao bordo da "molola" e comecei a fazer uma série de fotos com uma nova Nikon com motor, que tinha comprado há pouco (uma das primeiras) e que fazia um ruído de metralhadora a disparar. Sentia-me protegido com aquele fosso entre mim e os animais e comecei a fotografar em rajada uma fêmea com dois filhotes. Instantaneamente, a fêmea, com o intuito de proteger as crias, lança-se para o leito do riacho, tentando galgar para o outro lado. Assim que percebi que o animal ia atacar, comecei a correr o mais rápido que podia para me abrigar. Nisto, deixei cair a Nikon que dera origem à minha fuga. Certamente, não parei. O terreno era rochoso e tudo estremecia à volta pela carga do elefante. Só me lembro de ter olhado para trás e de ter visto o animal galgar o outro lado e aí sentir-me perdido. Felizmente, o fiscal, que não estava armado, lançou o carro pelo morro abaixo e começou a apitar, logo que viu a fêmea carregar, para tentar cortar a trajetória do animal. Ela, enfim, parou, deu meia volta, e foi juntar-se aos filhotes. Resultado: a Nikon partiu-se e eu… acho que bati o recorde dos 200 metros!

Fomos logo para o acampamento, pois sufocava, não conseguia respirar, e dali o avião levou-me de volta para Moçâmedes, onde dei entrada no hospital, ficando em observação. Felizmente, não tinha nada. Mas o susto que apanhei foi o maior da minha vida!

Uma outra vez, a Equipa A70 estava toda no Iona e, numa manhã, ao nascer do sol, os meus companheiros foram a Moçâmedes buscar mantimentos e gasolina. Eu e o meu filho Olivier, na altura com 10 anos, ficámos numa pequena elevação, escondidos no capim para fotografar os animais que vinham beber numa lagoa formada pelas últimas chuvas. Por volta do meio-dia, o calor era tanto, que tive de procurar um abrigo. A umas centenas de metros, havia uns rochedos e fomos até lá à procura de sombra. Encontrámos uma gruta e para lá nos dirigimos, ficando perto da entrada, pois sem ter uma lâmpada não queria explorar o fundo. Ali ficámos algumas horas e, quando o calor baixou, fui novamente fotografar os animais que andavam por ali perto. Estava quase a anoitecer e os companheiros não apareciam. O sol estava a desaparecer e a noite em África cai depressa... Resolvi deixar o tripé e a caixa com o material na gruta e voltar a pé para o acampamento, a uns escassos quilómetros. Já noite fechada, eu ia guiando-me pelas luzes do acampamento, que via ao longe por o terreno ser plano; era só seguir a picada.

O fiscal, vendo que já era noite e sabendo que não tinha carro, veio ao nosso encontro, o que nos evitou alguns quilómetros e, quem sabe, algum mau encontro... Mais tarde, a equipa chegou,

sem ter tido qualquer problema, bem abastecida para vários dias. Com certeza que se tinham demorado a beber algumas Cucas e a comer os tão saborosos caranguejos de Moçâmedes.

No dia seguinte de madrugada, a malta foi à gruta buscar o material. Um pouco antes de chegarmos, vimos uma zebra deitada na areia, numa posição muito insólita. Parámos o carro, eu peguei nos binóculos e foquei o animal, sem perceber mais nada a não ser que estava morto.

Arrancámos, devagarinho, com a Rover. A uma dezena de metros, de repente, aparece um leão, que estava acachapado atrás do corpo da zebra. O animal dá um enorme salto e esconde-se na gruta! Nem sequer deu tempo para fazer uma foto. Ficámos por ali uns tempos, a ver se o leão saía, mas tempo perdido. Seria ali o covil dele? Estaria ele escondido no fundo da gruta, no dia anterior, quando eu e o meu filho ali estivéramos? Nunca cheguei a saber. Geralmente, os leões caçam ao fim da tarde ou de manhã cedo, pois também sofrem com o calor. À noite, no acampamento, à volta da fogueira, contei esta aventura ao fiscal, que se fartou de gozar comigo! Eu e o meu filho tivemos muita sorte, pois se o animal estava na gruta, não atacou e, se o tivesse feito, eu só tinha uma catana para me defender.

Nos outros parques andávamos sempre com guias, que tinham experiência e conheciam o comportamento dos animais, mas no Iona andávamos sozinhos, era a AVENTURA EM ESTADO PURO. Era por isso que eu adorava aquela região do Namibe, apesar de ter apanhado vários sustos valentes.

Nas regiões montanhosas, onde as picadas eram muito difíceis de transitar, escolhíamos os leitos secos das "mololas" para rodar. Mas atenção, na época das chuvas, quando as comportas do céu se abriam, era um dilúvio que desabava e, de repente, na "molola" podia aparecer uma vaga de mais um metro de altura, que levava tudo à sua frente, inclusive o Rover, como um simples brinquedo (foto n° 591).

No Iona existiam vários acampamentos de Muchimbas, pastores nómadas e indivíduos de uma rara beleza, quer homens quer mulheres. Tivemos a sorte de encontrar um acampamento bem perto do posto do Iona. Era impossível comunicar com eles, mas felizmente um dos guias do parque falava o dialecto e servia de intérprete. Era um povo de pastores, que se deslocava conforme encontrava pasto para o gado, a sua principal riqueza. Pouca atenção davam ao dinheiro e preferiam um presente como uma manta ou uma camisa. Quando precisavam de farinha, peixe seco ou álcool, trocavam por uma velha vaca. O pior vício deles era mesmo o álcool, uma praga, já que se tinham oportunidade, bebiam bastante. As palhotas eram feitas de varas e cobertas de uma mistura de barro e de bosta dos animais, que depois de seca ficava tão dura como o cimento. Uma das características desta etnia é que não apreciavam a água para se lavarem, nao o faziam durante a vida inteira, cobrindo o corpo com uma mistura de manteiga e de pó vermelho (latrite), que lhes dava um aspecto muito particular e também os protegia do sol e do ar ambiente muito seco, sem humidade nenhuma. Ficámos vários dias a fotografar este povo e as nossas camisas e calções desapareceram em ofertas.

Chegámos a um outro acampamento, onde um chefe de família tinha morrido e tivemos a sorte de nos autorizarem a fotografar e filmar. O herdeiro do falecido não era o filho, mas sim o sobrinho, filho da irmã. Como andavam muito tempo ausentes à procura de pasto para os animais

e não tinham muita confiança nas mulheres, os homens garantiam desta forma que a herança ficava para alguém do mesmo sangue.

Era o sobrinho que dirigia as cerimónias e, depois de matarem um boi por estrangulamento, caso único desta raça, para ser assado e distribuído pelos convidados, com muito álcool à mistura, havia uma grande festa em homenagem ao morto. Estas fotos estarão no livro n° 3, "As Etnias de Angola". A base da alimentação deles era o leite coalhado (uma espécie de iogurte), farinha de milho ou de mandioca, carne seca e peixe, que trocavam com os comerciantes nas vilas mais próximas por uma vaca ou um bezerro.

A maior parte, sobretudo as mulheres, vestia-se de cabedal incrustado com toda a sorte de pequenos objectos metálicos, feitos a partir de arcos de barris de vinho ou de tampas de garrafas de cerveja. Tudo isto besuntado com aquela manteiga vermelha, que com o calor cheirava muito a... ranço.

Uma outra característica era a de partirem os dois dentes incisivos com um pedaço de pau e depois limarem-nos em ponta, nas crianças ainda jovens, como símbolo de beleza.

Neste povo as crianças não iam à escola, pois os pais não queriam, preferiam que fossem guardar as cabras ou os bois. As meninas ficavam no acampamento e ajudavam a preparar a comida. A mesma coisa acontecia com outros povos do Sul de Angola e o Governo não fazia pressão para os obrigar a uma coisa que eles não queriam.

As mulheres casadas e com filhos tinham uma banda de coiro a apertar os seios, a fim de quebrar os músculos. Desta forma, ficavam muito compridos. Segundo me explicou o intérprete, era para conseguirem dar de mamar às crianças, que levavam às costas.

Outra cena, que não cheguei a ver e que era horrível, foi a cerimónia que se seguia à morte de um chefe, proprietário de muito gado: cortavam os jarretes de algumas dezenas de bois e deixavam os animais a sofrer até à morte, numa gritaria medonha. Segundo as suas crenças, os animais estariam a chorar pela alma do finado. Depois, cortavam algumas cabeças, com os maiores chifres, e plantavam-nas à volta da sepultura do defunto. As carcaças ficavam por ali a apodrecer e a serem devoradas pelos chacais e hienas, que abundavam na região.

Mais tarde, voltei novamente a visitar este povo, em companhia da Christine, a minha mulher.

Em 1973, andei na região maravilhosa das dunas, a fazer uma série de fotos de "Nu e Natureza", com as quais talvez ainda faça um livro. Não foi só nas dunas que fotografei os corpos de moças angolanas lindíssimas, mas também em quedas de água, praias, florestas, etc.

Em 1976, vivia em Paris e, logo que abriu a Embaixada de Angola, pedi uma audiência ao Embaixador para lhe expor um projecto, que tanto eu como a Christine tínhamos muito empenho em realizar. Queríamos voltar para Angola, para sermos guardiões do Parque do Iona. Não queríamos salário nenhum, apenas precisávamos de um veículo, combustível, de um acampamento e de quatro guardas armados para podermos proteger eficazmente os milhares de animais de toda aquela bela região dos caçadores clandestinos, que iriam certamente abundar. O Embaixador achou a ideia excelente, mas até hoje não recebi resposta nenhuma... Infelizmente, não me enganei, pois actualmente a fauna deste maravilhoso parque está quase extinta.

Logo após a nossa chegada a Luanda, em 1970, enquanto procurávamos informações para preparar a viagem rumo ao sul, disseram-nos que existiam muitos camelos selvagens na região de Moçâmedes. No entanto, esta informação vinha sempre com um ar de piada. No fim de contas, não sabíamos se era verdade ou não. Finalmente, lá nos informaram que efectivamente havia muitos camelos… mas de duas patas!

Logo que chegámos a Moçâmedes, uma das primeiras coisas que perguntámos ao "turra" foi se esta lenda era verdadeira. Respondeu que era verdade e que ele estava pronto a nos levar ao sítio, mas que não devíamos dizer a ninguém, pois logo que ouviam um motor de carro, os camelos escondiam-se no meio das enormes dunas. Era muito perigoso lá chegar, pois podíamos perder-nos ou ficar enterrados, e aquele deserto não perdoava. Dois dias sem água e um ser humano ficava tão seco como um pedaço de pau. Seria a morte certa e não era já a primeira vez que acontecia.

O "turra" era "persona non grata" dos serviços de veterinária, pois de tempos a tempos ia caçar uma cabra de leque para aquelas bandas, o que era proibido, e os fiscais andavam atrás dele para o apanharem "com a boca na botija". Sem resultado, já que o "turra" sabia como ninguém circular em cima das dunas e, conforme soprava o vento, as dunas eram movediças ou duras como o cimento. Em 1973, voltei lá novamente com a Christine, onde "colhi" lindas paisagens com os camelos, que podem ser vistas no livro n° 5.

Estes animais tinham vindo de Marrocos e eram destinados ao transporte de mercadorias, entre outras as que serviram para a construção da linha de caminhos-de-ferro entre as Minas de Cassinga e o Porto Mineiro, nos arredores de Moçâmedes. Depois tinham sido abandonados no deserto, onde se adaptaram e multiplicaram. Naquela região das dunas, perto do mar, não havia água. Os animais alimentavam-se de uma planta que crescia no topo de pequenas dunas e cujas folhas, depois de espremidas, deitavam um líquido que lhes servia para matar a sede e, pela mesma ocasião, de alimento (foto n° 578). Eram lindos, gordos e com boa saúde.

Uns meses mais tarde, de volta a Luanda, a revista Notícias publicou pela primeira vez essa reportagem dos camelos.

Outra cena que presenciei e da qual fiz várias fotos foi a de uma cabra de leque a parir um filhote. Enquanto o pequeno animal ia saindo da barriga da mãe, um chacal ia-o devorando. Da mesma forma que a Natureza pode ser incrivelmente bela, pode ser também inacreditavelmente cruel….

No mês de Dezembro de 1970, o Guy foi a França para comprar algum material que nos faltava, como filmes de fotografia e para filmagens.

O meu filho Olivier estava de férias e veio de França passar o Natal comigo. Era a primeira vez que ia a África e para ele tudo era maravilhoso. Em Grenoble era Inverno, tudo estava gelado e com temperaturas abaixo de zero graus. Em Luanda e na praia do Mussulo existiam águas quentes, frutas tropicais e muito calor.

A primeira visita foi ao Parque da Quiçama, que o deixou deslumbrado. A seguir, rumámos ao Sul, por uma boa estrada alcatroada, passando pelo Forte de Massangano e a Vila do Dondo.

Por estrada de terra, fomos ter à vila de Mumbondo, ao sul da Quiçama, debaixo de um dilúvio de chuva. Cada vez a estrada se apresentava pior e, já ao entardecer, ficámos enterrados num

lamaçal imenso. Mesmo com o potente motor da Land Rover, era impossível sair daquela situação. O carro tinha um guincho, mas de nada valia, pois não havia árvore robusta por perto, que aguentasse o esforço. Optámos pela solução de cortar ramos de árvores e metê-los debaixo das rodas, mas nada a fazer, o carro estava colado à lama...

Eu, o meu filho e os companheiros tivemos que dormir no interior da L. Rover, com as janelas fechadas, para não sermos devorados pelos milhões de mosquitos, que queriam sugar o nosso sangue. Foi uma noite terrível, pois o calor era de sufocar. De tempos a tempos, acendia os faróis e, a uma centena de metros, apareciam os olhos de vários animais, que não conseguíamos identificar. Escusado será dizer que ninguém conseguiu dormir.

No dia seguinte, ao alvorecer, o Kosta acompanhado da Lara, a sua cadela, voltou para o Mumbondo a pé, a 28 quilómetros de distância, à procura de socorro. Pelo caminho encontrou vários antílopes e mesmo uma hiena, com quem a Lara quis brincar. Pelo nosso lado, eu e o Bernard continuámos na tentativa de tirar o carro daquele lamaçal e, com muito custo, lá avançámos cinco metros, para novamente ficarmos enterrados. Acabámos por perder a força e ficámos à espera do Kosta.

Da parte da tarde, ele veio acompanhado do fiscal da Quiçama e de alguns indígenas, numa camioneta. Com bastante esforço, lá conseguimos meter a seco a nossa viatura. O dia estava bonito, com muito sol, e assim chegámos a Capolo. O rio Longa, por causa das chuvadas dos dias anteriores, tinha saído do leito e invadido a estrada com uns 60 centímetros de água (fotos n° 145-146-147). Atravessámos o rio numa jangada, sem mais nenhum problema, rumo ao acampamento petrolífero da Petro Angol e da Total, onde encontrámos alguns belgas e franceses, que ali trabalhavam e que nos deram muito apoio durante os dois dias que ali ficámos. Tínhamos uma credencial das sedes das duas companhias em Luanda, que nos dava alojamento, comida e combustível.

Terminadas as filmagens, seguimos para a cidade de Porto Amboim e Gabela, para fotografar uma fazenda de café. Dois dias depois, seguimos para Novo Redondo e Lobito.

Que dizer do Lobito? Cidade maravilha, gentes acolhedoras, calor, praia de águas muito quentes, boa cozinha... E o Carnaval? Só visto. Só aqueles que lá foram podem falar desta maravilhosa festa. Eu e a Christine estávamos lá naquele que foi o último Carnaval do Lobito, em Fevereiro de 1974, umas poucas semanas antes do funesto 25 de Abril... Descreverei esta festa única no livro n° 3, cidades de Angola. Muitas vezes voltei ao Lobito, pois tinha por lá alguns amigos: o casal Simões do C. F. B., o Quina, o fotógrafo mais "maluco do mundo", um amigalhão, e tantos outros de quem infelizmente esqueci os nomes.

Deram-nos a colónia de férias para assentar arraiais. A cidade era maravilhosa e motivos para as filmagens não faltavam. Ficámos pouco tempo e depois toca a andar para Sá da Bandeira, outra cidade maravilhosa, onde chegámos no dia 24 de Dezembro à tarde. É uma cidade de planalto, a mais alta de Angola, com um clima tipo europeu, com paisagens lindíssimas, mesmo junto às "portas do deserto".

Passámos a noite de Natal e fomos convidados para a Ceia: bacalhau, leitão assado e muitos bolos... Temperatura por volta dos 18 graus, diferença enorme de Luanda e Lobito. Também ficámos pouco tempo, porque o que estava previsto era seguirmos para o Iona a fim de mostrar os milhares de animais daquele parque ao meu filho, que só dispunha de escassos dias de férias.

A descida da Serra da Leba foi deslumbrante e vagarosa, pois estava-se a trabalhar duro para terminar esta soberba obra de engenharia. Já cá em baixo e ao aproximarmo-nos de Moçâmedes, sentia-se já o calor e o cheirinho do deserto...

Foi a cidade que mais gostei de Angola. Tinha qualquer coisa de mágico, difícil de definir. Talvez por estar tão pertinho do deserto? Abundavam as flores e as palmeiras e ali, entre o mar e o deserto, parecia que estávamos no Algarve, com grande parte da população de origem algarvia.

As praias estavam cheias, por serem férias de Natal. A temperatura andava entre os 22 e os 28 graus e soprava uma pequena brisa muito agradável, um calor seco que não tinha nada que ver com o clima húmido de Luanda.

A malta instalou-se numa casa que pertencia ao Banco de Angola e a seguir fomos visitar a família de uma moça amiga, que estava a estudar medicina em Luanda, a Ana Maria Brandão. Os pais eram professores do colégio e o Olivier encontrou logo um companheiro para brincar, o irmão mais novo da Ana, que era mais ou menos da mesma idade. Passavam o dia na praia e nos cinemas.

A equipa fotografou e filmou a cidade, o porto pesqueiro e o porto de embarque do minério de ferro, vindo das minas de Cassinga, onde acostavam enormes navios de 150.000 toneladas e mais. O porto pesqueiro era muito importante, com enormes frigoríficos onde se congelava toda a sorte de pescado nobre, sobretudo atum para exportação para a Europa, Estados Unidos, Israel, etc.

O atum era pescado mesmo junto à costa por pequenas traineiras, que pertenciam à Companhia de Pesca e que eram cedidas às tripulações, que vendiam o pescado à empresa, salvo erro, a 2$50/Kg. Saíam de manhã muito cedo e, em algumas horas de pesca, enchiam o barco de atum. Voltavam à tardinha e, conforme os dias, traziam entre 5.000 e 10.000 quilos, divididos em partes iguais pela tripulação, mais ou menos 15 marinheiros, brancos e negros.

Ao entardecer, já bastante cansados, pois o calor apertava, sentávamo-nos num barzinho a beber cerveja bem fresca e a comer os maravilhosos caranguejos cozidos, que tanta fama tinham. E tudo isto por um preço ridículo, que nada tinha que ver com os preços da Europa ou de algures.

Nesta cidade toda a gente se conhecia e, à noite, os restaurantes e cafés estavam apinhados de gente, numa conversa animada, muito longe de pressentir a desgraça que os iria esmagar após o fatal 25 de Abril de 74…

Tanto eu como os meus companheiros nos sentíamos felizes, rodeados de alguns amigos que logo fizemos, conhecidos da Ana Maria e do Mário Jorge, que estudava engenharia na Universidade de Luanda. Também conhecemos nessa altura o "turra", caçador guia que nos ajudou bastante na procura dos camelos entre as dunas ao Sul de Porto Alexandre.

Eu adoro peixe e marisco e nunca tinha visto tanto como em Moçâmedes e Porto Alexandre, a algumas dezenas de quilómetros. As traineiras chegavam todos os dias carregadas com centenas de toneladas de peixe nobre e também de sardinha e carapau, que eram absorvidos pelas fábricas de farinha de peixe, que exportavam a maior parte destes produtos para todos os países do mundo. As fotos de tudo o que aqui escrevo estão no livro n° 5 sobre a economia de Angola à época.

A dada altura, o pescado era tanto, que o Governo fez vir dos Estados Unidos da América fábricas montadas em enormes batelões, para dar vazão a tanto peixe. Só aqueles que ali habitavam podem descrever a enorme riqueza que o pescado trazia à população branca e negra daquela terra.

Mais ao sul, na Baía dos Tigres, havia também uma enorme pescaria, de que só consegui fazer fotos aéreas.

Quem é que em Moçâmedes comprava peixe para cozinhar? Era oferecido a maior parte das vezes. Nos bares comia-se caranguejo cozido a 10$00/kg. Nos talhos a melhor carne era a 25$00/kg. Passámos o dia de Natal de 1970 em Moçâmedes e foi com muita tristeza que deixámos esta pérola do Atlântico, rumo ao Parque do Iona, por uma belíssima estrada alcatroada.

Voltei várias vezes a Moçâmedes e uma delas foi quando a Riquita foi eleita Miss Portugal. Mas que festa...

Infelizmente não foi possível ficar muito tempo no Iona, visto que o Olivier tinha que voltar a Luanda no princípio de Janeiro, para logo depois seguir para França, onde o esperava a escola.

O parque estava maravilhoso, com muita relva, pois tinha chovido bastante, e muitos animais andavam perto do acampamento a pastarem. Oryx, zebras, cabras de leque, elefantes e muitos mais outros animais. Para um miúdo de dez anos, e mesmo para um adulto, aquilo era um espectáculo maravilhoso. Regressei muitas vezes, mais tarde. Em tempo seco ou de chuva, o deserto (com muita vida) não era o mesmo...

Acompanhei o Olivier a Luanda, onde ele embarcou na TAP rumo a França, pois as férias tinham acabado.

A equipa reuniu-se novamente em Sá da Bandeira, onde ficámos vários dias a filmar a cidade e a região, que tinha paisagens lindíssimas. Desde a Serra da Leba, a Tundavala, com um salto à Zootécnica da Humpata, onde se criava gado vindo sobretudo da Europa, tal como o boi charolês e outras raças, de suínos a carneiros.

Vim encontrar na cidade, com enorme surpresa, uma prima direita, filha do Dr. Pinheira, meu tio. Ali vivia com o marido e um filho. Tivemos uma reunião com o senhor Espinhas, proprietário dos safaris da coutada do Mucusso, nas Terras do Fim do Mundo (Cuando Cubango). Convidou-nos para uma estadia de vários dias e lá fomos com o Land-Rover e a Toyota. Foi uma carga de sarilhos para chegarmos lá. Como os trilhos eram de terra mole, muitas vezes, os carros ficavam atolados, tornando imensamente difícil transitar naqueles caminhos. Os grandes caçadores, provenientes de várias partes do mundo, viajavam de avião e não tinham de enfrentar estes problemas para chegar ao acampamento que possuía todos os confortos e uma boa pista de aterragem, pois o preço para estar neste safari durante 21 dias era bastante elevado.

Nesta região um caçador tinha a certeza de abater animais de grande porte, geralmente velhos machos. Nunca se deveria abater as fêmeas. No entanto, os militares faziam-no, sendo responsáveis por autênticas chacinas. Por todo o território de Angola, a tropa portuguesa, para se poder alimentar convenientemente, abatia milhares de animais, machos e fêmeas, felizmente fora das coutadas e dos parques.

A decepagem de um elefante era um espectáculo medonho para quem não estava habituado. Um animal tão grande, do qual se aproveitava tão pouco. Alguns pêlos da cauda serviam para

fazer pulseiras, a pele do ventre para fazer bandejas e tampos de mesa, as patas como pufes e a ponta da tromba para cinzeiros.

Junto ao acampamento de caça havia sempre algumas famílias bosquímanas. Em troca de carne para secar ao Sol, os homens ofereciam-se como pisteiros. Sendo nómadas, de pequena estatura, pele amarelada e olhos rasgados, estes indígenas (os primeiros habitantes de Angola), são pisteiros exímios, conhecendo como nenhuns outros o comportamento dos animais. Caçadores de grande precisão, em que utilizam as suas flechas envenenadas, quando um animal é por elas ferido, mesmo que ao de leve, morre certamente uns quilómetros mais adiante.

Nas suas andanças pelas matas, alimentam-se do que a natureza lhes fornece: alguns grãos selvagens, frutas, legumes, pequenos animais e, ocasionalmente, um antílope de porte maior.

As suas habitações, feitas de arbustos e folhas são reduzidas e confundem-se com a natureza. Um leigo (alguém que não os conheça) pode passar muito perto sem os ver. A descrição dos costumes destes autóctones está mais desenvolvida no livro n.º 4 sobre as Etnias de Angola.

Semanas mais tarde, voltámos novamente a Luanda para filmar o Carnaval, grande espectáculo com muita música e animação e, claro, cervejinha bem geladinha!

Aproveitávamos normalmente a estadia em Luanda para dar um salto a Quiçama, pois havia sempre qualquer coisa a filmar. Entretanto, tratávamos também do envio dos filmes para revelação na Suíça. Revelávamos os filmes a preto e branco no Cita, trabalho excelente, executado pelo nosso grande amigo Saraiva, e recebíamos os novos filmes virgens e algum correio da família. O nosso poiso variava; às vezes era nas instalações da Mocidade Portuguesa, na ilha de Luanda, outras nos bombeiros voluntários, dependia de quem nos pudesse receber.

O Guy já estava novamente connosco e com uma boa reserva de filme, em meados de Fevereiro de 1971, voltámos novamente para o sul, pois era a época das chuvas e os campos estavam lindos, o pasto era abundante e os animais em grande quantidade, o que nos facilitou o trabalho nas filmagens de belas paisagens.

Em Luanda tinham-nos dito que para os lados de Roçadas havia belas manadas de girafas, o único animal que não tínhamos visto ainda. Então lá fomos nós, mas desta vez por estrada alcatroada. Sá da Bandeira, em seguida João de Almeida, Chibemba e Cahama. Nesta última cidadezinha, fomos visitar e filmar a Fazenda Ediva, de criação de gado bovino de origem Suíça, onde fomos muito bem recebidos com um almoço suculento.

A partir dali, deixámos a bela estrada e seguimos para Oncocua, passando por Otchinjau, por estrada de terra batida. Esperávamos não ter as mesmas dificuldades, pois continuava a chover e, muitas vezes, torrencialmente. Em Oncocua fomos muito bem recebidos pelo secretário administrativo, que cedeu uma boa casa para acolher toda a equipa. O Governador do Distrito vinha visitar a região e nós ficámos cinco dias, pois muitos grupos étnicos vinham dar as boas-vindas ao Governador e assim nós poderíamos aproveitar a oportunidade para fazer boas filmagens.

O Parque do Iona ficava a uns escassos 50 quilómetros, mas a estrada era muito montanhosa e bastante difícil. Fazia muito calor e, de tempos a tempos, lá vinha uma boa chuvada para refrescar. Então davam-se os encontros inevitáveis com zebras e cabras de leque. Fomos também até à casa

junto à nascente, onde encontrámos um grupo de mulheres Muchimbas, que tinham vindo buscar água à nascente.

Depois das filmagens e de um bom mergulho no tanque para refrescar as ideias, logo que o calor baixou, metemo-nos a caminho do Chitado, a 150 quilómetros de distância. A outra estrada era má, mas esta era ainda pior, cheia de pedras e sem vegetação. Chegámos ao Chitado já bastante tarde. Fomos recebidos no posto de polícia e lá dormimos. Mas antes, convidaram-nos para jantar e tivemos como menu enormes bifes de antílope, um verdadeiro regalo. Quando não chovia, só havia pedras e espinheiras, o gado ficava muito magro, à espera da água que não caía do céu. Nestas circunstâncias, muitos animais morriam nos rebanhos. Ao invés, quando chovia, era uma bênção para aqueles povos. Os campos enchiam-se de boa erva, sinónimo de bois gordos e, portanto, de riqueza. Felizmente, no Chitado chovia bastante no mês de Fevereiro de 1971.

Segundo me disseram os polícias, existiam naquela região pastores indígenas, que possuíam milhares de cabeças de gado, dos dois lados do rio Cunene. Não vendiam os animais; quando precisavam de um artigo qualquer, trocavam simplesmente por uma vaca ao comerciante mais próximo. Apesar de ricos, continuavam a vestir-se com um velho calção ou uma pele de vaca à volta dos rins, nos pés, sandálias de pneu de camião, e um cajado, arco ou catana, como arma.

Disseram-nos que para o lado de Roçadas tinham sido vistas manadas de girafas e, por isso, fomos ter a uma fazenda, cujo agricultor, rapaz ainda novo acompanhado da esposa, nos recebeu muito bem, com um majestoso almoço. No entanto, não conseguimos ver as tais girafas. Nos dias seguintes, acompanhados de um guarda-fiscal, ainda andámos à procura dos bichinhos, mas sem resultado...

Voltámos a Roçadas e fomos apresentados ao médico e ao veterinário, que nos convidaram para jantar num restaurante da cidade e, assim, tivemos ocasião de conversar sobre vários assuntos referentes a Angola. O médico, cujo nome infelizmente não me recordo mais, grande amador de fotografia, proporcionou-me momentos muito agradáveis em discussões sobre esta arte.

Em Mongua fomos maravilhosamente recebidos pelo administrador, esposa e filha. E, como sempre onde passávamos, ofereceram-nos um daqueles almoços que só os angolanos sabem oferecer.

Aconselhou-nos a ir filmar uma tribo da região, muito célebre, pois no passado tinha dado muito que fazer às tropas portuguesas, os Cuanhamas. Fomos filmar um quimbo que ficava a uns 20 quilómetros, mas nesse dia abateu-se sobre a região uma verdadeira tempestade, com muita chuva e trovoada. O soba recebeu-nos muito bem e, aproveitando uma abertura das nuvens, com muito sol, lá consegui fazer algumas fotos. Resolvemos depois voltar ao Posto da Mongua, à espera de um dia melhor.

Com a estrada de terra a parecer-se mais com um rio, novamente apareceram os problemas de trânsito. Ficámos enterrados e levámos duas horas para sair do lamaçal. Mais umas centenas de metros e novamente uma hora para apanhar terreno seco. Quer dizer, só chegámos a casa do administrador já noite fechada, por volta das 21 horas, com a roupa toda molhada e cheia de lama. Mas nada que um bom banho e um bom jantar não tivessem resolvido. Felizmente que a Fina

nos oferecia o combustível, pois chegávamos a consumir por volta de 40 litros de gasolina aos 100 quilómetros, nestas condições...

No dia seguinte, já com muito sol, voltámos ao quimbo para continuar as filmagens. O soba ofereceu-nos de comer e, num supremo gesto, abriu uma garrafa de vinho... de laranja! Para os nossos pobres estômagos de ocidentais era a garantia de diarreia... Como sempre, nós oferecíamos calças, camisas e cigarros, que eram bem aceites.

O soba tinha cinco mulheres e uma grande quantidade de crianças! Os quimbos dos Cuanhamas eram muito originais, feitos de muitas estacas e cada mulher tinha a sua casa sem que as outras tivessem o direito de entrar, só o marido podia. Entre as casas, o acesso era feito por estreitos corredores de estacas de pau. Para se ter uma ideia do recinto, só com fotografia aérea.

Da parte da tarde voltámos a Mongua e, desta vez, não ficámos enterrados. A colheita de fotografias e de filmagens foi excelente e não lamentámos as canseiras do dia anterior. Surpresa: à nossa chegada, a esposa do Administrador tinha preparado uma pequena festa, com um belíssimo bolo de aniversário, com velas e tudo, oferecida ao Guy, que fazia anos. Cá fora, a chuva voltava a cair com muita trovoada.

O casal tinha adoptado duas meninas pretas, encontradas abandonadas nas matas do leste de Angola e tive oportunidade de fazer bonitas fotos delas (fotos n° 453-454-455).

Quero salientar a maneira como toda a equipa foi recebida por estas terras do sul de Angola. Nem mesmo no Brasil tive tantas facilidades para fazer o meu trabalho. Com quase 50 anos de "metier" e depois de ter corrido meio mundo, guardo na minha memória toda a gentileza desta gente modesta, brancos e negros, das terras do Sul de Angola. O mesmo não aconteceu com alguns senhores "doutores" das grandes cidades, que se mostraram verdadeiramente antipáticos, para dizer o mínimo...

Isto aconteceu naquelas terras do sul de Angola: numa aldeia, que esqueci o nome, o chefe da policia, com a mulher e um bébé não quizeram que montássemos as tendas. A alternativa foi ficar no salão, unica divisão da casa onde caberíamos todos. Assim, ajudámos o casal a tirar o recheio (mesa, armário, cadeiras) e lá pusemos as malas com roupas e material e as nossas 4 camas de campanha. Fazer algo assim na Europa? Nem pensar…

Voltámos novamente a Sá da Bandeira, pela estrada alcatroada, sem qualquer problema. Na cidade, conhecemos o Sr. Espinhas, um dos donos de uma excelente organização de safaris de caça nas Terras do Fim do Mundo, que nos ofereceu uma estadia no acampamento do Mucusso, onde possuía instalações com todo o conforto, aptas a receber caçadores do mundo inteiro. Disseram-me que o presidente francês Giscard d'Estaing tinha ali passado uma temporada, incógnito, para caçar elefantes.

A firma que comercializava as carrinhas Toyota emprestou-nos uma camioneta e, juntamente com a L. Rover, viajámos para o Mucusso. Não foi fácil lá chegar, levámos vários dias, pois a partir de Serpa Pinto, passando pelo Caiundo e o Cuangar, a estrada era de areia e, ainda por cima, chovia muito. Ficámos bem instalados e tínhamos à nossa disposição um caçador guia, que nos facilitava o trabalho de filmagens, com a devida autorização dos clientes caçadores e do nosso amigo Espinhas.

Uns largos dias depois, voltámos a Luanda a fim de escolher um novo poiso mais ao centro de Angola e com um bom clima. Optámos por Nova Lisboa, cidade ampla e moderna, numa das mais prósperas regiões de Angola, servida pelos caminhos-de-ferro de Benguela. Tínhamos por lá vários amigos, entre os quais a família Merlini, o farmacêutico, o proprietário do restaurante "O Ibondeiro", o director da pousada do Fasta, onde nos alojámos, e respectiva família, e o dono da loja de modas Nova York. Tínhamos um conforto razoável e a partir da cidade mandávamos e recebíamos o nosso correio, o que nos facilitava muito a vida.

Uma reportagem que a A70 realizou a seguir foi a dos Diamantes da Luanda. Passámos por Malange, bonita cidade e situada numa das regiões turisticamente mais ricas de Angola. Ali se encontram as Quedas do Duque de Bragança, as Pedras Negras de Pungo Andongo, a terra da rainha Ginga, os rápidos do Cuanza, as reservas do Luando e de Cangandala, onde vivem as Palancas Negras, e tantos outros locais que não tivemos a oportunidade de visitar.

Atravessámos a Lunda e as suas Minas de Diamantes, em direcção a Henrique de Carvalho, cidade principal desta região, onde fizemos uma paragem. Seguimos depois para norte, para a cidade do Dundo, base da Diamang, onde ficámos vários dias para realizar as filmagens da cidade e das instalações mineiras. Foi a primeira vez que vimos diamantes tão grandes e felizmente consegui fotos extraordinárias. No Dundo fui visitar uma prima minha, a Milu, que lá vivia com duas filhas menores e o marido, Capitão Patuleia, comandante das milícias da Diamang.

O Dundo possuía óptimas instalações, como uma verdadeira cidade para os seus empregados, com lojas, casa de hóspedes, piscina, picadeiro, hospital, escolas, cinema e muitas outras coisas, como o mais belo e rico Museu Etnográfico de Angola. Uma pura maravilha, que infelizmente não deixaram filmar, sem darem quaisquer explicações. Fiz várias operações militares sem problemas, mas o Museu "niet".

Mais tarde, em 1973, de passagem por Lisboa fui à sede da Diamang para obter as autorizações e responderam-me que mandariam para Angola as ordens necessárias para eu fotografar o Museu. Meses mais tarde voltei novamente ao Dundo, na companhia da Christine e nada a fazer. A direcção deu uma desculpa estúpida e nada pude fotografar. Incompreensível!

Em 1975, esta maravilha foi totalmente saqueada e não sei se hoje ainda existem as peças raras que faziam a fama deste Museu.

De volta a Luanda, adquirimos uma velha Citroën "dois cavalos" camioneta, que não era mais que dois burros, tão velha estava, mas que me prestou imensos serviços, depois de devidamente arranjada. Embarcámos para Cabinda com ela e na foto nº 281 pode ver-se como estava carregada.

O enclave de Cabinda era um país à parte, não só pelo seu clima muito quente e húmido, mas também pela sua população, costumes e alimentação muito diferentes do resto de Angola.

A "dois cavalos" aguentou toda aquela carga e portou-se muito bem. Como não podia deixar de ser, a primeira reportagem foi para a extracção do petróleo no mar: o "ouro preto" que fez a riqueza e a desgraça deste país...

A seguir fomos a caminho da floresta do Maiombe, de uma excepcional riqueza em madeiras nobres, que eram exportadas para o mundo inteiro. Ali fizemos algumas filmagens da cidade de Cabinda: o porto, os mercados, as escolas, as igrejas, etc. De seguida voltámos novamente a Luanda.

Outra cidade de Angola que gostei muito foi Silva Porto, muito pacata e gostosa, com um clima de tipo europeu a quase 2000 metros de altitude. Nos mercados encontravam-se quase todos os tipos de fruta da Europa. Tinha um jardim magnífico e um museu dedicado, claro está, a Silva Porto, o grande viajante. Voltei várias vezes a esta cidade, uma delas quando fiz a reportagem sobre o C. F. de Benguela e outra mais tarde, logo após o 25 de Abril de 1974, quando fui à procura de Savimbi. Dessa vez, fui com a Christine e um amigo piloto, numa pequena avioneta. O objectivo era entrevistar o chefe supremo da UNITA. Mas esta história, eu contarei num outro livro dedicado à guerra em Angola.

ALGUNS ACIDENTES DE PERCURSO

No dia 1 de Abril de 1971 encontrava-me no Lobito, em casa do amigo Simões. Aproveitando o tempo para fazer alguns "bonecos" da cidade e dos arredores, ia eu pela estrada de Benguela, quando uma abelha entra pela janela do carro. Na tentativa de a afugentar, perdi o controlo da carrinha Toyota, que acabou por embater numa árvore. Felizmente, ia devagar, senão poderia ter sido mais grave. Cortei uma sobrancelha, que sangrava bastante mas sem gravidade. Já a camioneta, ali ficou com uma roda torcida. No dia seguinte, dia dos meus 39 anos, em casa do amigo Simões, diante de um belo bolo e em companhia de toda a família (foto n° 503) lá estava eu, com um penso no olho a soprar as velas do bolo.

Um outro embate foi com o Kosta, que esbarrou com uma vaca, quando conduzia a "dois cavalos" pela estrada de Nova Lisboa. Ninguém ficou ferido, mas a vaca morreu e a carrinha, mesmo toda amachucada, conseguiu chegar a Nova Lisboa.

Foram os dois únicos acidentes em quatro anos e meio e em mais de 140.000 quilómetros percorridos nas estradas de Angola!

MUDANÇA NO RUMO DA MINHA VIDA

Em Maio de 1971, a equipa foi de "férias"até França, com bilhetes de avião oferecidos pelo Sr. Coronel Rebocho Vaz, Governador-Geral de Angola. Foi uma felicidade para todos nós, pois as saudades da família já se faziam sentir. Em fins de Junho, regressámos e estávamos já todos a postos em Luanda. Nessa altura, fui chamado ao Palácio e tive uma entrevista muito importante com o Sr. Governador, que mudaria radicalmente o "Rumo da Minha Vida". O Sr. Coronel Rebocho Vaz disse-me, mais ou menos nestes termos, que estava a par dos meus trabalhos fotográficos sobre Angola, que o país precisava de homens da minha têmpera e que podia oferecer-me uma boa situação, se eu quisesse ficar em Angola. Fiquei louco de orgulho e alegria e aceitei logo. Ainda assim, receei que a minha mulher não aceitasse, pois desconhecia Angola. Como resposta, o Sr. Governador chamou o seu secretário e disse-lhe para enviar bilhetes de avião, ida e volta Paris-Luanda, para a Sr.ª Lídia Pinheira e as suas duas crianças e que preparasse uma visita ao território, a convite do Governo. E assim foi feito. Eu estava tão feliz que quase beijei o Sr. Governador!

Imediatamente telefonei para Grenoble para dar a notícia à minha mulher. Não poderia imaginar que este seria o princípio da minha desgraça e do pesaroso drama que vivi durante muitos meses…

Em Agosto de 1971, a "Madame Pinheira" chega a Luanda com o Olivier e a Fabienne, 10 e 3 anos respectivamente. Depois das visitas de praxe às autoridades e à cidade, ficou assente que a minha mulher iria visitar o sul de Angola na minha companhia. As crianças ficariam comigo até que ela voltasse a Luanda depois de ter visitado a parte Norte do Pais.

Tinha um roteiro a cumprir, era acompanhada por uma senhora que lhe servia de guia e de intérprete e dias depois lá foi ela até uma fazenda de café muito célebre para os lados de Carmona.

Nunca mais voltou. Abandonou tudo para seguir um outro rumo, um outro destino sem se preocupar com os estragos que a sua conduta acarretou para toda a Equipa.

Para mim foi um drama enorme e uma vergonha imensa. Não sabia mais o que fazia e o que devia fazer e só meses depois reuni a coragem necessária para me apresentar ao Sr. Governador-Geral.

Não vale a pena descrever aqui a imensa aflição em que vivi durante meses, foi um verdadeiro pesadelo. Se consegui "remonter la pente" foi graças a dois seres que estavam a meu lado durante todo esse tempo: o Olivier, meu filho, e a Iona.

A Iona? A Iona era um bebé leopardo fêmea, oferecido por um militar.

Os meus companheiros, que não tinham visto com bons olhos a visita da Lídia a Angola, pouco me ajudaram, esta situação também lhes complicou a vida, deixaram-me sozinho em Luanda com todos os meus fantasmas.

Em Setembro consegui obter um bilhete de avião para França e lá fui eu tentar salvar o meu lar. De nada serviu, tive de vender a vil preço tudo o que possuía, o que serviu à justa para pagar o meu bilhete e o do meu filho para voltar para Luanda. O garoto ficou muito traumatizado e, ainda hoje, sofre com isso. A minha filha tinha três aninhos e eu não podia encarregar-me dela nas minhas andanças por Angola. Ficou em casa dos avós maternos. Fica gravado na minha cabeça, até à minha morte, o desespero da partida de Grenoble, pois eu amava aquela criança mais que a própria vida...

De Luanda vim para Nova Lisboa e nas primeiras semanas não conseguia dormir. Levantava-me de madrugada e, a chorar, percorria centenas de vezes o quarto, perguntando a mim mesmo por que razão tudo aquilo tinha acontecido. Se não fosse o facto de ter a guarda do meu filho, acho que me teria suicidado. Não conseguia trabalhar, mas pouco a pouco a coragem veio para arrancar para uma nova vida!

Todo este escândalo tornou-se conhecido em Angola e foi motivo de gozo para muita gente, os apoios que a Equipa tinha, sobretudo das identidades civis, começaram a escassear. No fim do ano 1971, já com as filmagens terminadas, os meus companheiros resolveram não fazer a montagem dos filmes em Luanda e regressar a França. Por essa razão, pediram os bilhetes e o embarque do material, por via marítima, para Lisboa, como estava previsto.

No final de Dezembro de 1971, eu e o Olivier tentámos fazer a ligação de Benguela a Moçâmedes, ao longo da costa. Não existia estrada alcatroada directa e fomos rodando com a Land Rover pelas picadas e pelas praias. Cruzámo-nos com muitos animais selvagens, sobretudo Gungas, que existiam por ali em abundância, apesar de não ser uma área protegida e os caçadores andarem por ali a abater os animais. Visitámos algumas pescarias e fizémos caça submarina. Havia tanto peixe

que, em pouco mais de uma hora, eram às dezenas os quilos de peixe arpoado que se amontoavam no barco. A maior parte do peixe era pescado com redes mesmo ao lado da praia, em quantidades enormes para ser salgado ou secado.

Existiam três engenheiros franceses em Benguela a supervisionar a montagem de uma fábrica de tecelagem. Iam aos fins-de-semana para ali mergulhar e arpoar uma quantidade enorme de bom peixe, sobretudo garoupas e lagostas.

As ostras eram tão grandes como pratos de sopa e era praticamente impossível abri-las. A solução era metê-las em cima das brasas e comer a carne bem assada como se fosse um bife.

Um dia ficámos enterrados numa praia de areia muito fina e, apesar de todos os esforços, nada foi possível fazer para tirar a viatura dali. Valeu-me avistar ao longe uma pescaria, que veio em meu socorro com um grande camião, carregado de uma dúzia de pescadores, que conseguiram retirar o carro daquela situação bastante critica, pois a maré estava a subir e ia, de certeza, inundar o L. Rover.

Fiquei algum tempo por ali e depois segui para S. Nicolau. Antes de chegar a esta vilazinha, deparei-me no meio do deserto com um grande terreno cercado de arame farpado e com muitas palhotas. O portão, feito também de arame farpado, estava aberto e eu entrei e parei o carro junto de uma casa. Fui ao encontro de uma rapariga preta que levava um alguidar na cabeça e perguntei-lhe como se chamava aquela localidade, pois não constava no mapa. Respondeu-me que era uma prisão dos turras.

– Com as portas abertas?

– Sim menino, aqui ninguém foge.

– E onde é que eles estão?

– Na pescaria a trabalhar.

– E S. Nicolau onde é que fica?

– É pertinho daqui, mais lá à frente...

E, com o braço estendido, indicou-me o caminho. Cheguei quase à noite e o administrador ficou muito admirado por um civil ter conseguido chegar a S. Nicolau, especialmente vindo de Benguela. Não se podia ali entrar sem uma autorização especial do Governador. Deram-me uma vivenda para passar a noite e ofereceram o jantar. No dia seguinte, tinha que seguir viagem para Moçâmedes, onde cheguei depois de viajar numa boa estrada alcatroada.

Em Fevereiro de 1972, a equipa A70 deixou Angola com muita saudade e também traumatizada com o que tinha acontecido. Todo o material de cinema, assim como a L. Rover a reboque, embarcaram. Eu fiquei com o material de fotografia que me pertencia, com os dois botes de borracha Pirelli, com as tendas Igloo e com a Citröen, pois já nessa altura pensava na descida do Cubango. Resolvi ficar em Angola mais alguns meses, pois não tinha fotos suficientes, sobretudo sobre a economia e já nada me prendia a França, onde não possuía nada. A viagem dos meus companheiros foi bastante ruim, pois o tempo estava mau e as vagas faziam oscilar bastante o navio. À chegada a Lisboa, o Bernard sentiu-se mal e foi levado com urgência para o hospital. Foi-lhe diagnosticado um ataque muito forte de malária," typhus e jaunisse" icterícia. Teve que ser evacuado em urgência para um hospital em Genebra, por via aérea, o que ocasionou enormes

despesas com as quais a equipa não contava. Foi logo tratado, mas uns dias depois caiu num estado de coma e ficou paralisado de todo o lado esquerdo. Foi trepanado e os médicos conseguiram salvá-lo, mas antes de se restabelecer parcialmente, ainda ficou bastante tempo hospitalizado, o que acarretou enormes despesas, pois estando fora do país, os membros da A70 não tinham seguro nenhum. Com todos estes problemas, foi impossível terminar os filmes, revelações, montagens e passagem a cores, a serem entregues ao Ministério do Ultramar, que no fim de contas pouco se preocupou com o estado do nosso companheiro e que exigia que os filmes fossem entregues o mais rapidamente possível, sem se ralar com as dificuldades que eu e os meus companheiros nos debatíamos. Estes foram obrigados a procurar trabalho e, apenas com a ajuda dos pais, conseguiram, pouco a pouco, montar os filmes. Tudo isto levou tempo e, evidentemente, todos estes problemas atrasaram a entrega, o que não foi do agrado do Ministério.

E assim termina o Odisseia Angolana da A.70

COMO TUDO COMEÇOU...

001

Carta enviada ao pai de Jean Charles, para ser entregue em mão no Ministério do Ultramar.

002

001-002-003 – **Jean Charles trabalhando no velho "chassis" do reboque que ficou como novo.**

003

004

005

Reunião de trabalho de grupo com um jornalista da imprensa de Grenoble.

006

No dia da partida, carregamento do material.

007

O grupo com a mulher e filhos de Jean Charles .

008

O grupo expondo algum material que levava para Angola.

009

Carregamento do material

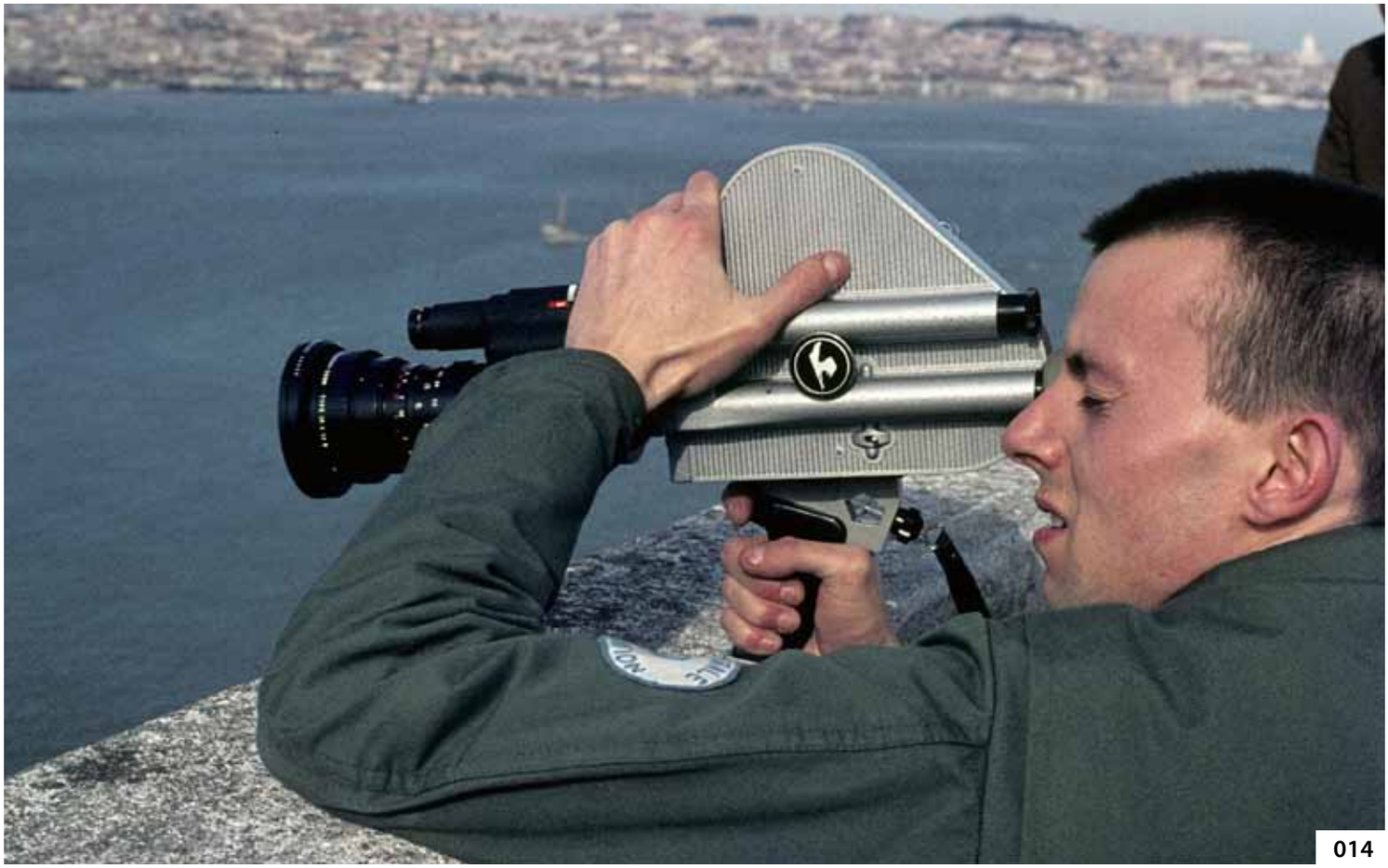
010

Despedida dos amigos e familiares com beberete.

Despedida dos amigos e familiares com beberete.

Foto feita em frente à Câmara Municipal de Grenoble no dia da partida para Lisboa.

013 – **Algures em Espanha matando a sede.**



014 – **Guy filma alguns exteriores de Lisboa.**

015-016 – **Dando notícias à família na Pensão Alegria, na capital portuguesa.**

017

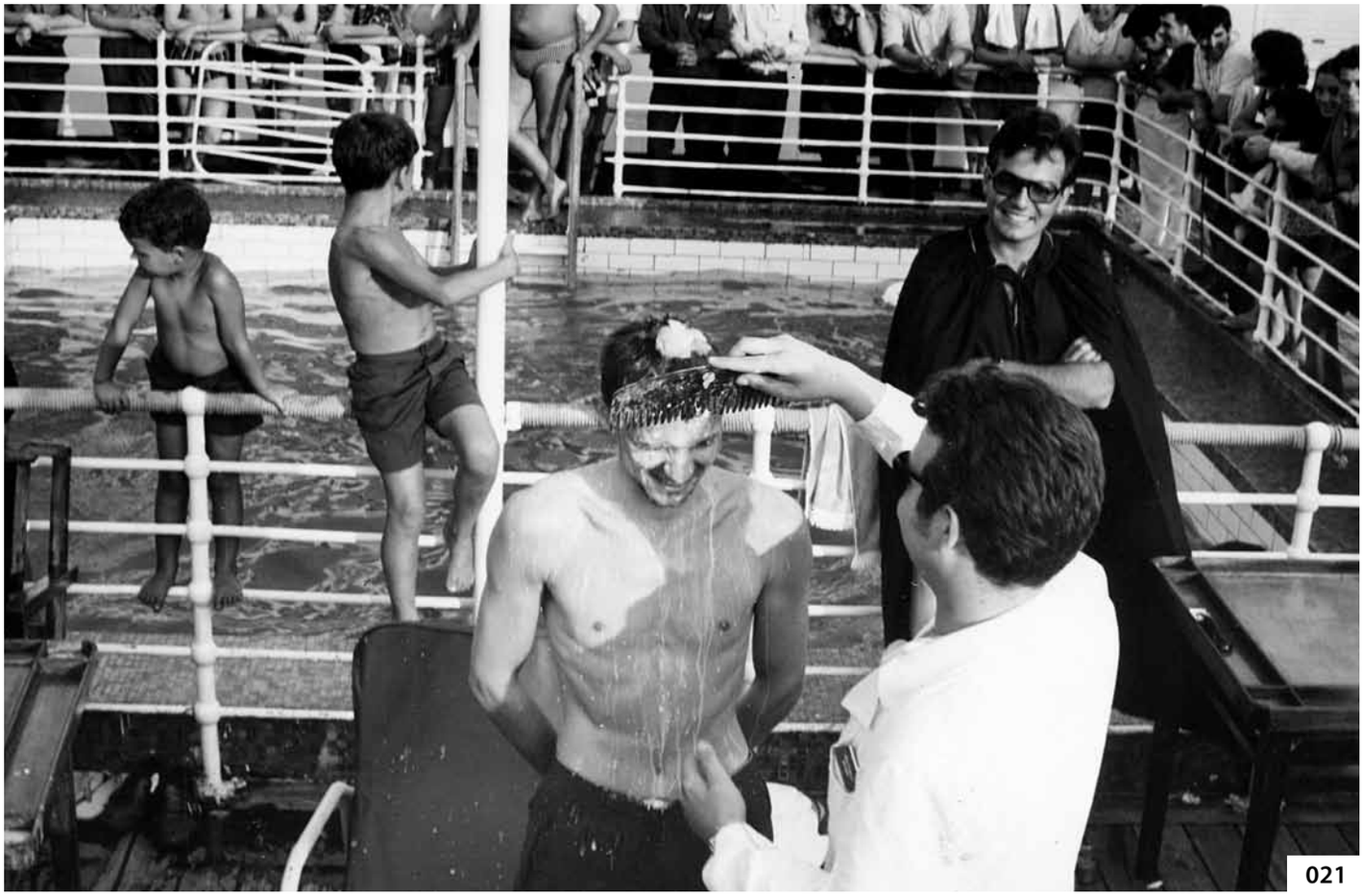
017-018-019 – **Embarque do material em 30 de Maio de 1970, em Lisboa, no meio de militares que seguiam também para Angola.**

018

019

020

O ritual de passagem da linha do Equador no dia 9 de Junho.



021

O ritual de passagem da linha do Equador no dia 9 de Junho.

022

Alguns passageiros durante um exercício de salvamento.

023

Bernard e Guy fazendo algumas filmagens a bordo do Pátria.

024

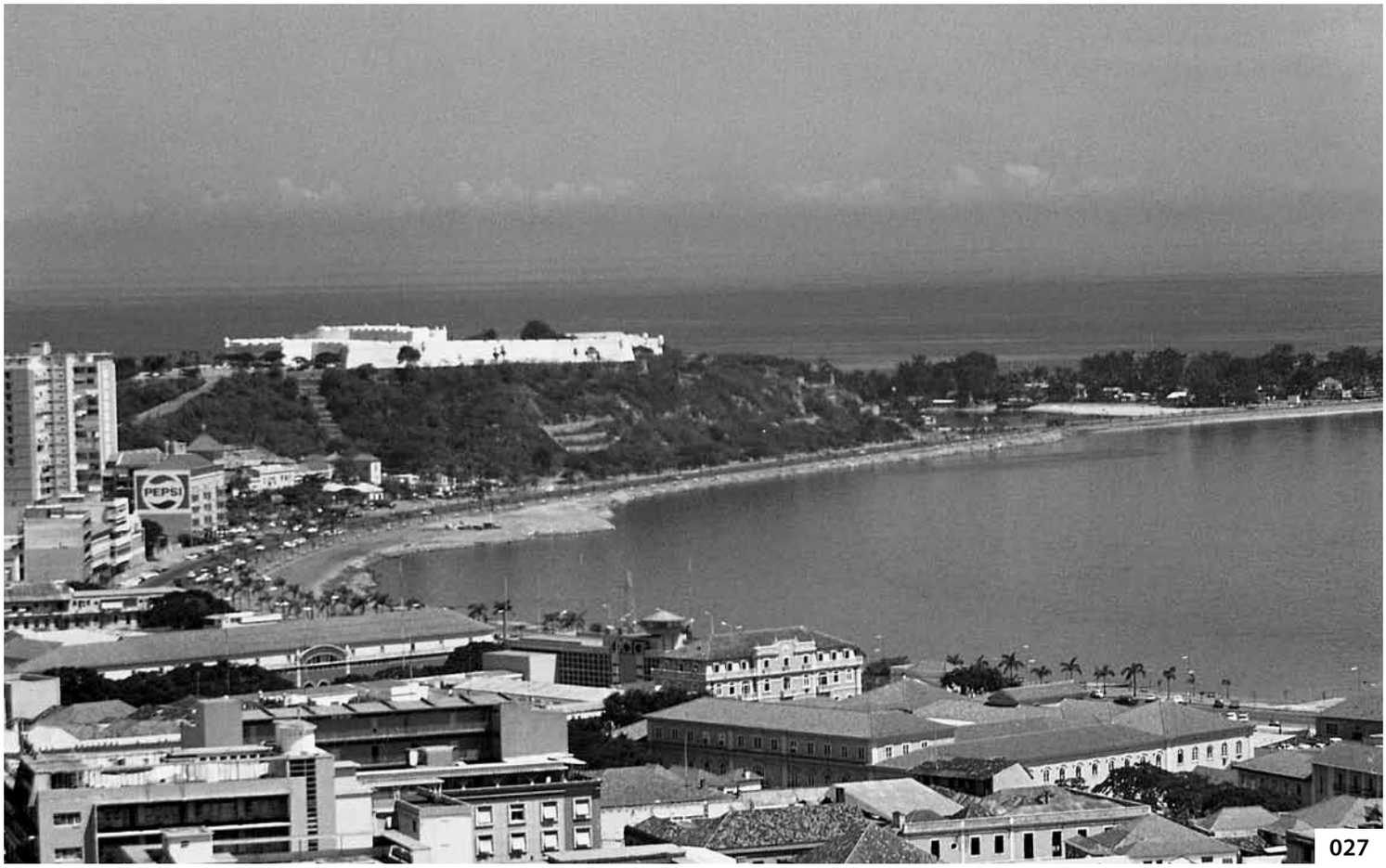
Um bote salva-vidas do navio Pátria em que viajámos de Lisboa a Luanda.

LUANDA
1970

025

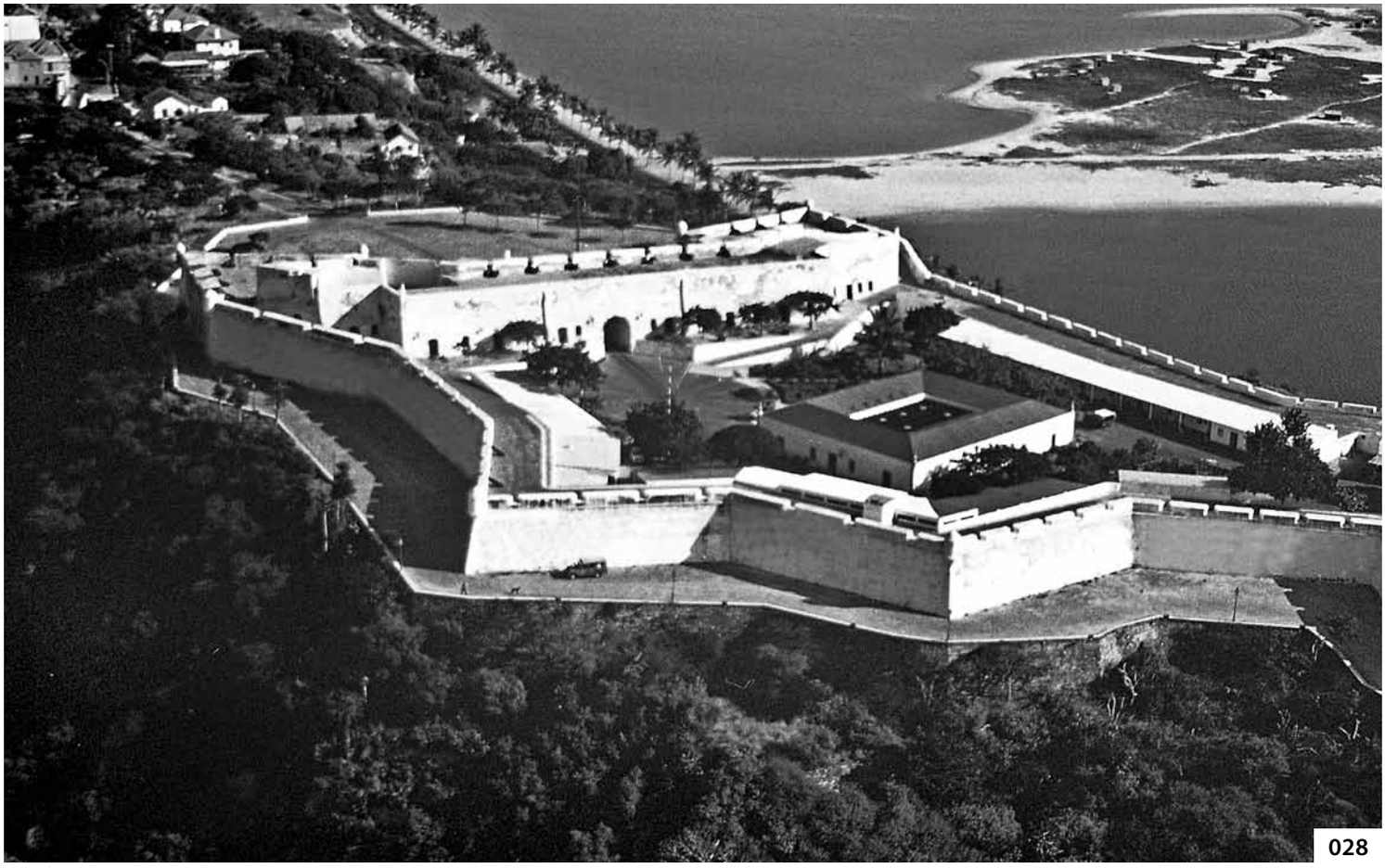
026

Vista geral da Avenida marginal e do porto de Luanda.



027

Vista da baía de Luanda, da cidade e da Fortaleza de São Miguel.



028

Vista aérea da Fortaleza de São Miguel

029

Vistas de Luanda.

030

Vistas de Luanda.

A estátua do fundador de Luanda, Paulo Dias de Novais virada para o porto.

031

032

A nossa equipa brinda pela chegada a Angola.

033

A equipa A70 fotografada na Fortaleza de São Miguel.

034

O grupo sentado sobre os canhões da Fortaleza de São Miguel.

035

A nossa equipa no miradouro da Fortaleza de São Miguel. Jean Charles PINHEIRA (português), Bernard BOLLE (suíço), Kosta CVETICANIN (jugoslavo), Guy LEROY (francês)

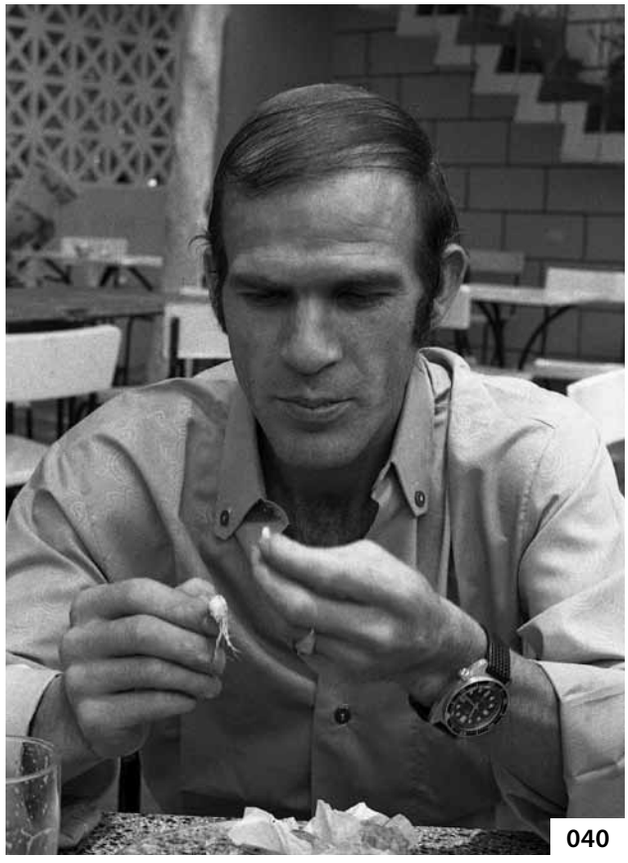
036

Na ilha do Mussulo, com a Larata (a cadela do Kosta) e alguns amigos.

Todos os sábados os africanos reuniam-se numa praça nos subúrbios de Luanda para dançar, ocasião em que aproveitámos para filmar.

Todos os sábados os africanos reuniam-se numa praça nos subúrbios de Luanda para dançar, ocasião em que aproveitámos para filmar.

039



040

041

039-040-041-042-043-044 – **Nas horas de folga íamos almoçar ou comer alguns petiscos (como camarões) nos inesquecíveis restaurantes e bares de Luanda.**

042

043

044

045

Antigo porto pesqueiro em frente ao Banco de Angola.

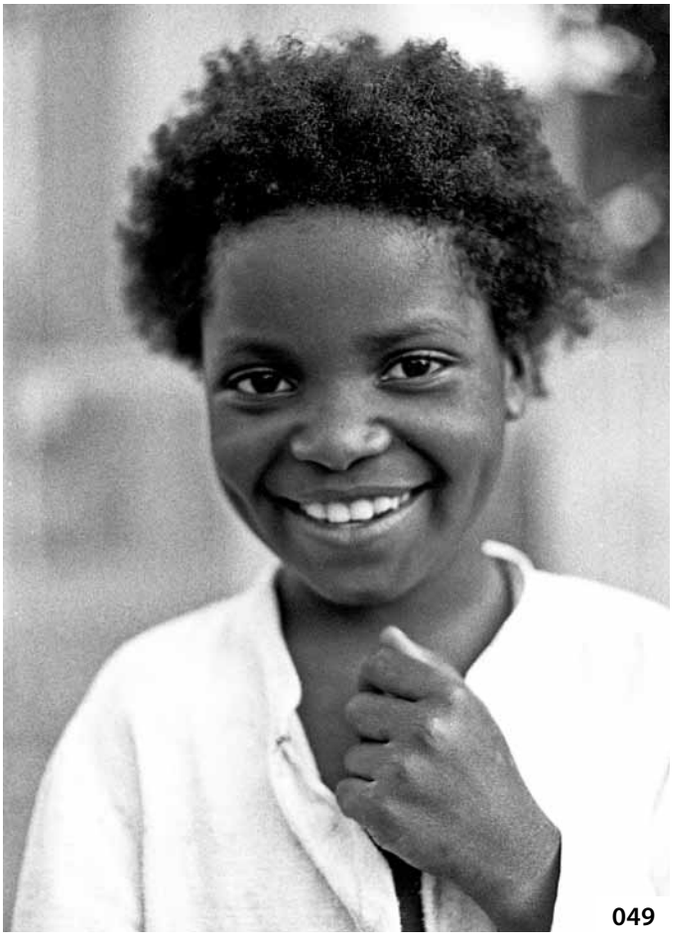
046

O filho de Jean Charles, Olivier, parece ter "pied marin" (jeito de marinheiro).

047

Jean Charles com o filho, Olivier em esplanada de Luanda.

048

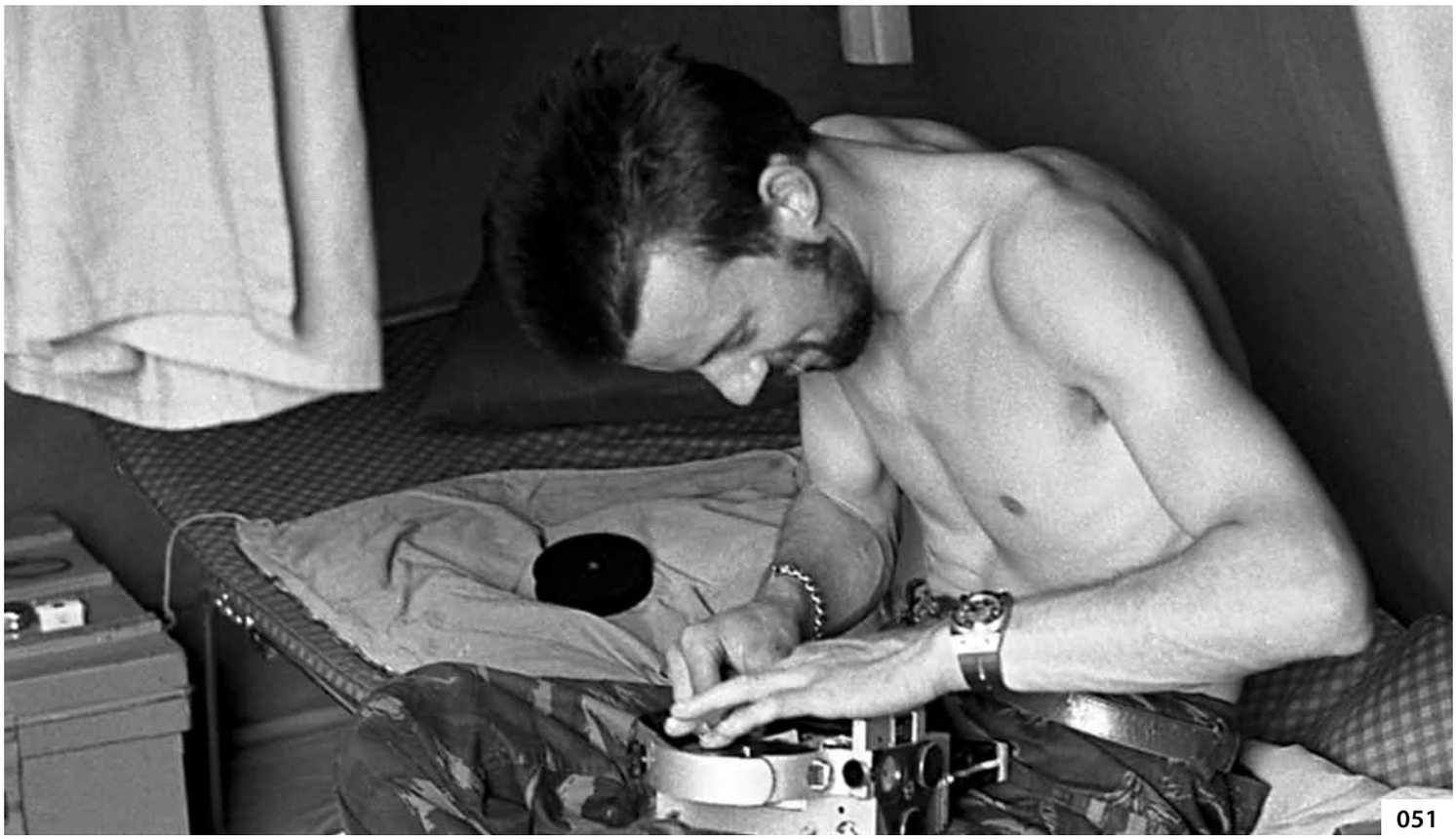


049

048-049 – **Crianças de Luanda.**

050

Jean Charles e o filho num café da marginal de Luanda.



051

Colocando os filmes na câmara fotográfica.

052

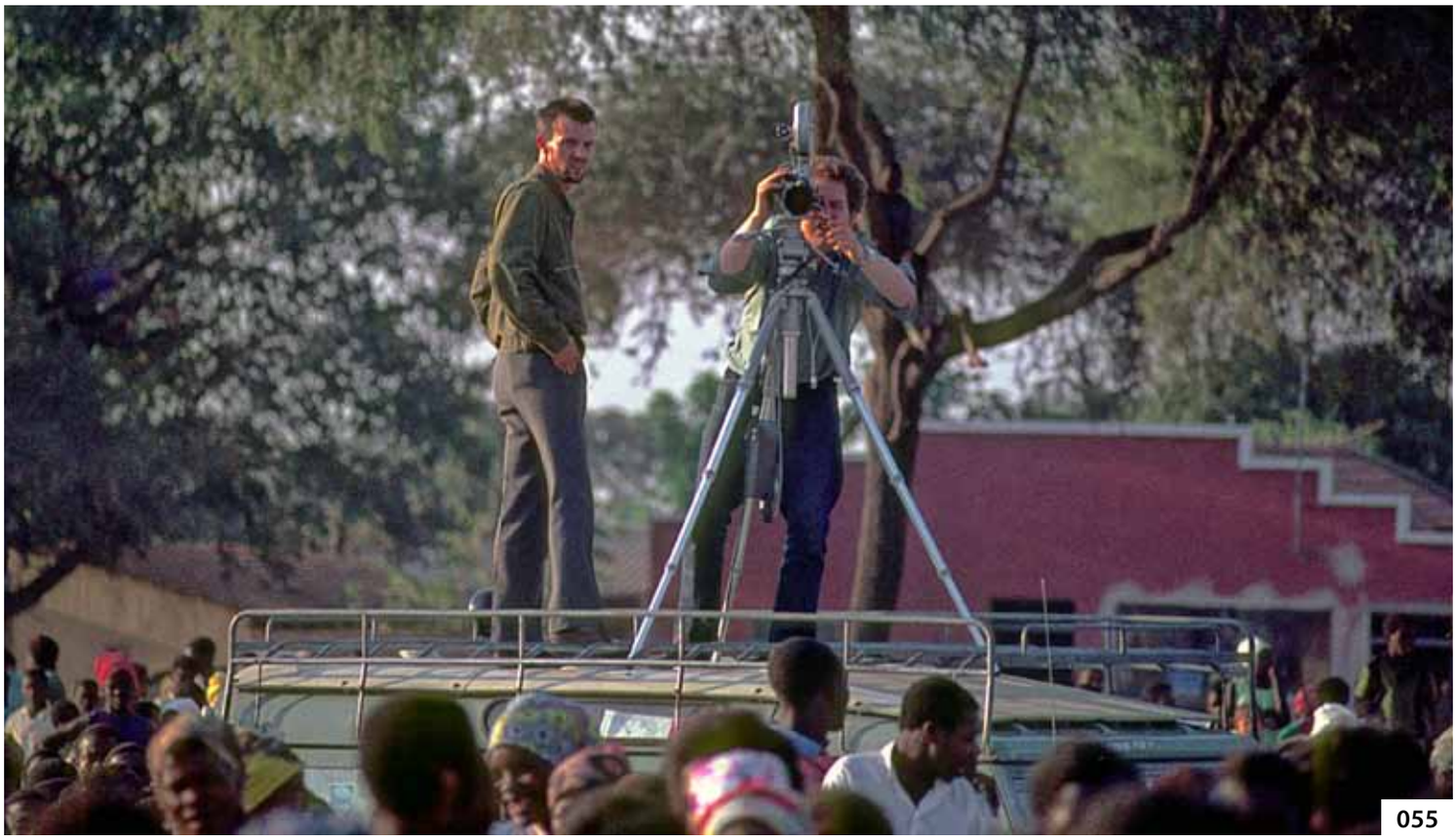
Guy em plena filmagem.

053

Olivier preparando uma cassete para enviar à mãe em Grenoble.

054

Jean Charles com um amigo cantor numa bomba de gasolina.



055

Filmagens dos vários muceques de Luanda.

056

«Vês Olivier, é assim que funciona!», explica Jean Charles ao filho.

057

Elaboração de um filme sobre a acção dos rebeldes em Angola durante os massacres da população branca e negra, em 1961, em que o nosso camarada Kosta se voluntariou como figurante.

PRIMEIRA REPORTAGEM EM ANGOLA

VIAGEM AO NORTE NA COMITIVA DO SR. GOVERNADOR-GERAL REBOCHO VAZ

058

058-059-060 – **Convidados pelo Governador-General de Angola, Coronel Rebocho Vaz, embarcámos num avião DC7 do Governo numa visita ao Norte do território.**

059

060

061

A tripulação do DC7 e da organização à frente da aeronave.

062

A equipa da imprensa e comunicação acompanhada pelo Governador nas suas deambulações.

063

063-064-065 – **O Governador-Geral com o seu ajudante de campo e alguns convidados.**

064

065

066

Os convidados com o pequeno cozinheiro que confeccionou o banquete.

067

067-068-069 – **Entronização dos novos acompanhantes do Governador, como nós erámos, que consistiu em lavarmos os pés em água salgada e em comer um pedaço de bacalhau cru.**

068

069

070

070-071 – **Em cada paragem, o Governador era cercado e aclamado pela população local.**

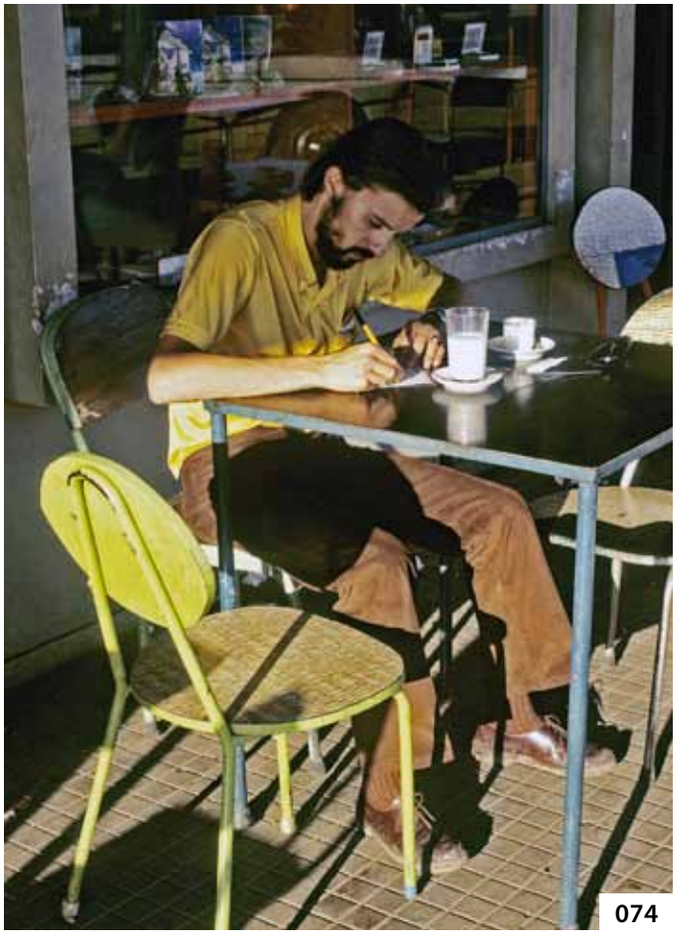
071

072

Guy e Bernard num momento de repouso no hotel.

073

Grande plano de Jean Charles.

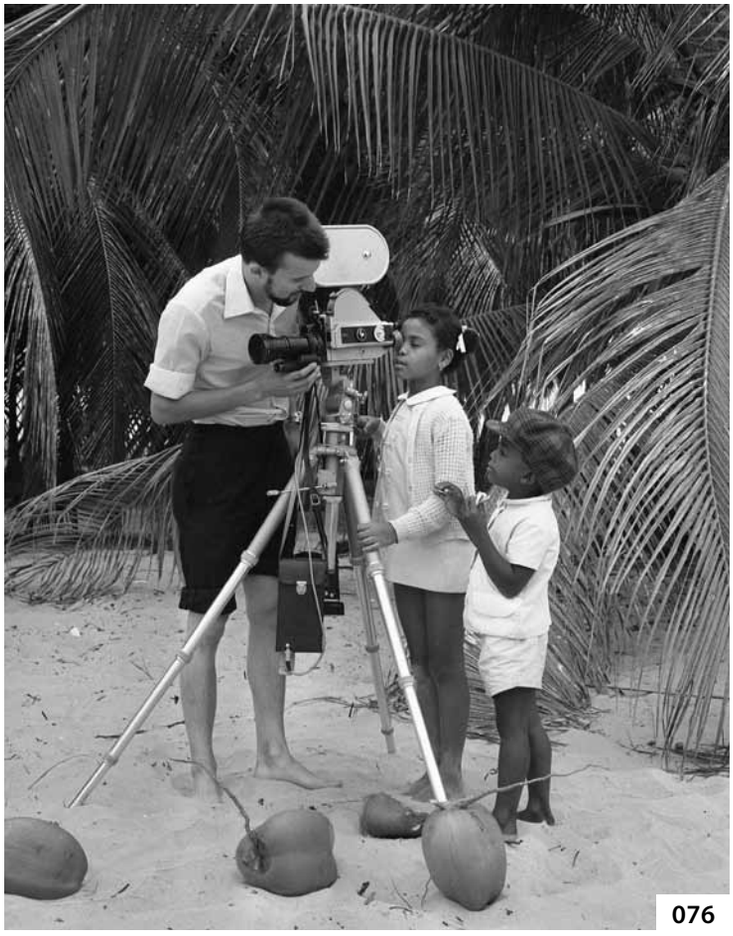


074

Guy escrevendo os seus apontamentos numa esplanada de Luanda.

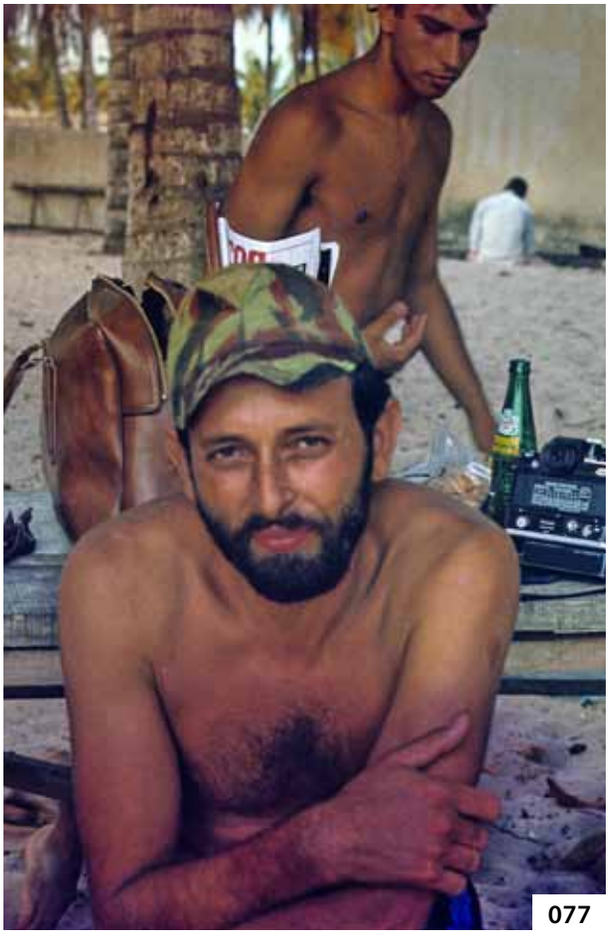
075

Explicando o que continha uma cassete a Ana Maria.



076

A curiosidade das crianças em saber o que se via através da câmara de filmar.



077

Jean Charles na praia com um "quico" do Exército português.

078

A agência da Land-Rover de Luanda ofereceu-nos generosamente um reforço de equipamento e o chefe do stand ocupava-se da manutenção do nosso veículo.

079

Embarque num helicóptero do Exército para captar uma visão geral da capital.

080

Jean Charles preparando a Linhof sobre o tripé.

081

No antigo porto pesqueiro, a Michu, uma grande amiga de toda a equipa.

082

Um engraxador nas ruas de Luanda.

083

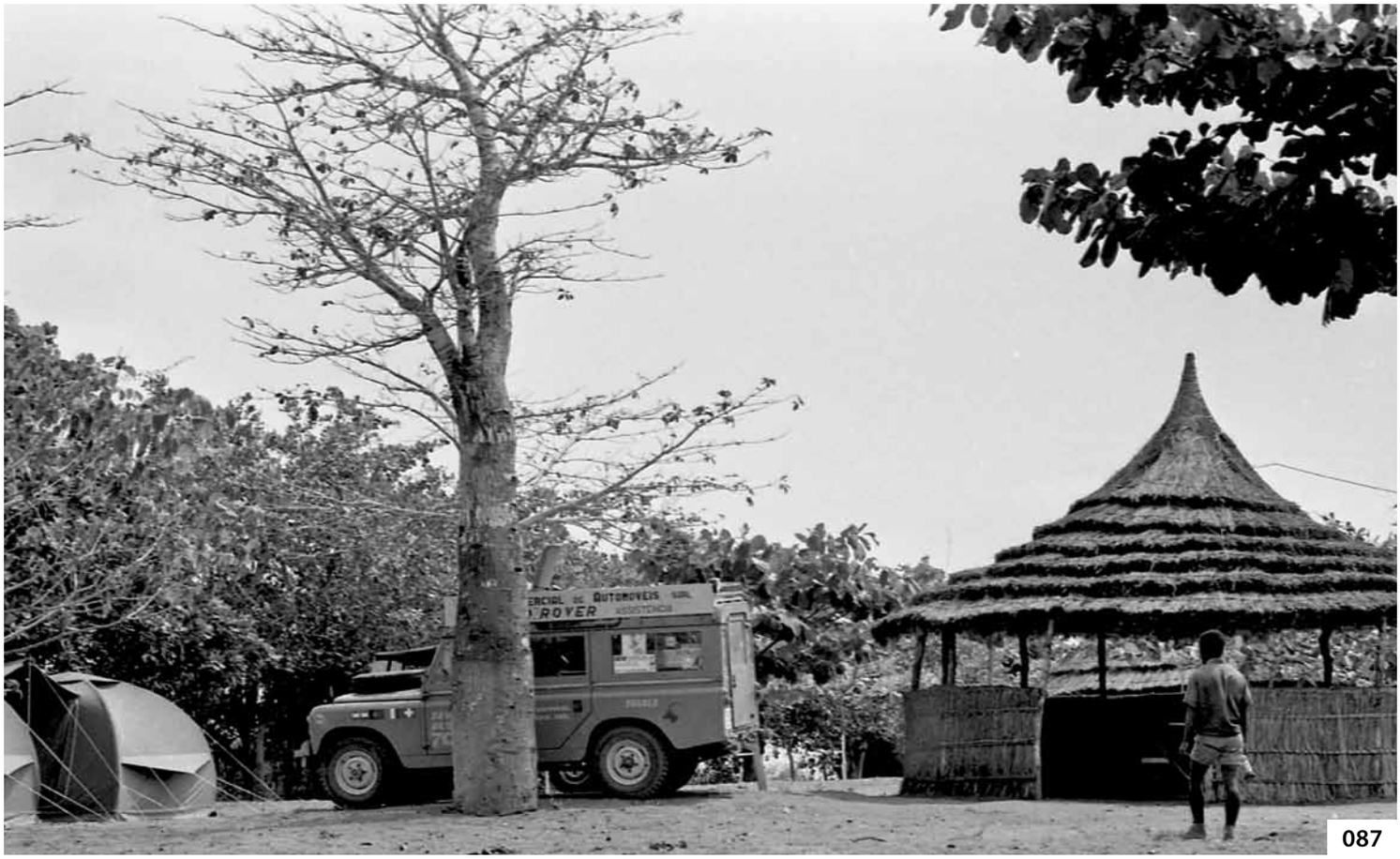
083-084-085 – **O grande mercado popular de Luanda oferecia uma diversidade de produtos onde toda a gente se abastecia**

084

085

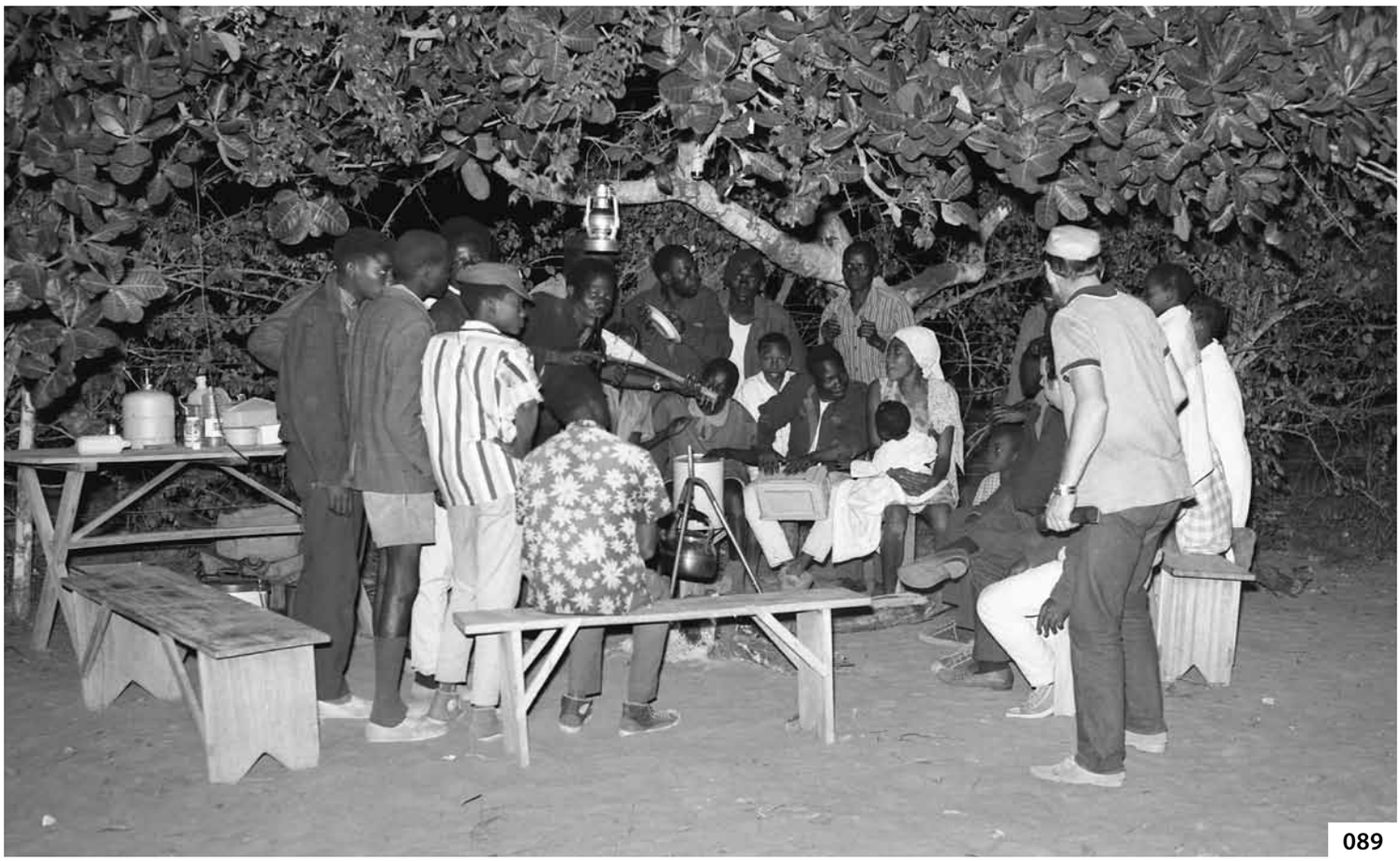
086-087-088 – **A recepção da reserva natural de Quiçama permitiu que instalássemos o acampamento com as nossas tendas insufláveis da marca IGLO.**

086



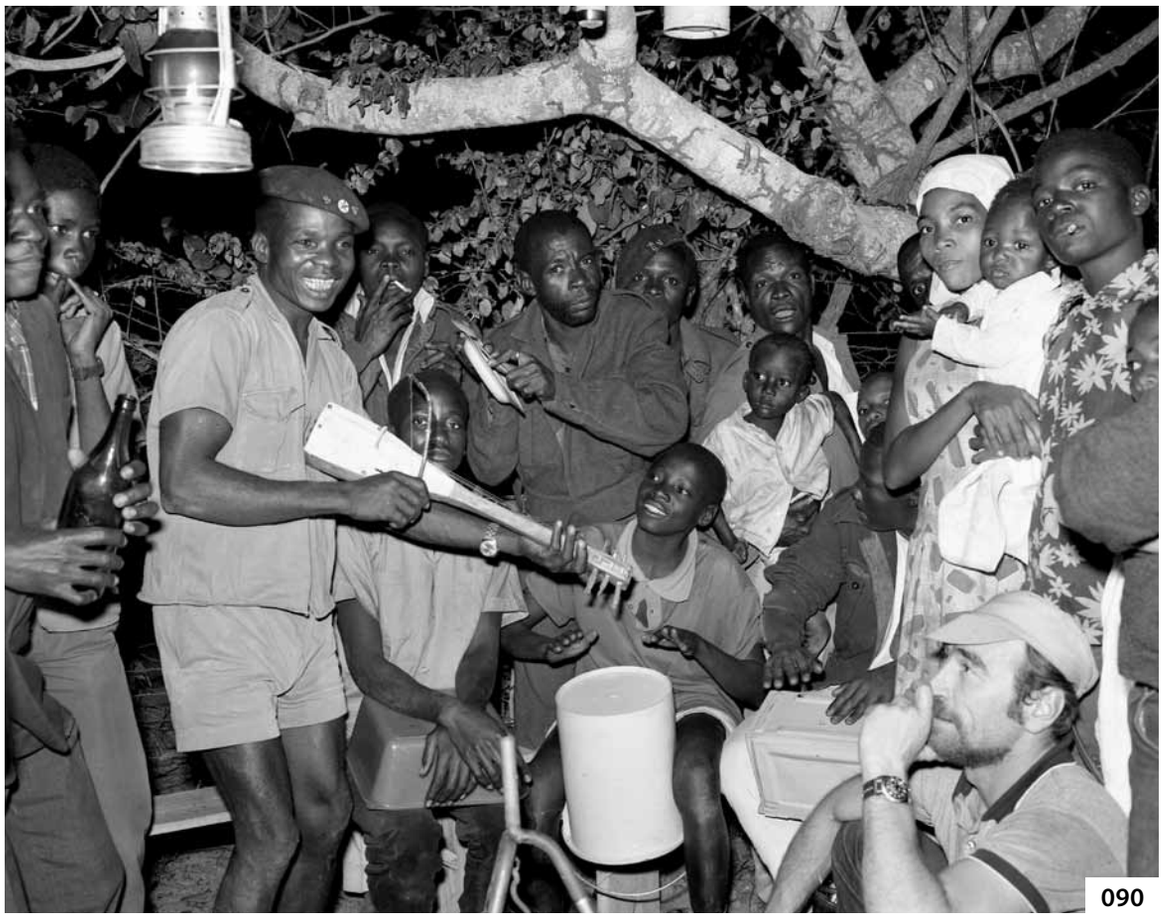
087

088

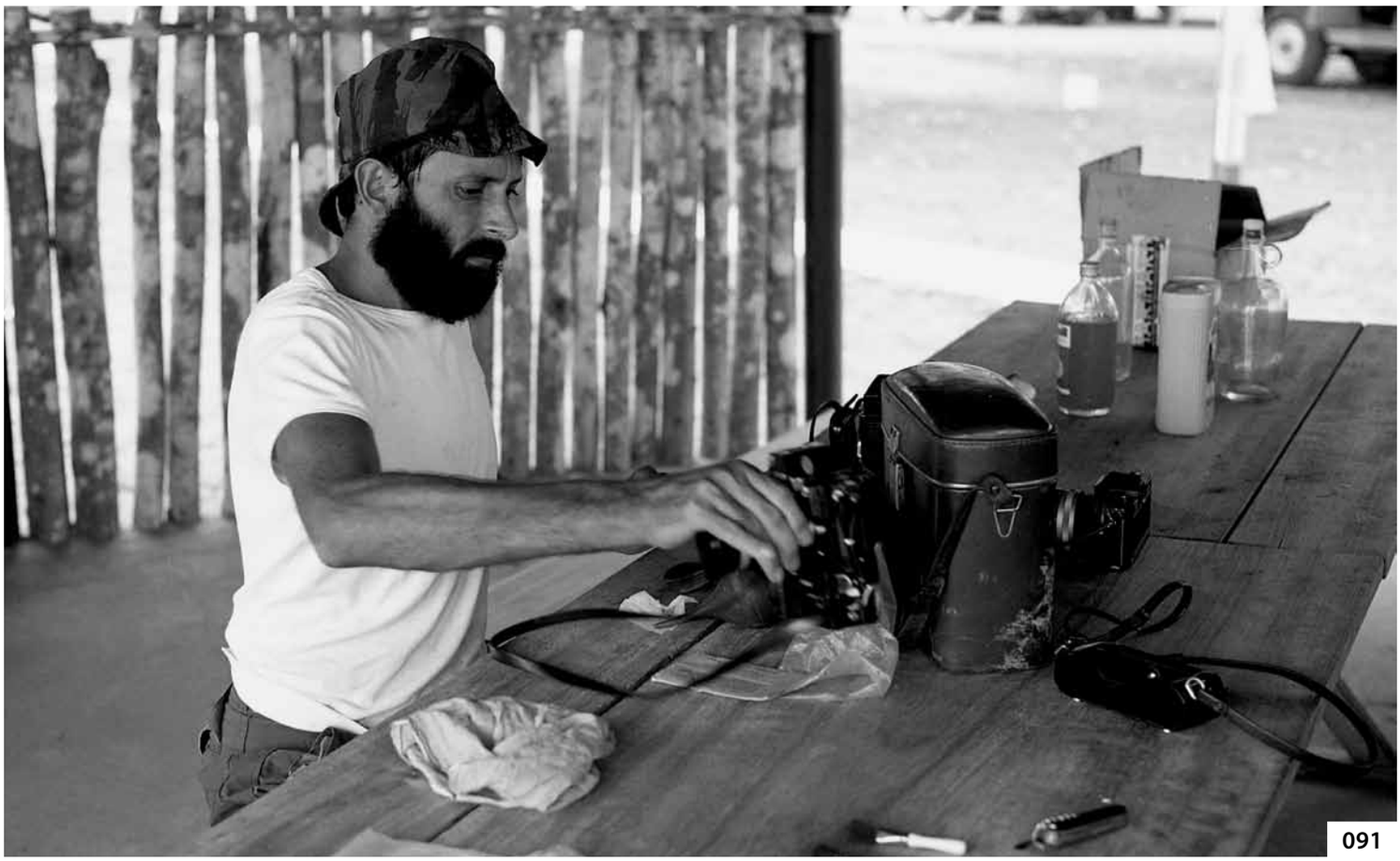


089

089-090 – **No nosso acampamento foi uma festa com música, cantares e danças com os guardas da reserva, os guias e seus familiares.**



090



091

Antes de partir em reportagem, a preparação e controlo do material eram indispensáveis.

092

Um imbondeiro, a árvore-do-pão, rei nesta reserva.

093

093-094-095-096-097-098-099 – **A nossa pequena todo-o-terreno Hafflinger posta à nossa disposição pela agência angolana Push era uma verdadeira mula de carga que andava por todo o lado.**

094

095

096

097

098

099

100

A nossa Land-Rover de oito cilindros era o transporte ideal para aproximar os animais, por não fazer quase nenhum ruído.

101

Algures numa picada da Quiçama.

102

103

102-103 – **A Michu na Quiçama.**

104

A passagem pelo capim alto não era nada fácil, era mesmo perigosa, porque não nos permitia ver os animais que estivessem deitados, como as pacaças.

105

O nosso guia, o Pedro, com a mulher e o filho.

106

Filmando as pacaças que dificilmente nos deixavam aproximar.

107

107-108 – **Estando sobre a capota do Land-Rover era mais fácil localizar os animais.**

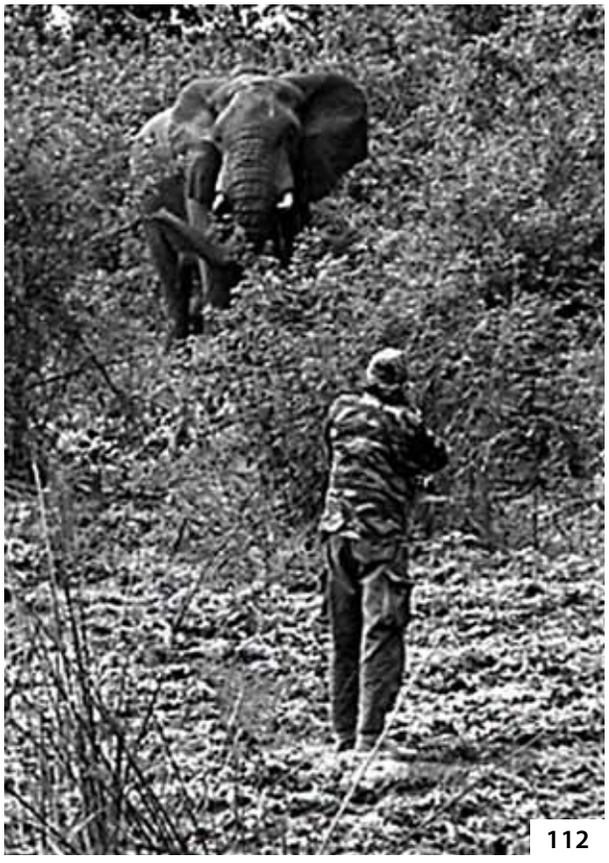
108

109

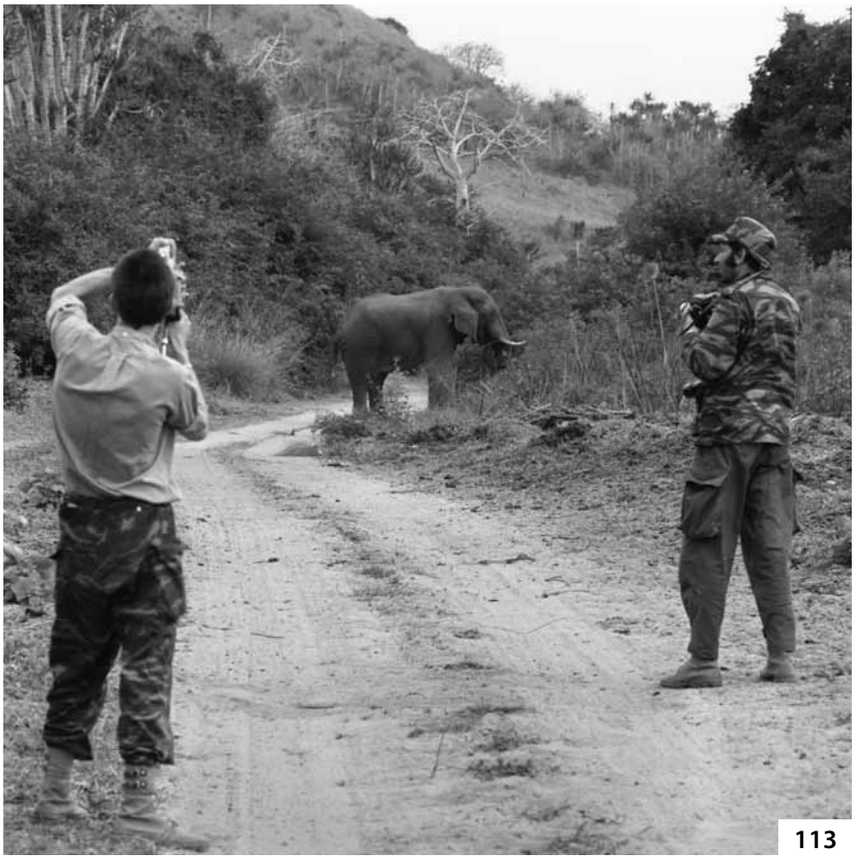
110

109-110-111-112-113-114-115-116 – **A aproximação aos elefantes, neste parque, era delicada, pois eram muito vingativos.**

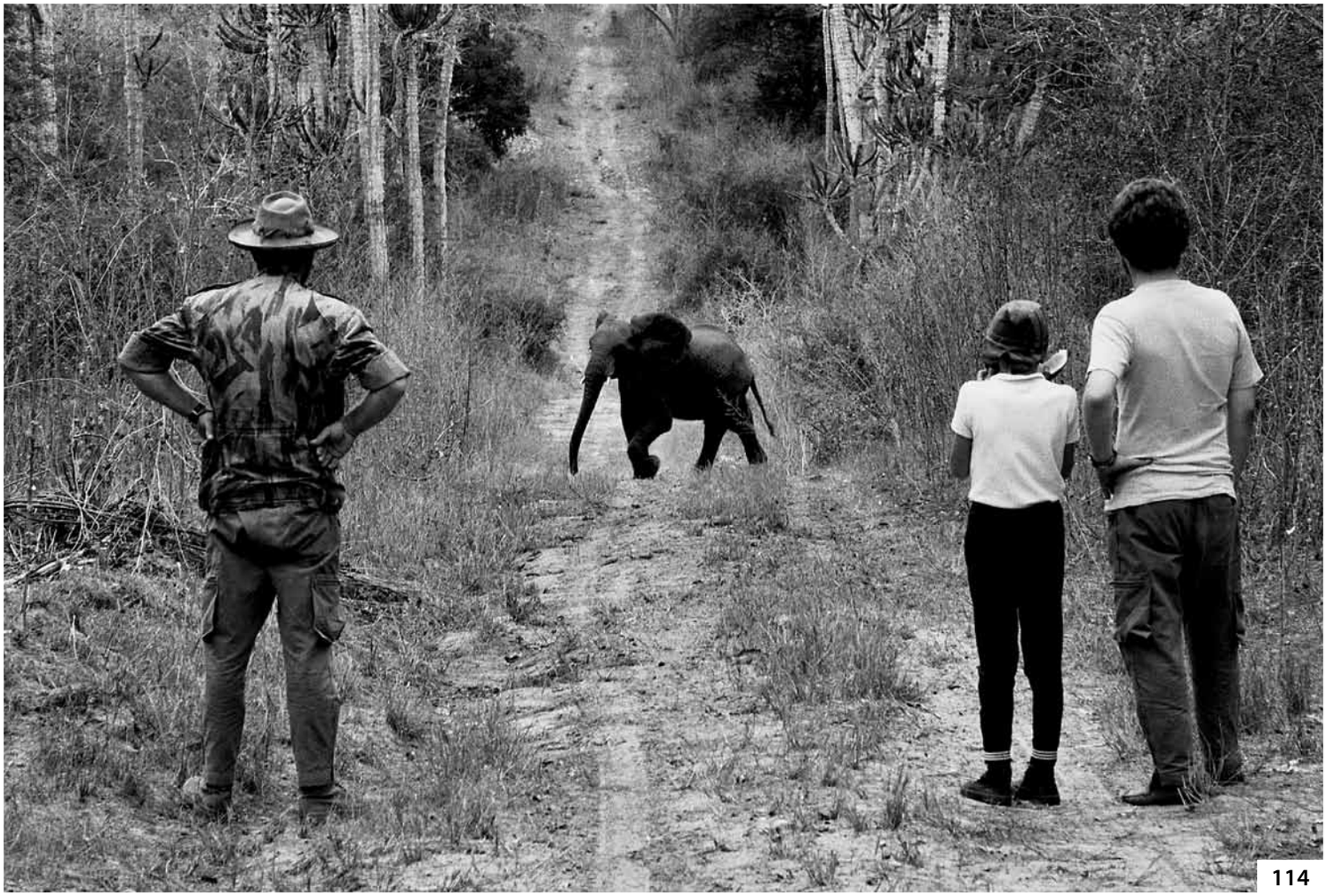
111



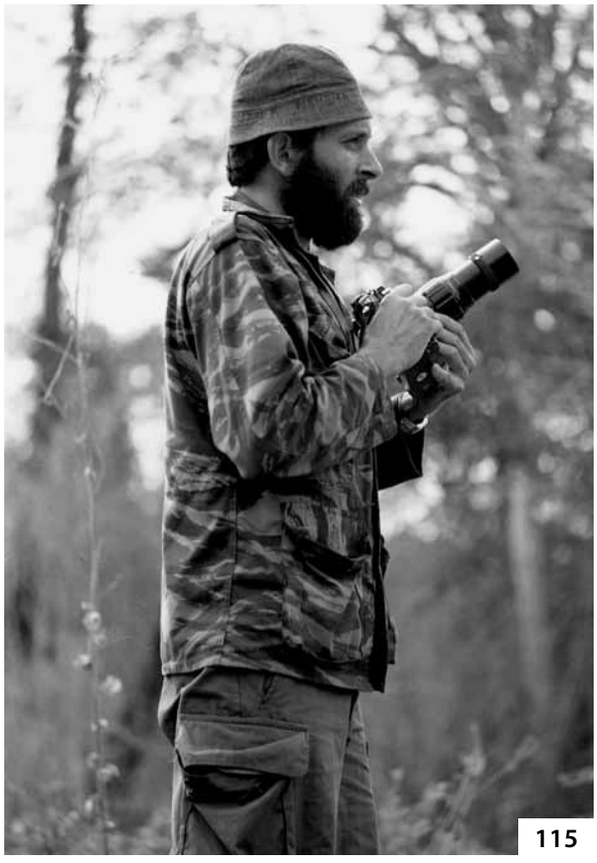
112



113



114

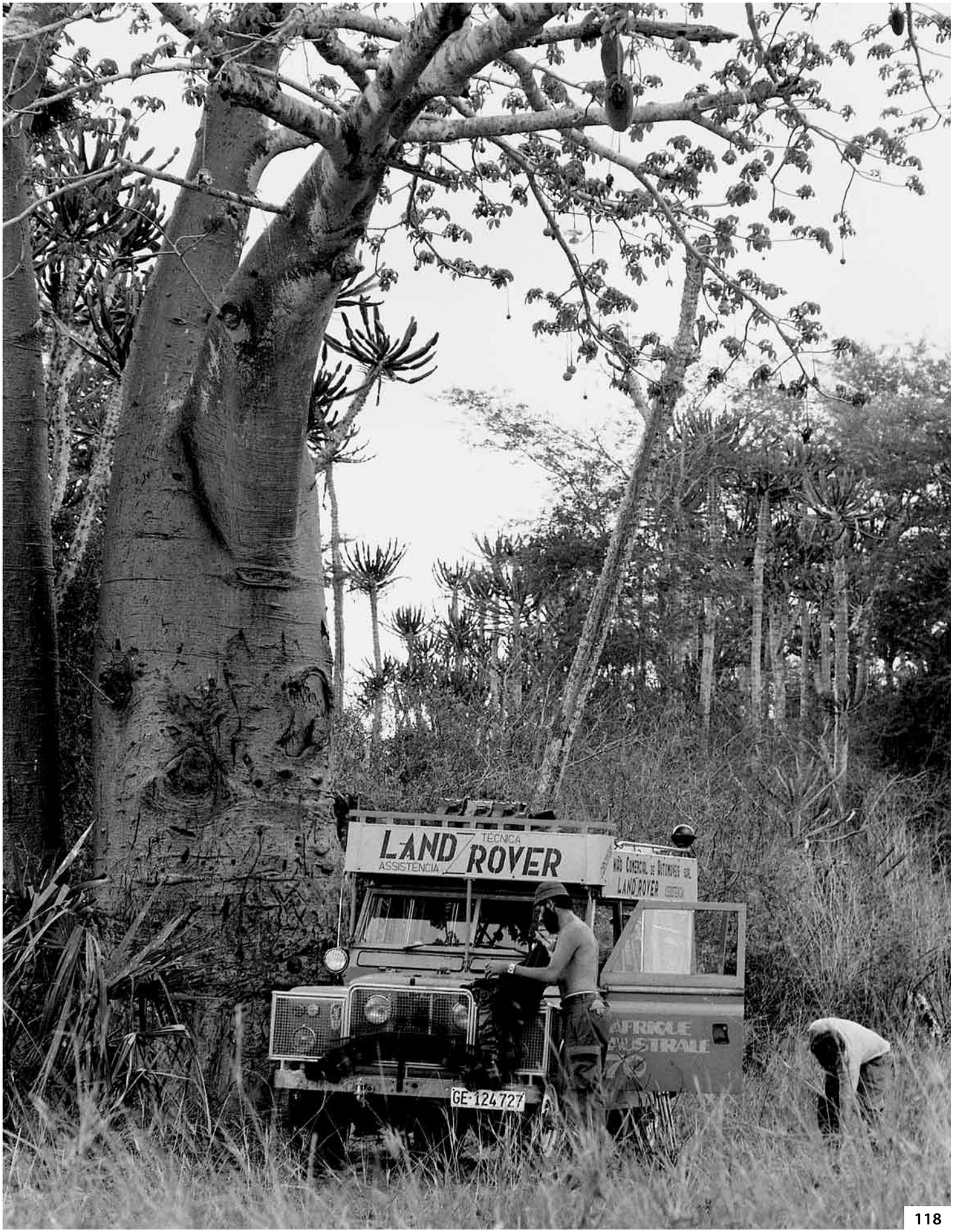


115

116

117

Uma paragem à sombra de um imbondeiro, para filmagens.



118

Num monte com o Land-Rover junto a um imbondeiro.

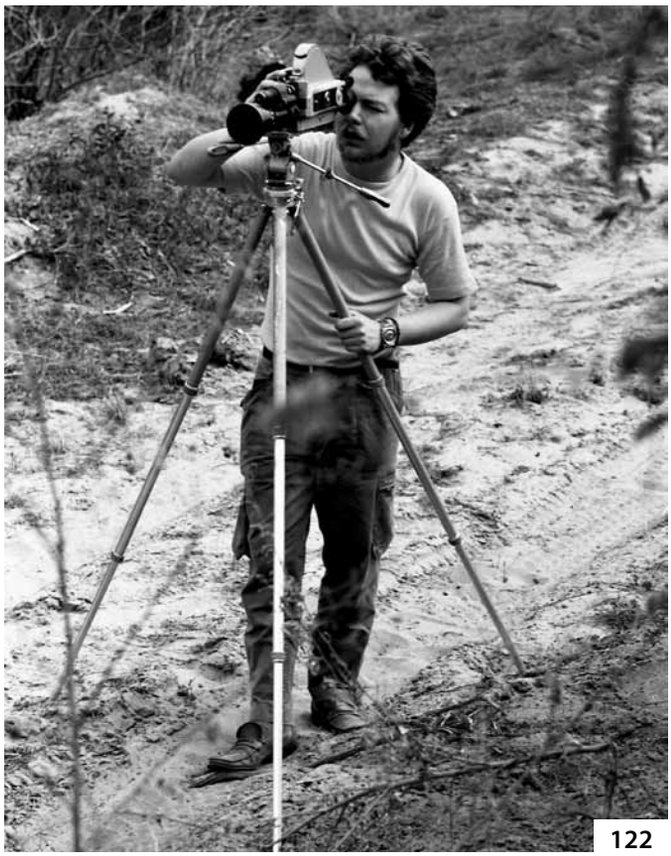
119

119-120 – **O nosso guia e Olivier estavam à espreita (vigilantes).**

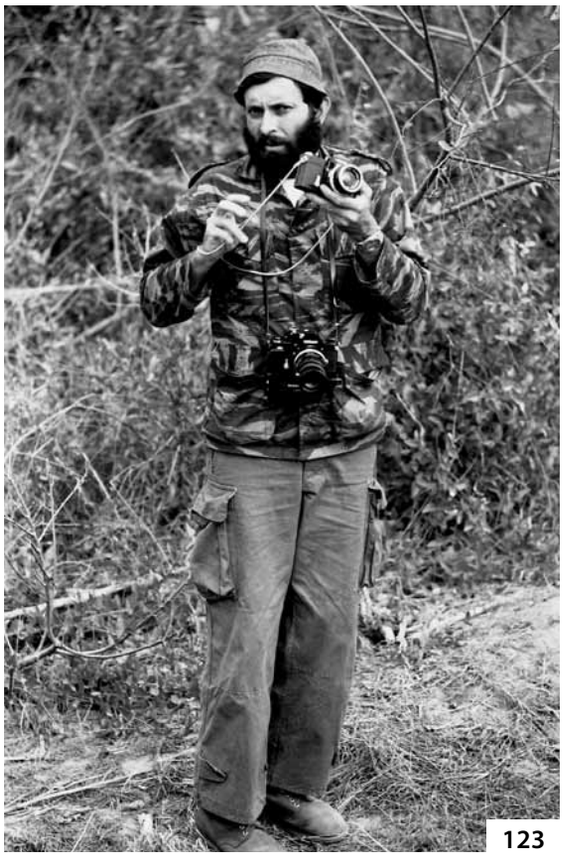
120

121

Jean Charles, Bernard e o nosso guia numa paragem para comer um farnel.



122



123

122-123 – **Bernard e Jean Charles em plenas filmagens.**

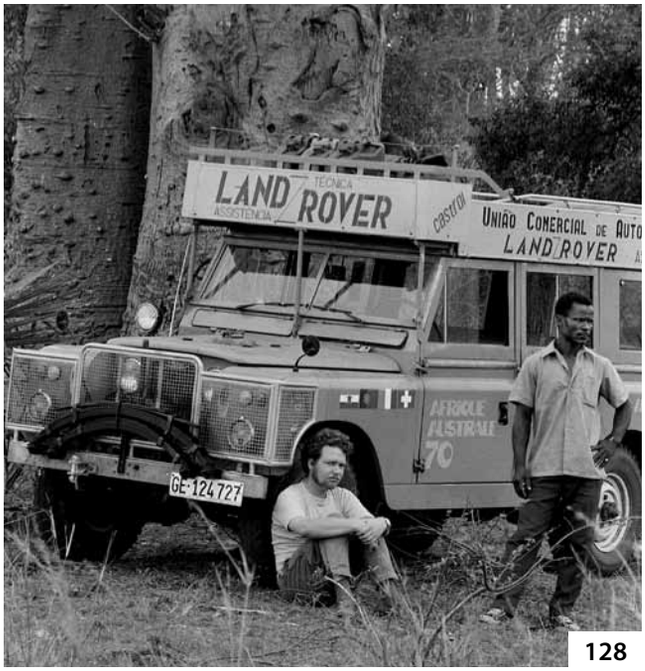
124

125

126

124-125-126-127-128 – **Durante as horas de maior calor, a meio do dia, podíamos descansar o que apreciávamos muitíssimo.**

127



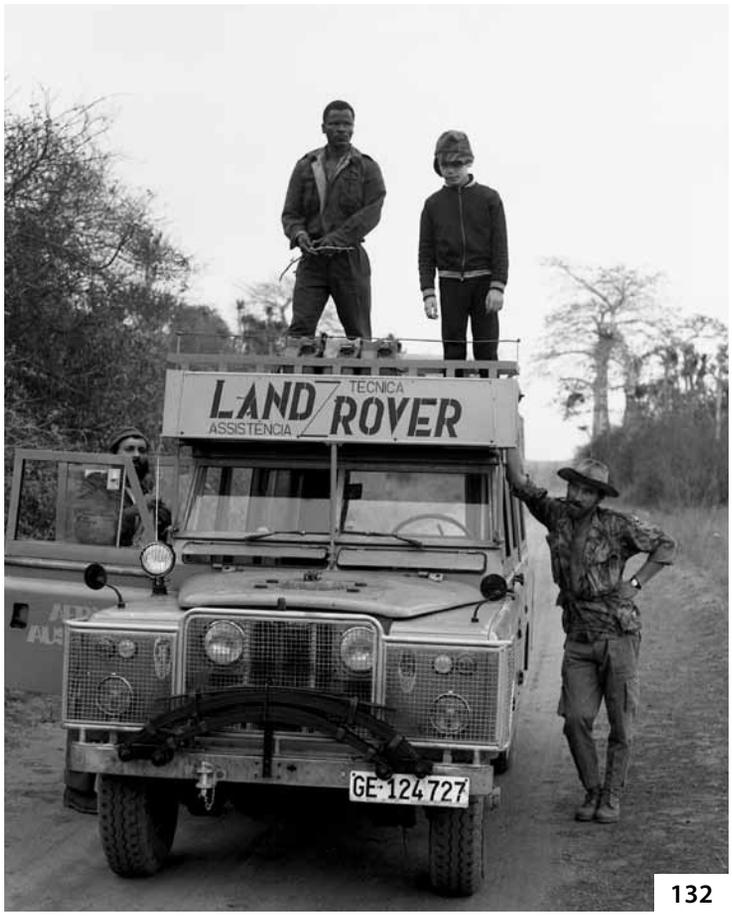
128

129-130-131 – **Emboscados para tentar captar algumas fotos dos animais.**

129

130

131



132

133

132-133 – **O nosso guia em cima da capota do Land-Rover para avistar melhor os animais.**

134

A única e extraordinária flora do Parque da Quiçama.

135

A travessia do rio Cuanza,em Bom Jesus, de acesso ao Parque da Quiçama só se podia fazer numa jangada.

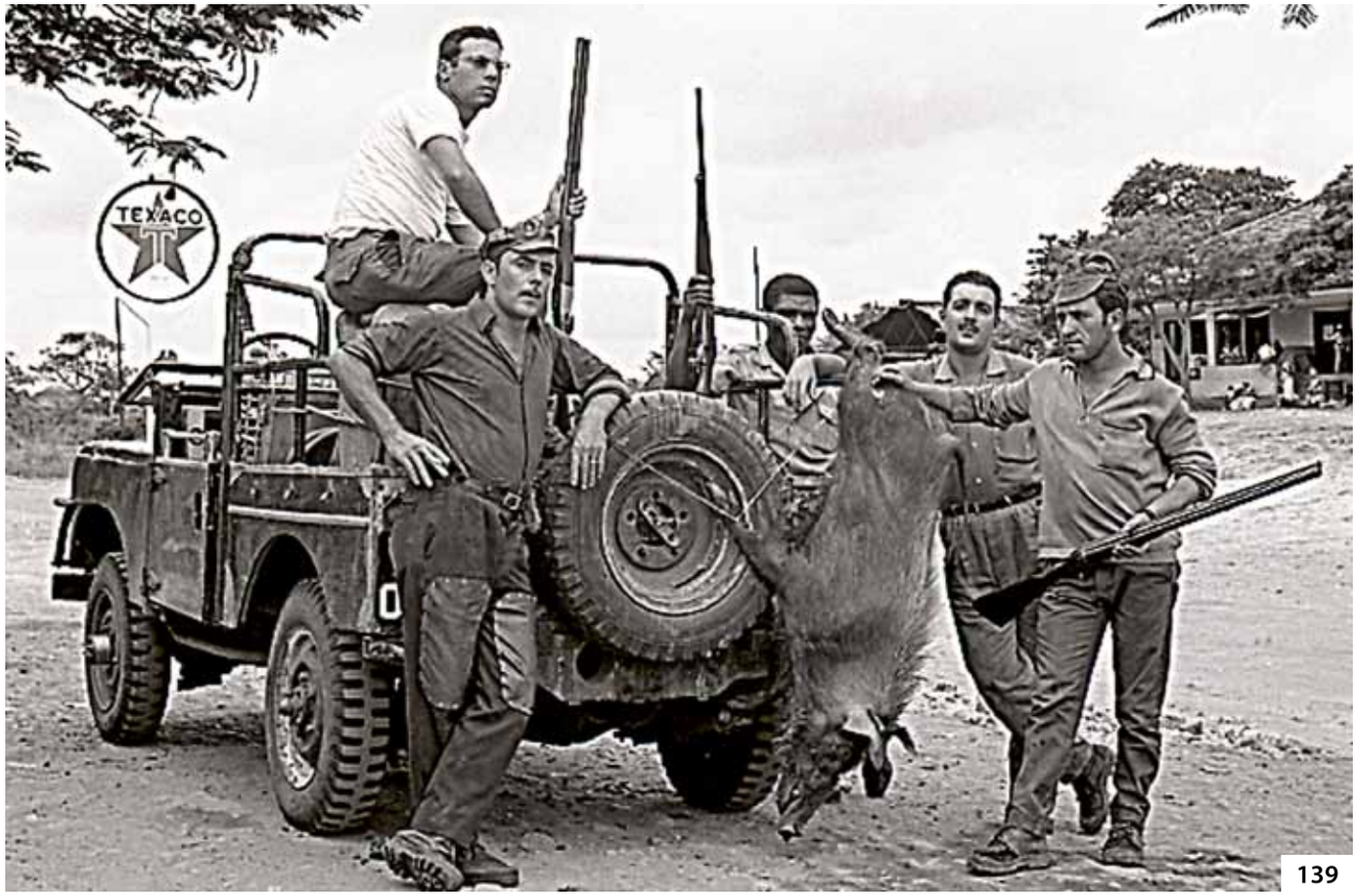
136

No barco dos Fuzileiros, a grande velocidade, numa volta pelo rio Cuanza.

137

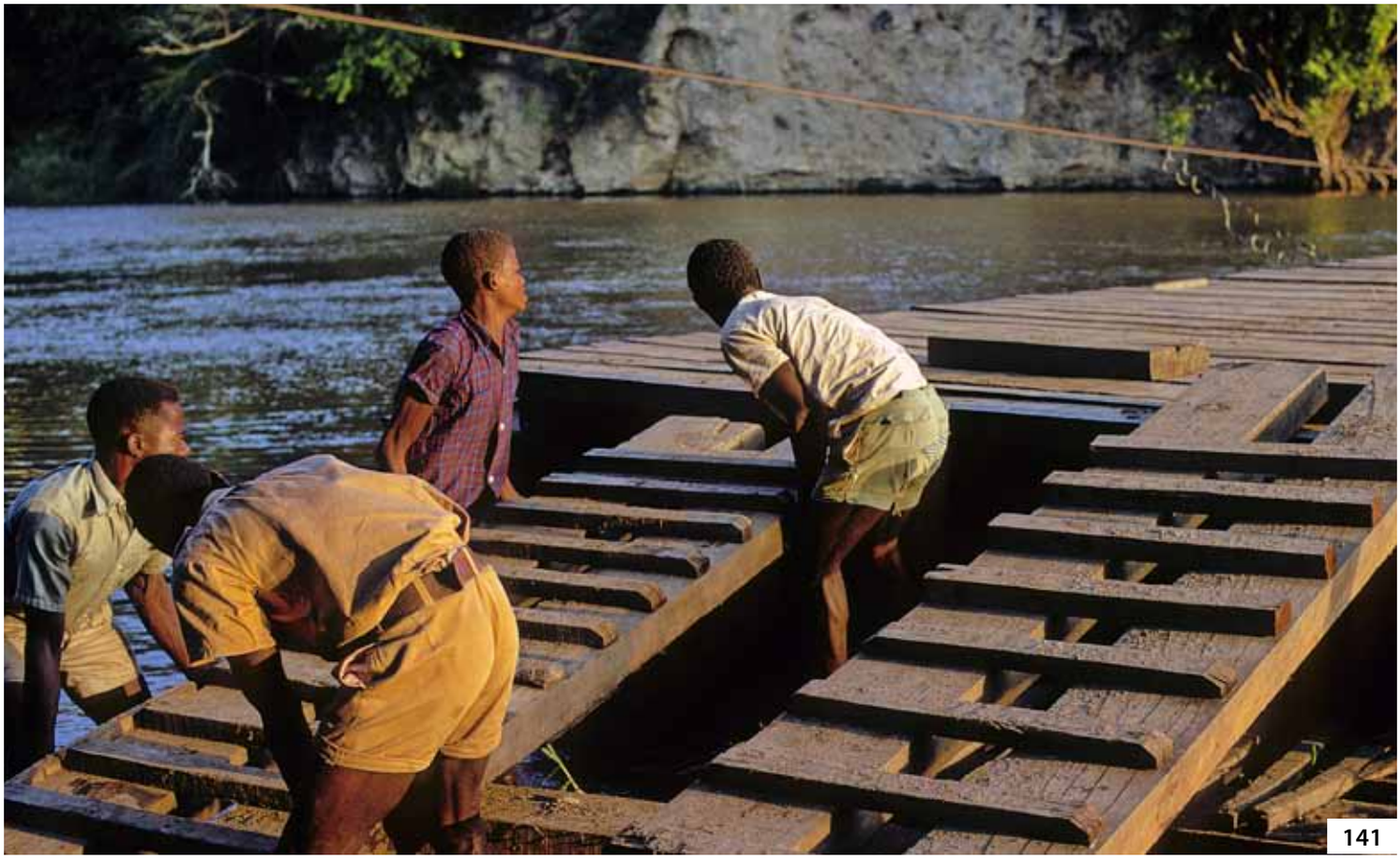
137-138-139-140 – **Às portas de Luanda com um grupo de caçadores parados para controlo policial.**

138



139

140



141

141-142-143-144-145-146 – **Para chegar à reserva da Cangandala tínhamos de apanhar uma jangada para atravessar o rio Cuíje.**

142

143

144

União Comercial de Automoveis
LAND ROVER
ASSISTÊNCIA
LAND ROVER

145

LAND ROVER

146

147

147-148 – **Com as fortes chuvadas, o rio saiu do seu leito inundando as estradas, tornando a progressão muito difícil.**

148

149

149-150 – **Dirigimo-nos até à região das Pedras Negras, próxima da vila de Pungo-Andongo, onde os trilhos estavam em mau-estado, mas secos.**

150

151

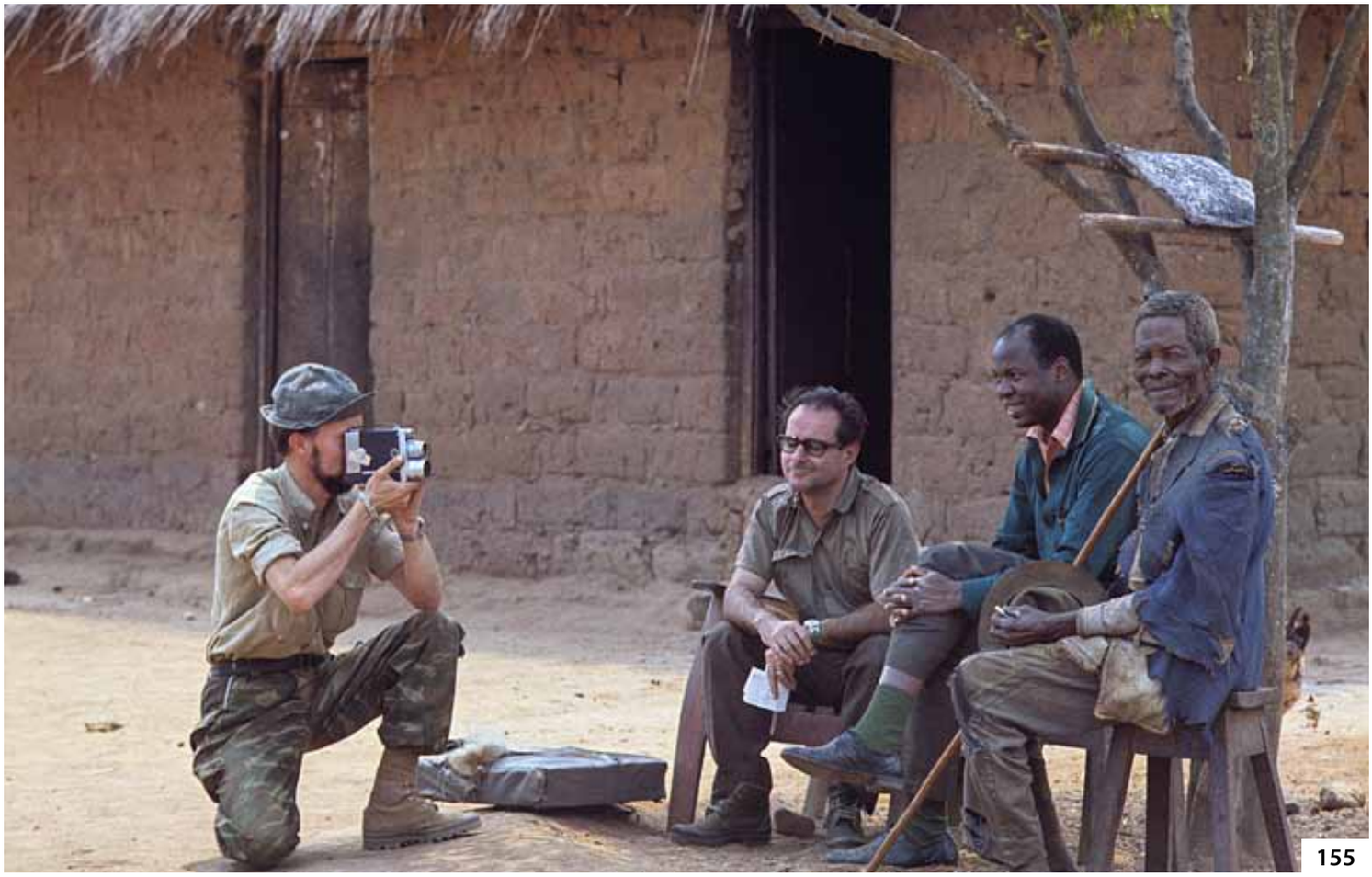
151-152 – **Era muitas vezes preciso encher os enormes buracos com ramos para se poder passar, uma tarefa de que o Bernard e o etnólogo Dr. Lagriffa, que nos acompanhava, se encarregavam.**

152

153

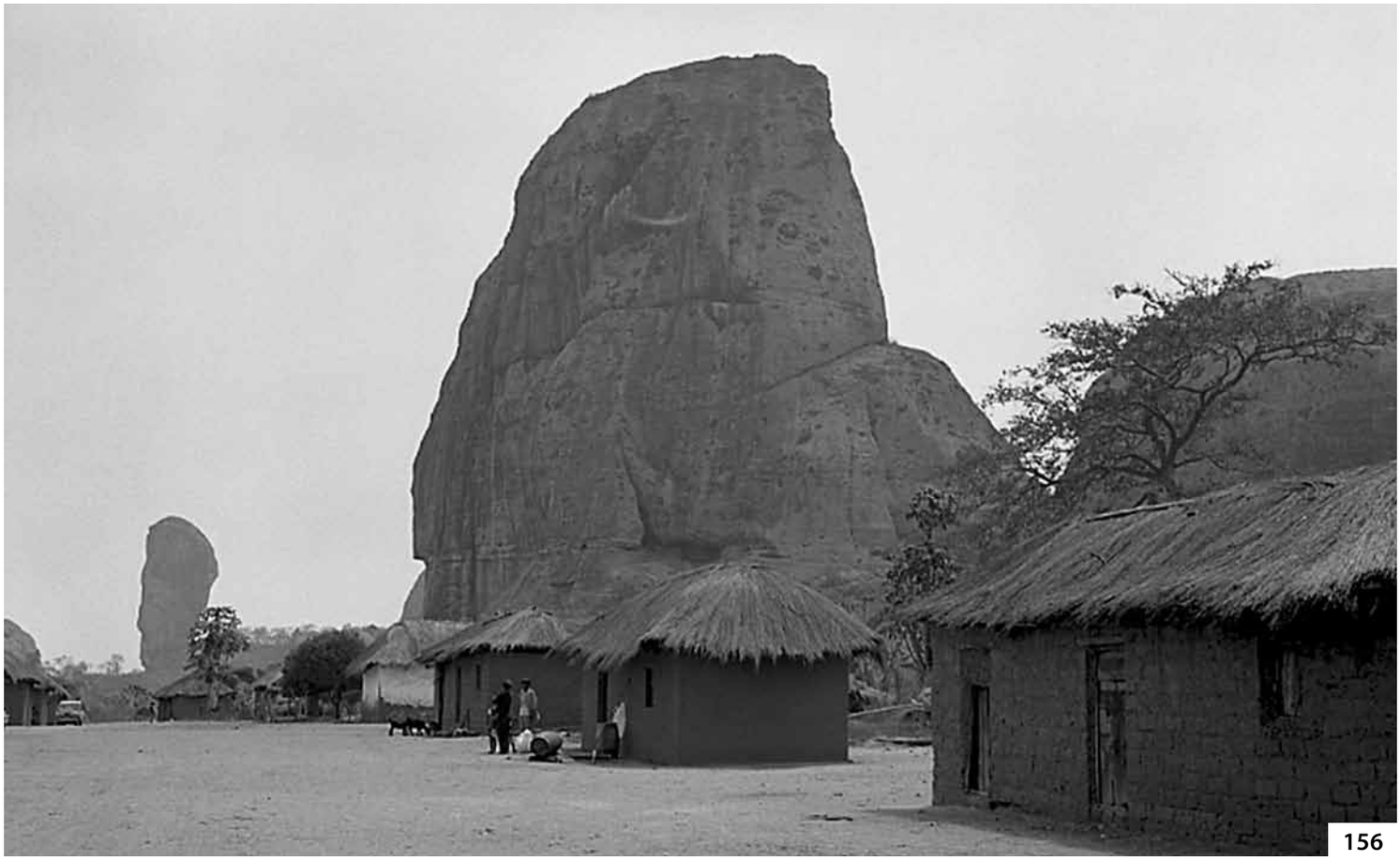
153-154 – **A região de Pedras Negras era magnífica com as suas majestosas rochas.**

154



155

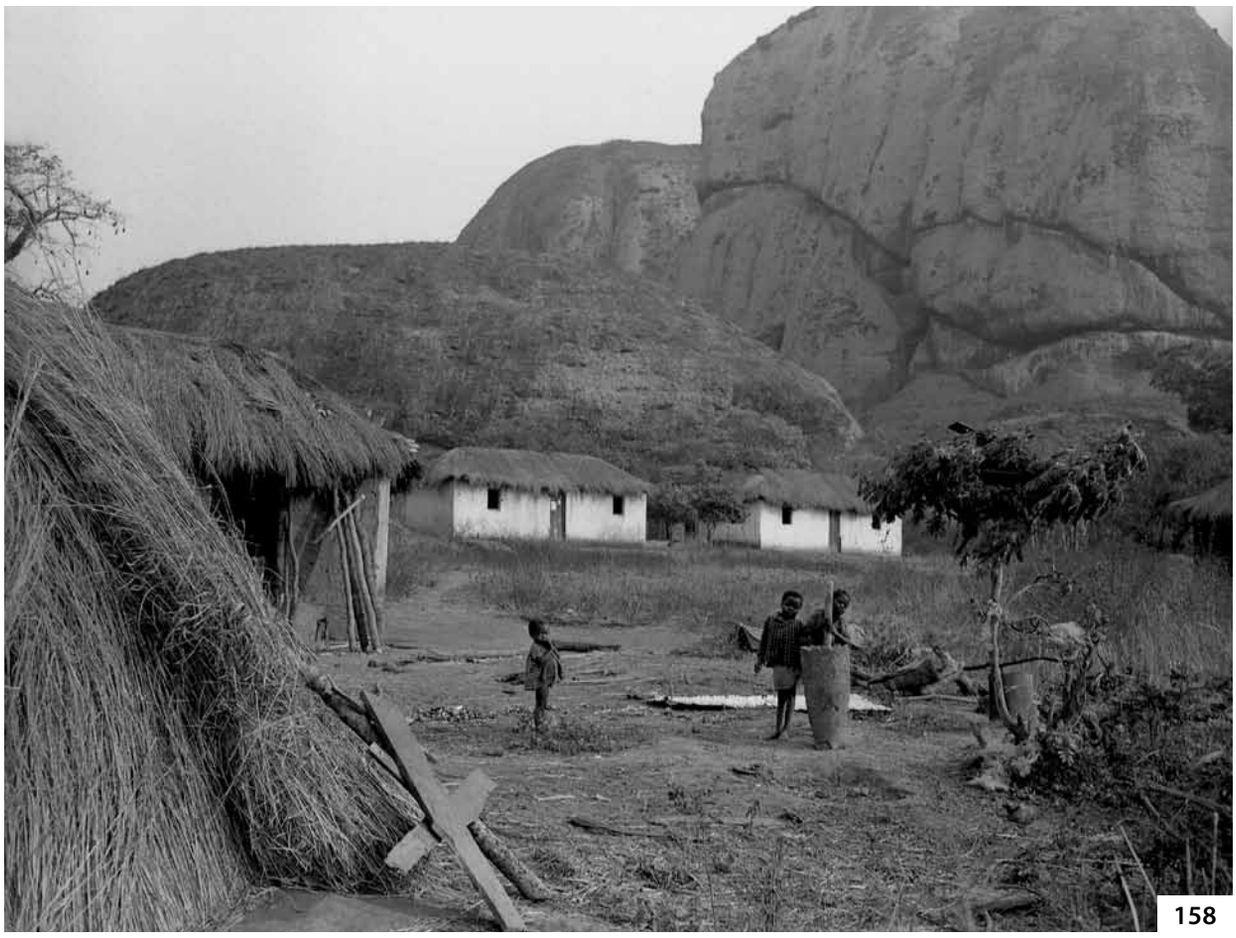
O nosso guia e o etnólogo Dr. Lagriffa recebidos pelo chefe da povoaçao da Quitota.



156

156-157-158 – **Algumas vistas da aldeia da Quitota.**

157



158

159

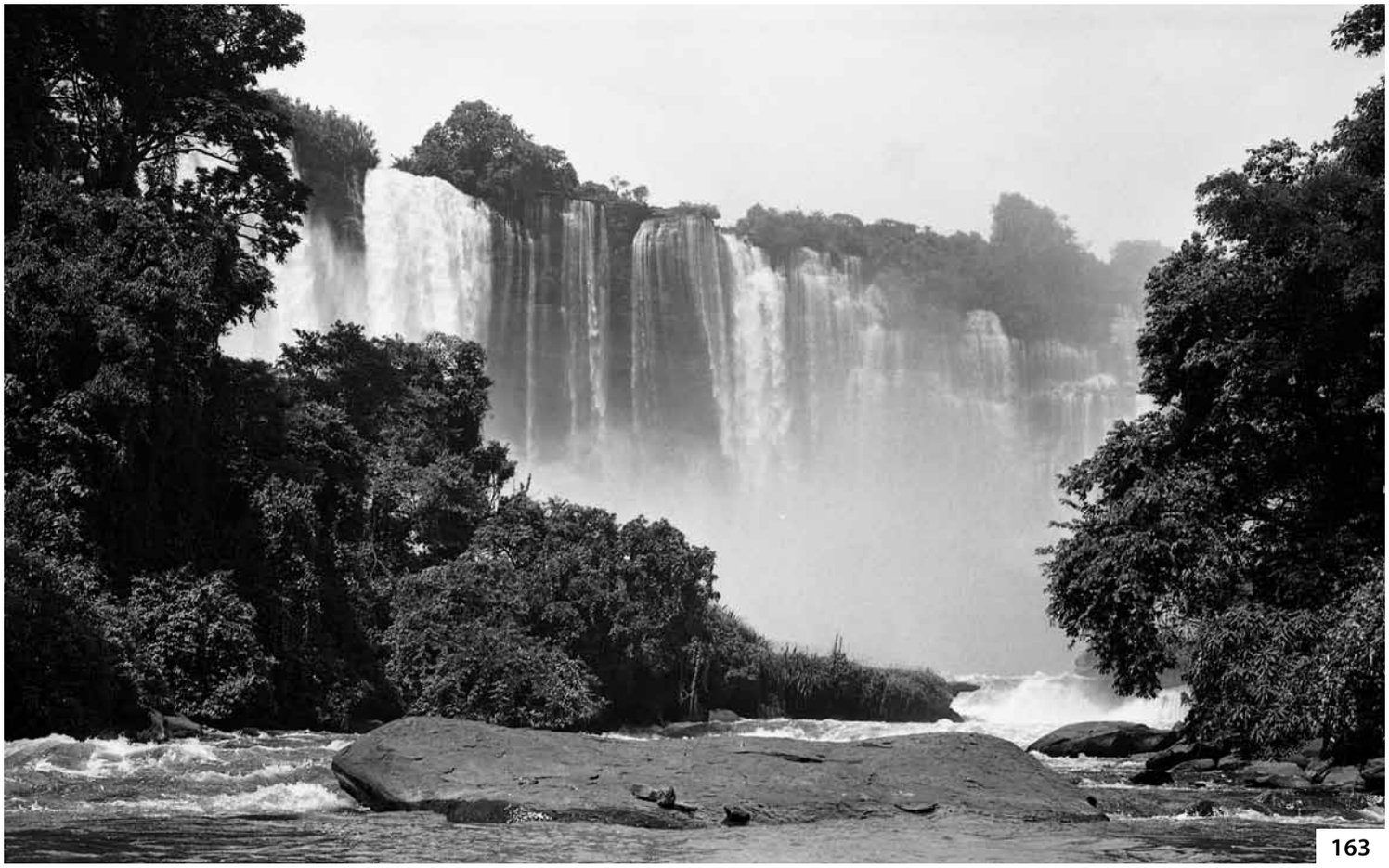
159-160 – **Nos arredores das quedas de Duque de Bragança.**

160

161-162-163-164-165 – **O forte fluxo do rio Luando e a sua imensa queda de água que era o ponto turístico mais importante e espectacular de Angola: as quedas de Duque de Bragança.**

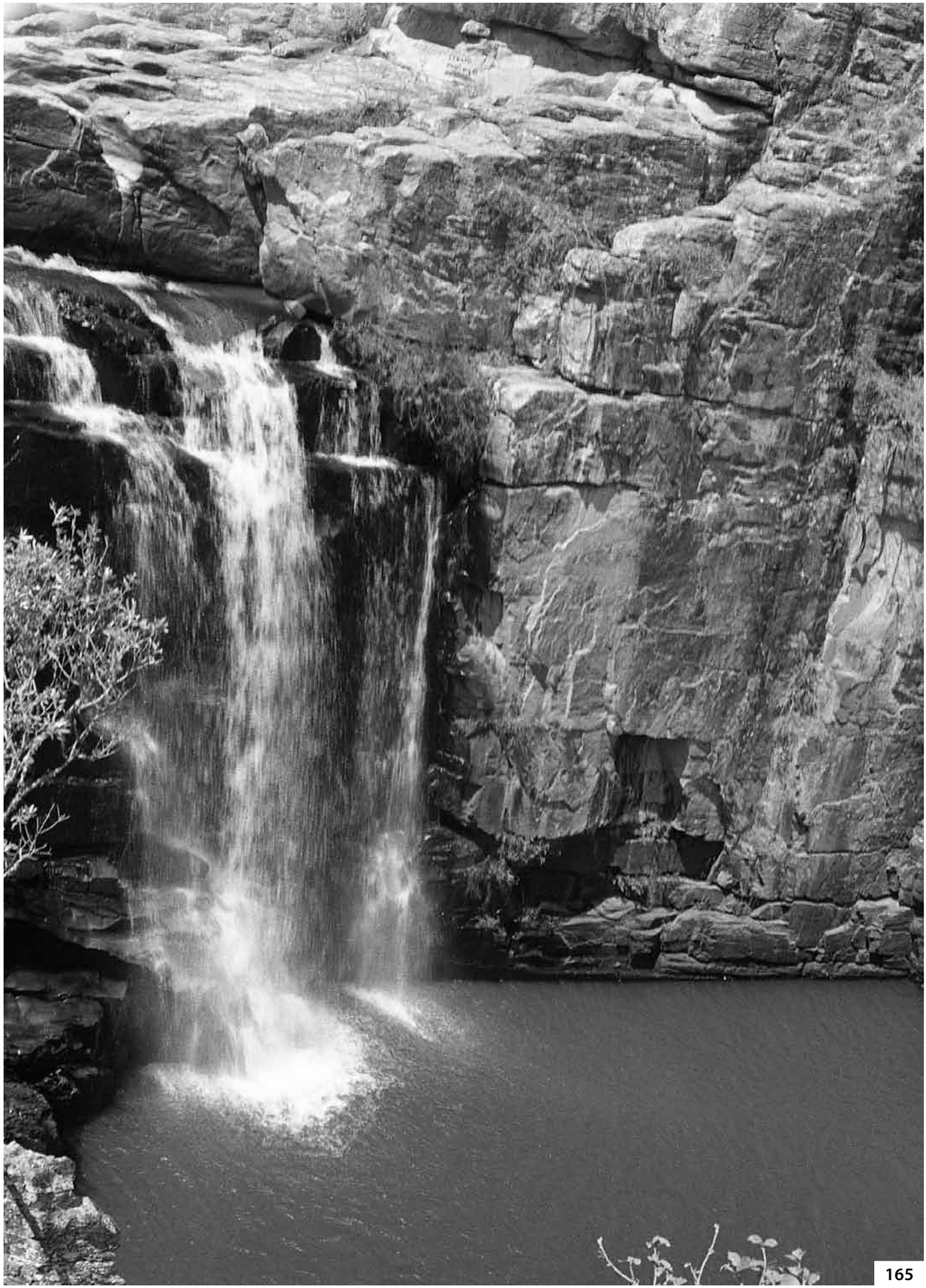
161

162



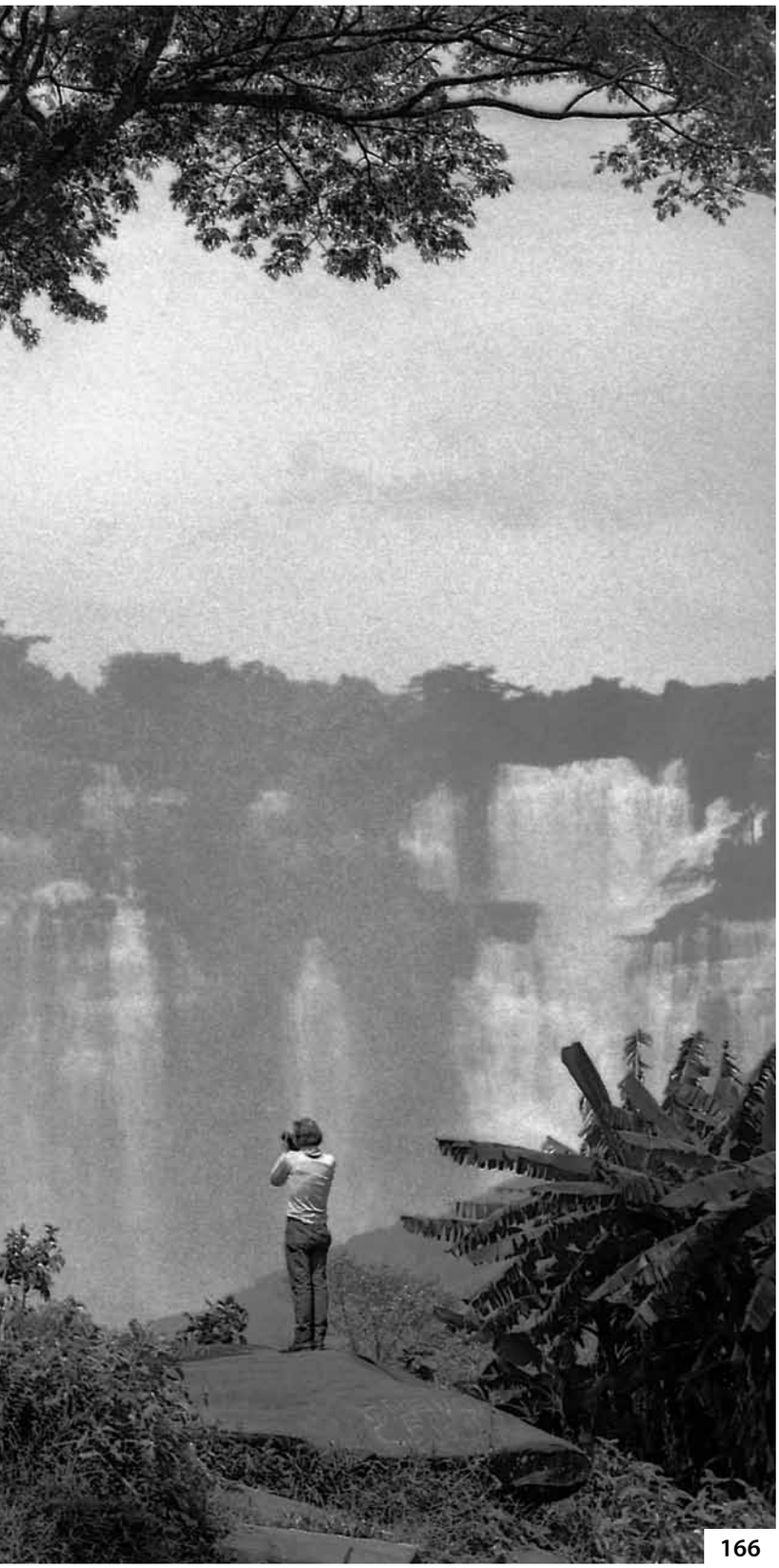
163

164

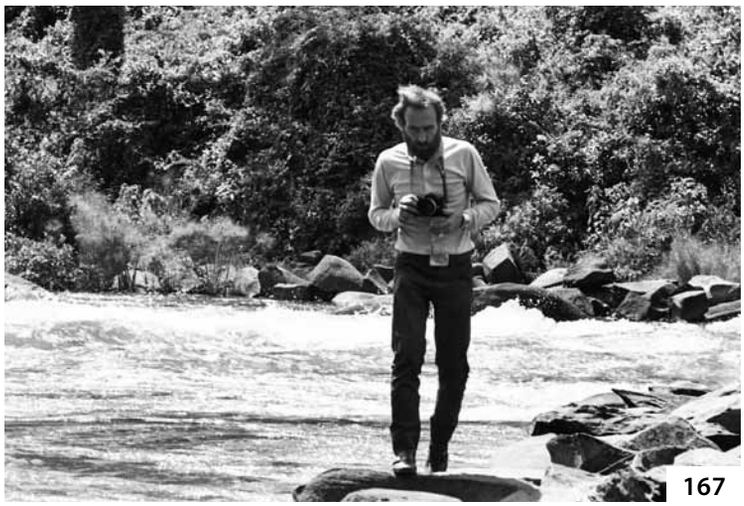


165

166-167 – **Kosta com a sua Nikon fotografando as quedas.**



166



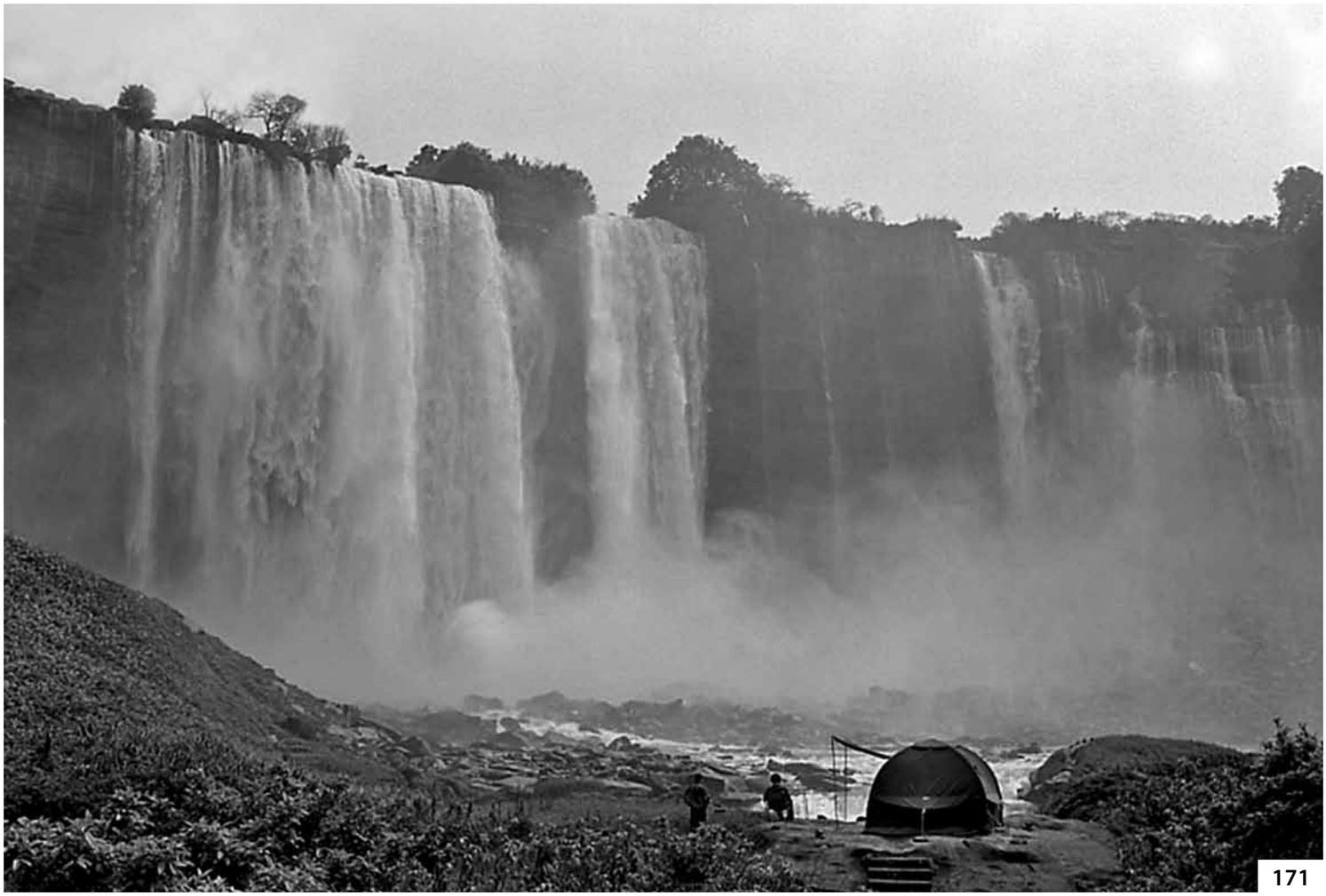
167

168

168-169 – **Fotografando a nossa furgonete 2 cavalos, emprestada pela agência Citroën de Angola, diante das quedas de Duque de Bragança.**

169

170-171 – **Instalámos a nossa tenda IGLO perto das quedas de Duque de Bragança para pernoitar.**



171

172

173

172-173 – **O nosso colega Kosta regala-se a tirar algumas fotografias com a sua Nikon.**

174

Bernard admira a paisagem e o hotel das quedas.

175

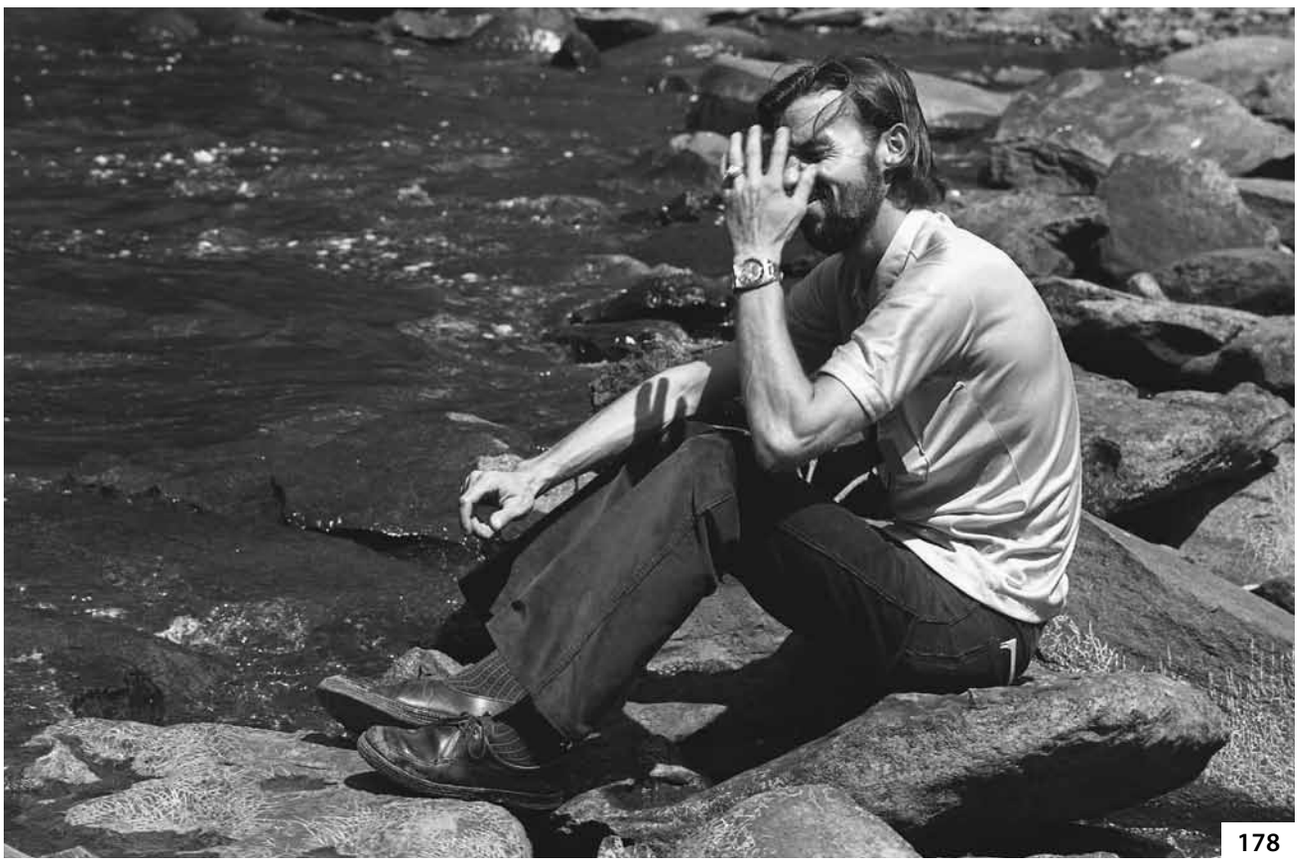
Guy também fotografava.

176

Mesmo sendo nosso convidado, o etnólogo Dr. Lagriffa também ajudava a lavar os pratos.

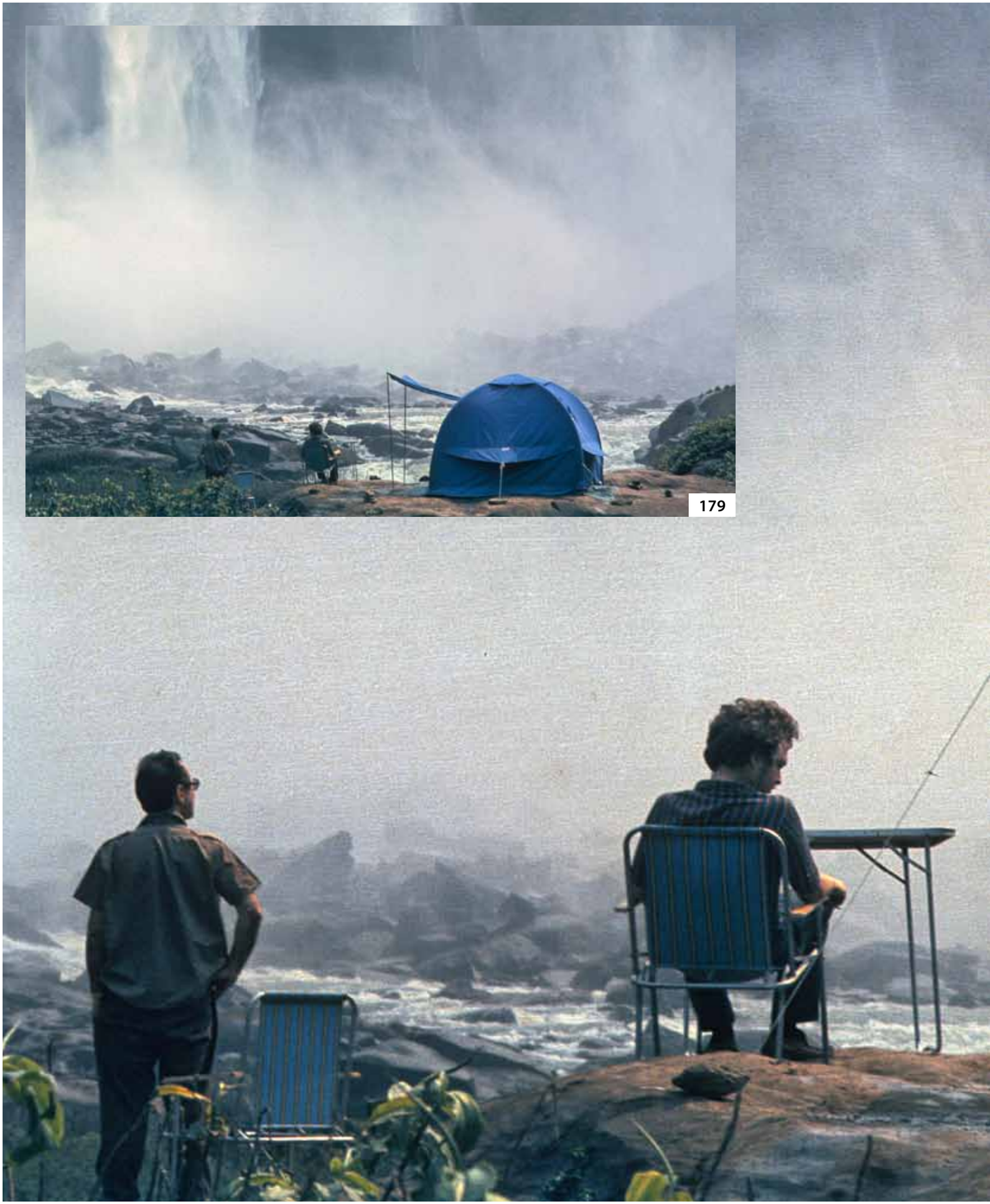
177

Guy instalou a sua câmara Pathé-Webo de 16 mm, equipada com um "zoom" Angenieux de 12/120mm.

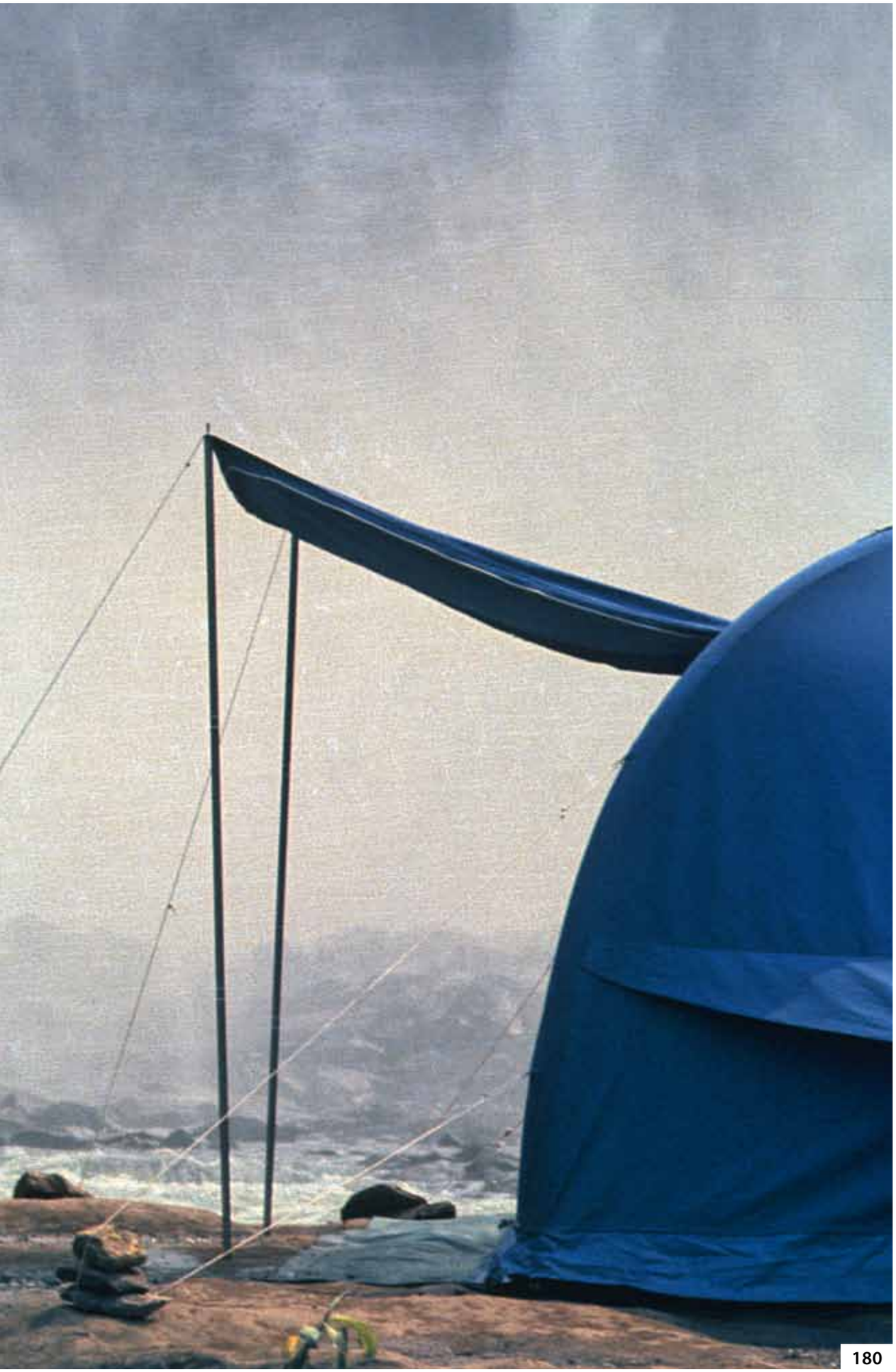


178

Um momento de pausa.



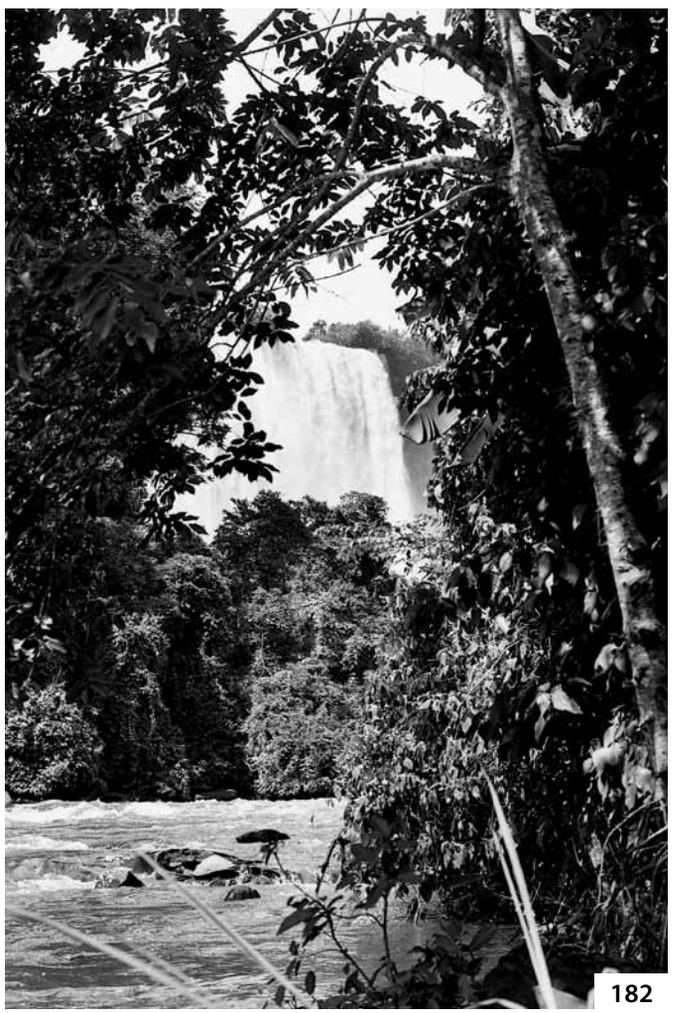
As tendas diante das quedas.



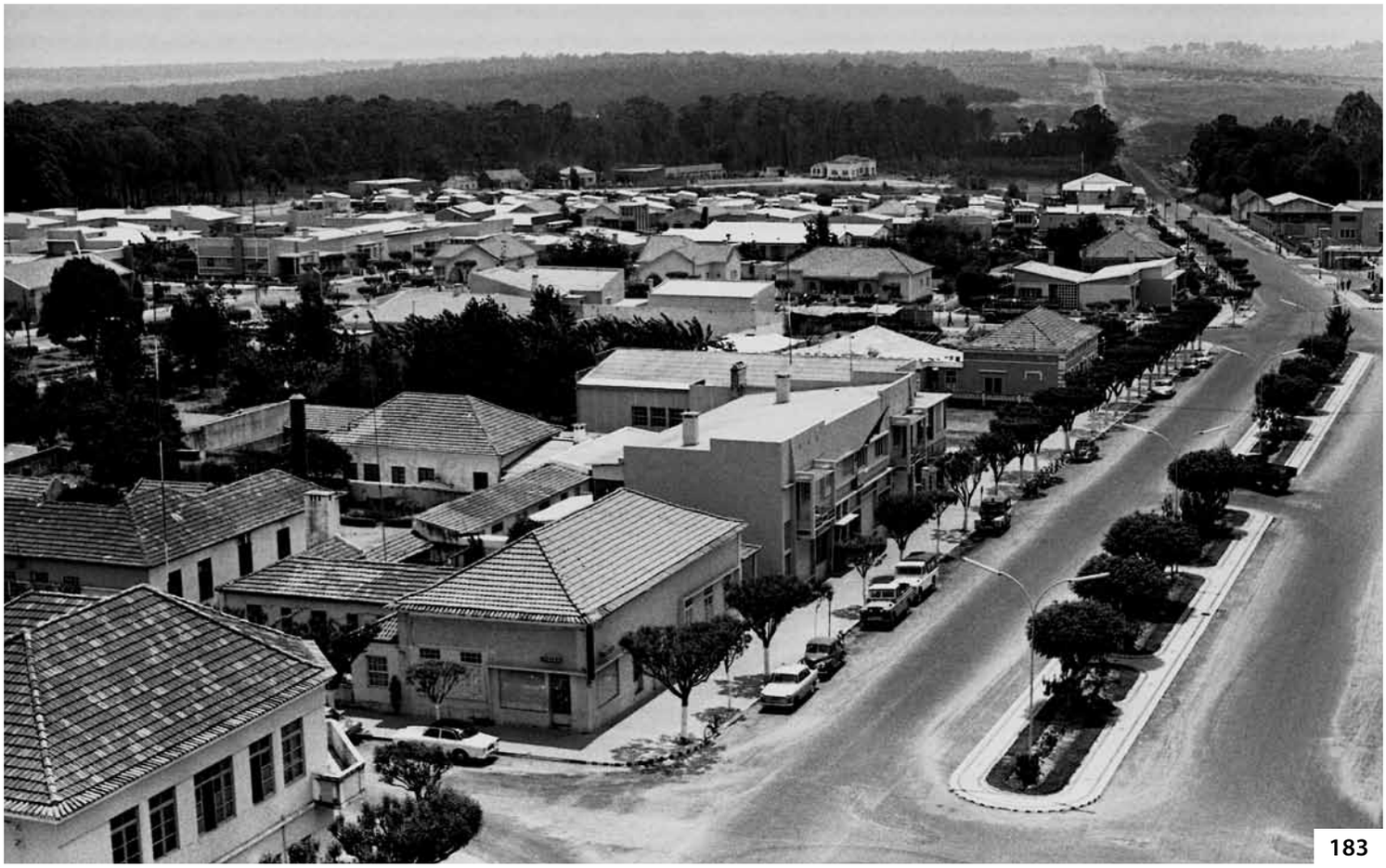
180

Várias vistas das quedas no meio de uma vegetação luxuriante.

181



182



183

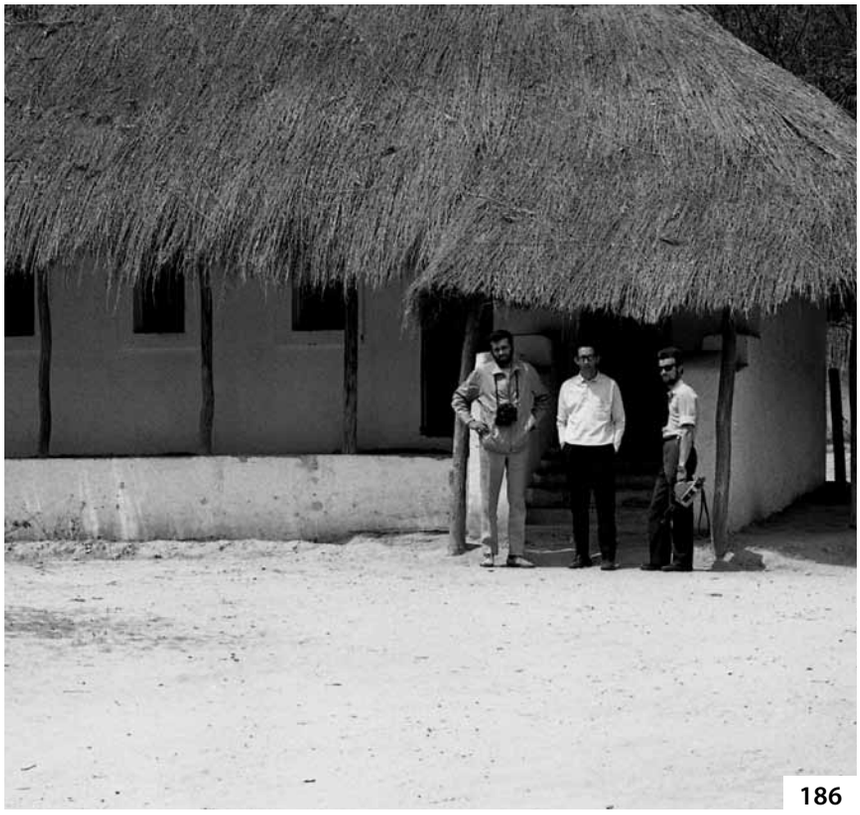
Uma vista da cidade de Silva Porto com a sua avenida principal.

184

Uma casa típica da região.

185

O memorial ao português António Francisco Silva Porto, fundador da cidade.



186

Museu Silva Porto.

187

Praça principal da cidade e o edifício do Banco de Angola.

188

Guy nas suas filmagens.

189

Uma paragem na magnífica estrada para Nova Lisboa.

190

190-191 – **Encontro com um grupo de indígenas. Apenas as mulheres carregavam com os molhos de cana-de-açúcar.**

191

192

Na mesma estrada encontrámos um grupo de pastores com os seus rebanhos.

193

Para ir de Luanda a Nova-Lisboa tomámos a estrada principal, passando pela ponte do Alto-Hama.

194

Nas planícies de Santa Comba filmámos um dos maiores laranjais de Angola.

195

195-196 – **Depois de Santa Comba, uma fazenda com gado bovino, de um português.**

196

197

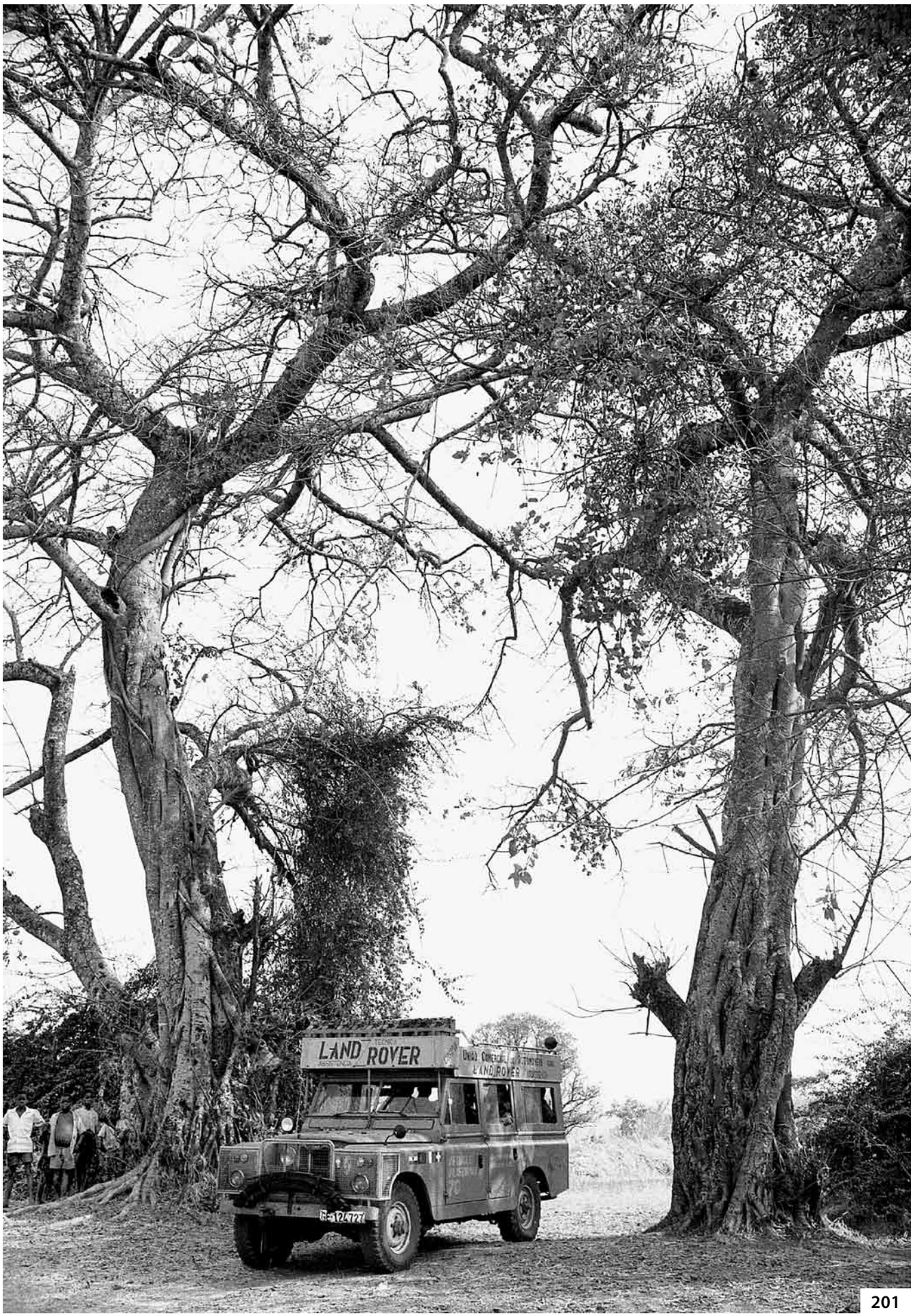
A cultura do café (robusta) numa fazenda do alemão Sr. Von Kroezick.

198

198-199-200 – **Ao amanhecer, as plantações de café submersas pelo nevoeiro.**

199

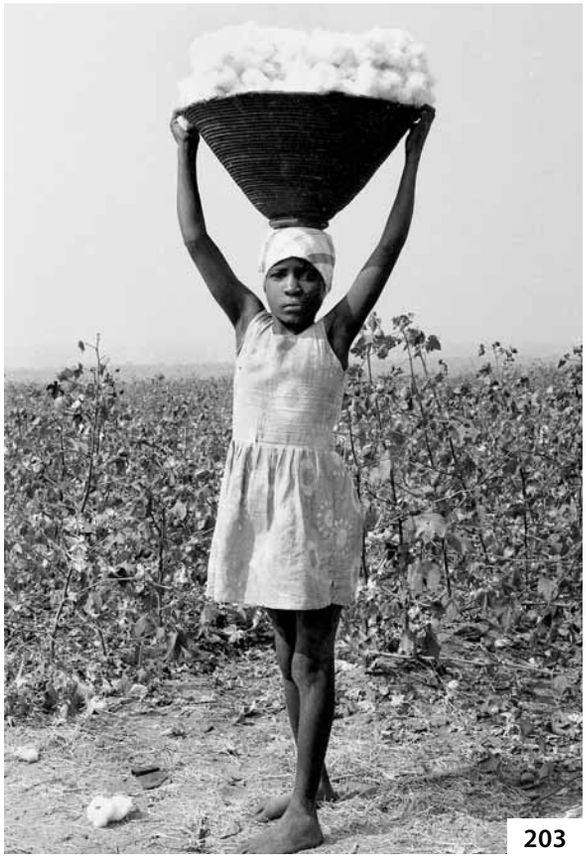
200



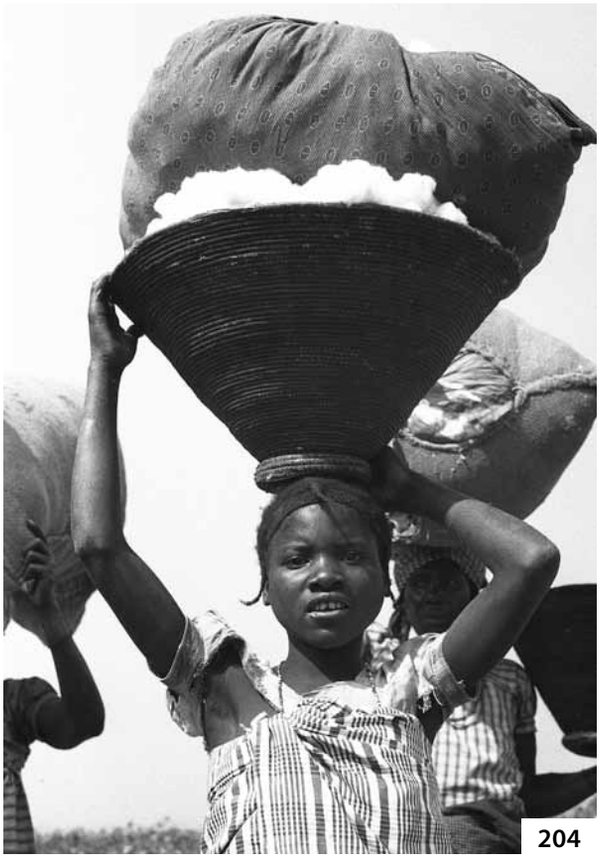
201

202

202-203-204-205-206-207 – **Em Angola a cultura do algodão era uma das principais actividades, sendo colhido à mão e de muito boa qualidade. A empresa Cotonang, que explorava o algodão desde 1926, era a maior e a mais antiga do ramo.**

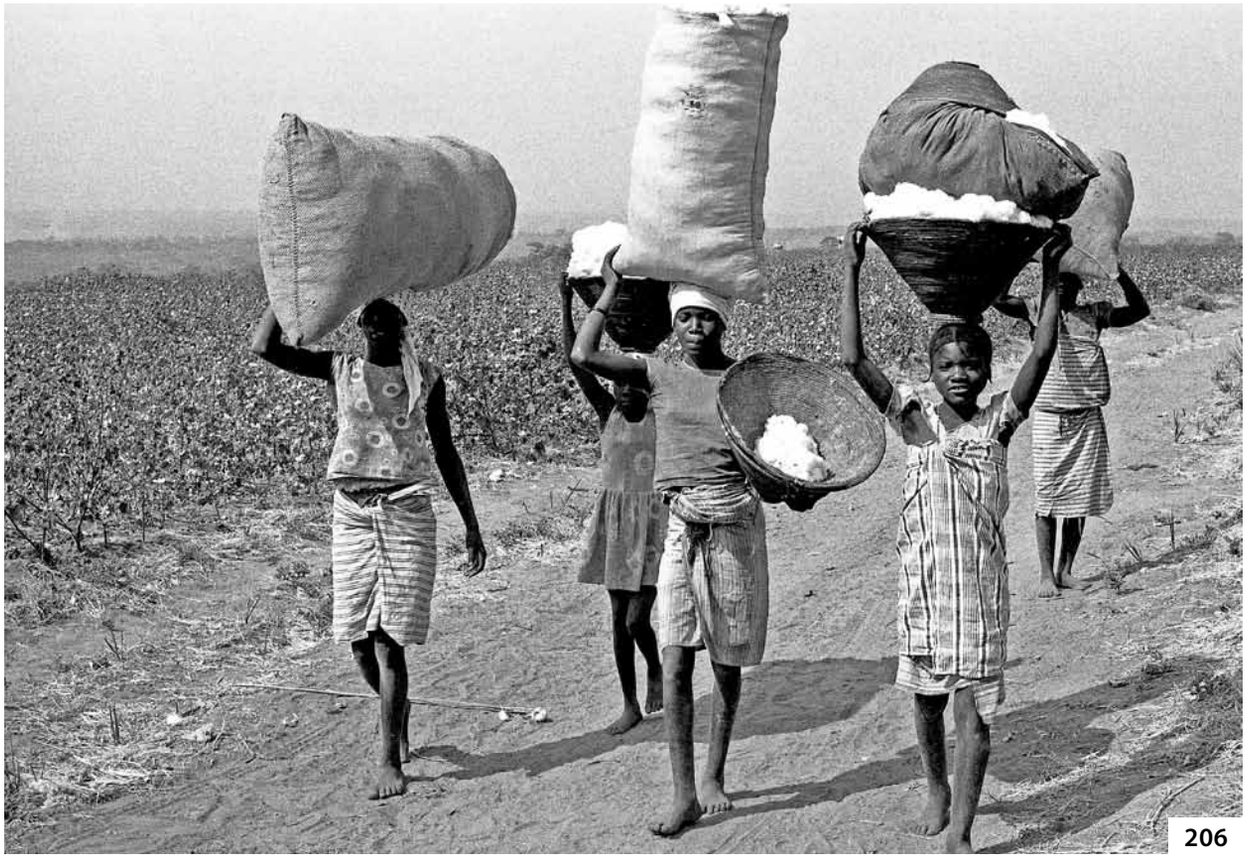


203

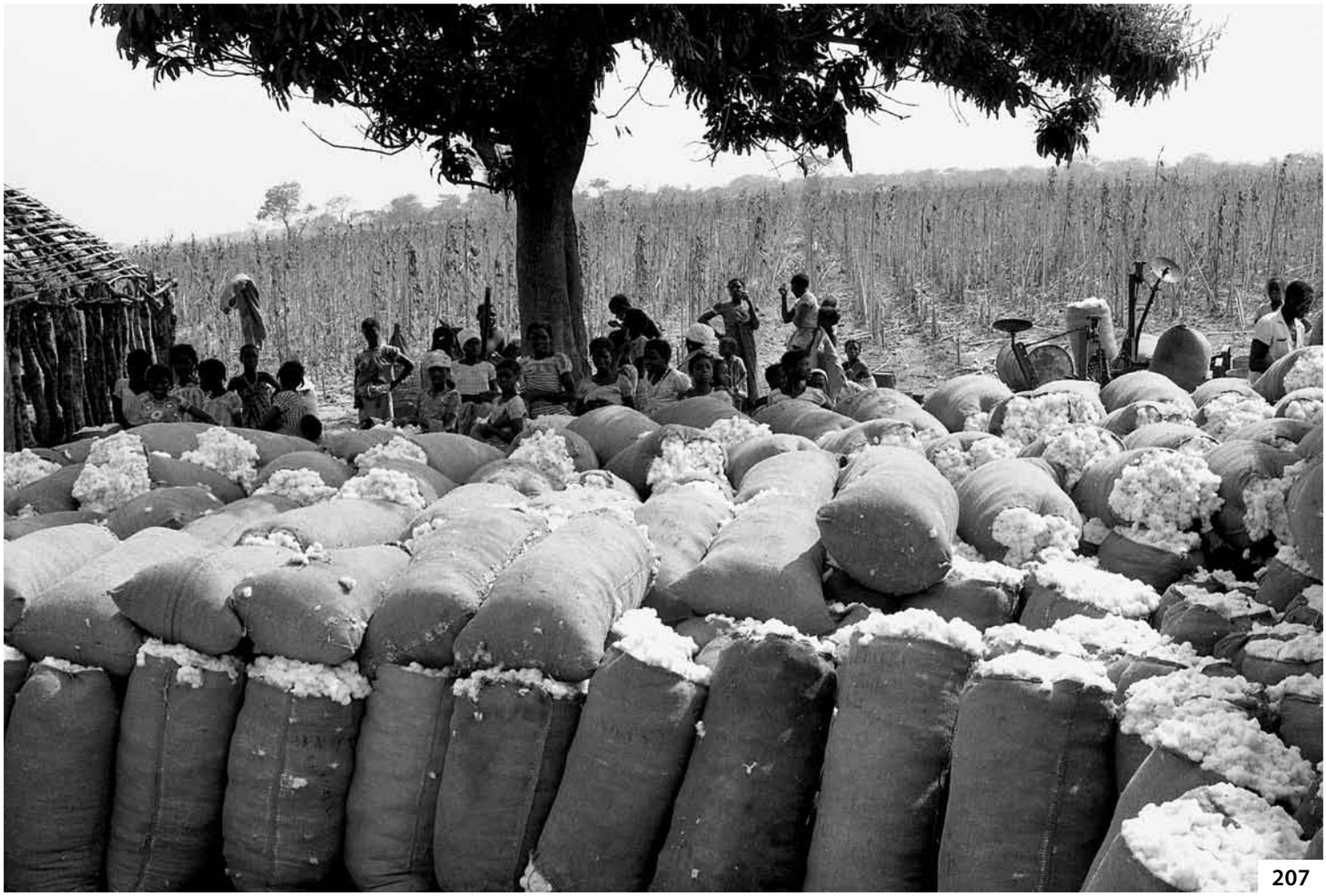


204

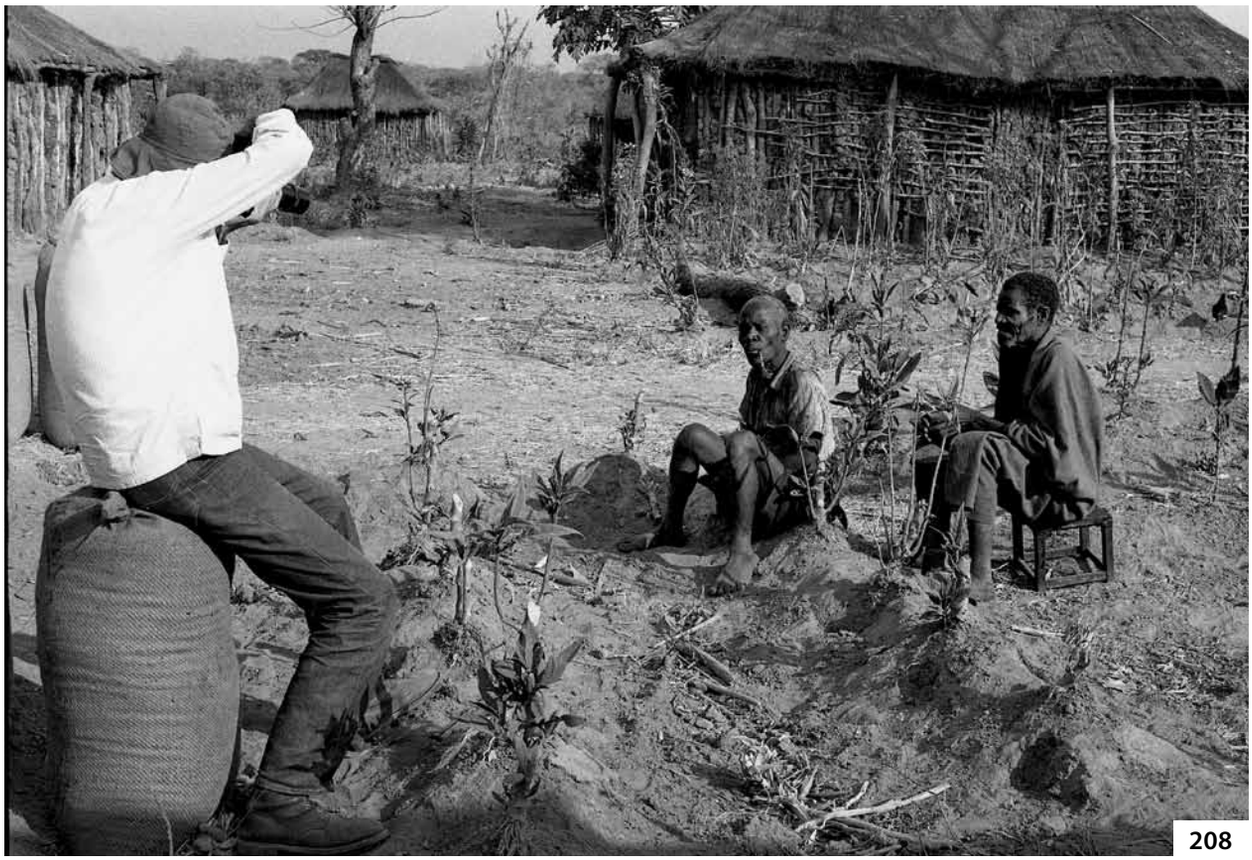
205



206

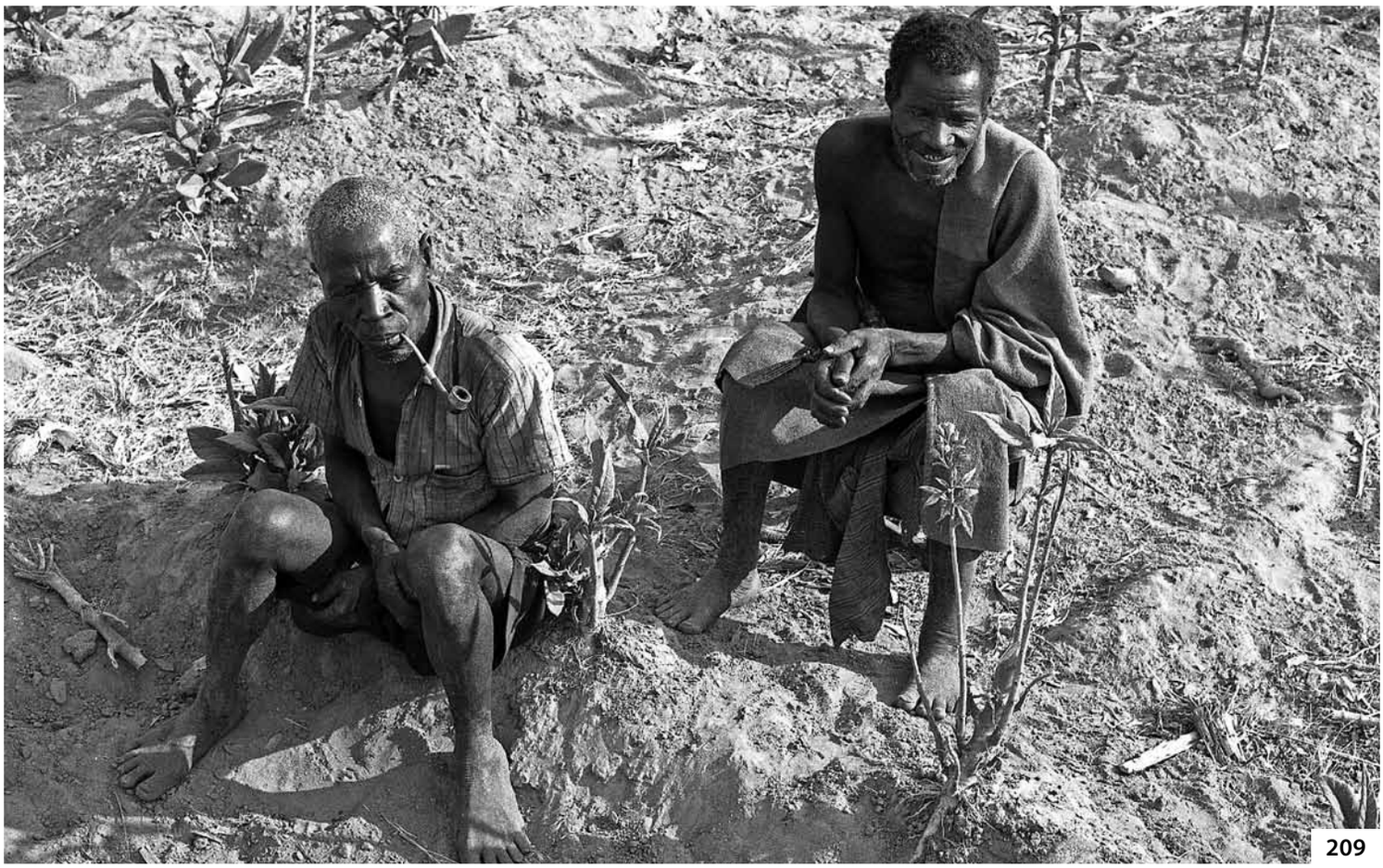


207



208

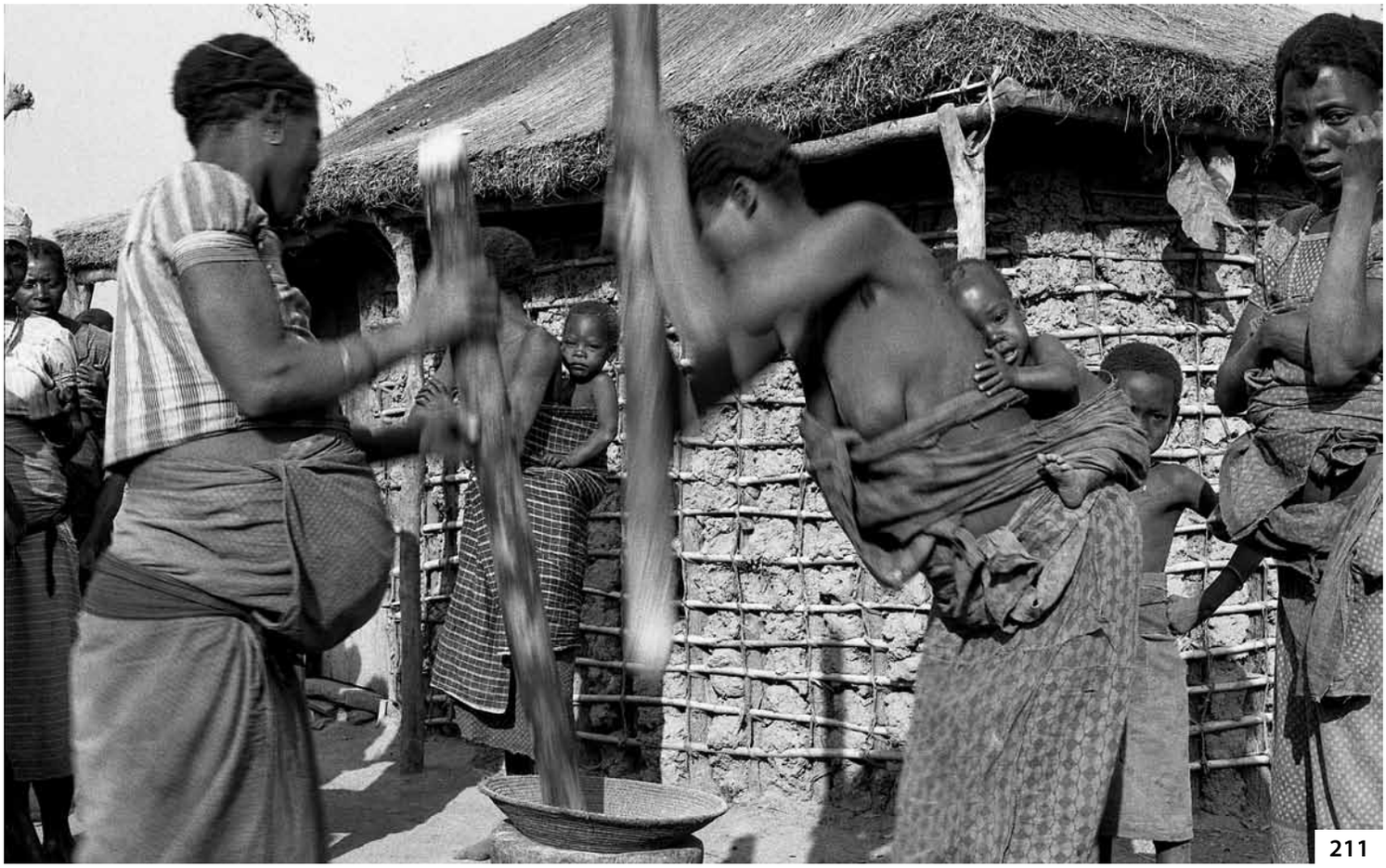
208-209 – **Na vila do algodão, os velhos envelheciam lentamente.**



209

210

Uma casa indígena. Em redor dos campos de algodão, a empresa Cotonang construiu casas para os operários e as suas famílias.



211

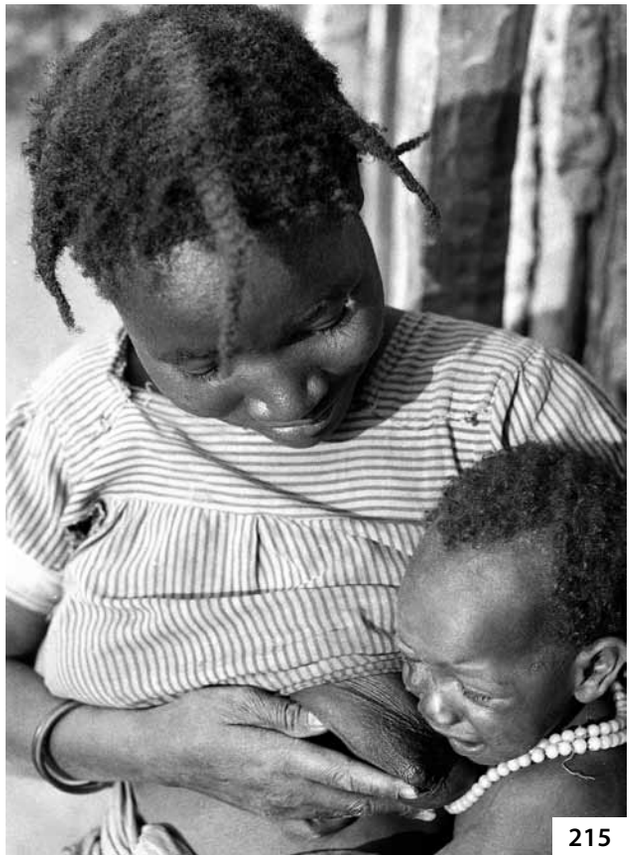
211-212-213 – **Mulheres e crianças pilando o milho.**

212

213

214

Mulher albina com o seu bebé.

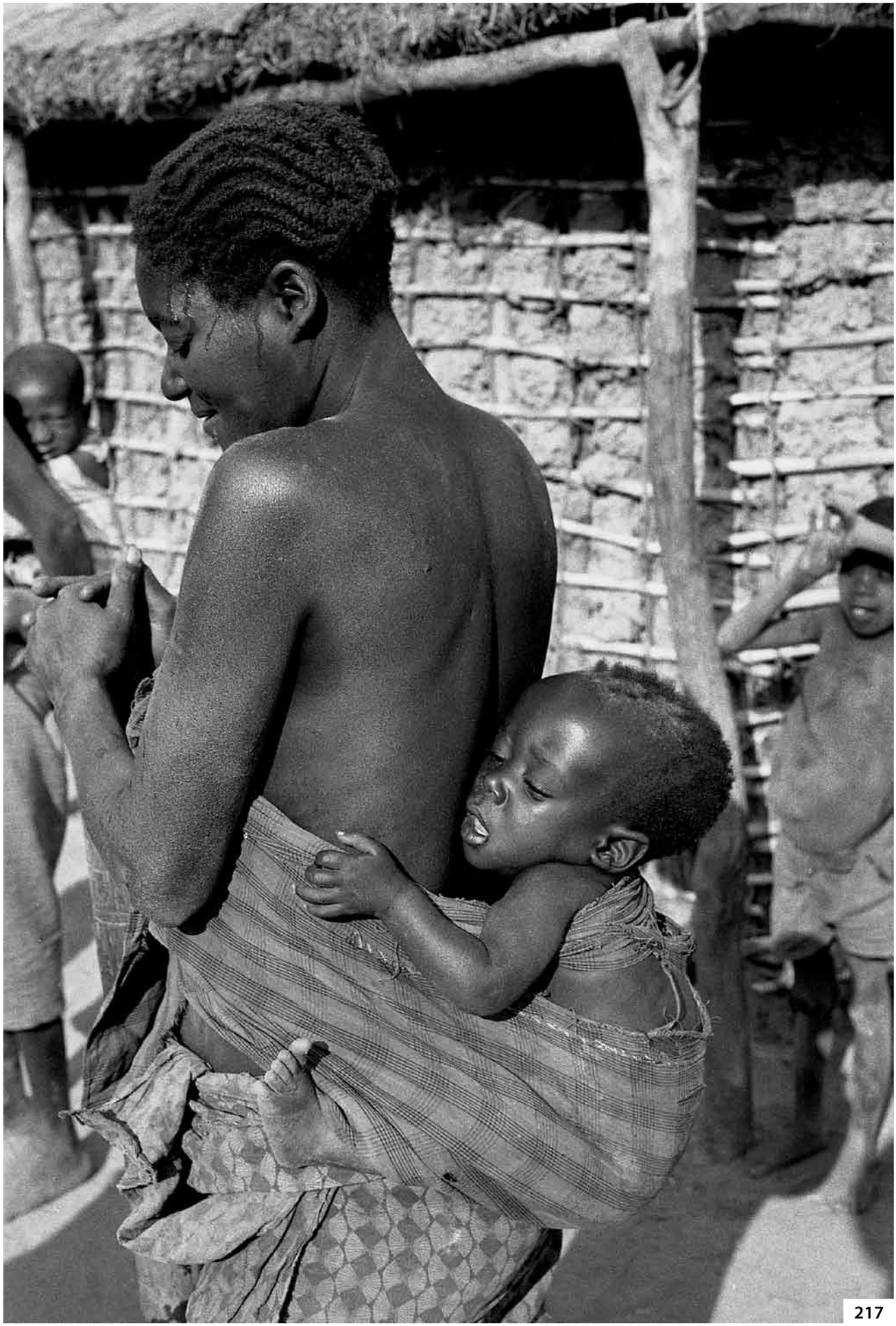


215

Mulher dando de mamar ao filho.

216

216-217 – **Carregar os filhos às costas permitia às mulheres terem as mãos livres para trabalhar.**



217

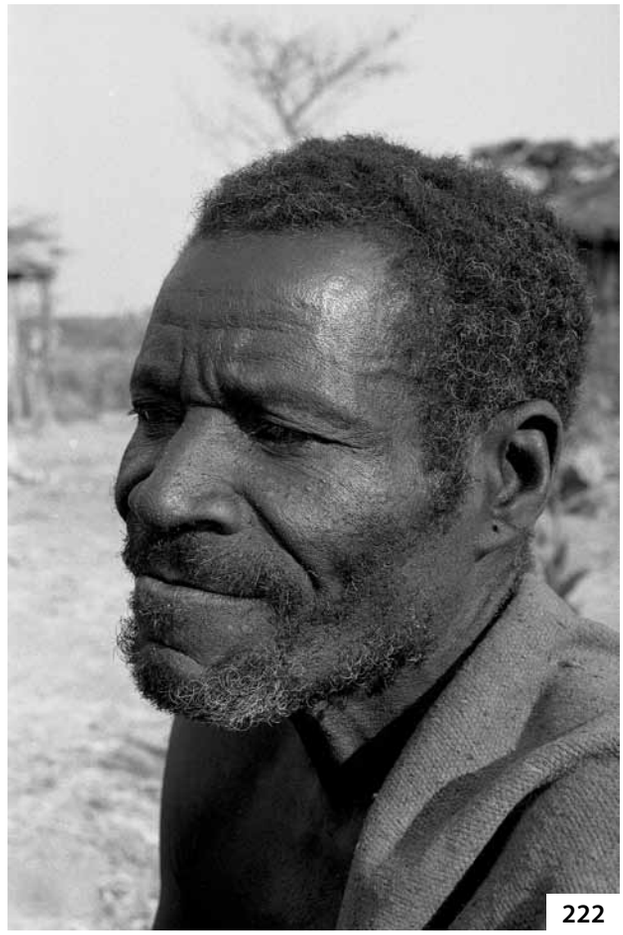
218

218-219-220-221-222-223 – **Pode notar-se que a populaçao, jovens ou menos jovens, era saudável.**

219

220

221



222

223

224

224-225 – **Muitas vezes, o tecto do Land-Rover servia de transporte aos grupos de indigenas que encontrávamos pelo caminho.**

225

226

O Land-Rover parou em cima de uma "ponte" de troncos para se fotografar duas raparigas transportando cestos de mandioca.

227

Um grupo de milícias de protecção a um povoado.

228

Ao chegar a uma aldeia dentro da reserva de Cangandala, com 60.000 hectares de área total, tanto a nossa viatura como nós fomos alvo de grande curiosidade.

RESERVA DA CAGANDALA

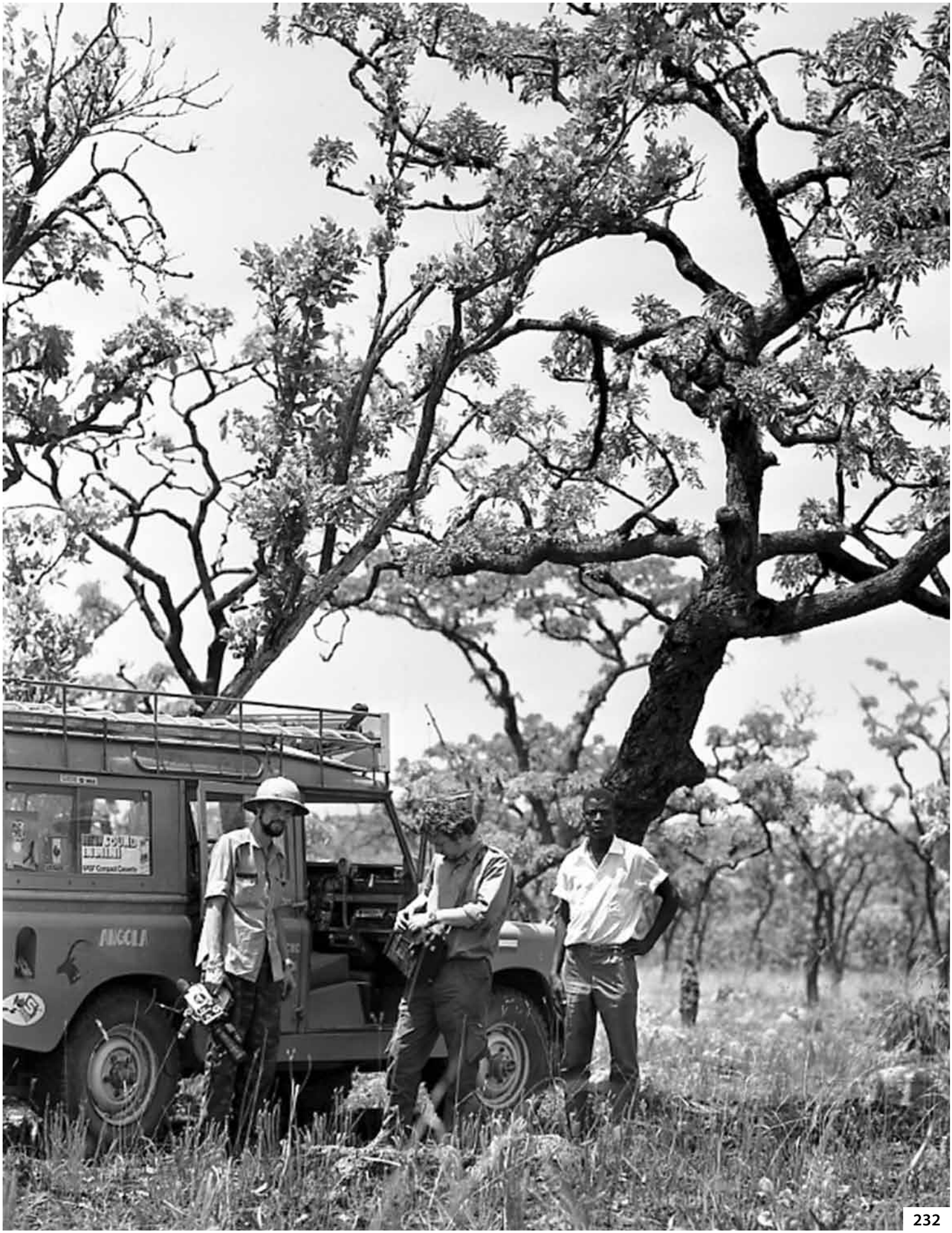
229

No acampamento da Diamang encontrámos, por acaso, o irmão do Jean Charles.

230

230-231 – **Acompanhados por um guia, percorremos a reserva da Cangandala para filmar e fotografar a Palanca negra gigante. O livro n.º 7 contém mais explicaçoes mais completa.**

231



232

233

233-234 – **Guy a filmar as palancas.**

234

235

235-236 – **Para que nos aproximarmos das palancas machos, muito ariscos, o nosso veiculo ia sempre a direito, por cima das árvores, curvando-as, que imediatamente se reerguiam**

236

237

A equipa em plena filmagem.

238

238-239-240-241 – **Como a reserva da Cangandala não era turística, estava interditada ao público, tinha poucos trilhos e tivemos de abrir passagem por entre a vegetação.**

239

240

241

242

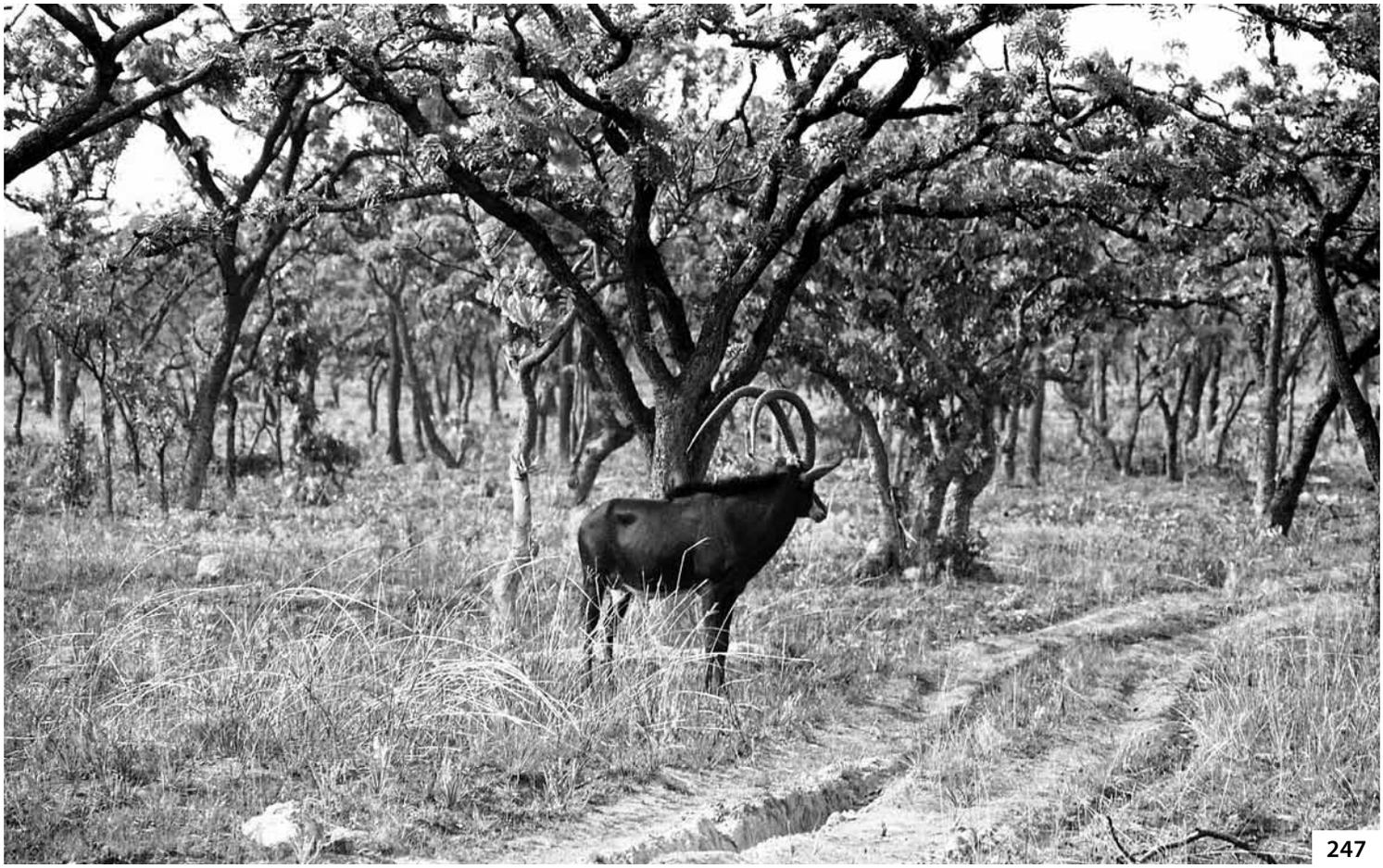
242-243-244-245-246-247-248 – **Várias palancas, machos e fêmeas, em manadas ou solitários, sobretudo os machos adultos.**

243

244

245

246



247

248

249

Jean Charles fotografando uma queimada controlada para o capim voltar a crescer depois das chuvas.

250

250-251-252 – **Dentro da reserva havia várias povoações e mercados de arroz.**

251

252

RESERVA DO BICUARI

253

Chegada da nossa equipa à reserva de Bikuar, de 812.000 hectares, situada a Este de Sá da Bandeira.

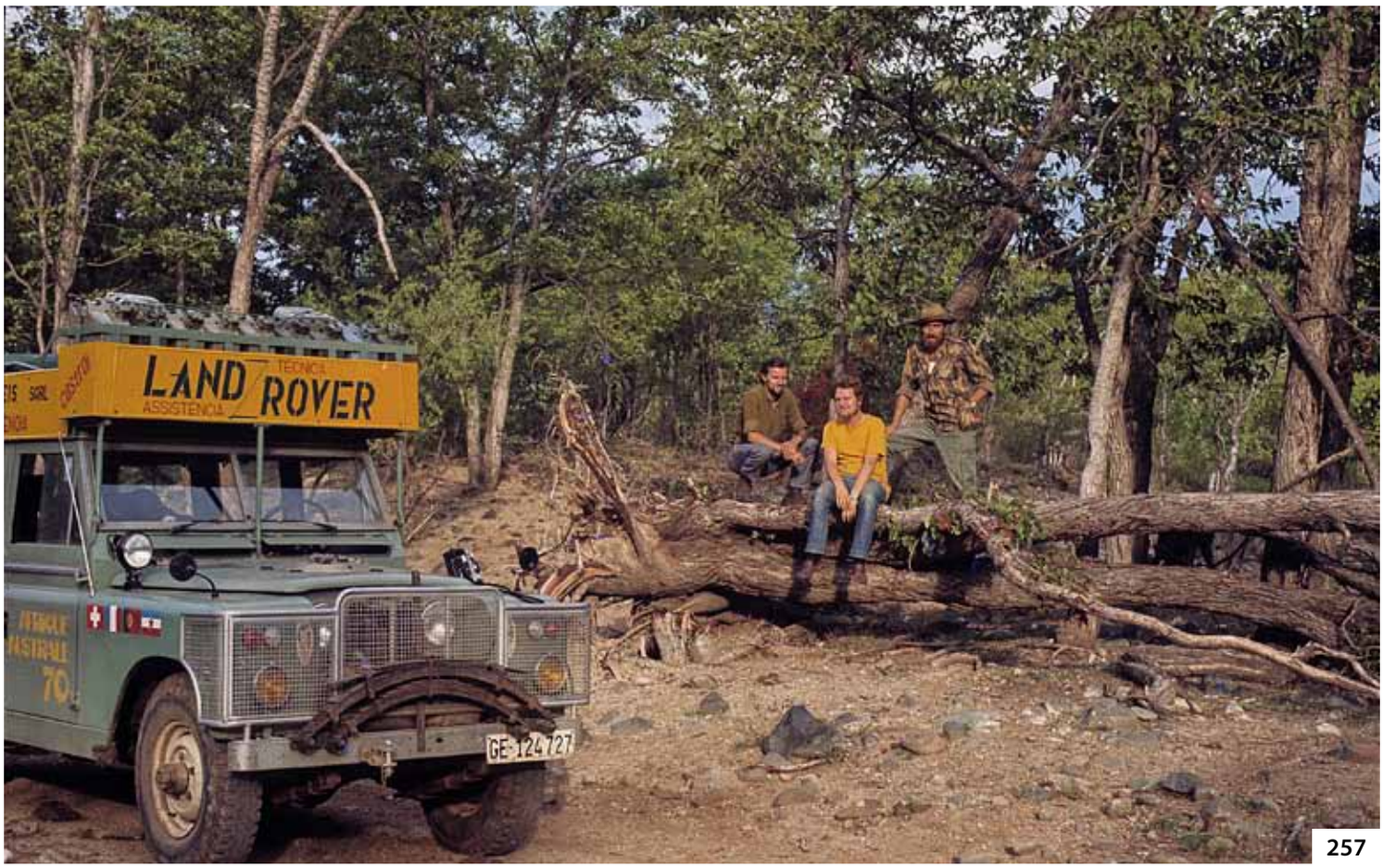
254

255

255-256 – **Aspectos da vegetação do Parque**

256

A equipa com a Lara e o seu guia.



257

Uma paragem para admirar a vegetação deste Parque.

258

No acampamento do Parque, o guarda-de-caça abrigou um jovem rinoceronte, depois de a mãe ter sido morta por caçadores. O nosso colega, Kosta, ficou intrigado com o jovem espécime e aproximou-se dele

259

259-260 – **A reserva de Bikuar fica numa zona semidesértica, muitíssimo quente. A equipa em filmagens.**

260

261

261-262-263 – **A equipa e o guarda do Parque almoçando.**

262

263

264

Apesar de o guarda conhecer bem o terreno, não impediu que ficássemos enterrados.

265

265-266-267-268-269-270 – **Providos das nossas câmaras Pathé-Webo e Bolex e de máquinas fotográficas Nikon equipadas com uma teleobjectiva Novoflex, filmamos gnus.**

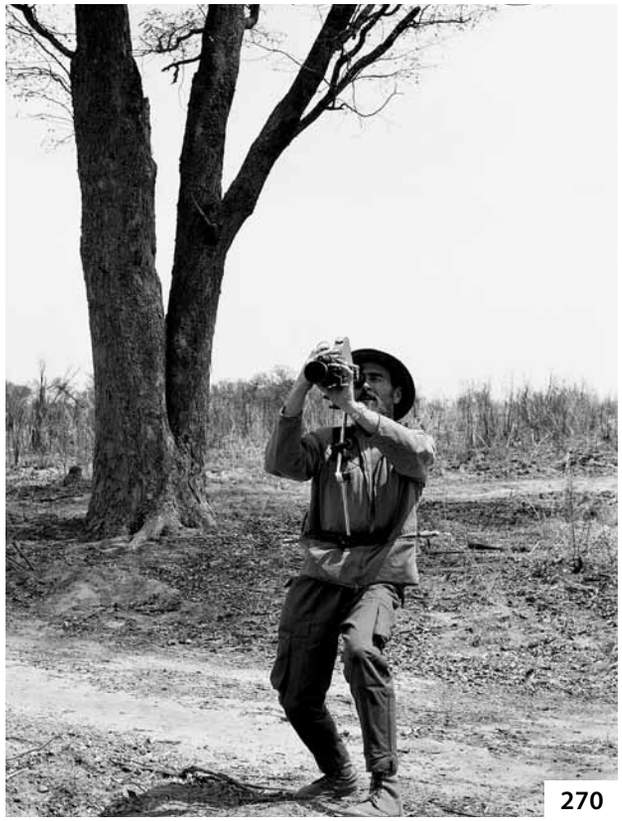
266

267

CINEMA
AUSTRALE 70
TOYOTA
TOYOTA
TOYOTA
TOYOTA
AUTO
CENTRAL
Chegámos aqui
de Toyota
AAC
10-01

268

269



270

271

271-272 – **Como a nossa Toyota não era um todo-o-terreno, ao mínimo descuido ficávamos atolados.**

272

273

A Toyota e o Guy junto à tabuleta do parque de Bikuar.

Mulheres com cabaças de água dirigindo-se para a sua aldeia dentro do Parque.

Uma bonita manada de gnus.

LAND ROVER
AUSTRAL 70
CINERA
AUTO CENTRAL

276

Vista geral das instalações do parque de Bikuar.

277

Perto de Nova Lisboa, o filho de Jean Charles, Olivier, negociando a compra de legumes para nossa provisão.

278

O Olivier já sabia usar a Nikon.

279

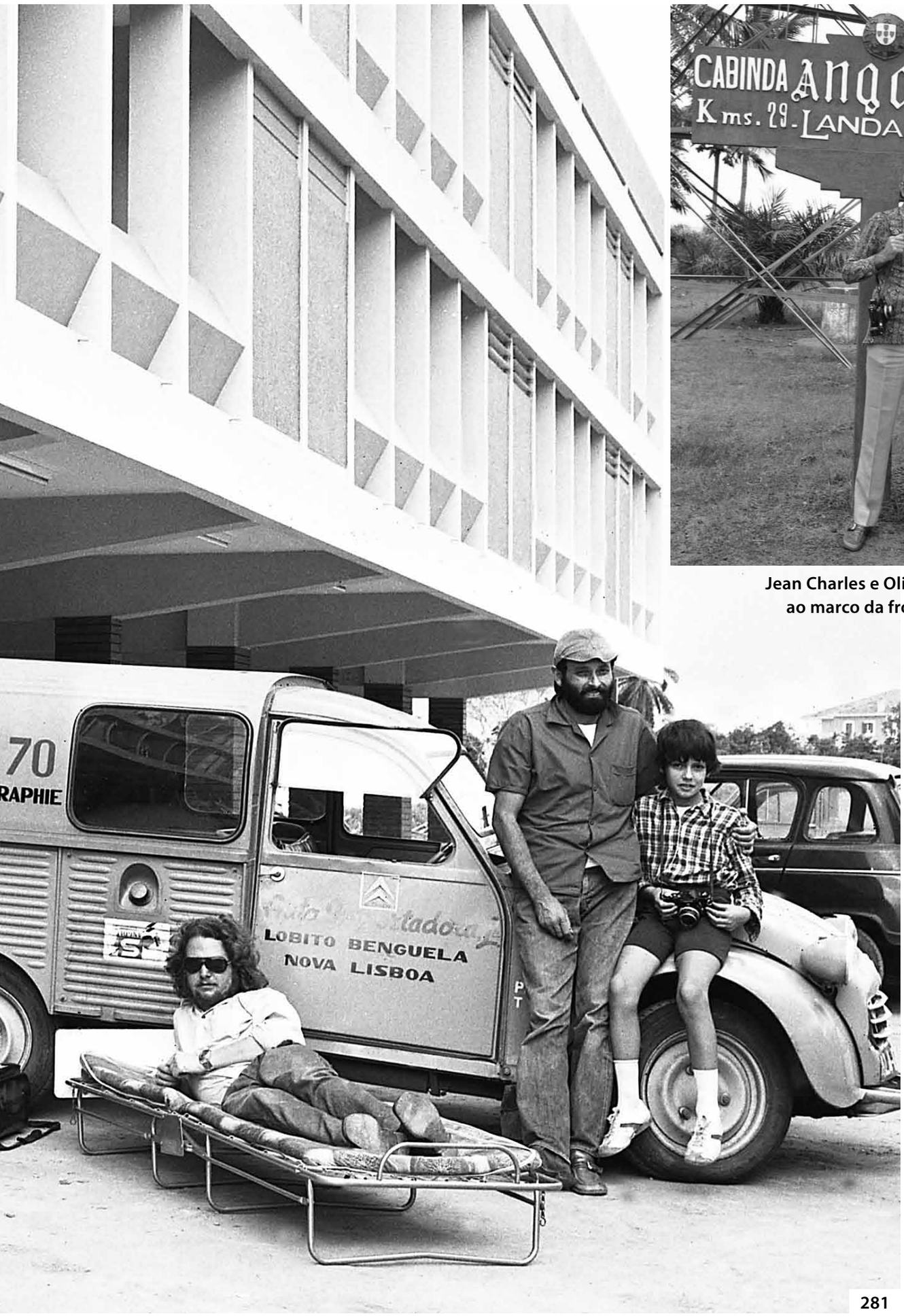
279-280 – **Filmando um campo de trigo próximo de Nova Lisboa.**

280

À chegada a Cabinda, situada no Noroeste de Angola, ficámos alojados num albergue da juventude. A foto mostra como a nossa 2 cavalos "engoliu" cinco pessoas e todo o material transportado.

282

Jean Charles e Olivier junto ao marco da fronteira.

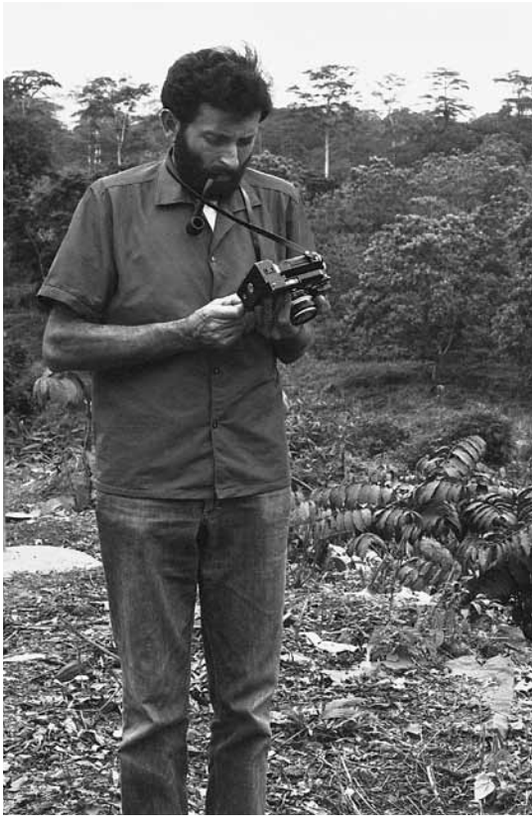


281

283

283-284-285-284-285 – **Vários aspectos da vida em Cabinda e respectivas filmagens no enclave português com 7.270 km quadrados que confina a Norte com a República do Congo (Brazzaville), a Este e Sul com a República do Zaire (Kinshasa) e a Oeste com o oceano Atlântico. Nesta região, com 80% de humidade, explorava-se o petróleo marítimo e madeiras preciosas.**

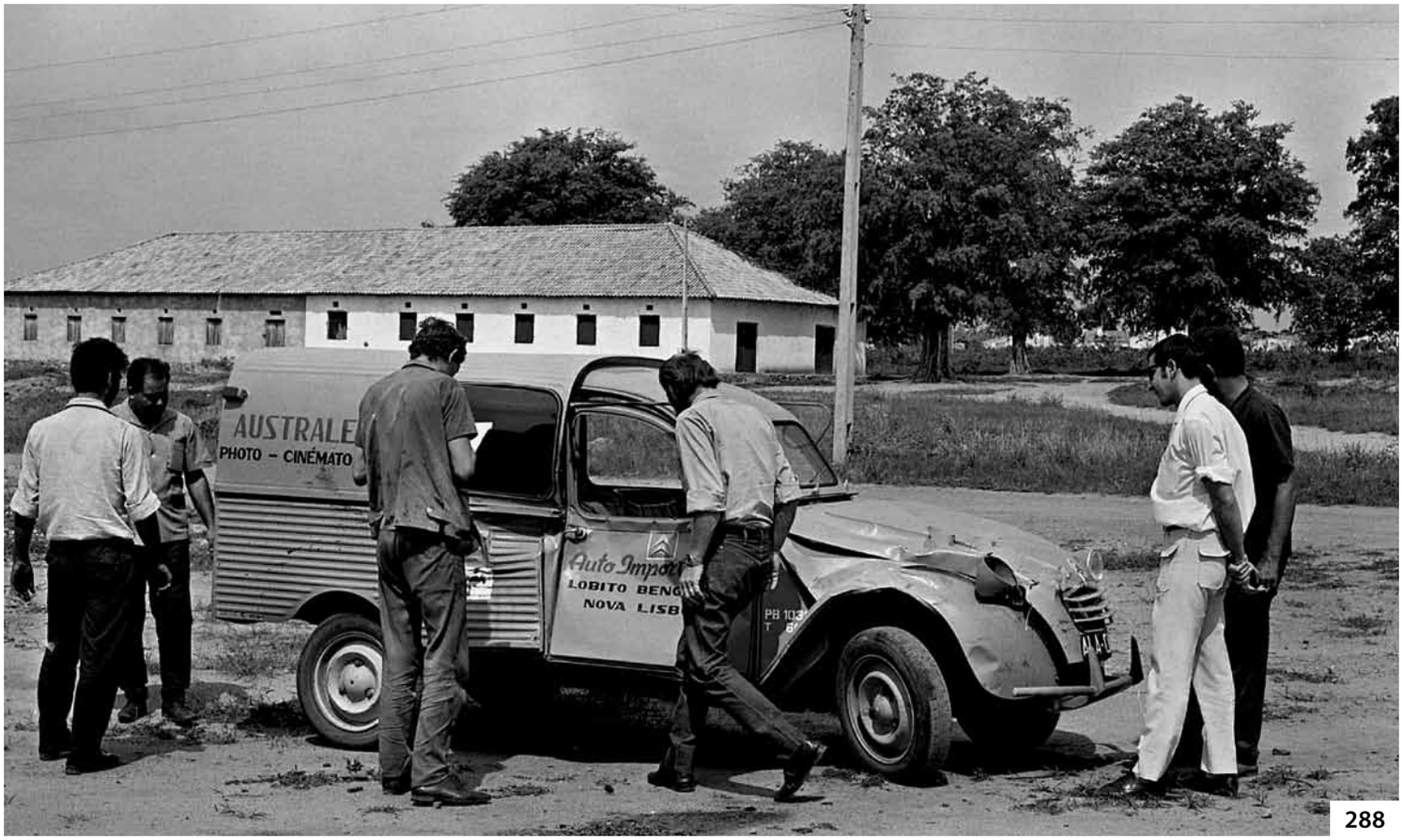
284



286

285

287



288

288-289-290-291-292 – **Após um acidente devido a uma vaca louca, a nossa 2 cavalos teve de ficar numa oficina para ser reparada.**

289

290

291

292

RUMO AO SUL

293

293-294-295-296 – **Partindo em direcção ao Sul de Angola.**

294

295

296

297

297-298-299-300 – **Depois de uma pausa nocturna pela vila de Artur de Paiva.**
No dia seguinte, mesmo debaixo de uma chuva torrencial, seguimos rumo ao Sul.

298

299

300

300-301-302-303-304-305-306-307-308-309-310-311-312-313-314-315 – **Estávamos em Outubro, estação das fortes chuvas. Demorávamos três dias a percorrer menos de 50 km, por causa dos sucessivos atolamentos na lama**

301

302

303

TÉCNICA
LAND ROVER
ASSISTÊNCIA

304

TÉCNICA
LAND ROVER
ASSISTÊNCIA
CASSITON
UNIÃO COMERCIAL DE AUTOMÓVEIS SARL
LAND ROVER

305

ASSISTÊNCIA TÉCNICA
LAND ROVER
LAND ROVER
GE-124

306

AAC-1D-01

307

TÉCNICA
LAND ROVER
ASSISTENCIA
LAND ROVER
GE-12472

308

ANGOLA
309

310

311

312

313

314

315

316

316-317-318-319-320-321-322 – **Furos de prospecção de petróleo da empresa Petrangol.**

317

318

320

319

321

322

RUMO ÀS TERRAS DO FIM DO MUNDO

323

323-324-324 – **Para chegar à região de Cuando Cubango no Sudeste de Angola, tivemos de atravessar o rio Cubango numa jangada.**

324

325

326

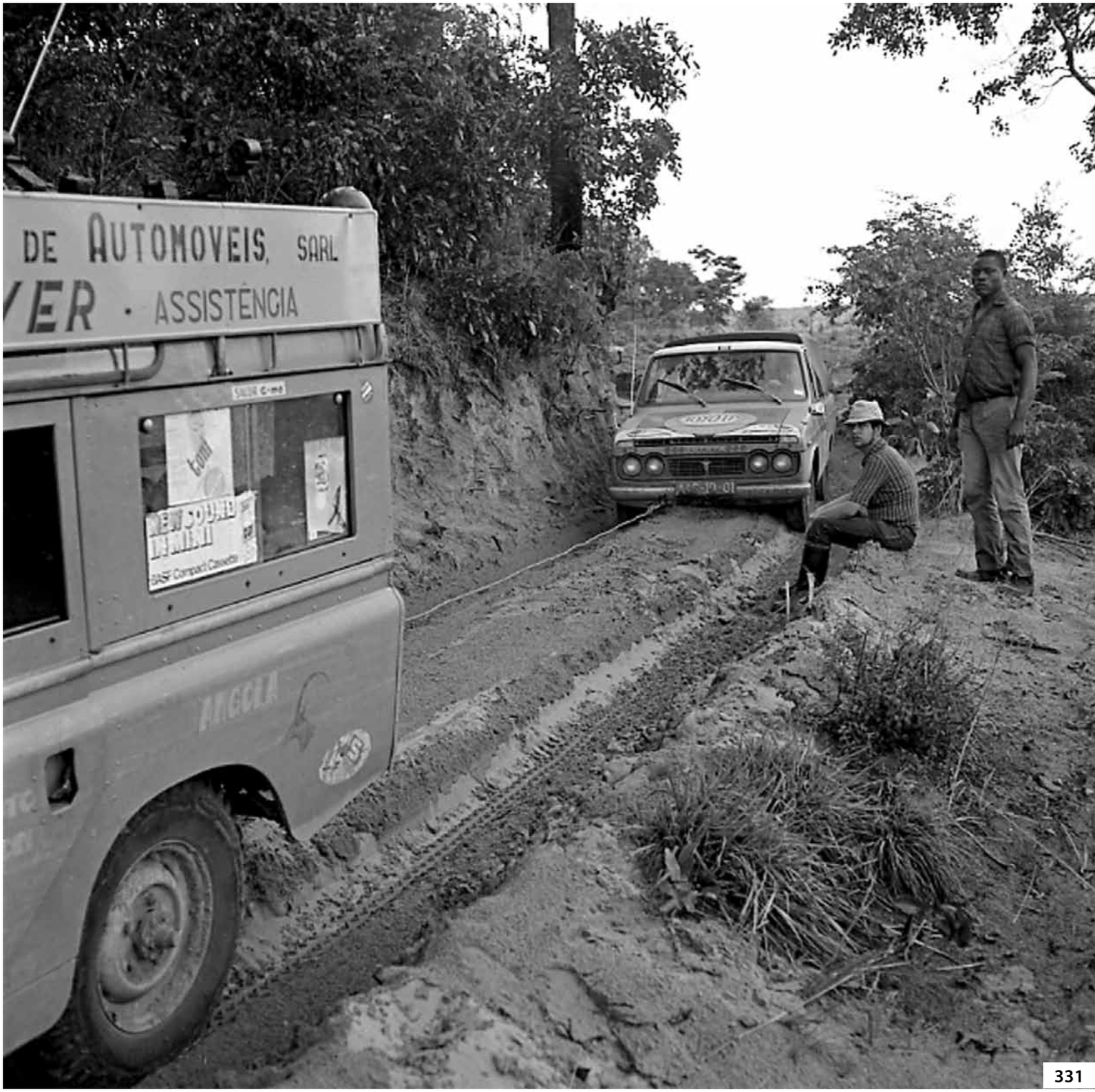
326-327-328-329-330 – **A região de Cuando Cubango apenas tinha caminhos de areia mole, o que dificultava a passagem dos camiões e dos nossos 2 carros.**

327

328

329

330



331

332

333

ACAMPAMENTO DE CAÇA DO MÚCUSSO

334

334-335 – **Mucusso era uma zona de caça autorizada, a cujo acampamento os caçadores chegavam, confortavelmente, de avião.**

335

336

336-337 – **Os caçadores ficavam alojados nuns bungalows perto do rio Cubango. Nós, nas tendas.**

337

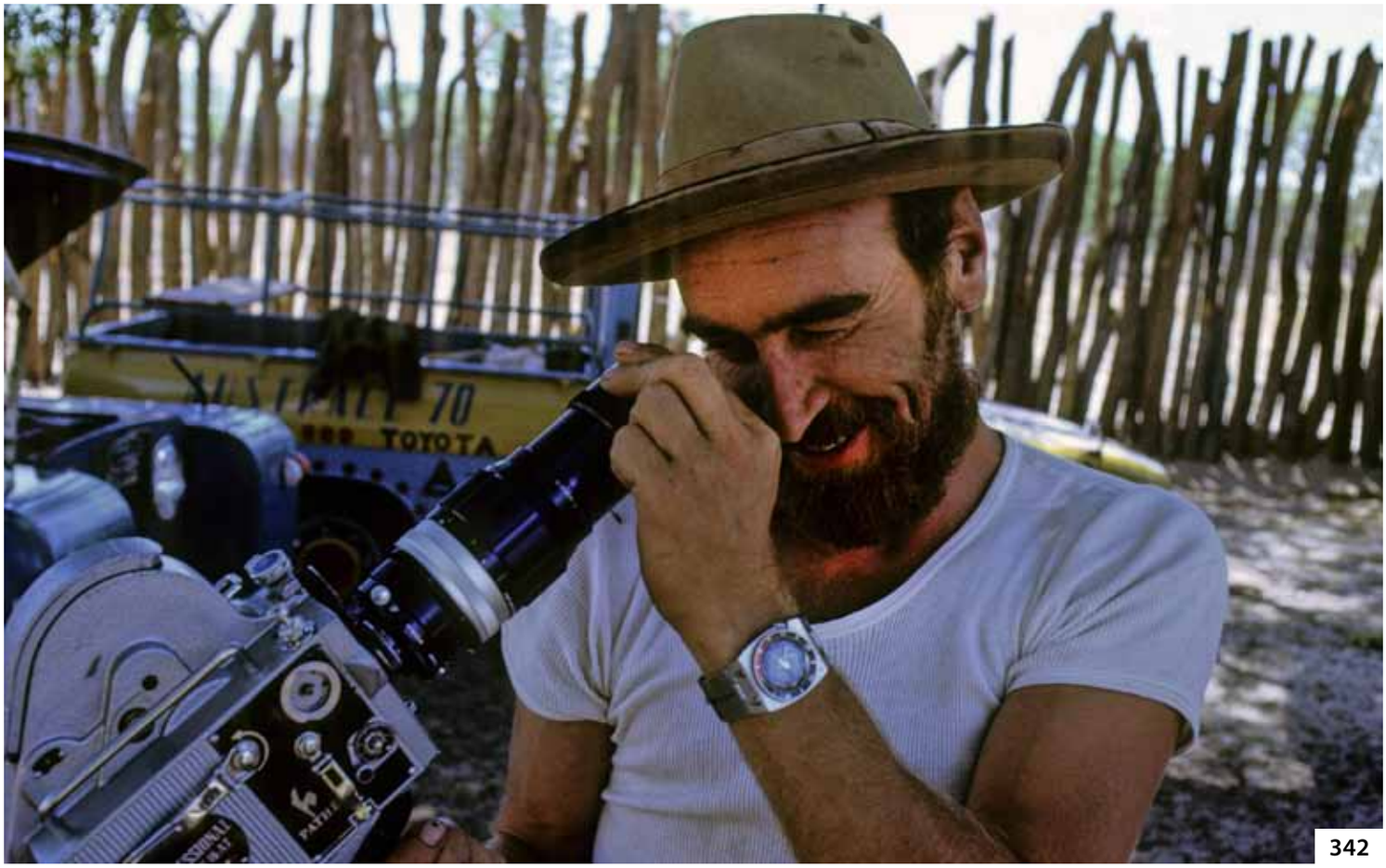
338

338-339-340-341 – **Todas as manhãs partíamos com os guias em reconhecimento de zonas de caça fotografica interessantes.**

339

340

341

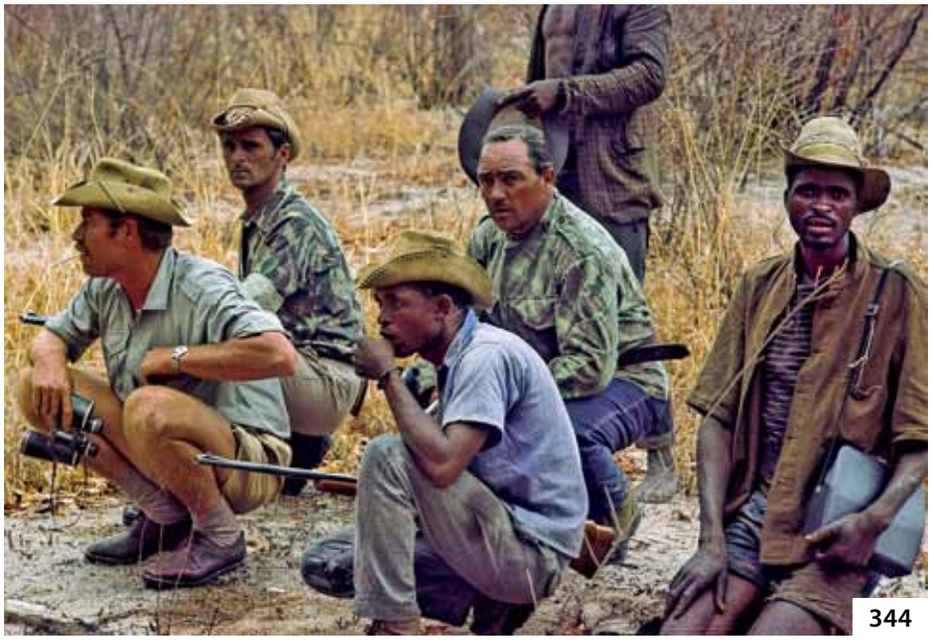


342

Kosta examinando a Pathé.

343

O calor apertava e o Guy bebeu um gole de água fresca.



344

344-345 – **Os caçadores e os guias atentos aos ruídos da floresta.**

345

346

O primeiro troféu foi um antílope.

347

Um caçador com o seu guia.

348

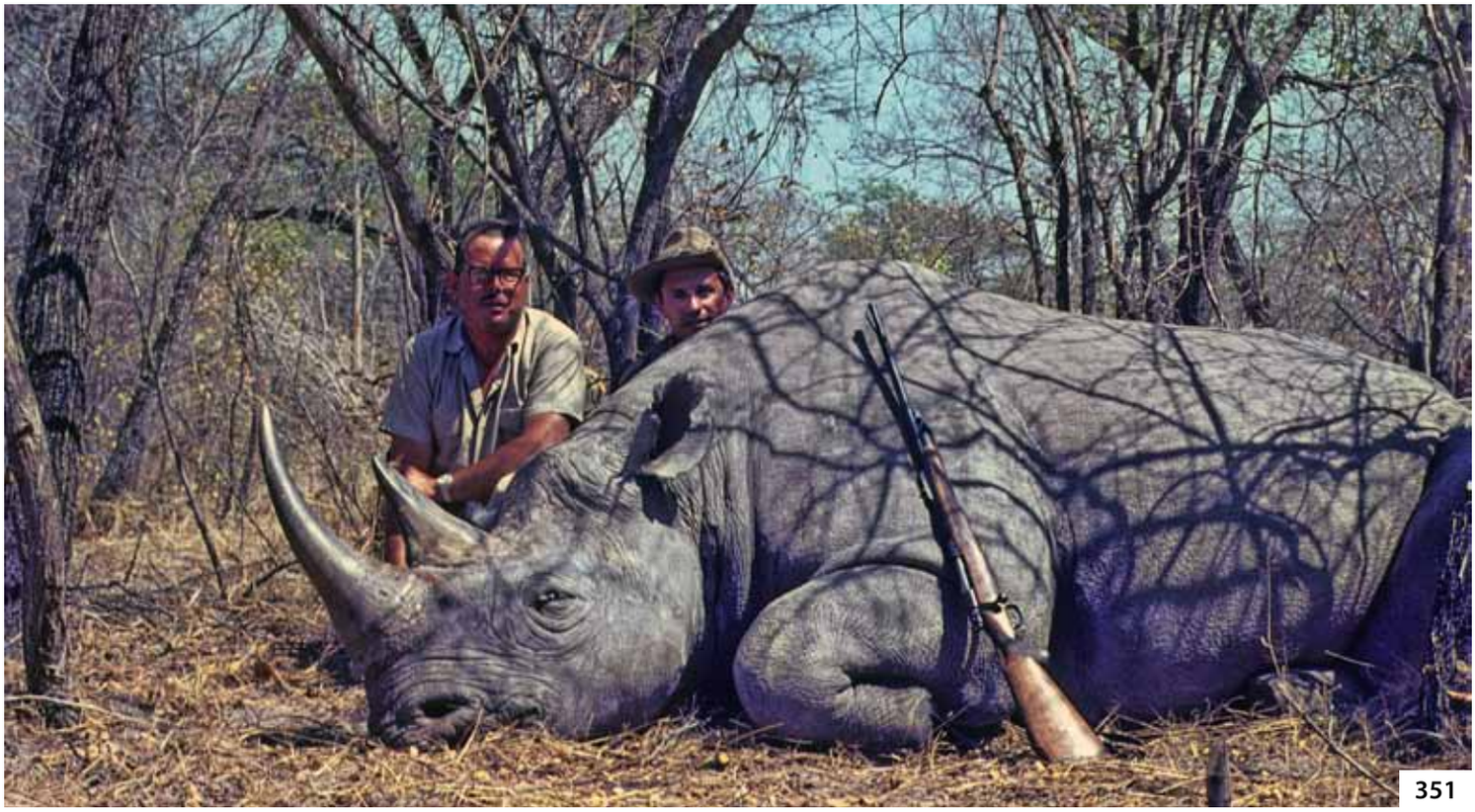
Apesar da tracção todo-o-terreno (4x4), a Toyota ficou enterrada.

349

Em pleno mato, o eixo traseiro do jipe partiu-se. Estava a anoitecer e, como não havia tempo para ir ao acampamento a pé, dois membros da equipa pernoitaram no local, à luz das estrelas, tendo sido atacados por milhares de mosquitos.

350

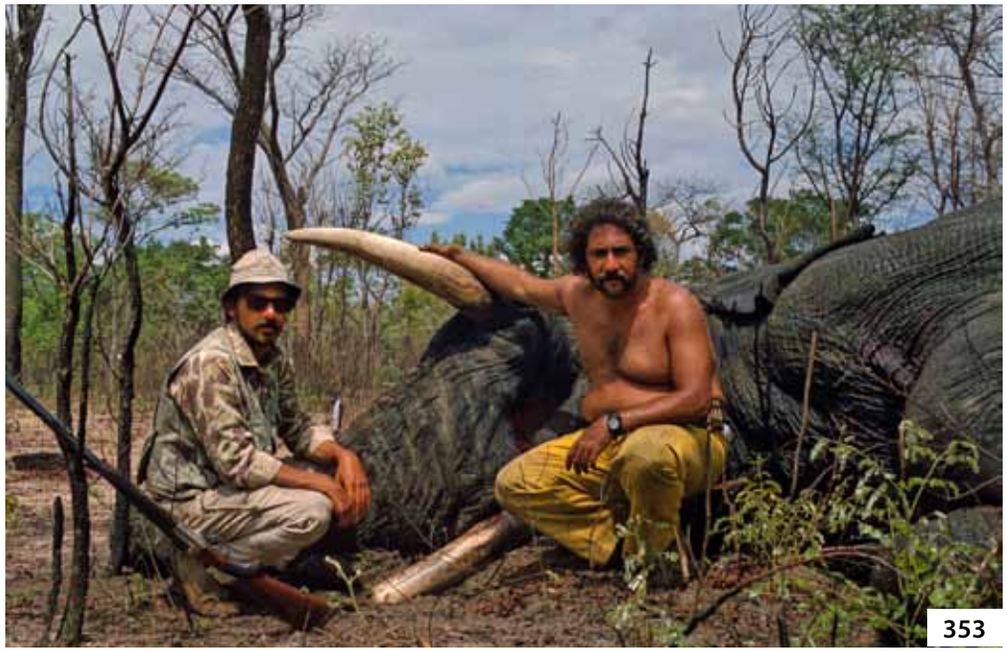
Como as noites eram muito frias nas Terras do Fim do Mundo (nome dado ao distrito de Cuando Cubango), Bernard aqueceu as mãos numa fogueira feita com bosta de elefante.



351

351-352-353-354-355-356 – **Nesta região do Leste de Angola, caçadores que afluíam do mundo inteiro acumulavam troféus: rinocerontes, elefantes, leões, leopardos, e toda a especie de antilopes.**

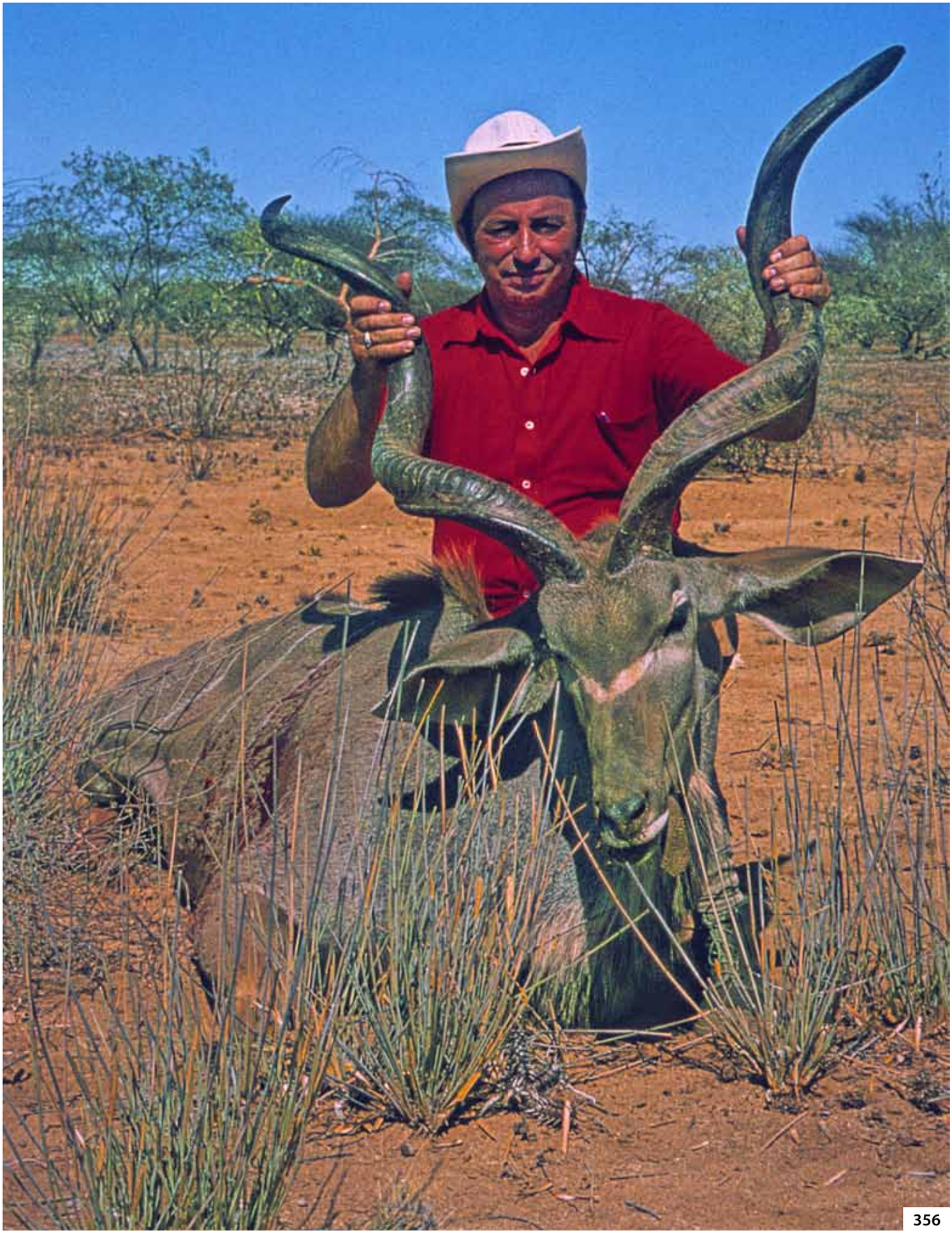
352



353

354

355



356

357

O chifre encurvado do antílope entrava lentamente na cabeça do animal que devia sofrer atrozmente até morrer.

358

Um par de magníficas presas de elefante.

359

359-360-361-362-363 – **Não havia postos de abastecimento de gasolina automáticos, era tudo à bomba e à mão para tirar cada dez litros de combustível.**

360

FINA
FINA

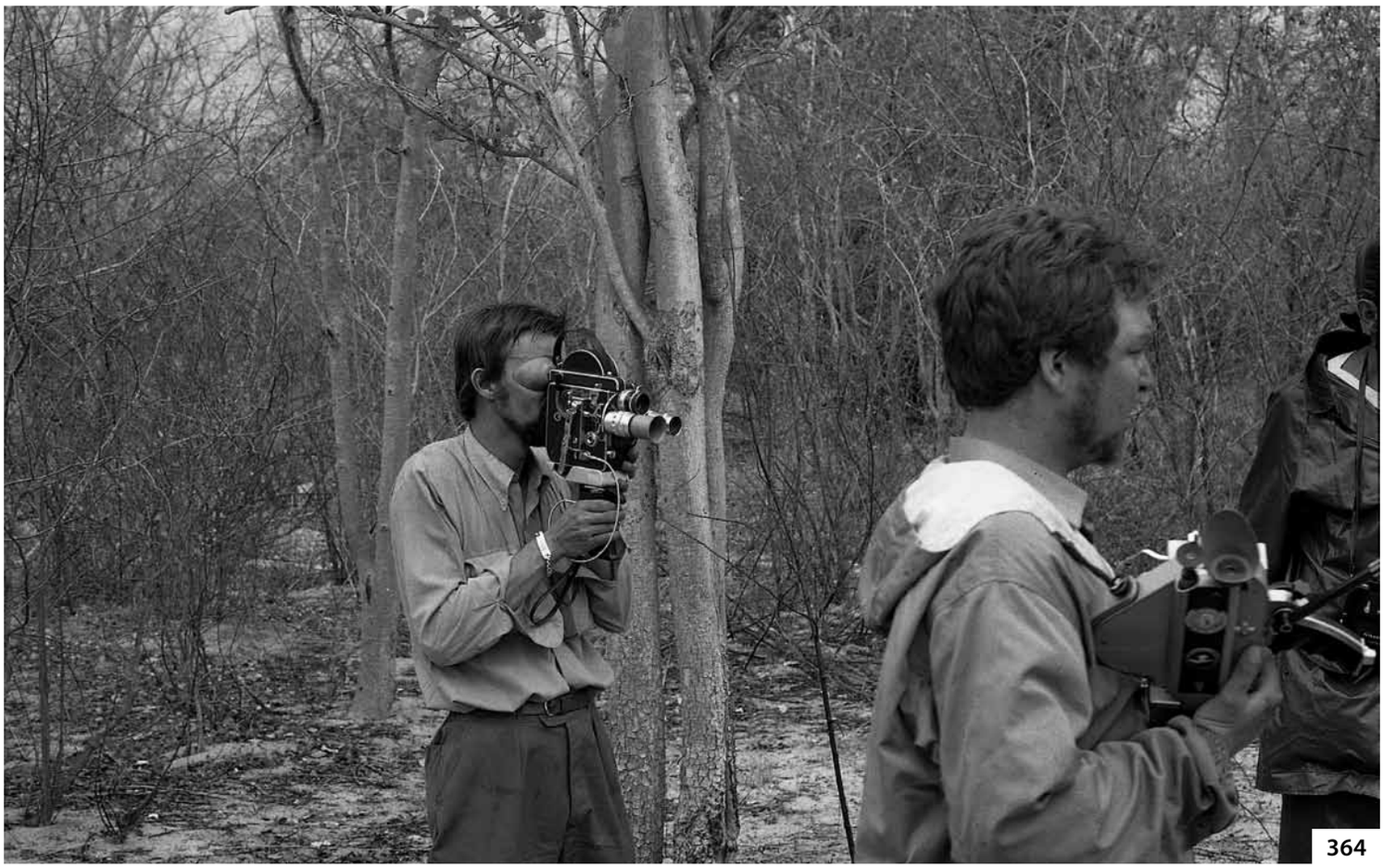
361

FINA
FINA

362

ÃO COMERCIAL DE AUTOMOVEIS SARL
LAND ROVER · ASSISTÊNCIA
CASTROL
AFRIQUE
AUSTRALE
70

363

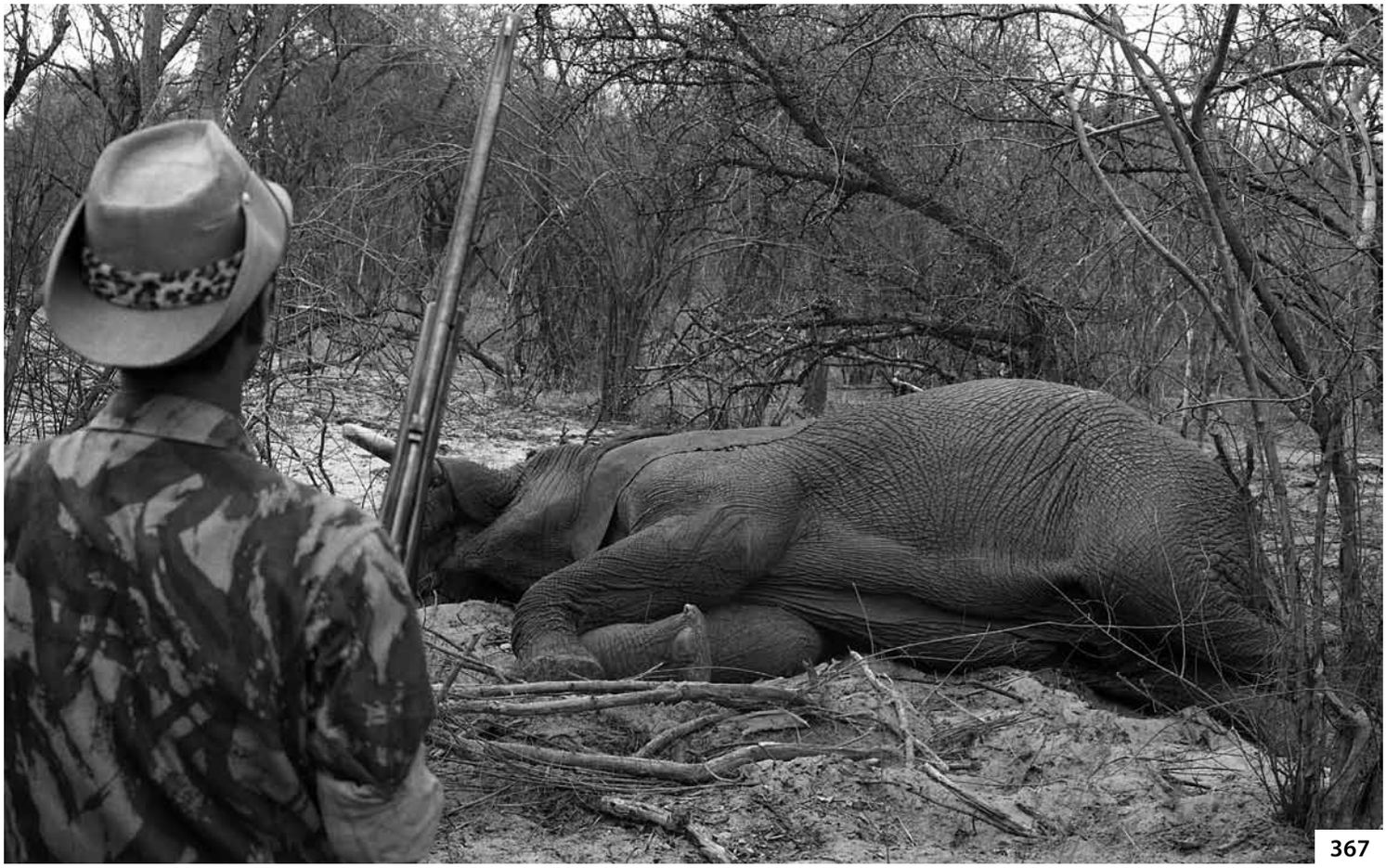


364

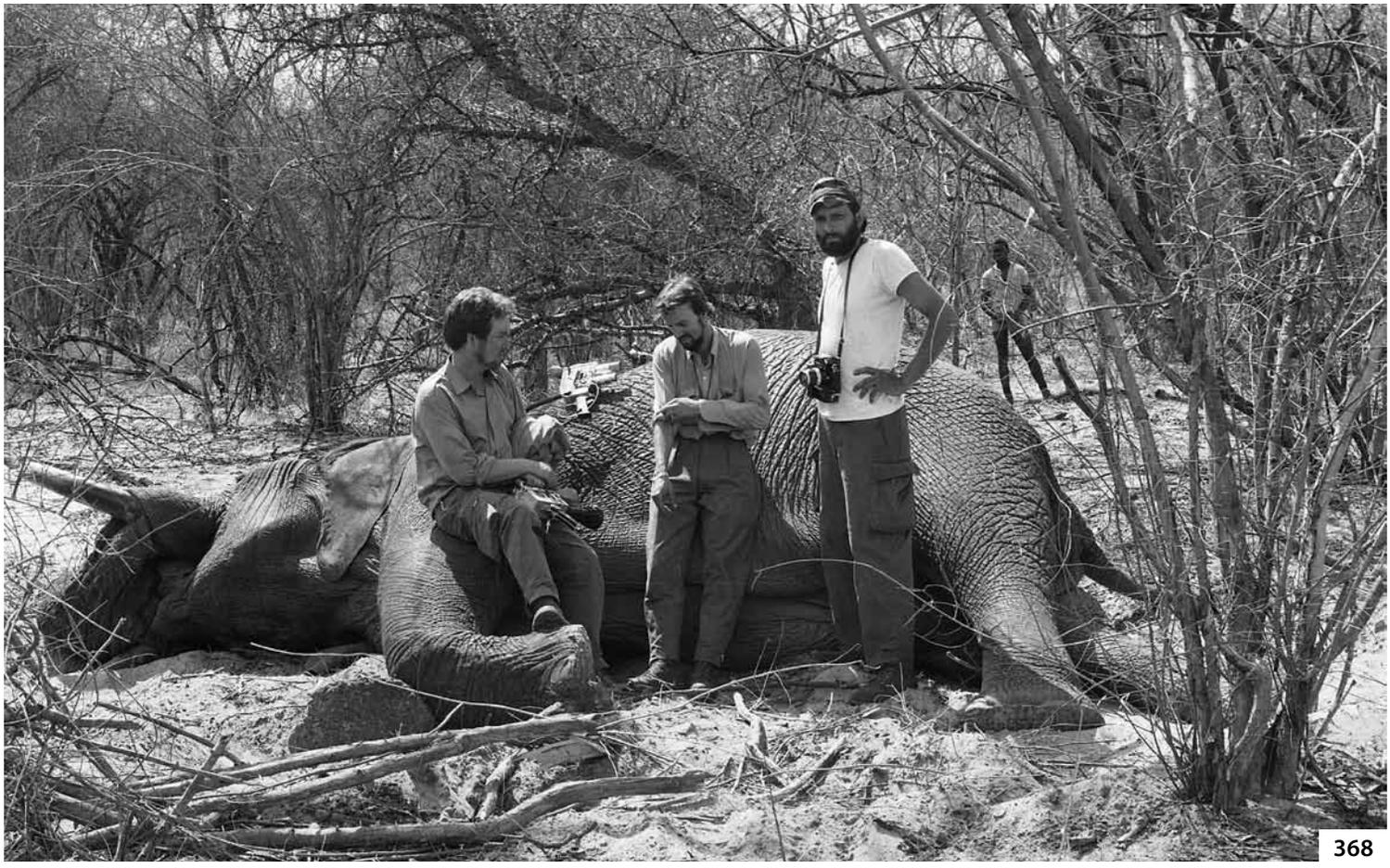
364-365-366-367-368-369-370 – **Perseguição e abate de dois elefantes.**

365

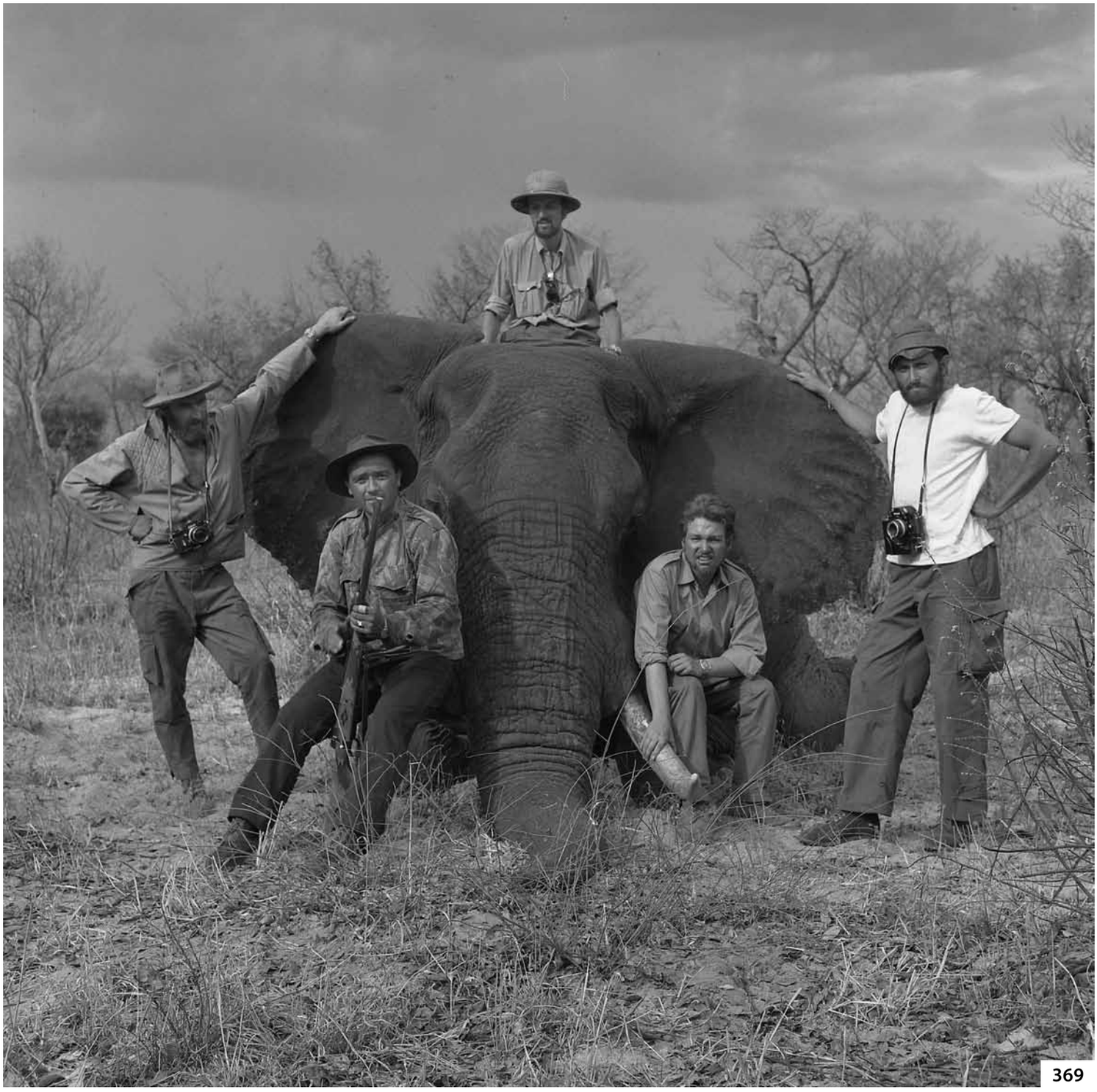
366



367

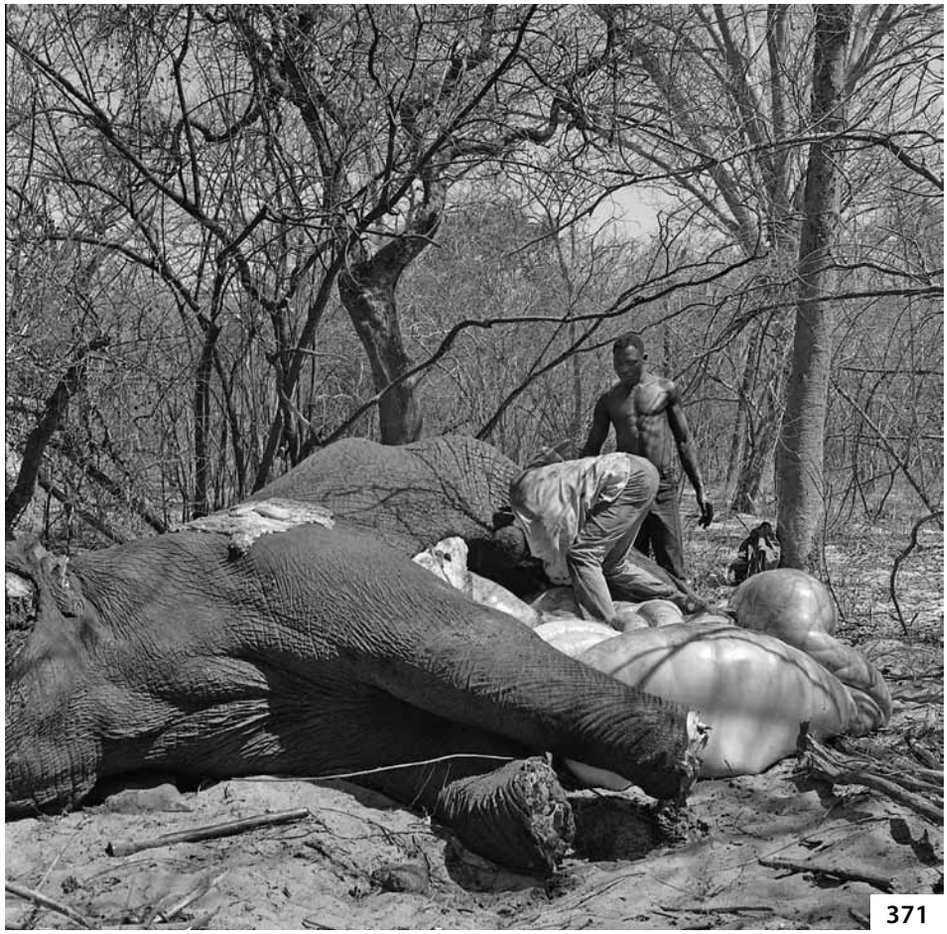


368



369

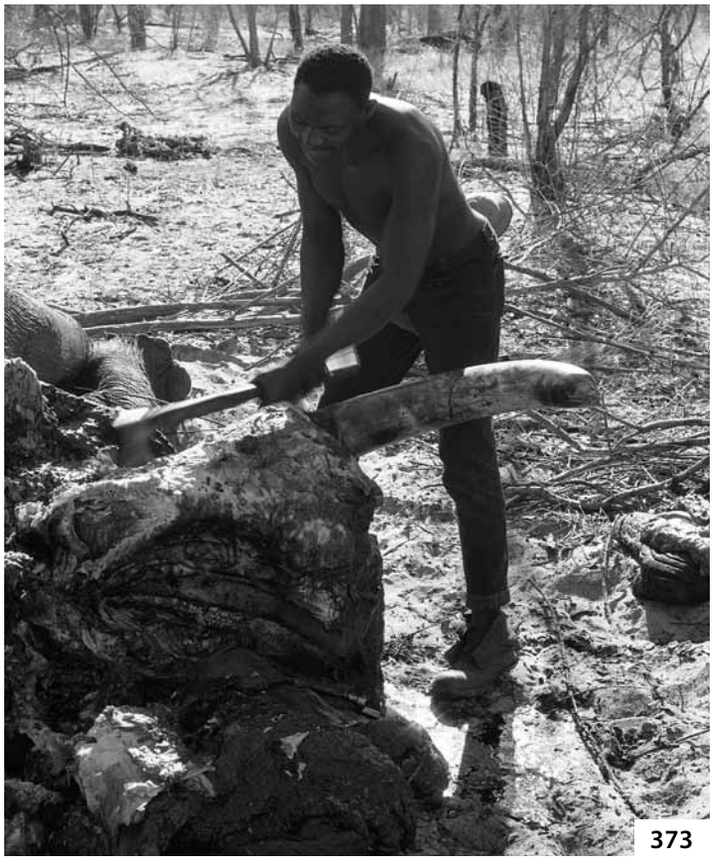
370



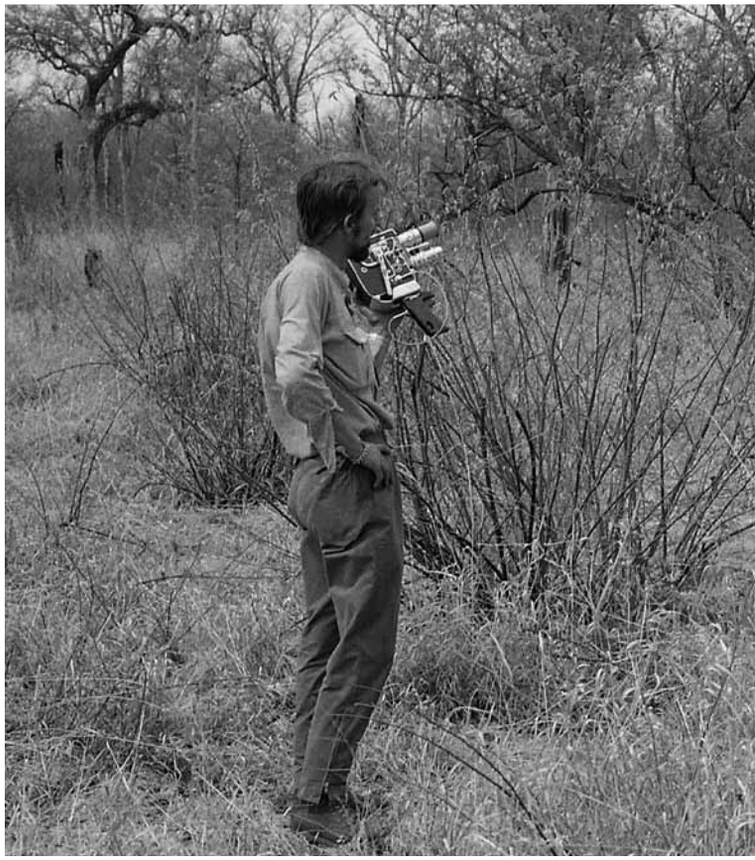
371

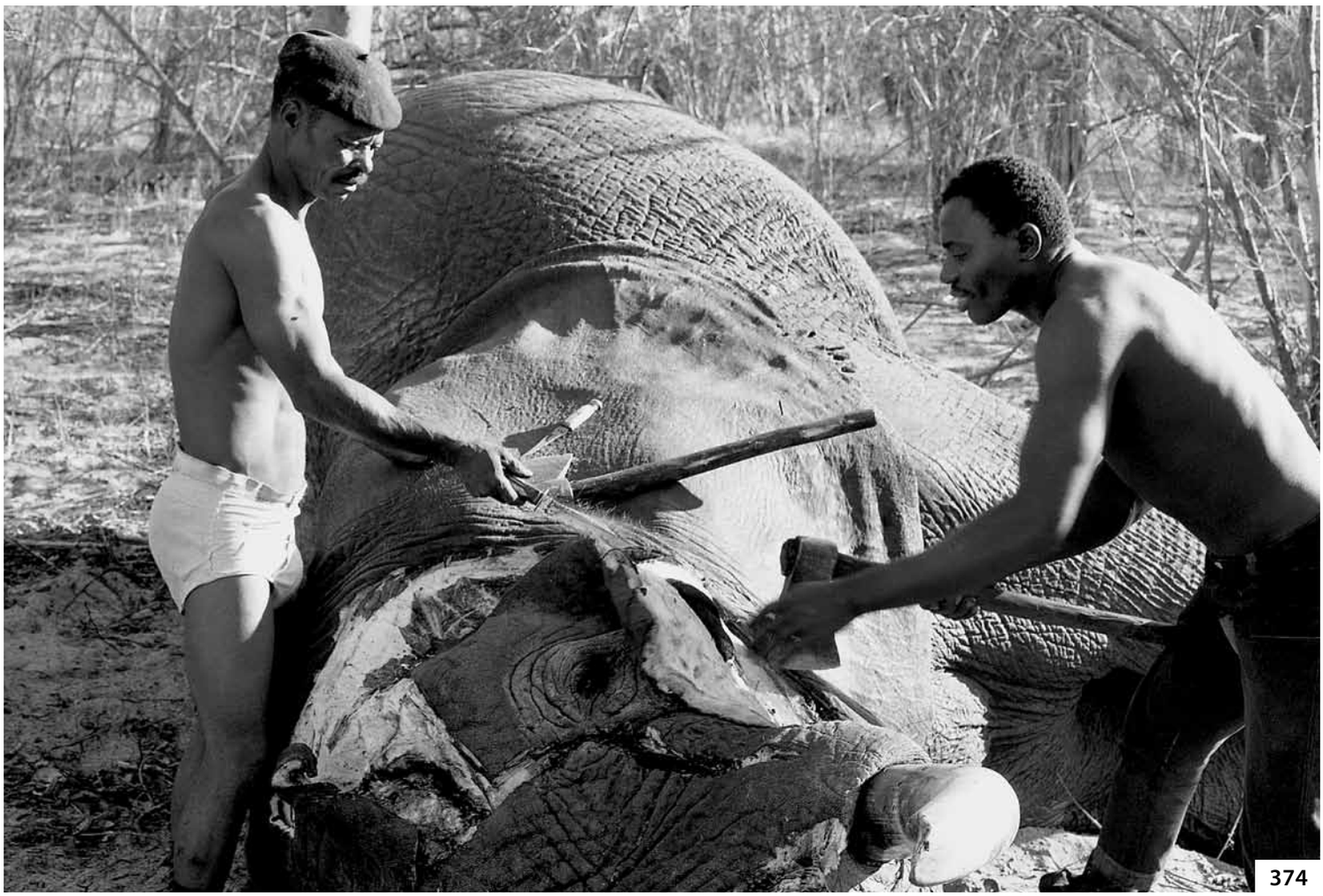
371-372-373-374 – **Começando a decepagem do animal para retirar os dentes, as patas, a pele, etc. Para se retirar as presas do elefante, que se prolongam até atrás da sua cabeça, é preciso quebrar o crânio inteiro. Uma imensa massa morta para se criar uns escassos objectos. Com os poucos pêlos da cauda fazem-se pulseiras, a pele do ventre pode ser um tampo de mesa, as patas (uma vez esvaziadas) são usadas como pufes, das orelhas surgem malas, carteiras, porta-chaves, etc., a extremidade da tromba serve para fazer cinzeiros e, claro, há o marfim das presas. Tudo o resto é deixado no mato para alimentar os abutres, chacais e os bosquímanos.**

372



373





374

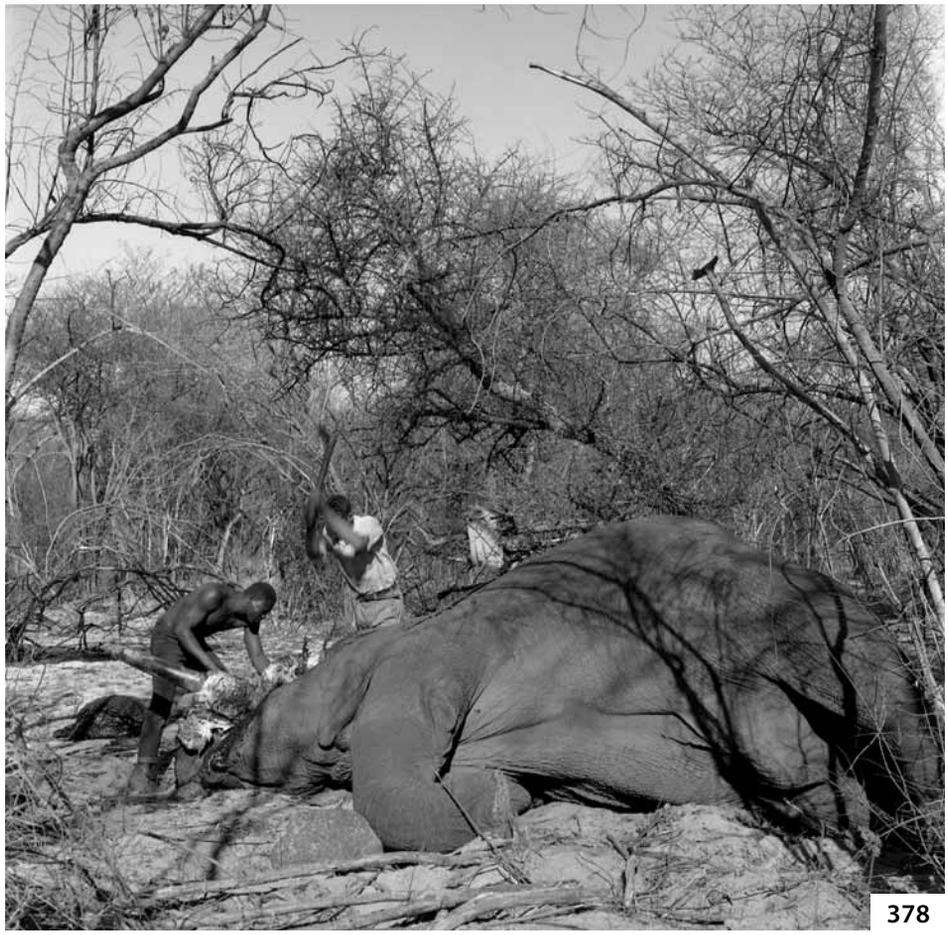
375

375-376 – **Guy filmando um elefante que acabara de ser abatido.**

376

377

Um guia saindo da barriga do elefante, onde foi buscar um pedaço de banha da coluna vertebral, segundo diziam, muito eficaz para atenuar as dores de reumatismo.

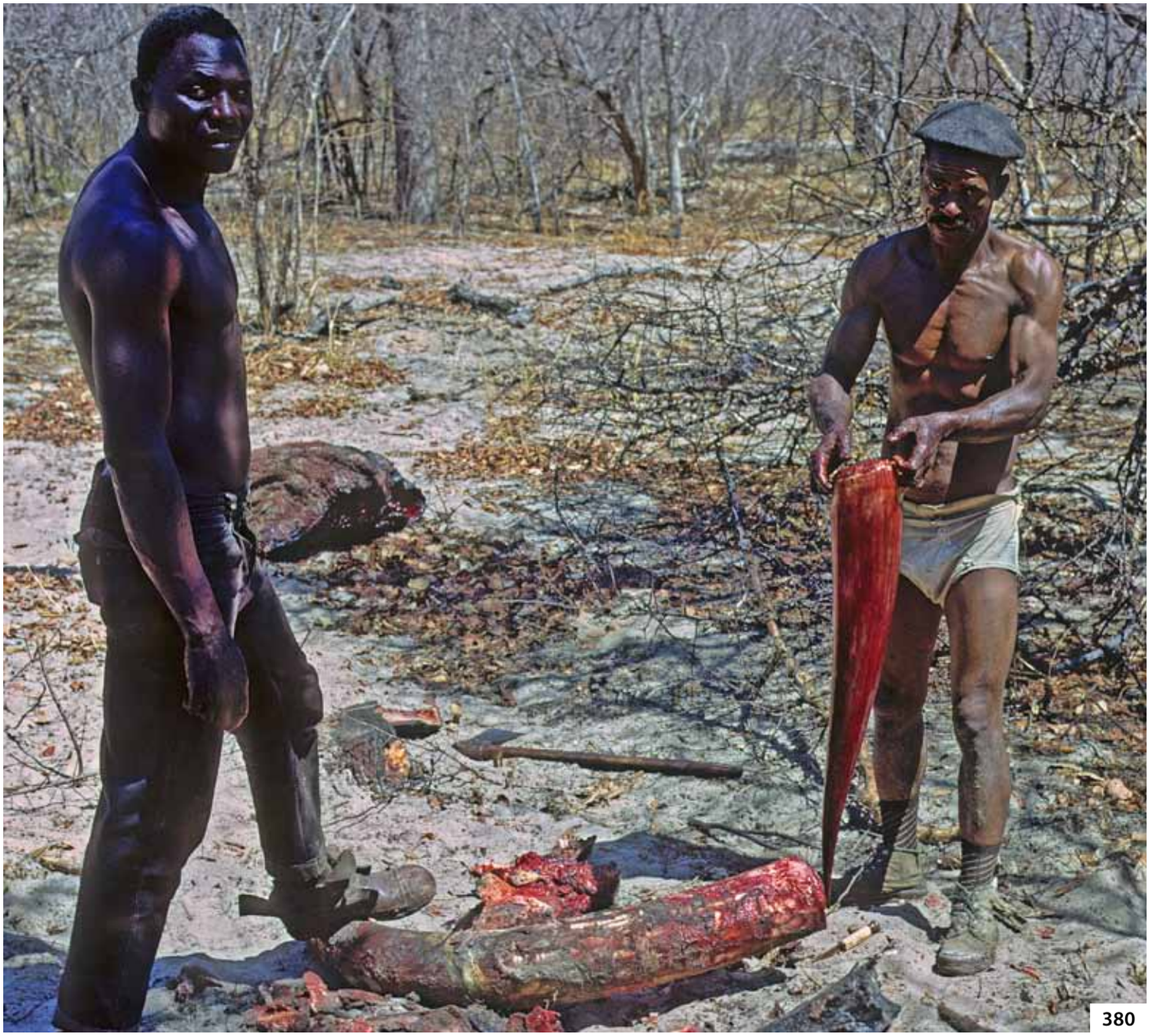


378

Continuando a desmanchar a carcaça do animal.

379

Foram necessários dois homens para carregar a tromba.



380

O nervo do dente, segundo afirmavam, um bom petisco para os indígenas.

381

Pequenos excrementos (caganitas) de antílope.

382

Um antílope fêmea ferido a tiro por um tropa, antes do "golpe de misericórdia".

383

**Os militares abatiam machos e fêmeas. Esta estava prenha de um filhote.
Um verdadeiro caçador só mata machos de grande porte.**

384

384-385 – **Uma palanca e um javali abatidos a tiro.**

385

386

O impacto da bala na barriga do animal.

387

A cabeça de um búfalo pronta a ser limpa, para depois ser embalsamada.

388

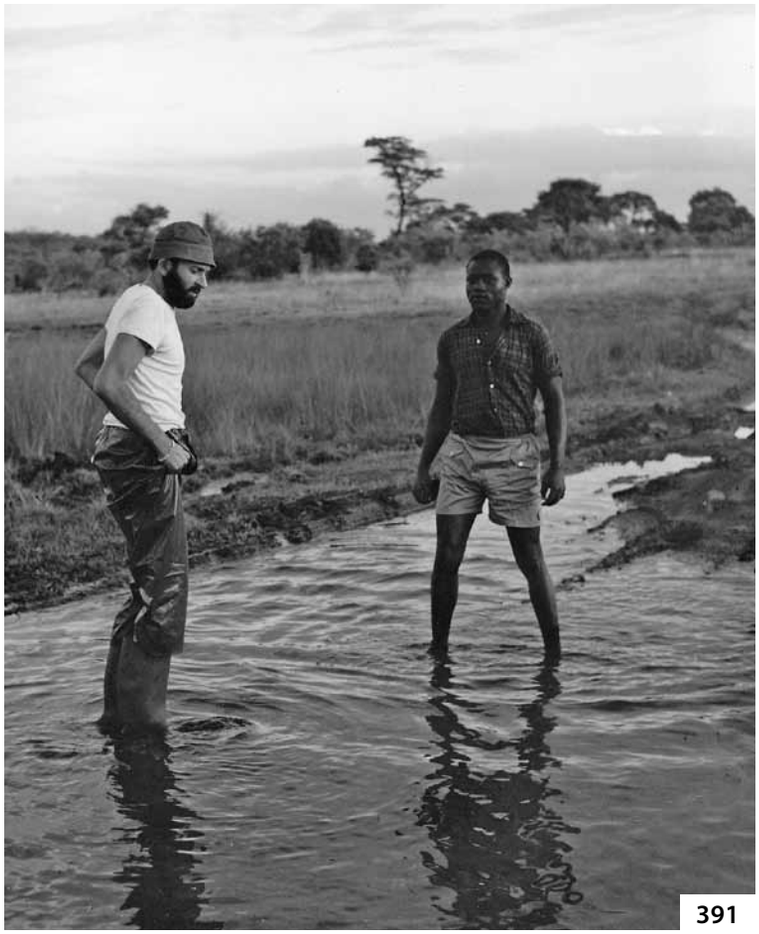
Um antílope abatido calhou bem para o almoço do pessoal da coutada a caminho de Sá da Bandeira.

389

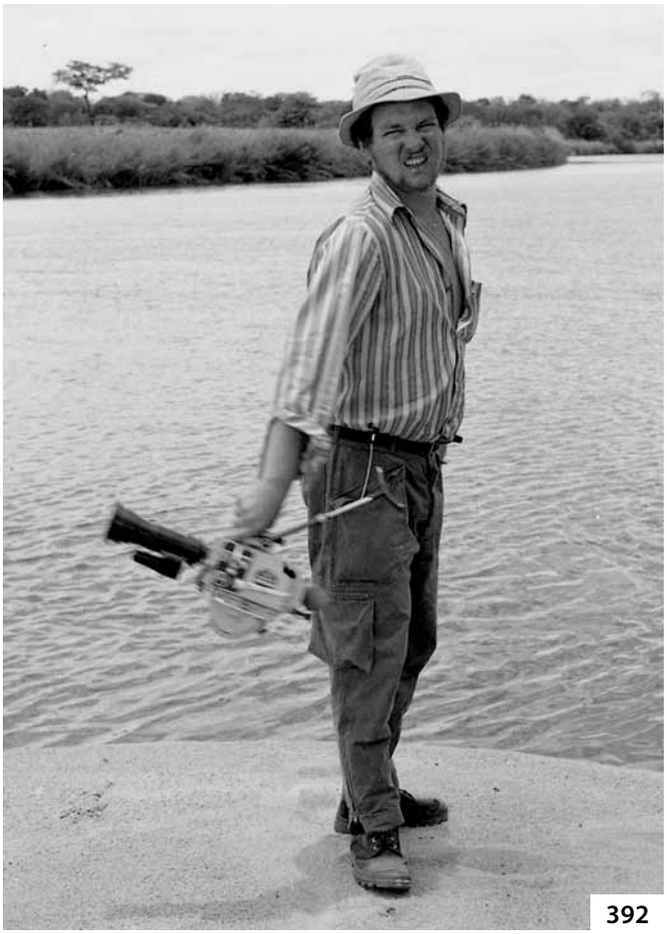
Um bosquímano bebendo água do rio. Para beber, atiravam a água para dentro da boca. Bem tentámos fazer o mesmo, mas ficávamos sempre com sede!

390

**Navegar de piroga era bastante arriscado devido à instabilidade,
ainda assim o Bernard conseguiu captar algumas imagens do rio Cubango.**



391



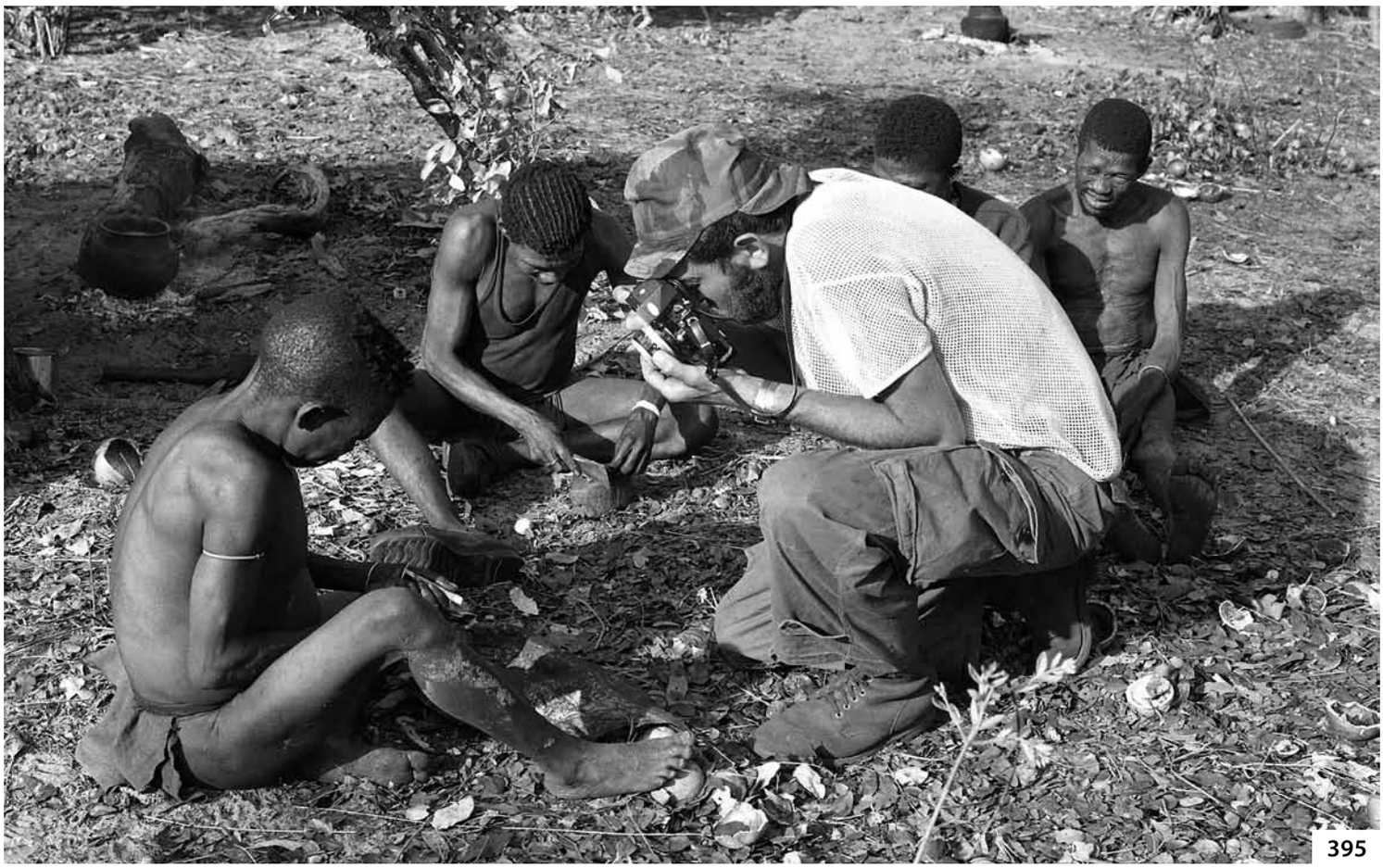
392

391-392 – **Jean Charles e Bernard no Cubango.**

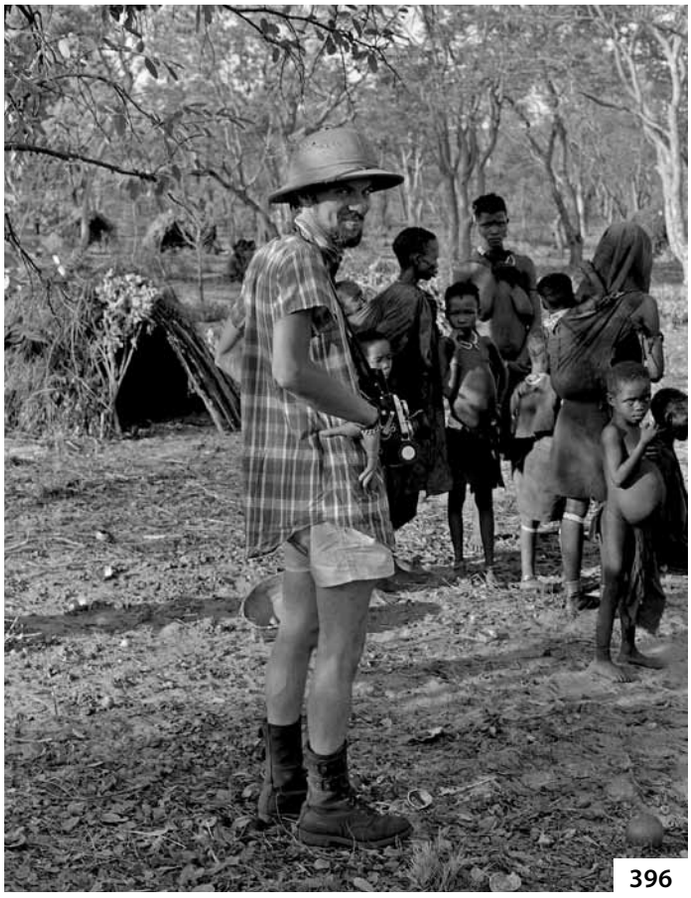
393

393-394-395-396-397-398 – **Acampamento bosquímano perto da coutada de caça do Mucusso, nas margens do Cubango. Além de nómadas, os bosquímanos são da família dos pigmeus e, por isso, muito pequenos.**

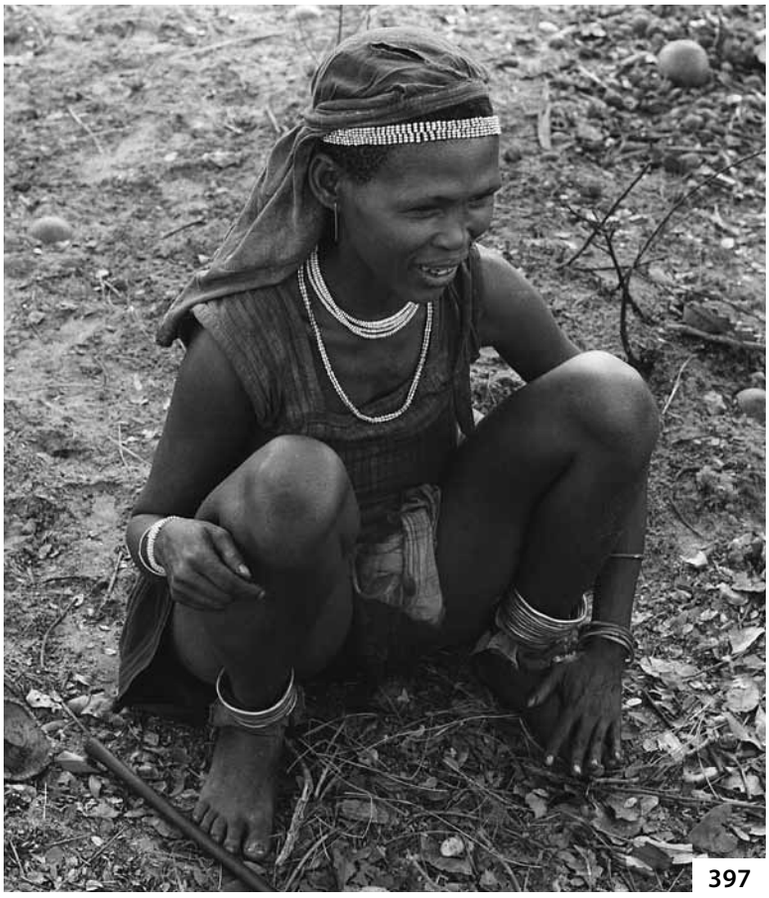
394



395



396

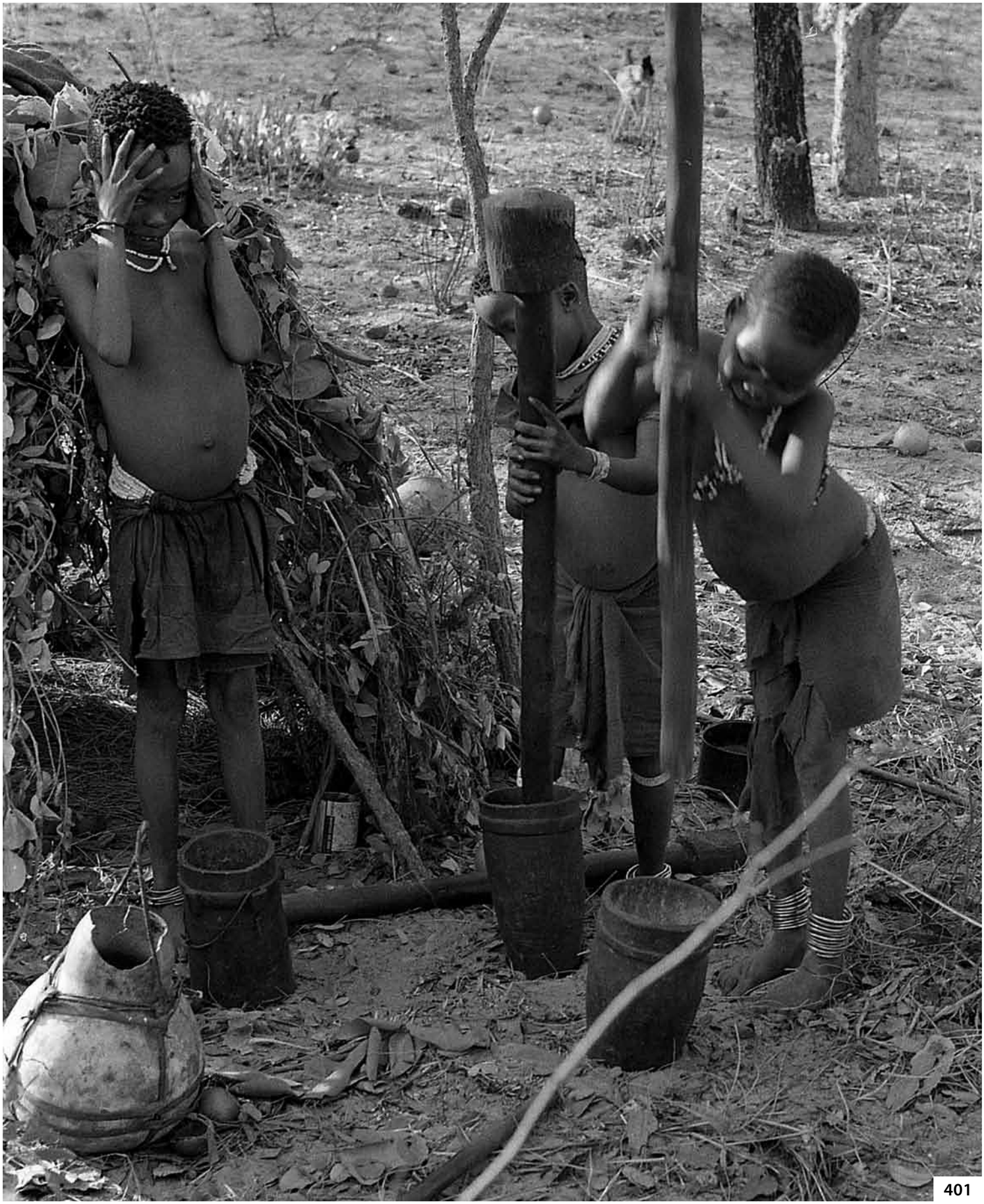


397

398

399

400



401

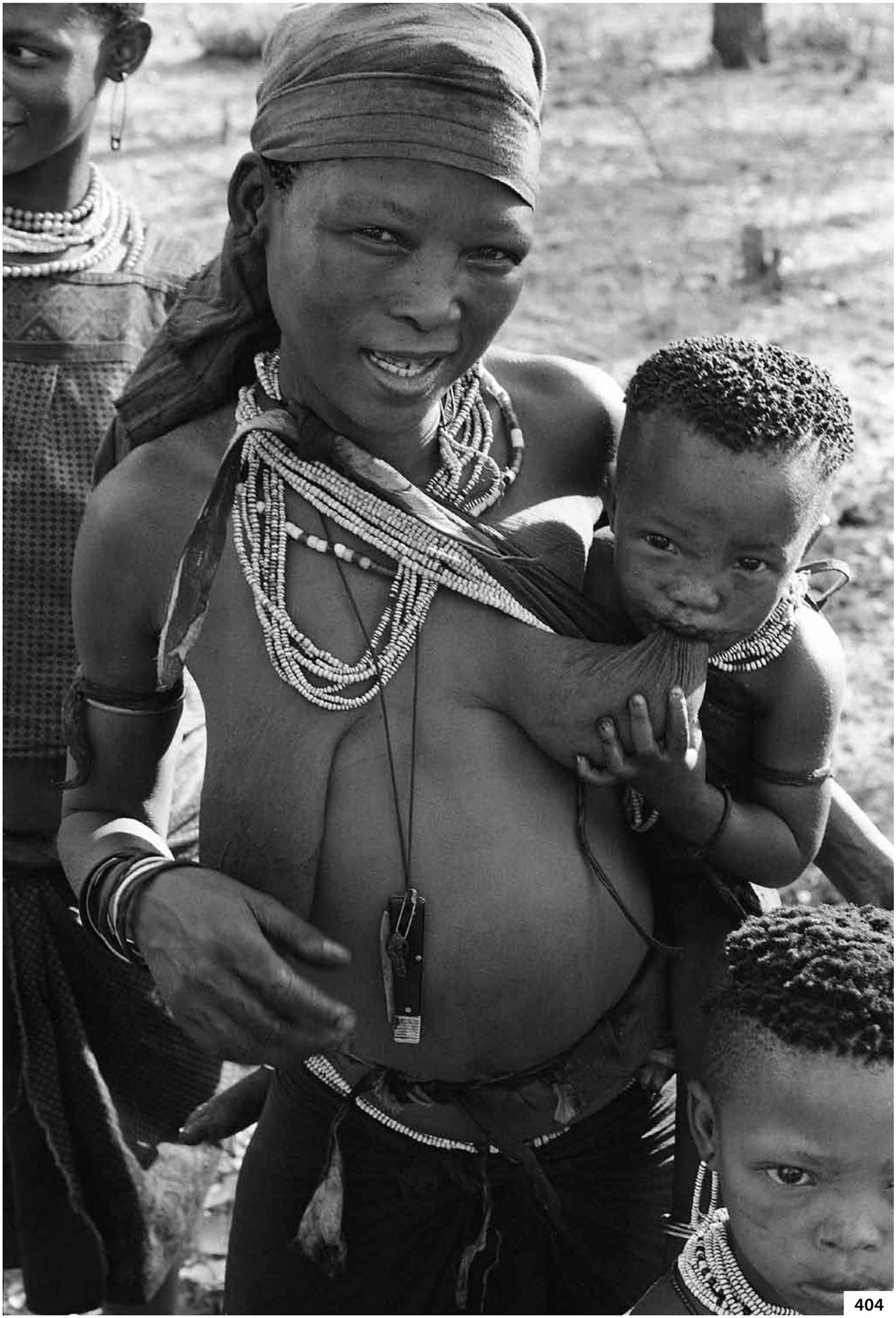
399-400-401 – **Jean Charles fotografando duas meninas bosquímanas pilando milho. Sendo recolectores do que existe na natureza, comem algumas sementes selvagens, pequenos animais e os restos da caça deixada pelos caçadores, são peritos a observar a passagem de animais e disparam as suas flechas envenenadas com grande precisão. Também criam galinhas que os acompanham nas suas deambulações .**

402

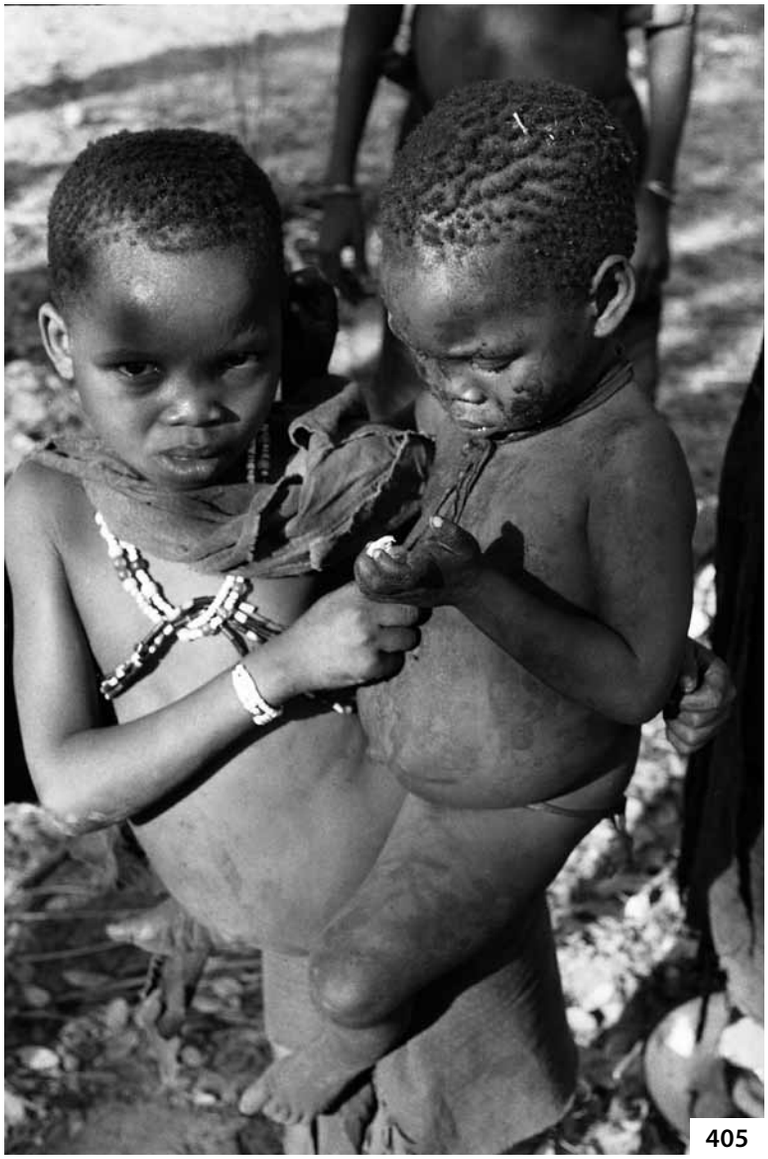
Kosta com raparigas bosquímanas.

403

403-404-405-406-407-408 – **Mulheres e crianças bosquímanas no seu acampamento.**



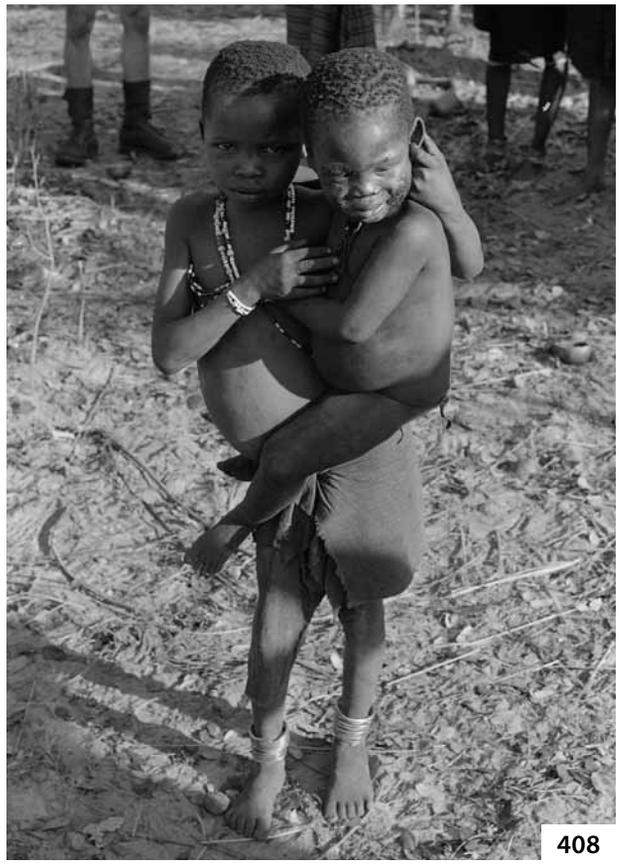
404



405

406

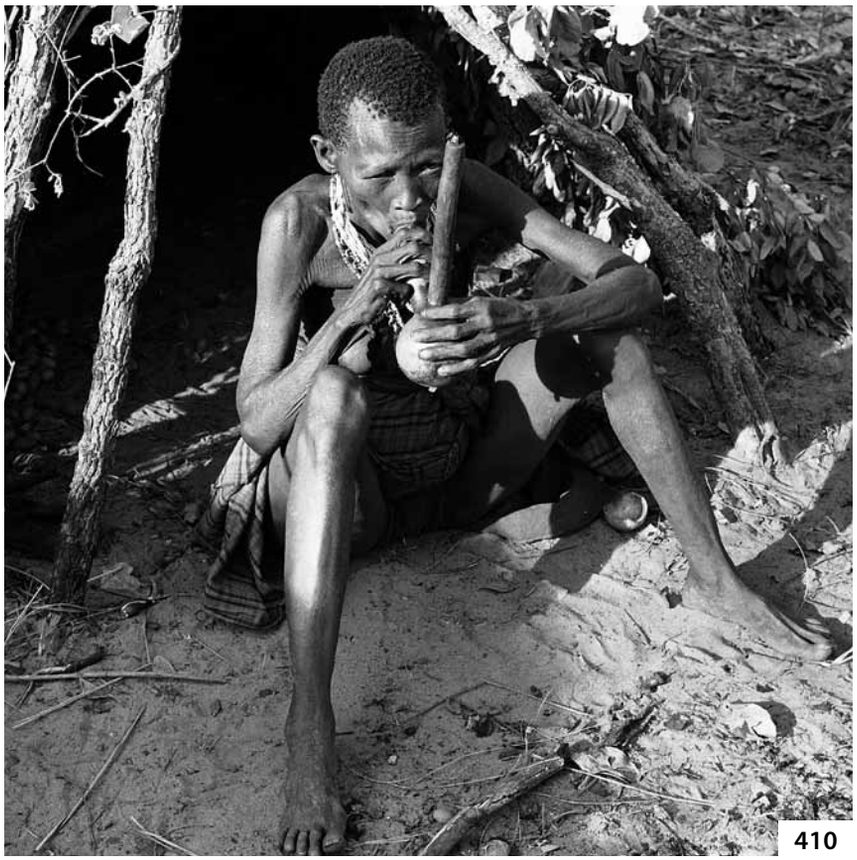
407



408

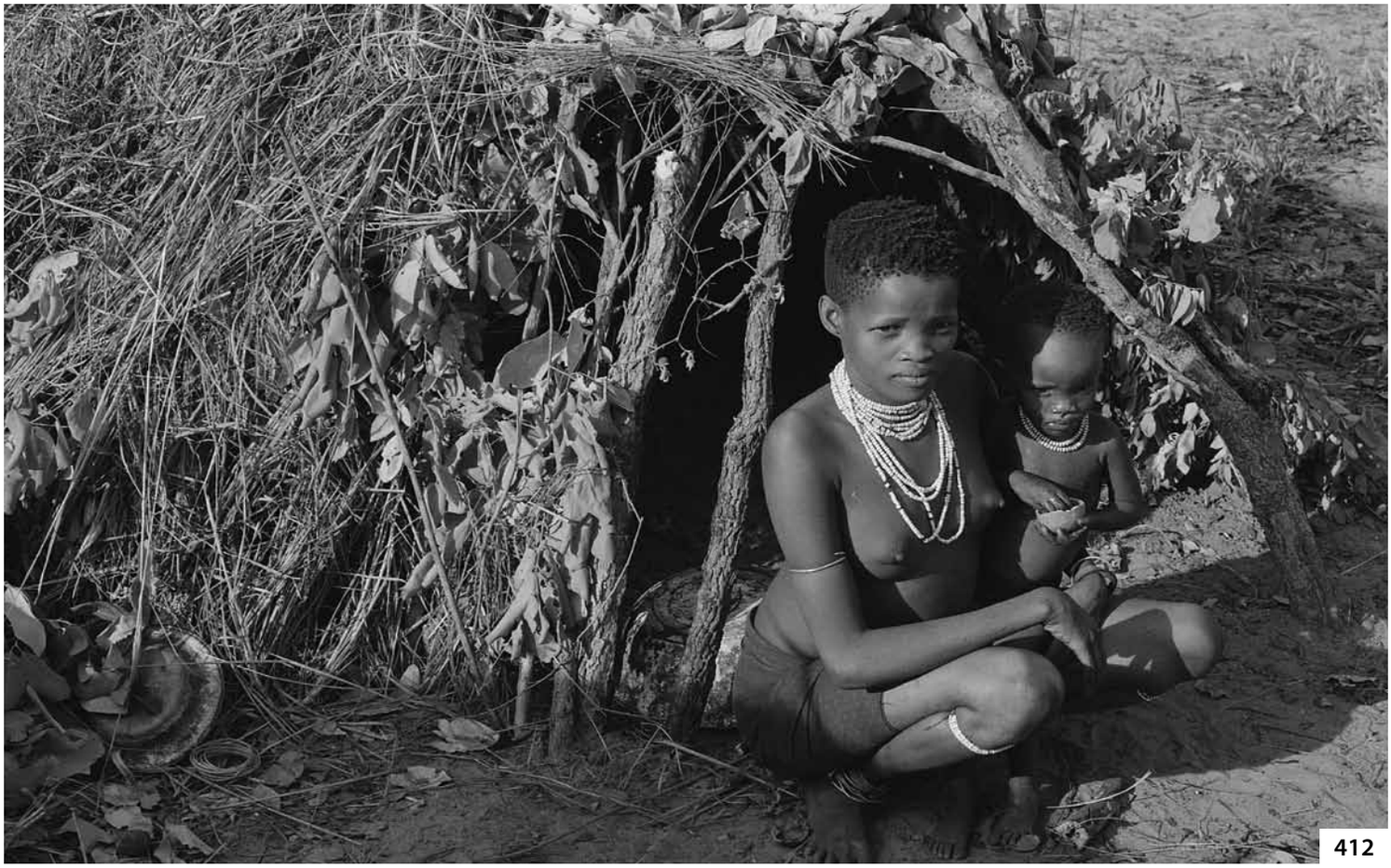
409

409-410 – **Uma idosa fumando marijuana.**



410

411



412

411-412-413-414 – **As crianças bosquímanas nem sempre se lavavam, pois a água era muito preciosa para beber ou cozinhar. Uma pequena história: demos a um miúdo bosquimano um pequeno sabonete de hotel, para se lavar, mas ele mete-o na boca e comeu-o!**

413

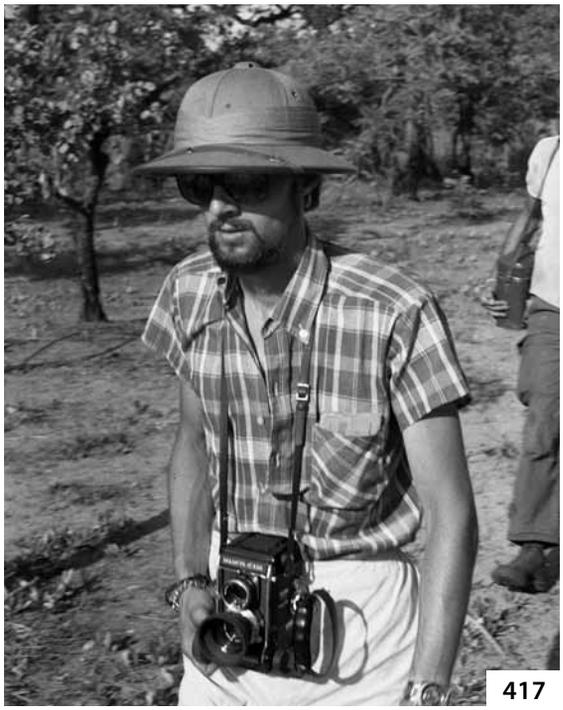
414

415

Jean Charles fotografando pedaços de carne a secar ao Sol.

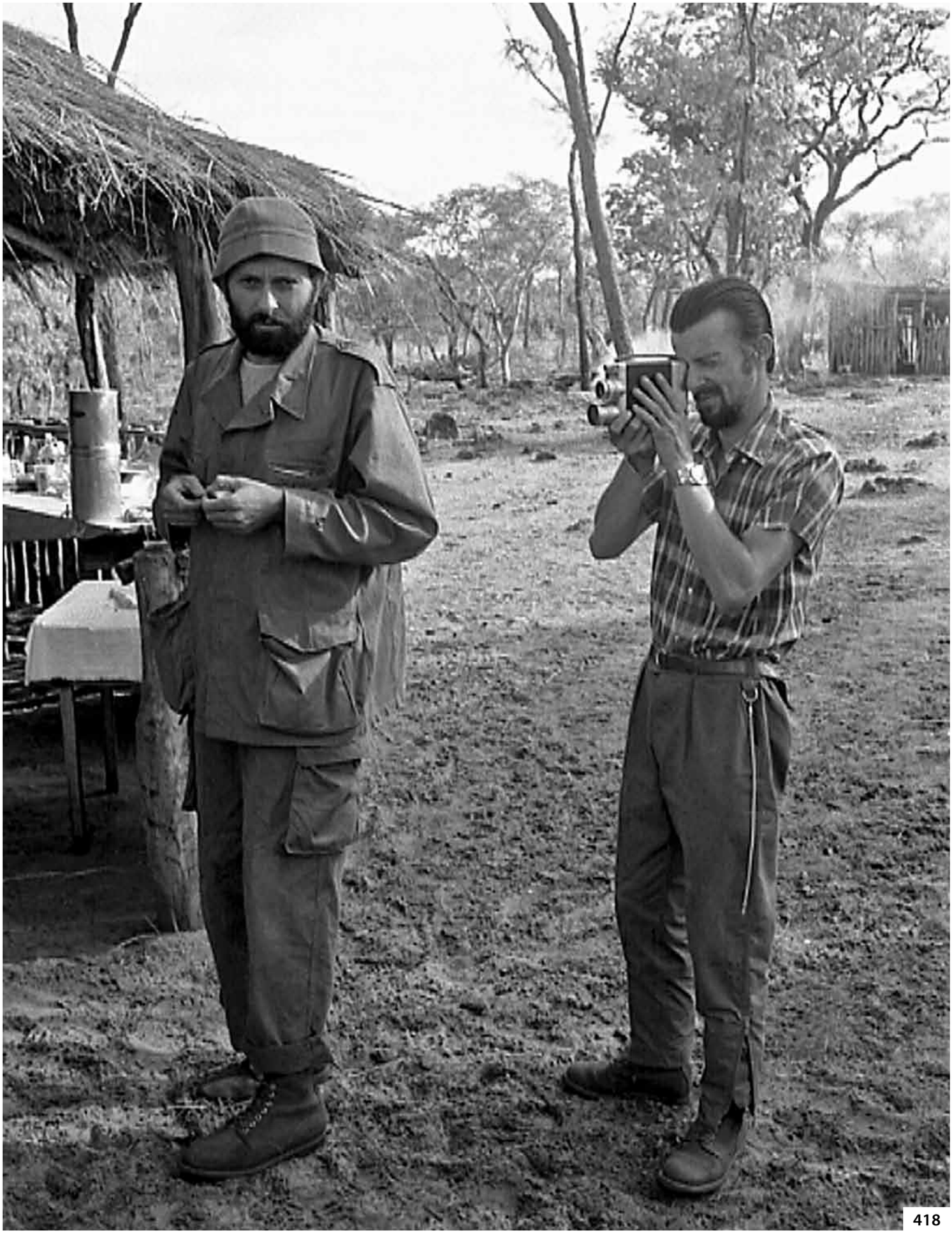
416

Um guia bosquímano carregando a máquina do Bernard.



417

Guy fotografando com a Mamya.



418

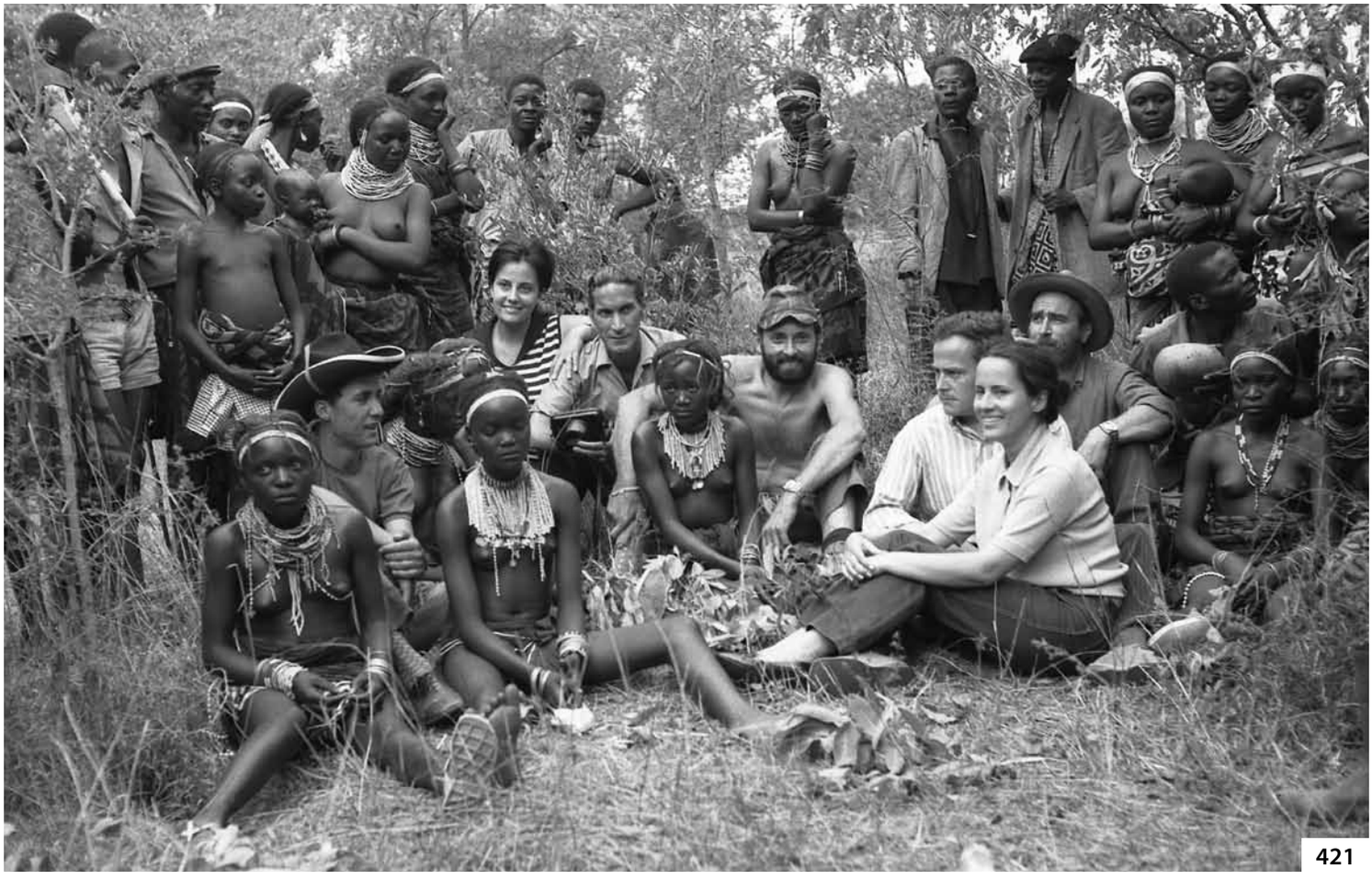
Guy filmando com a Bolex e Jean Charles ao lado.

419

De volta a Sá da Bandeira junto à sede do safari da família Espinhas, com dois majestosos troféus que, depois de embalsamados, ornamentavam as salas dos clientes caçadores.

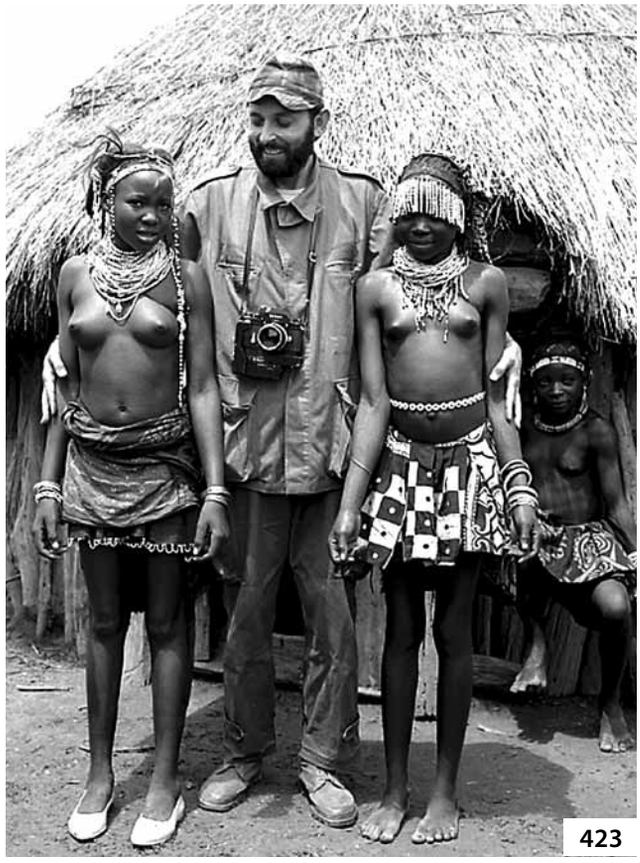
420

420-421-422-423-424 – **A equipa e amigos posando com rapazes e raparigas M'Huíla, perto de Sá da Bandeira.**



421

422



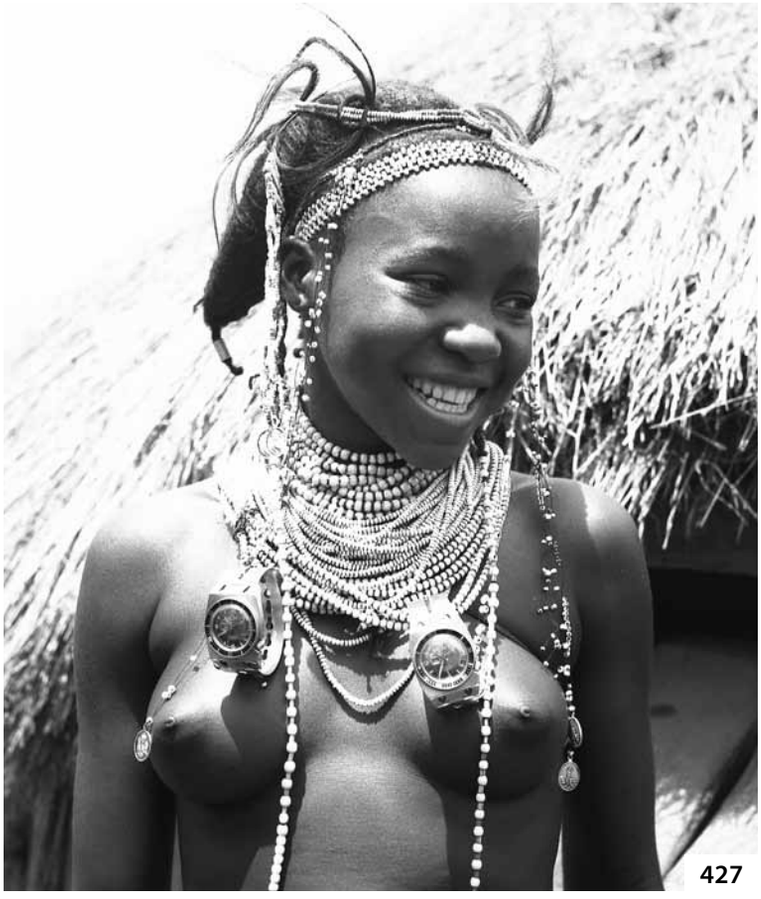
423

424

425

425-426-427-428 – **A equipa filmando e fotografando numa aldeia M'Huíla. Emprestámos às crianças relógios franceses para fazer fotografias publicitarias.**

426

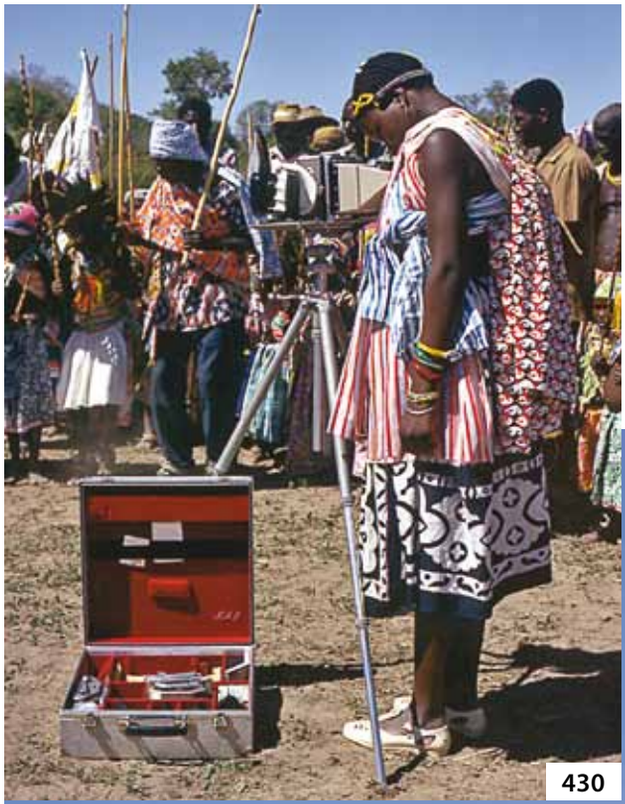


427

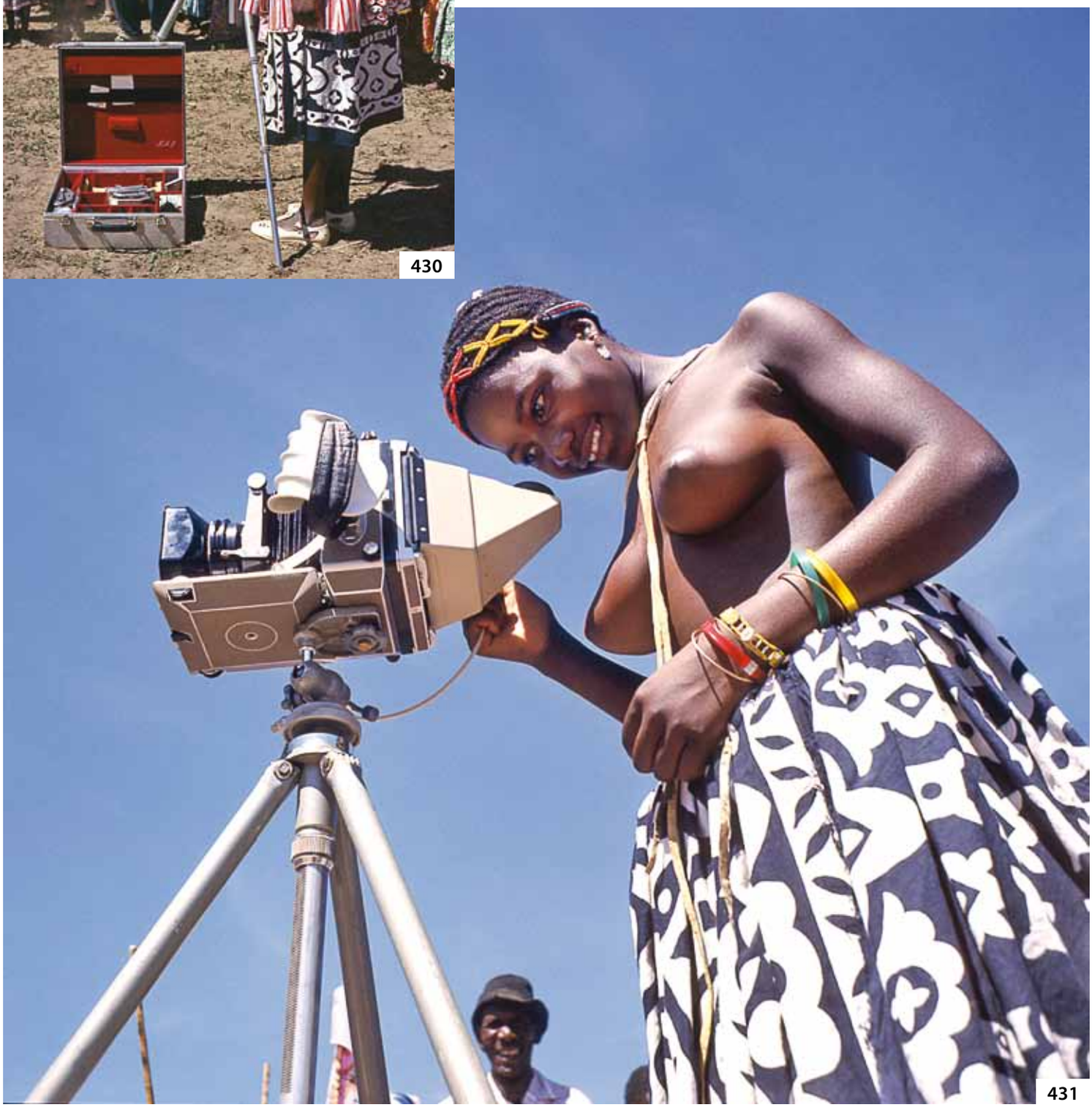
428

429

429-430-431 – **Numa festa de circuncisão numa aldeia M'Huila, perto de Sá da Bandeira uma moça prestou-se a carregar a nossa máquina fotográfica Linhof, mas quando olhou pelo visor viu que imagem estava ao contrário.**



430



431

432

432-433 – **No Cunene, depois das chuvas de Outubro, as planícies ficavam inundadas e a circulação pelos trilhos, dificilmente visíveis, era perigosa.**

433

434

435

435

434-435 – **Monumento às tropas portuguesas nas campanhas contra os Cuanhamas.**

436

Na época das chuvas os campos ficavam cobertos de capim e de flores, sinónimo de gado gordo para os indígenas e outros criadores brancos.

437

Ponte sobre o rio Cunene.

438

A nossa cadela, Lara, aproveitando um pouco desta água rara para se refrescar.

439

Monumento às campanhas contra os Cuanhamas.

440

440-441-442 – **Depois das fortes chuvadas, os campos e as estradas ficavam alagados.**

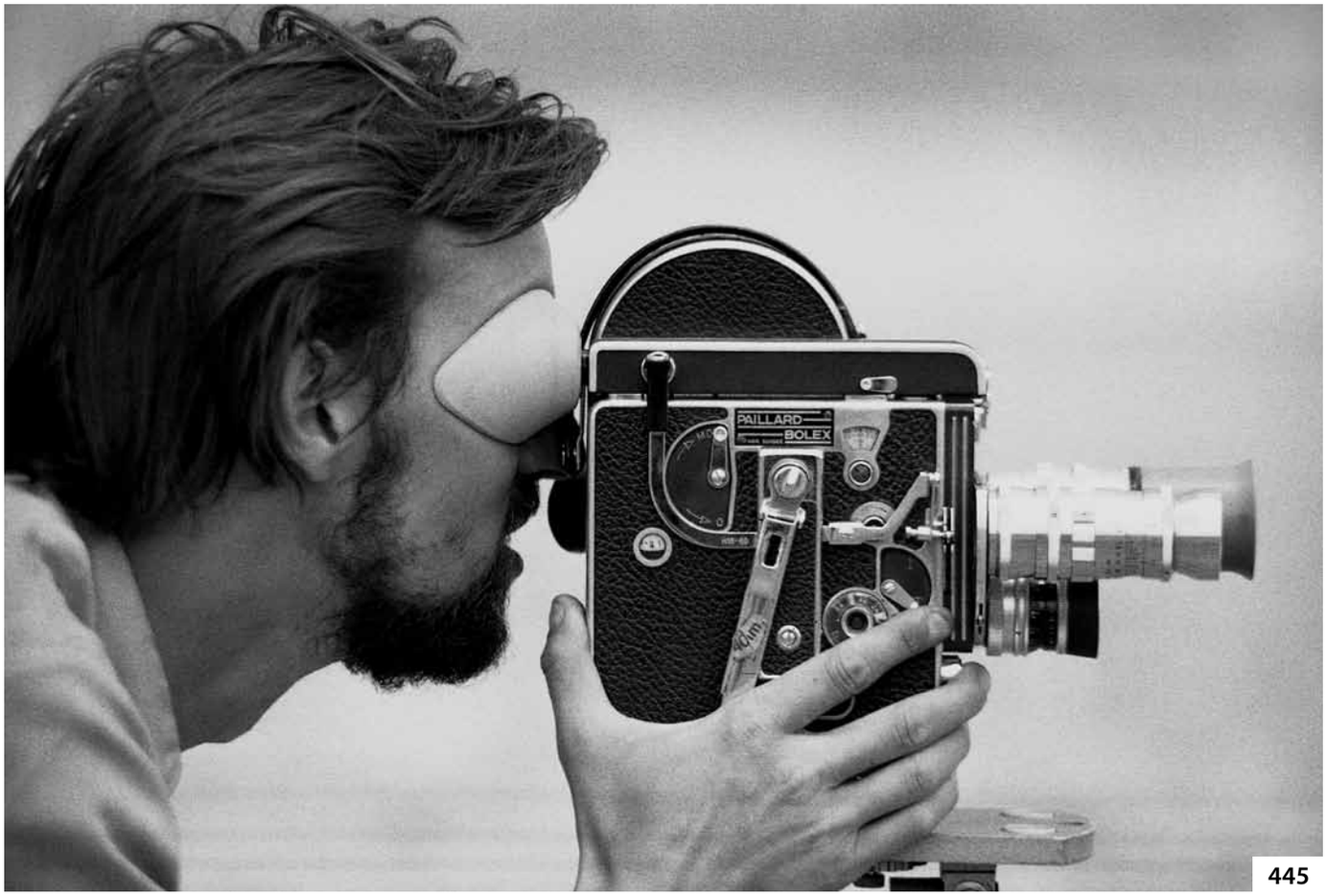
441

442

443

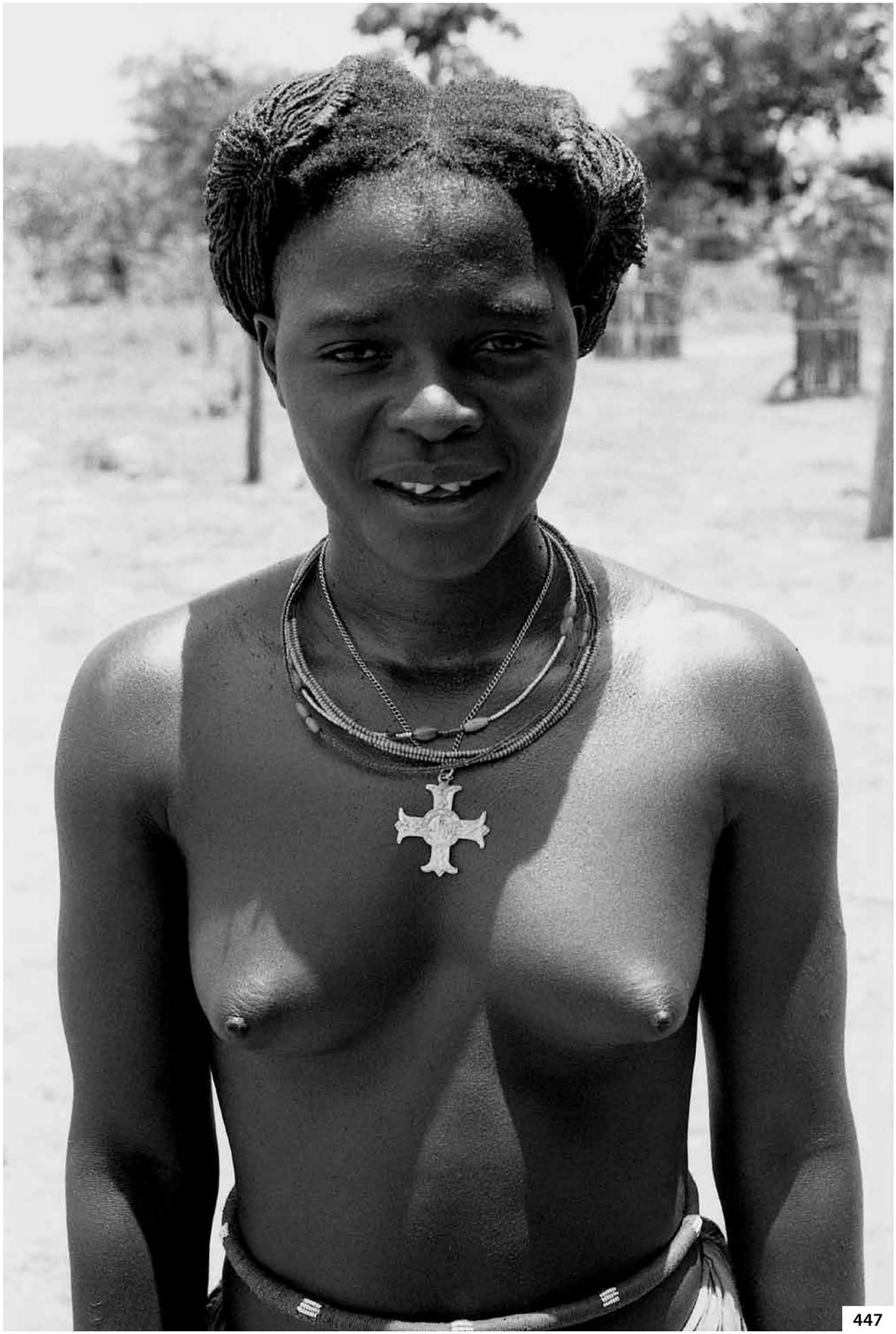
444

443-444-445-446 – **Algumas cenas filmadas pelo Guy, perto do rio Cunene.**

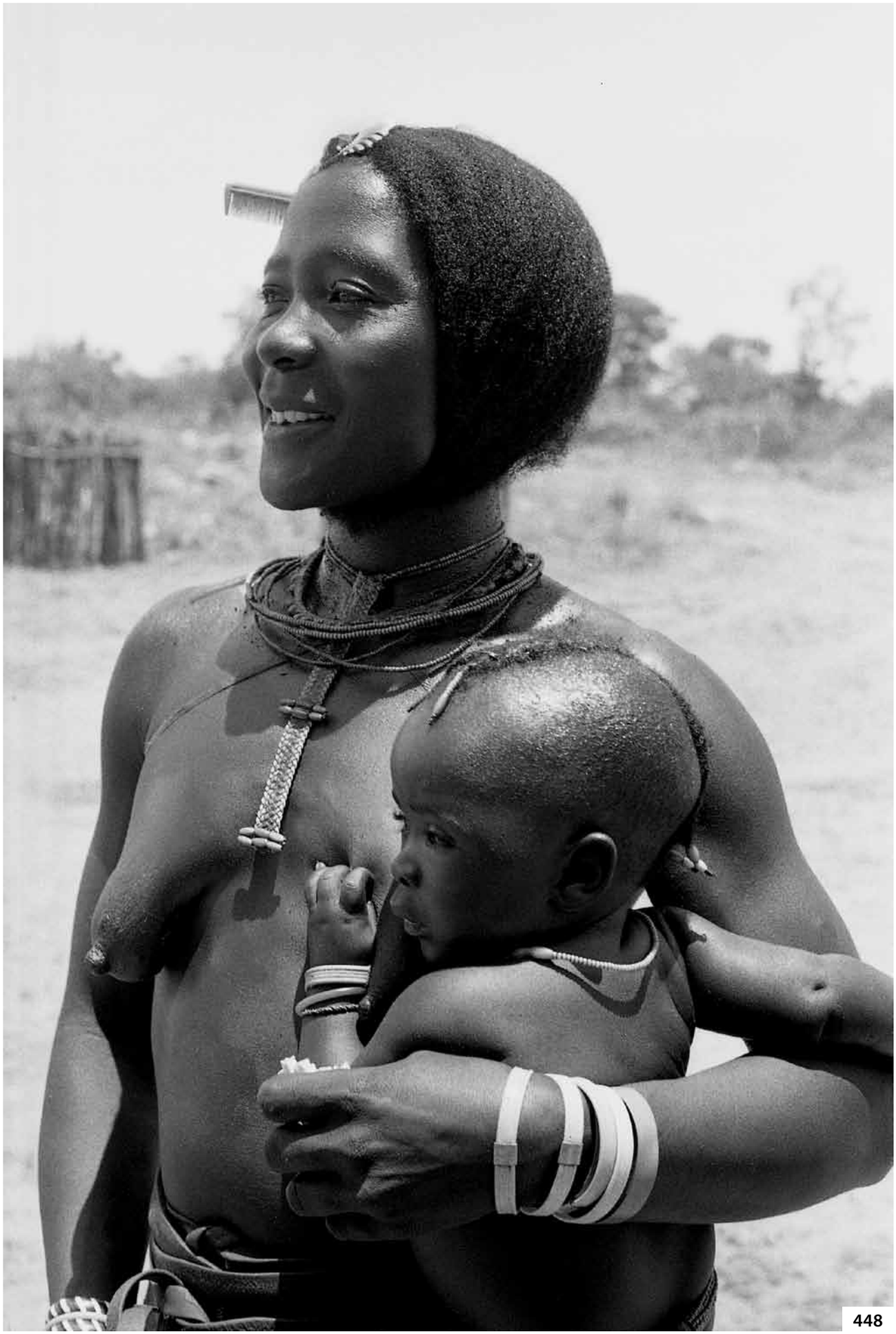


445

446



447-448-449 – **Mulheres e crianças M'Huíla (?) do Cunene.**



448

449

450

Guy, um pouco atrapalhado, tentando resolver um problema.

451

Outro monumento à glória das tropas portuguesas.

452

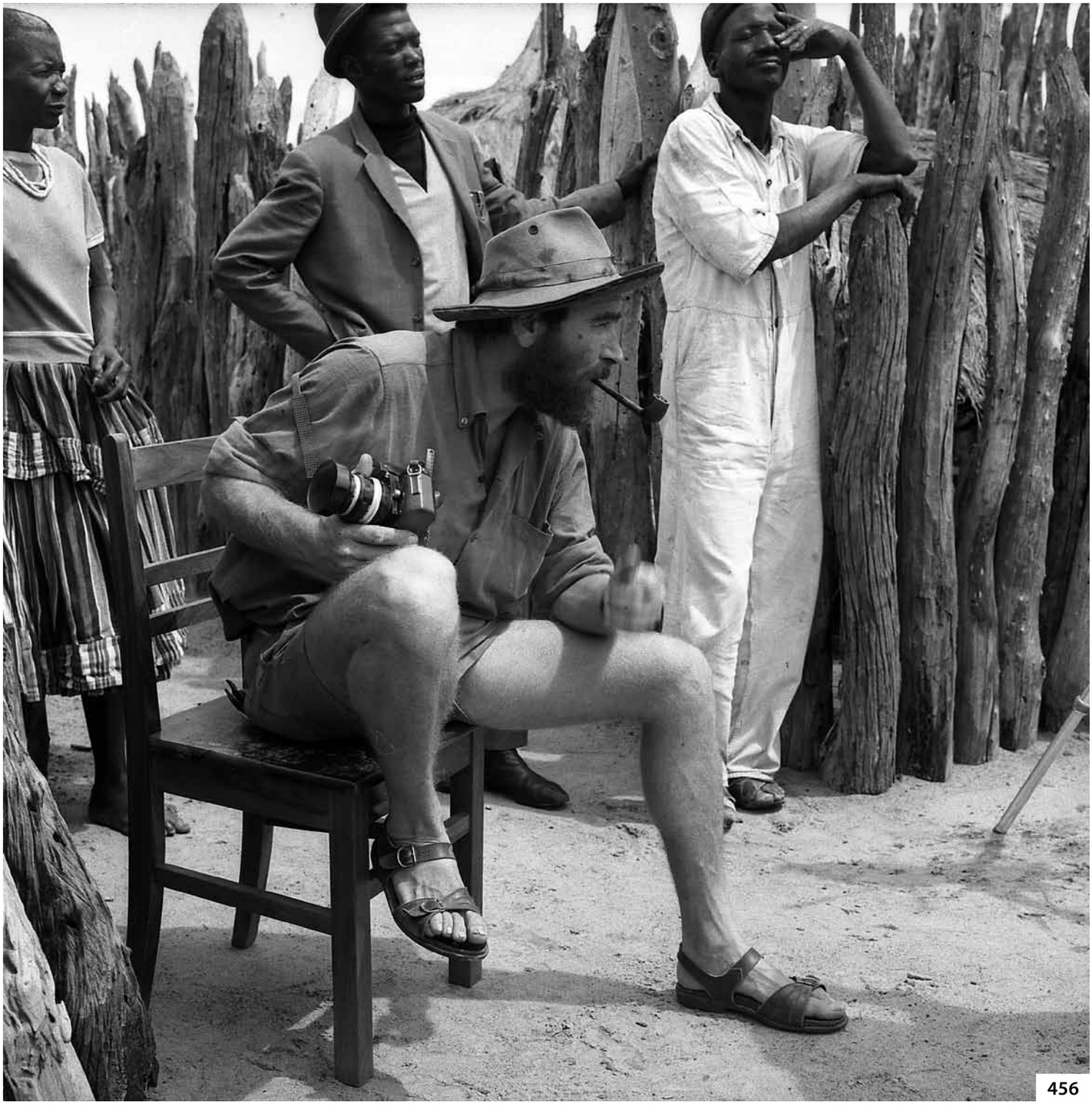
A filha do administrador da Mongua posando junto a um monumento.

453

453-454-455 – **A mesma jovem com duas crianças abandonadas nas matas do Leste, que foram adoptadas pelo administrador.**

454

455



456

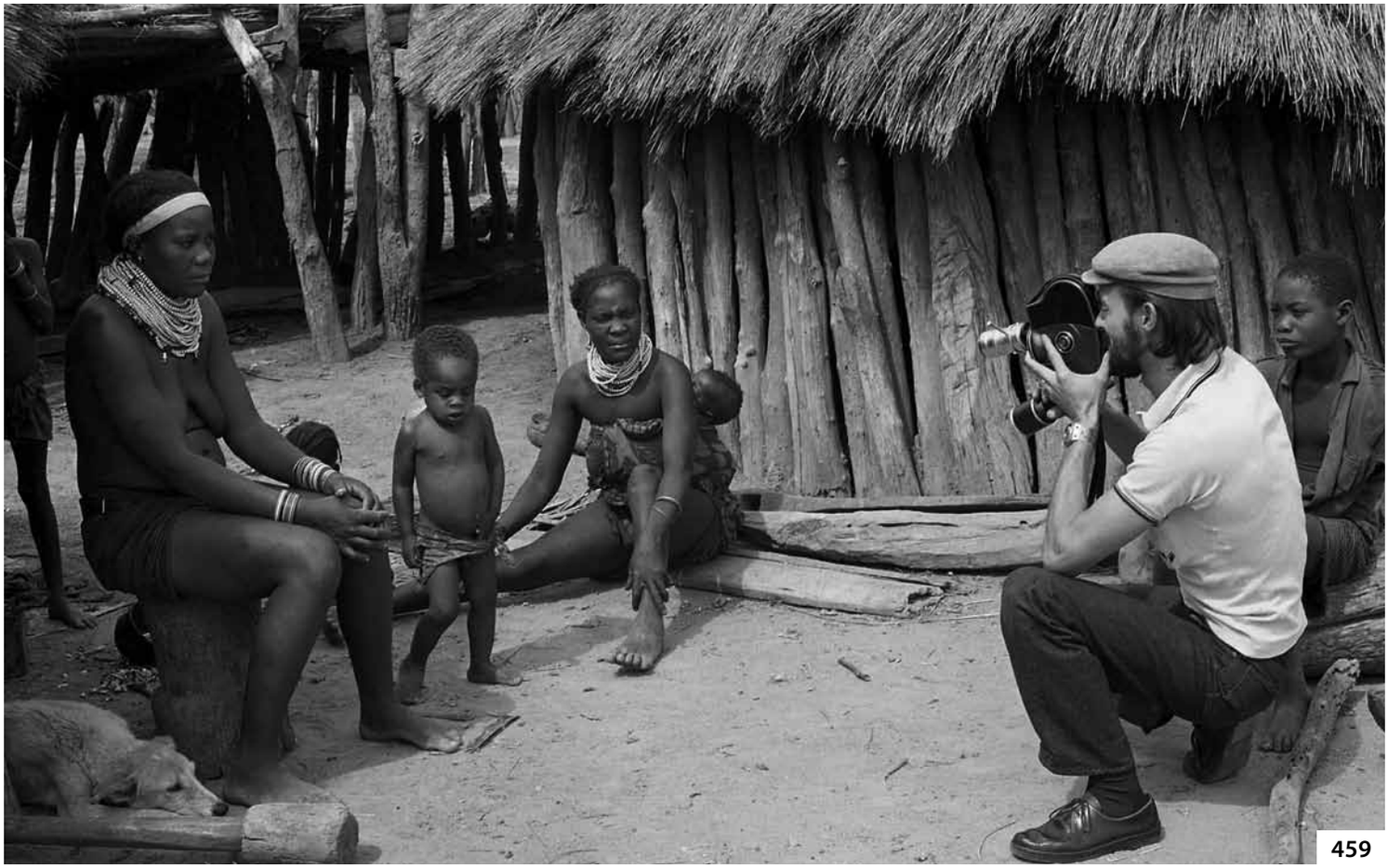
Perto de Roçadas reencontrámos uma tribo de Cuanhamas, tribo semi-sedentária fixada em locais bem organizados. Na foto, Kosta admira o trabalho das mulheres.

457

Moendo a mandioca e preparando a fuba.

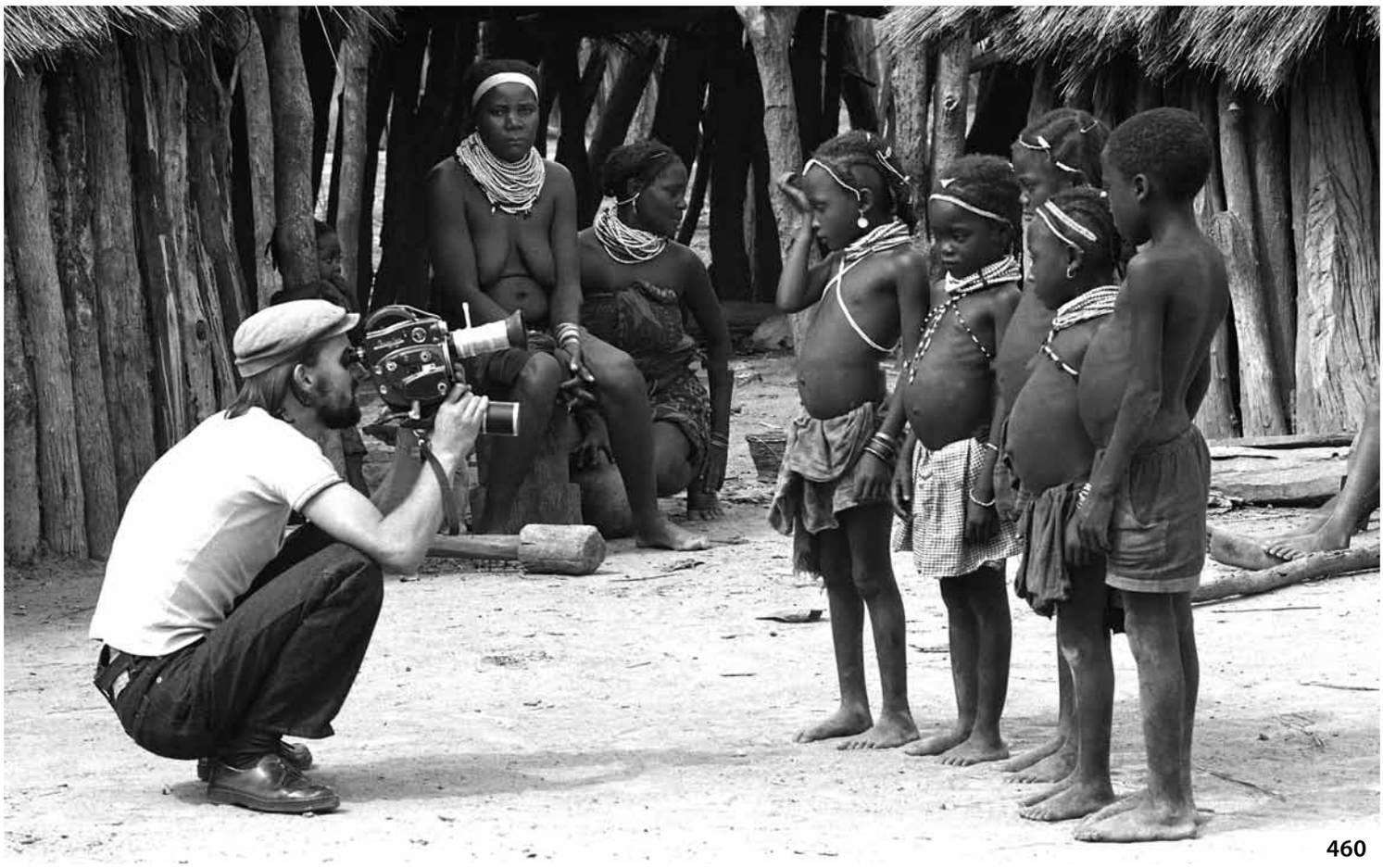
458

Kosta com um grupo de mulheres.

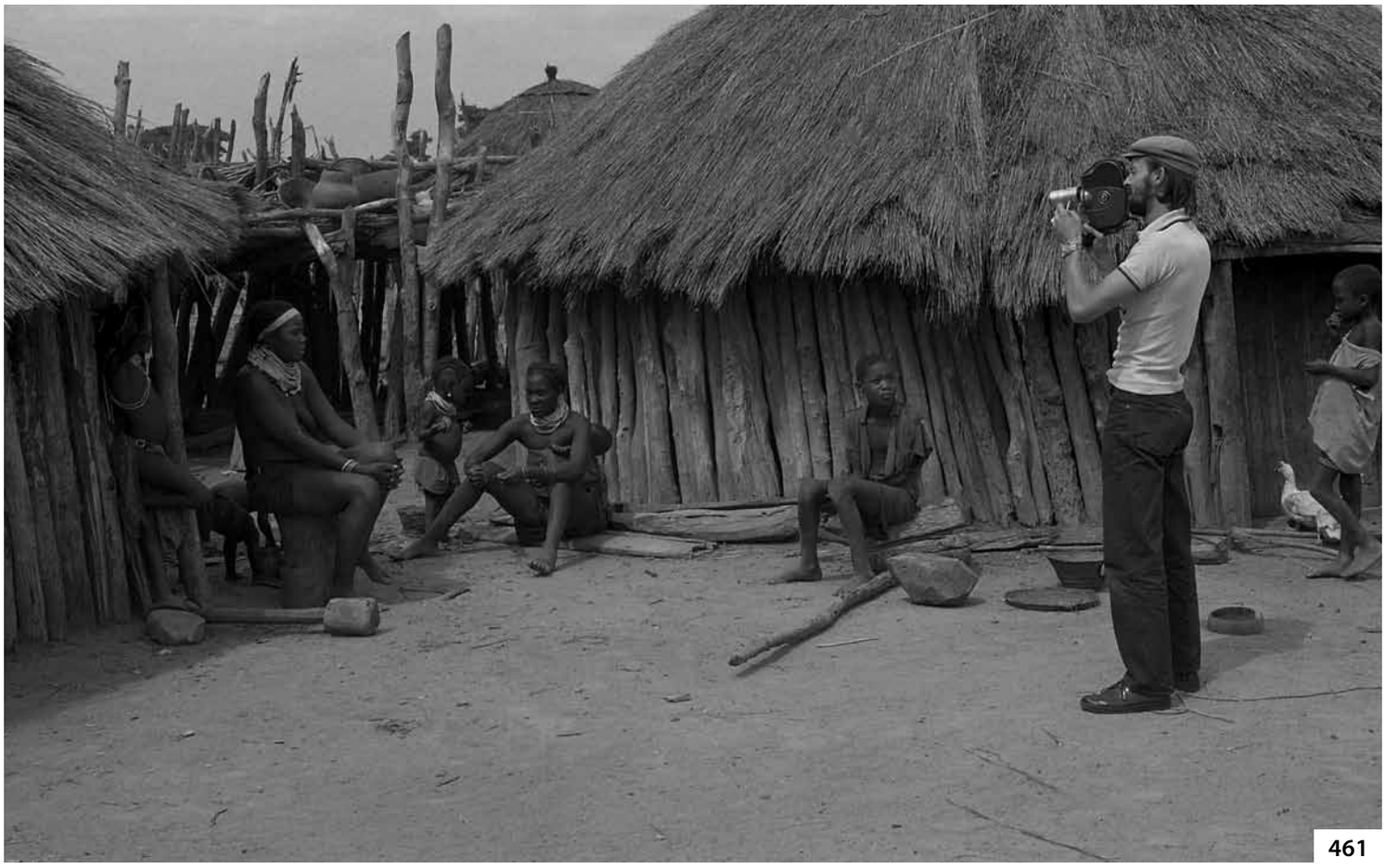


459

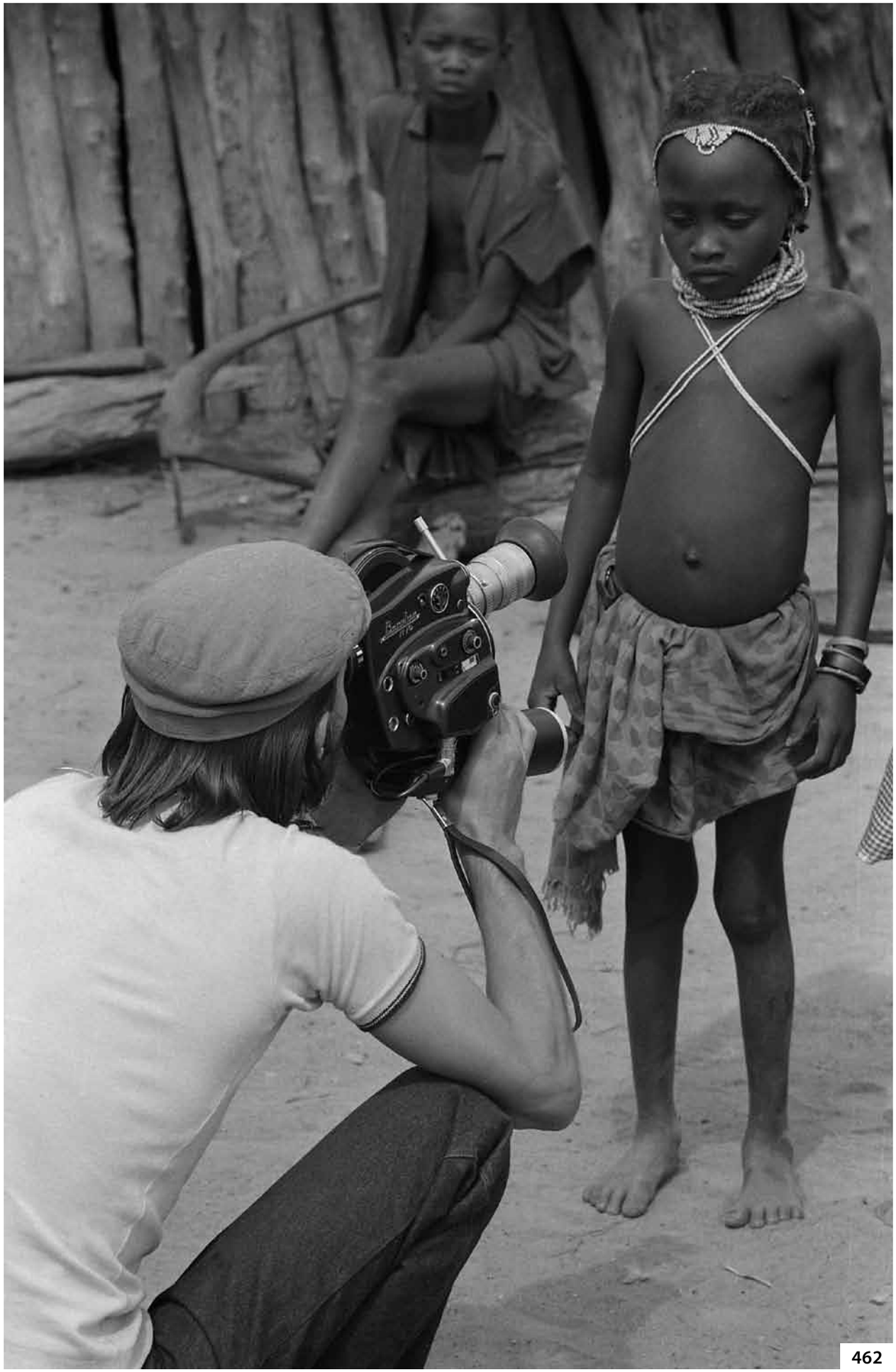
459-460-461-462 – **Guy filmando crianças, a princípio desconfiadas, mas logo a seguir já confiantes.**



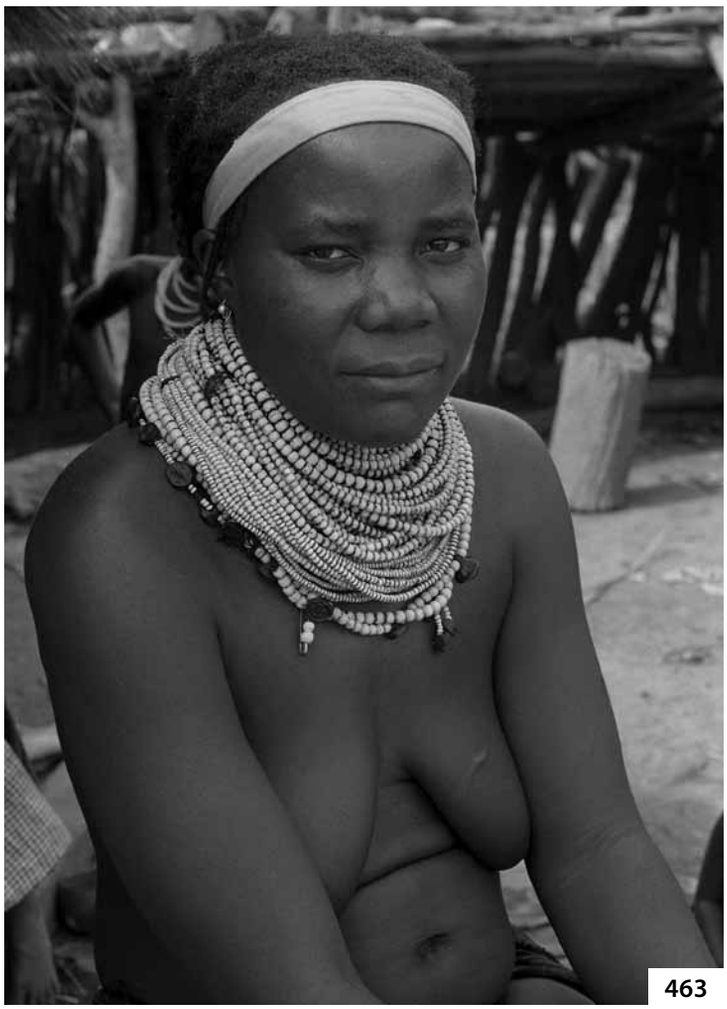
460



461



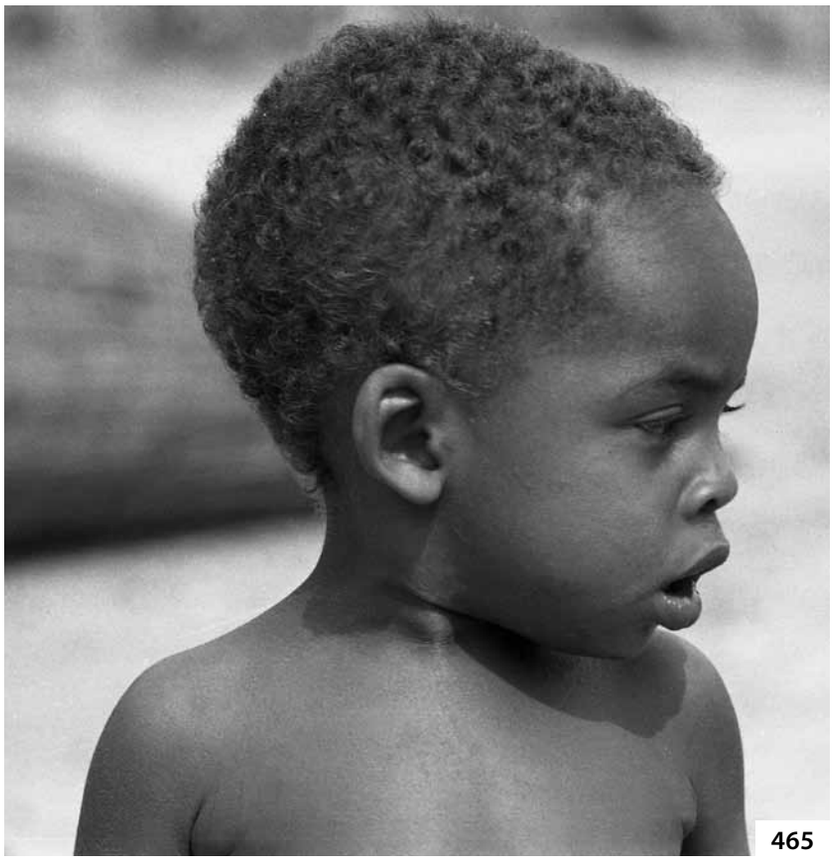
462



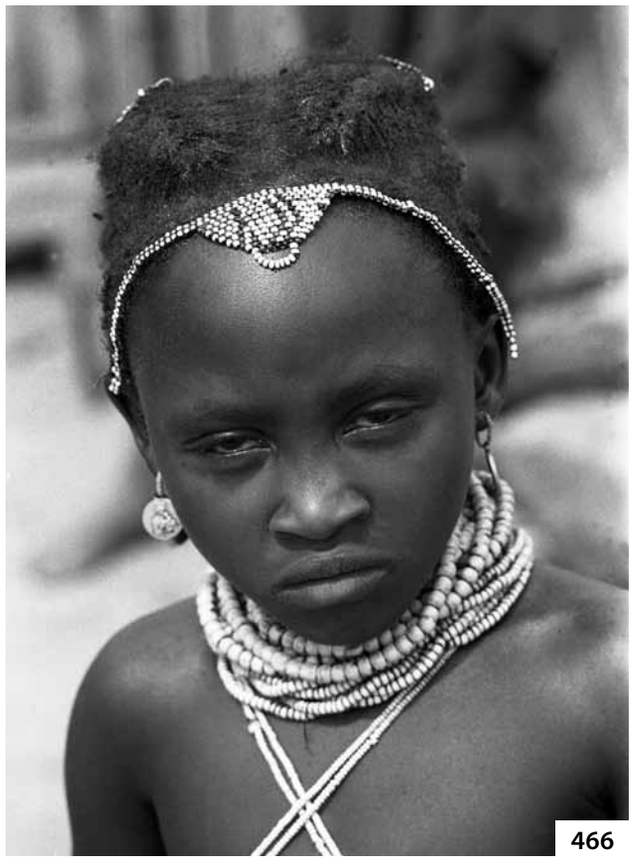
463

464

463-464 – **Retrato de duas mulheres.**



465



466

465-466 – **Retrato de duas crianças.**

467

Um bonito plano de um grupo de crianças filmado pelo Guy.

468

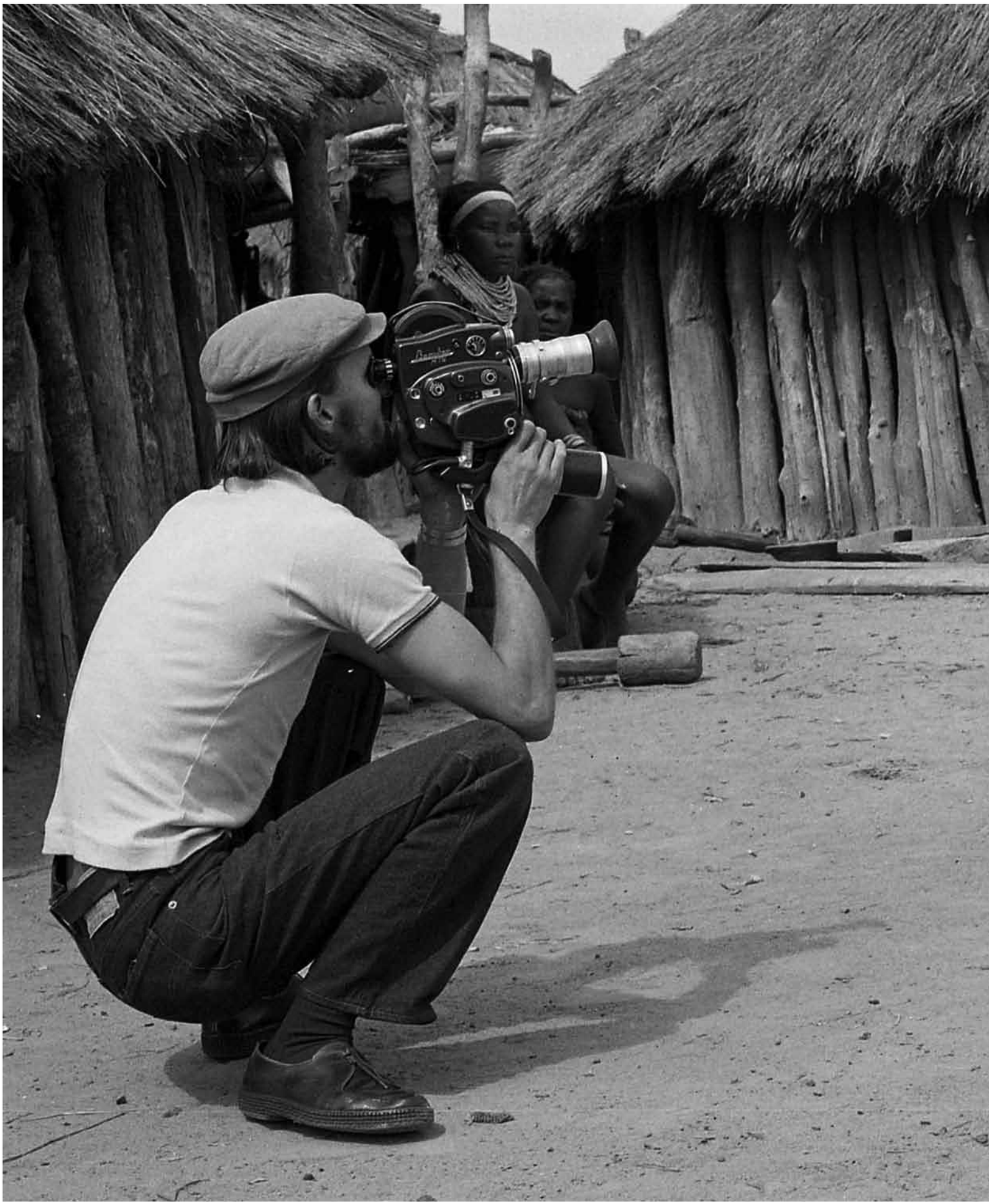
468-469-472 – **Guy continuando a filmar as crianças.**

469

470

471

470-471 – **Uns tempos depois, Kosta mostrou as fotos feitas da primeira vez. Foi uma festa, causando admiração e risos de alegria.**



472

473

473-474-475 – **Fotos do chefe de posto com a mulher e o filho. Este responsável não quis que montássemos as tendas. A alternativa foi ficar no salão, única divisão da casa onde caberíamos todos. Assim, ajudámos o casal a tirar o recheio (mesa, armário, cadeiras) e lá pusemos as malas e as nossas quatro camas de campanha.**

TECNICA
LAND ROVER
ASSISTENCIA
CASTROL
UNIÃO COMERCIAL DE AUTOMOVEIS SARL
LAND ROVER ASSISTENCIA

474

TECNICA
LAND ROVER
CASTROL
UNIÃO
DE AUTOMOVEIS SARL
ASSISTENCIA
GE 124

475

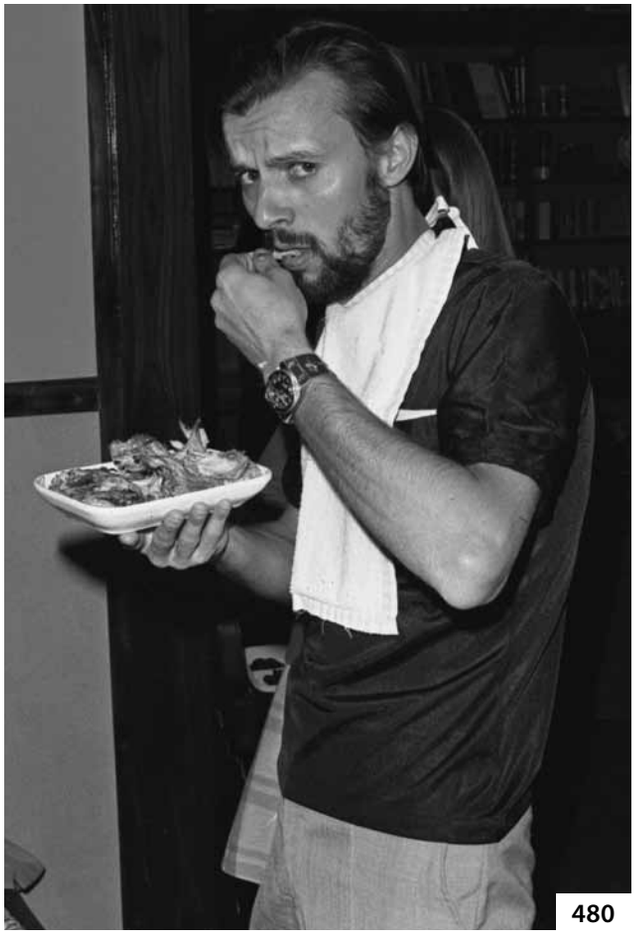
476

476-477-478-479-480-481-482-483-484-485-486-487 – **A noite de aniversário do Guy passada em Nova Lisboa, entre amigos, com o casal Merlini de Matos, os filhos e seus companheiros.**

477

478

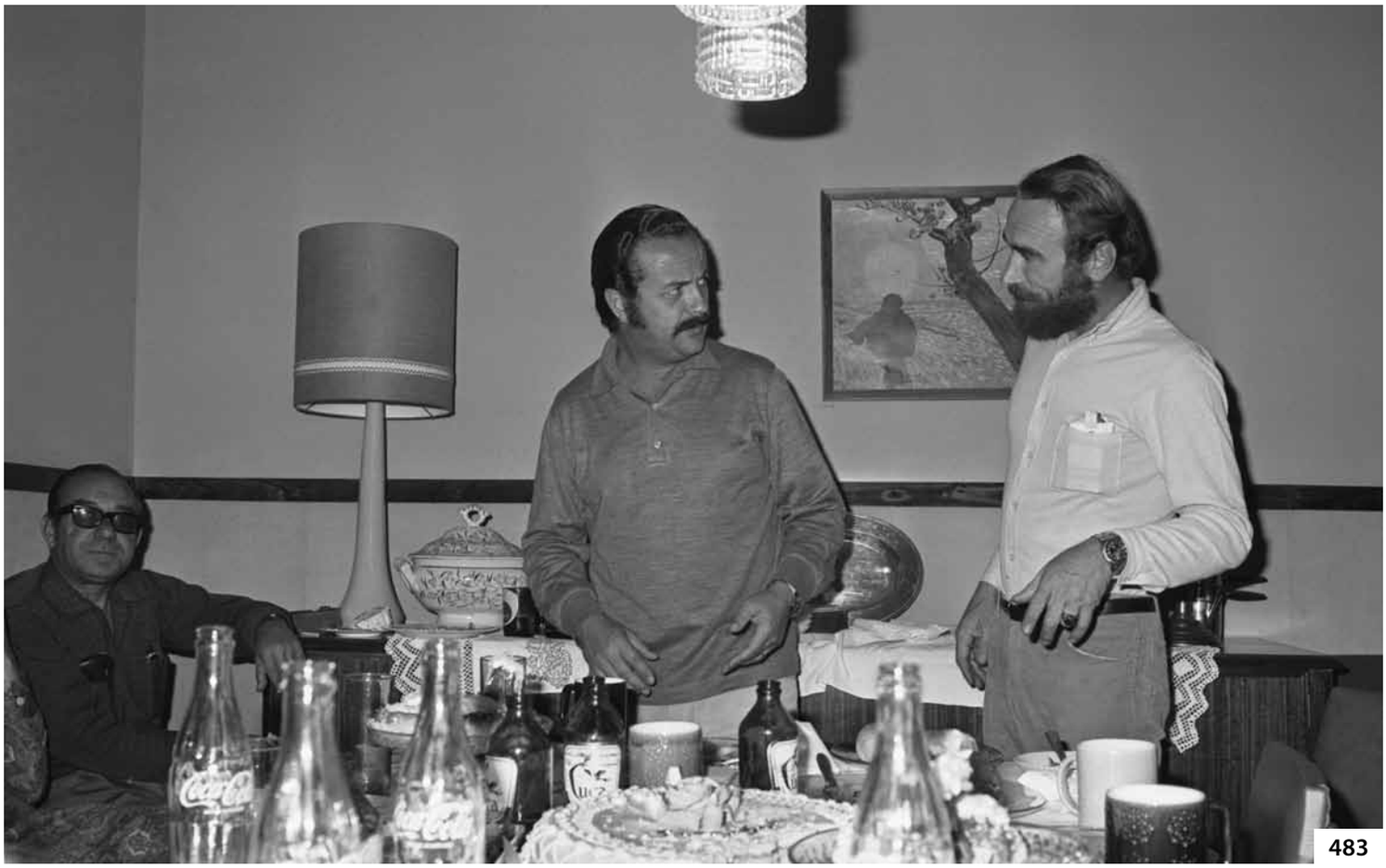
479



480

481

482

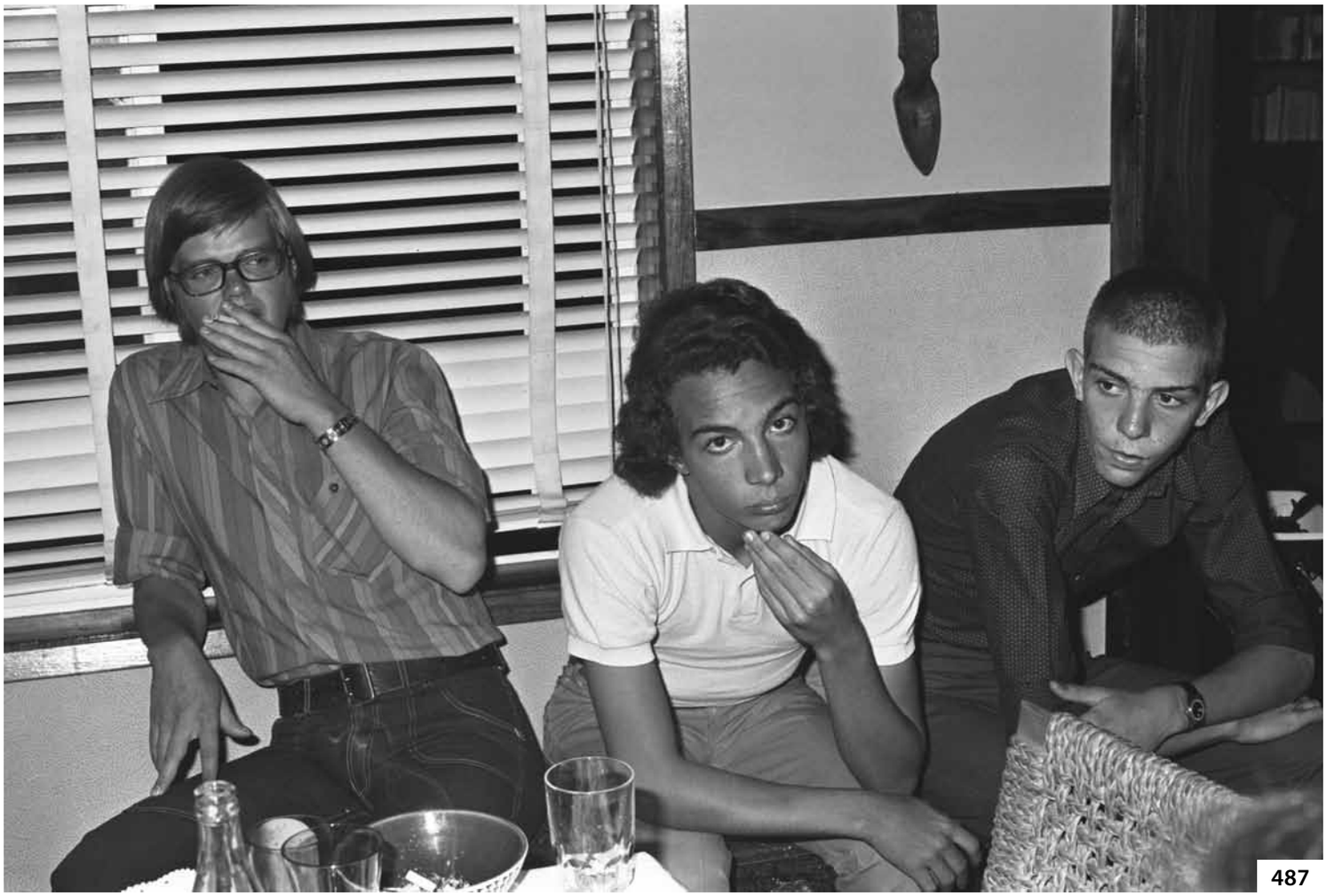


483

484

485

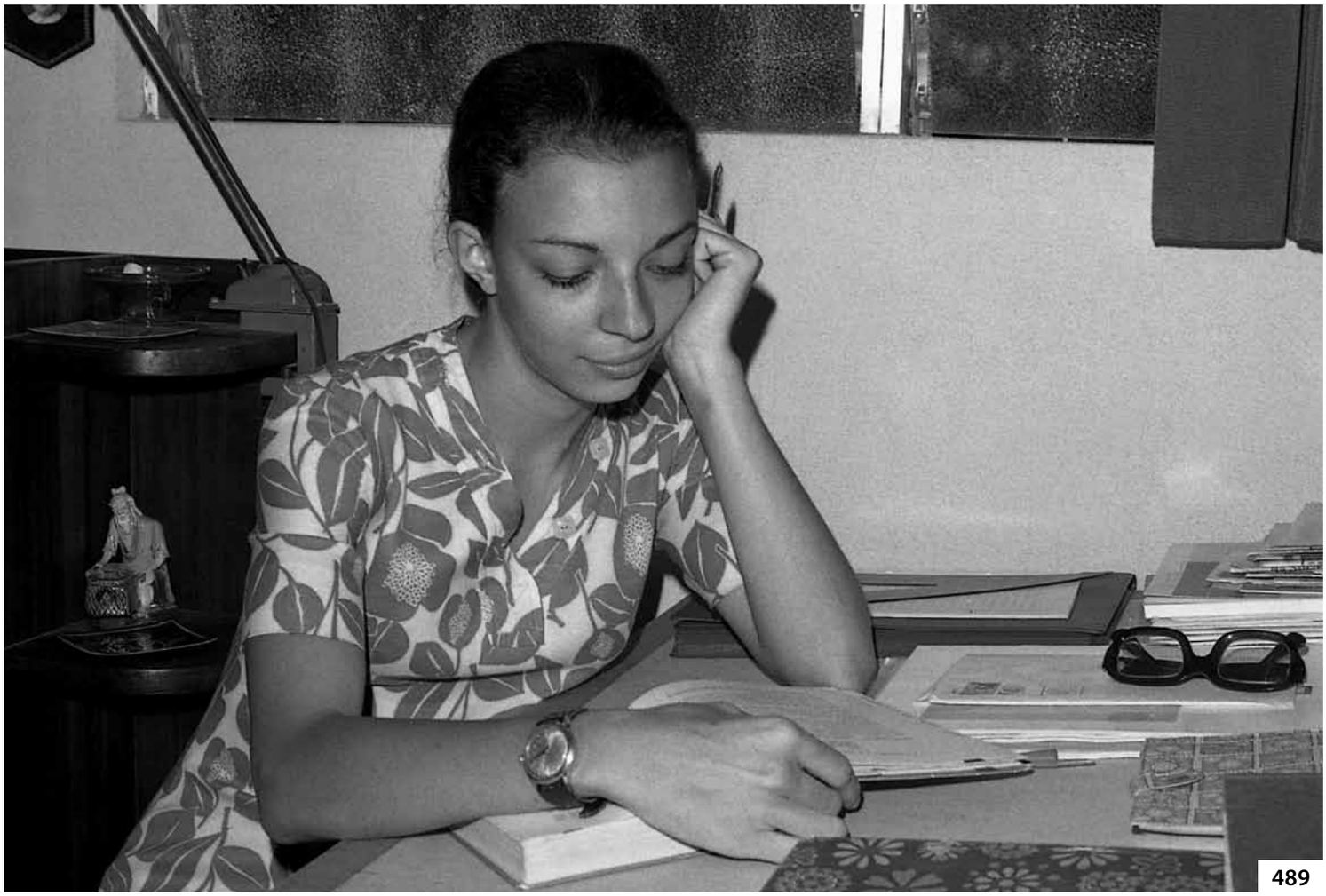
486



487

488

488-489-490-491 – **Os filhos do casal Merlini de Matos.**



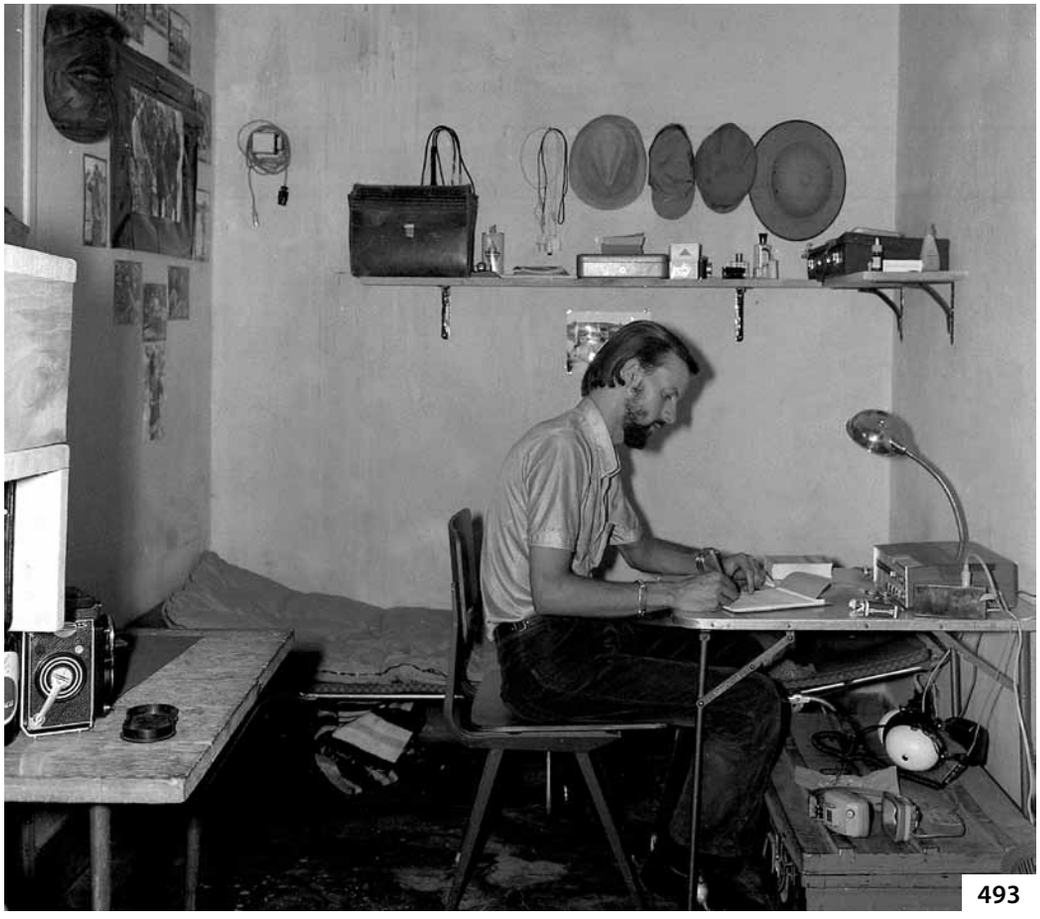
489

490

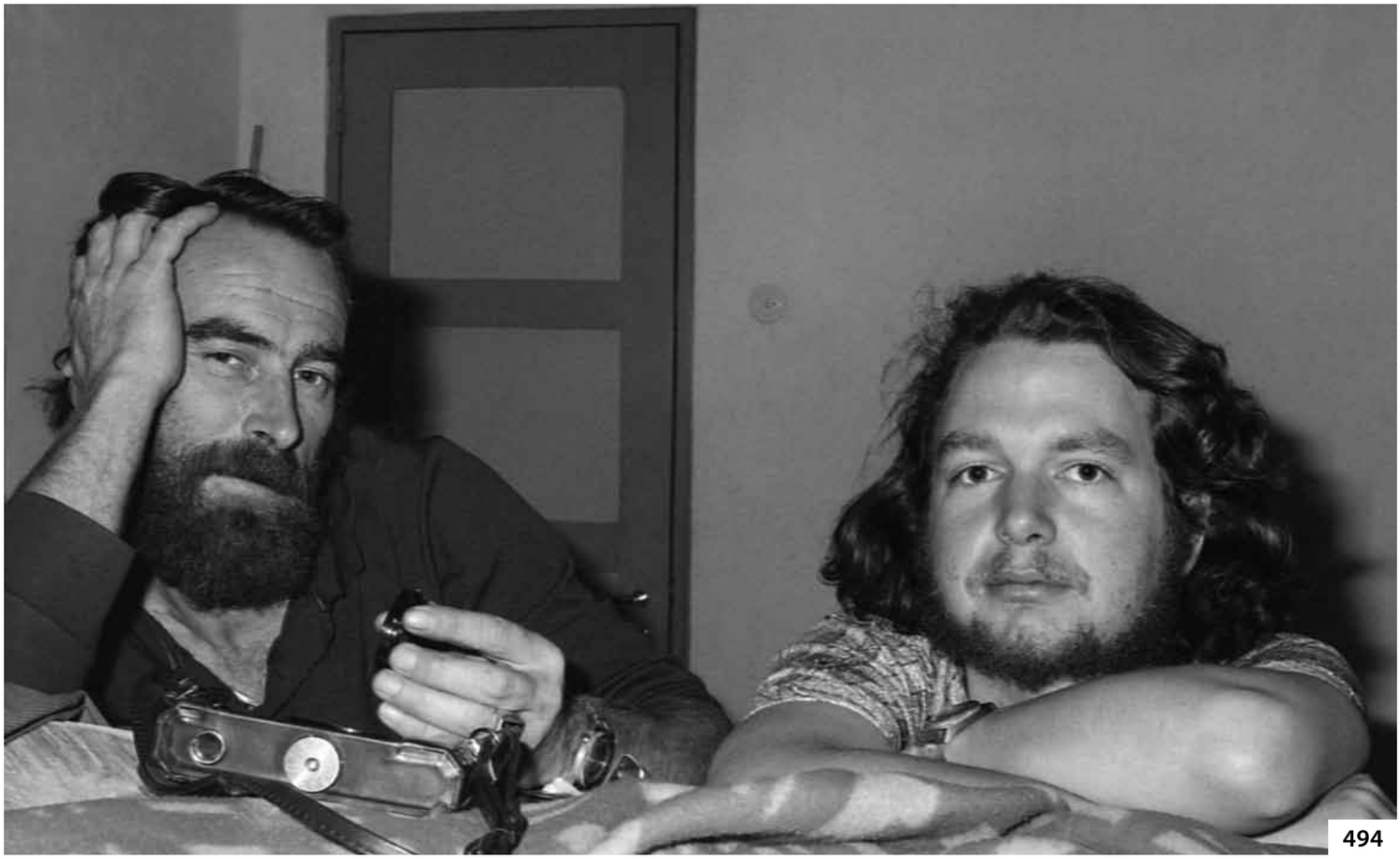
491

492

492-493 – **Alojados numa casa posta à nossa disposição pela Câmara de Nova Lisboa, dispúnhamos de muitas divisões: numa fizemos a pré-montagem dos nossos filmes e da outra o nosso escritório.**



493



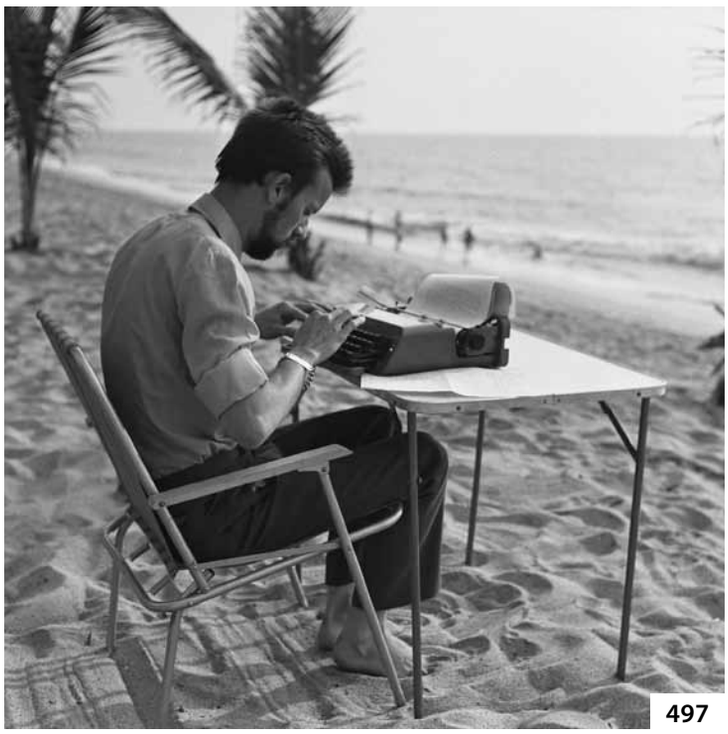
494

495

Bernard e Guy filmando um grande plano de um escorpião e estudando as suas reacções.

496

496-499 – **No Lobito, onde os jardins tinham muitas flores e zonas de sombra, foi agradável refrescarmo-nos tranquilamente neste bar.**



497

498

497-498 – **Guy, numa praia do Lobito, a escrever à família e fazendo um relatório das nossas viagens para a imprensa suíça.**

499

500

Uma moça amiga com o filho na praia do Lobito.

501

Uma das praças principais do Lobito.

502

Pequeno-almoço num restaurante no Lobito.

503

503-504-505 – **Apesar do ataque de uma vespa por cima do olho, Jean Charles celebrou os 39 anos em casa do amigo Simões e sua família.**

504

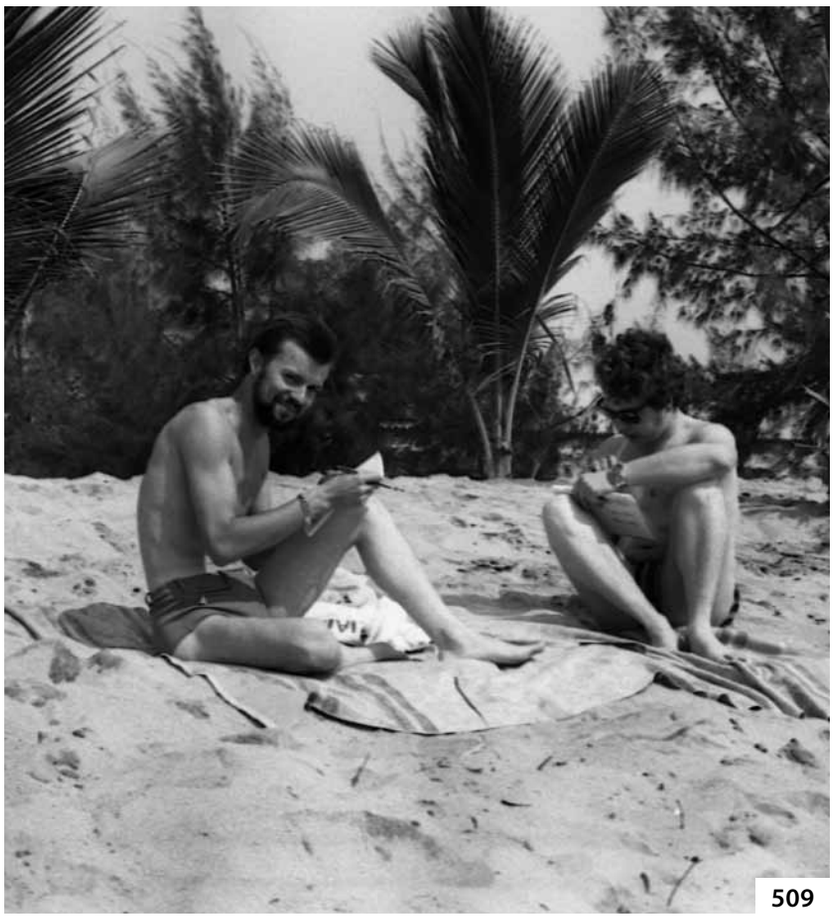
505

506

506-507-508-509-510-511 – **Relaxando na praia do Lobito, onde a nossa cadela, Lara, não hesitou em fazer tobogã.**

507

508



509

510

511

512

512-513 – **A pescaria do dia foi boa.**

513

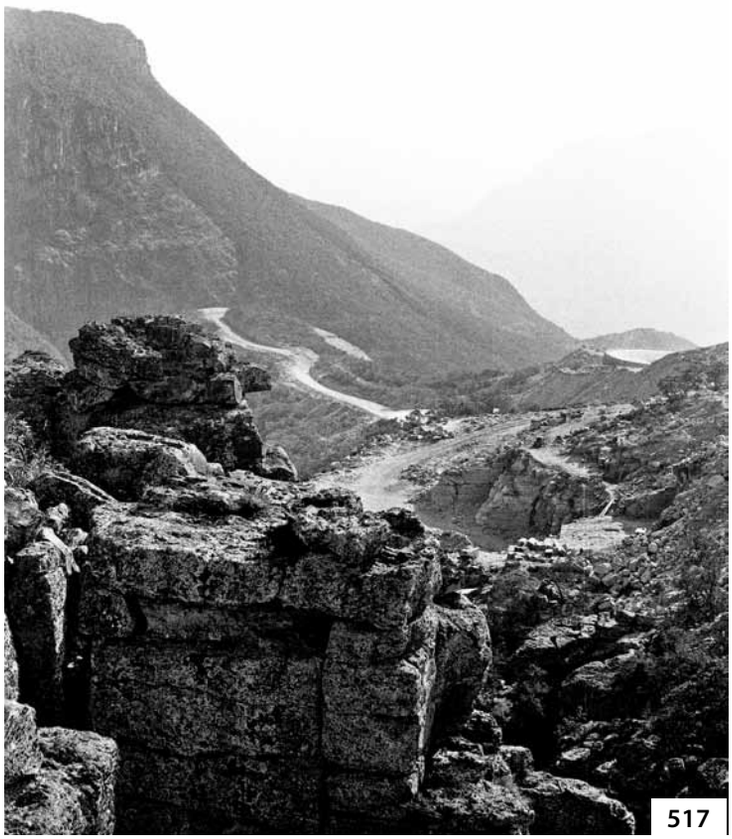
514

514-515 – **Quando havia calor, havia sede. Na companhia de uns amigos, a cerveja angolana Cuca até descia melhor.**

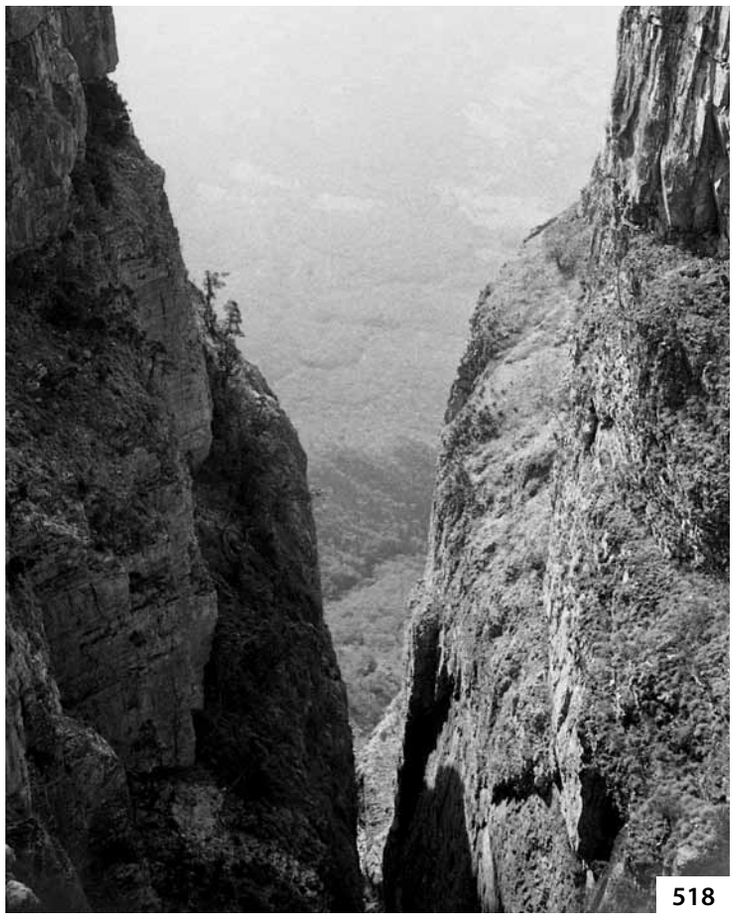
515

516

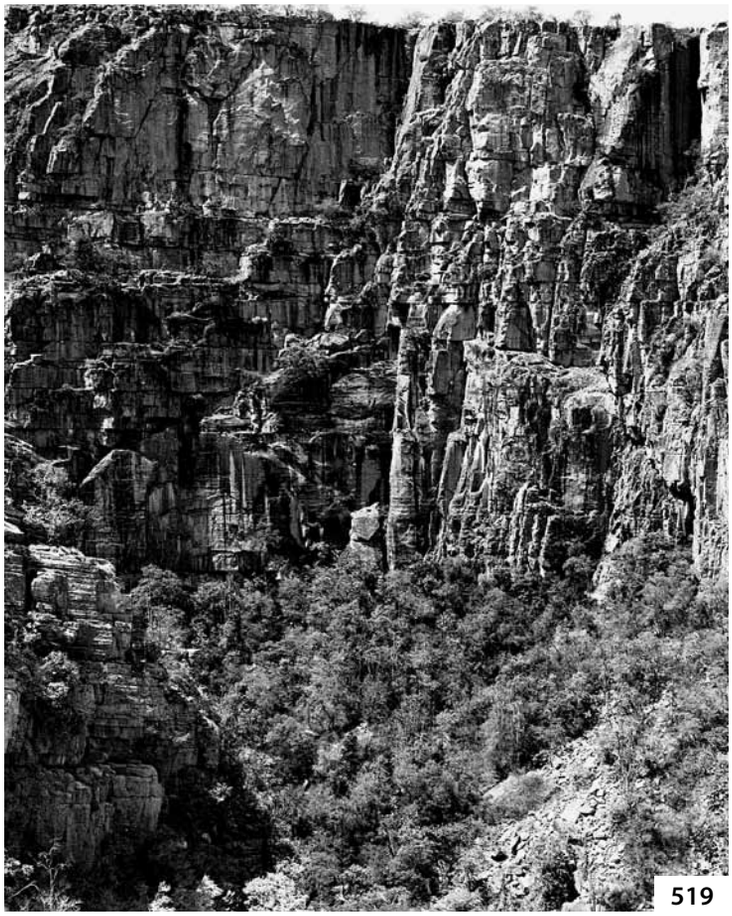
516-517-518-519-520-521-522 – **Tundavala, perto de Sá da Bandeira, é a região mais alta de Angola. Com um clima fresco e seco, descobrimos uma sucessão de precipícios e cascatas maravilhosas.**



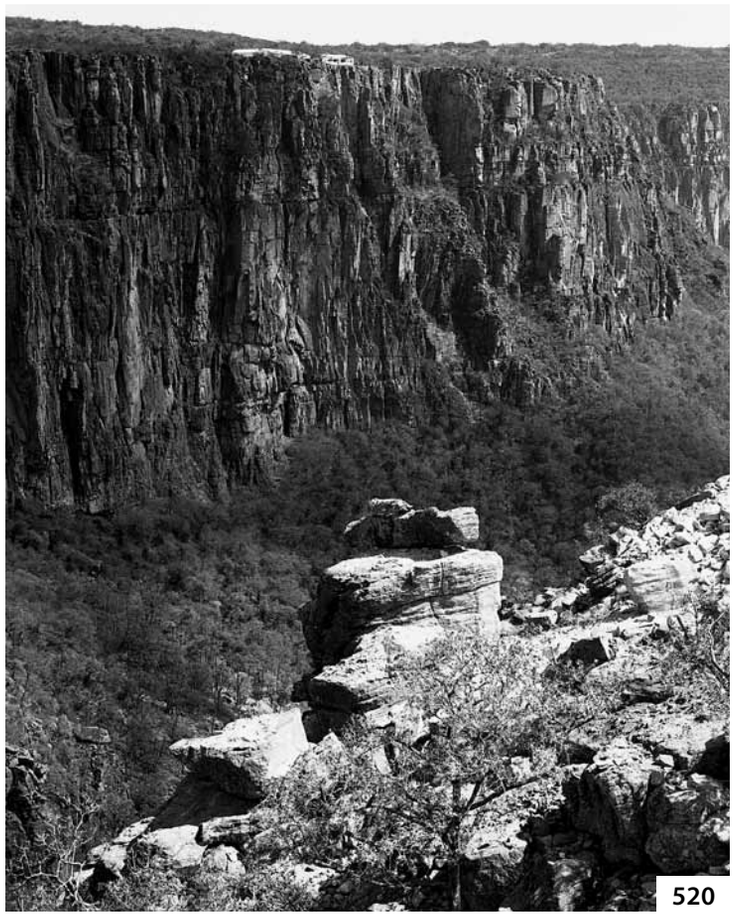
517



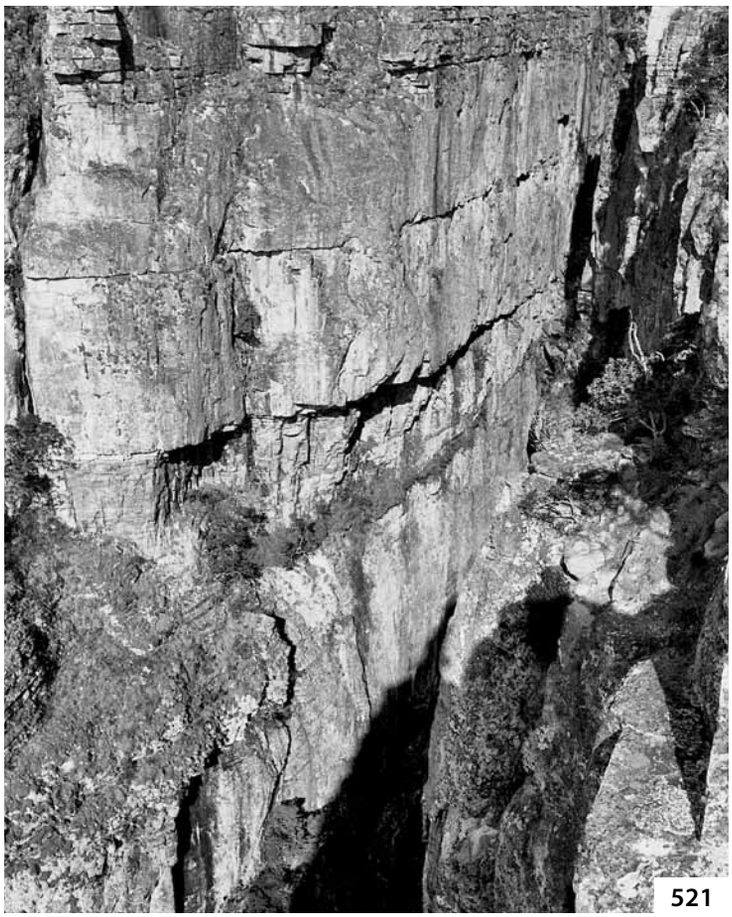
518



519

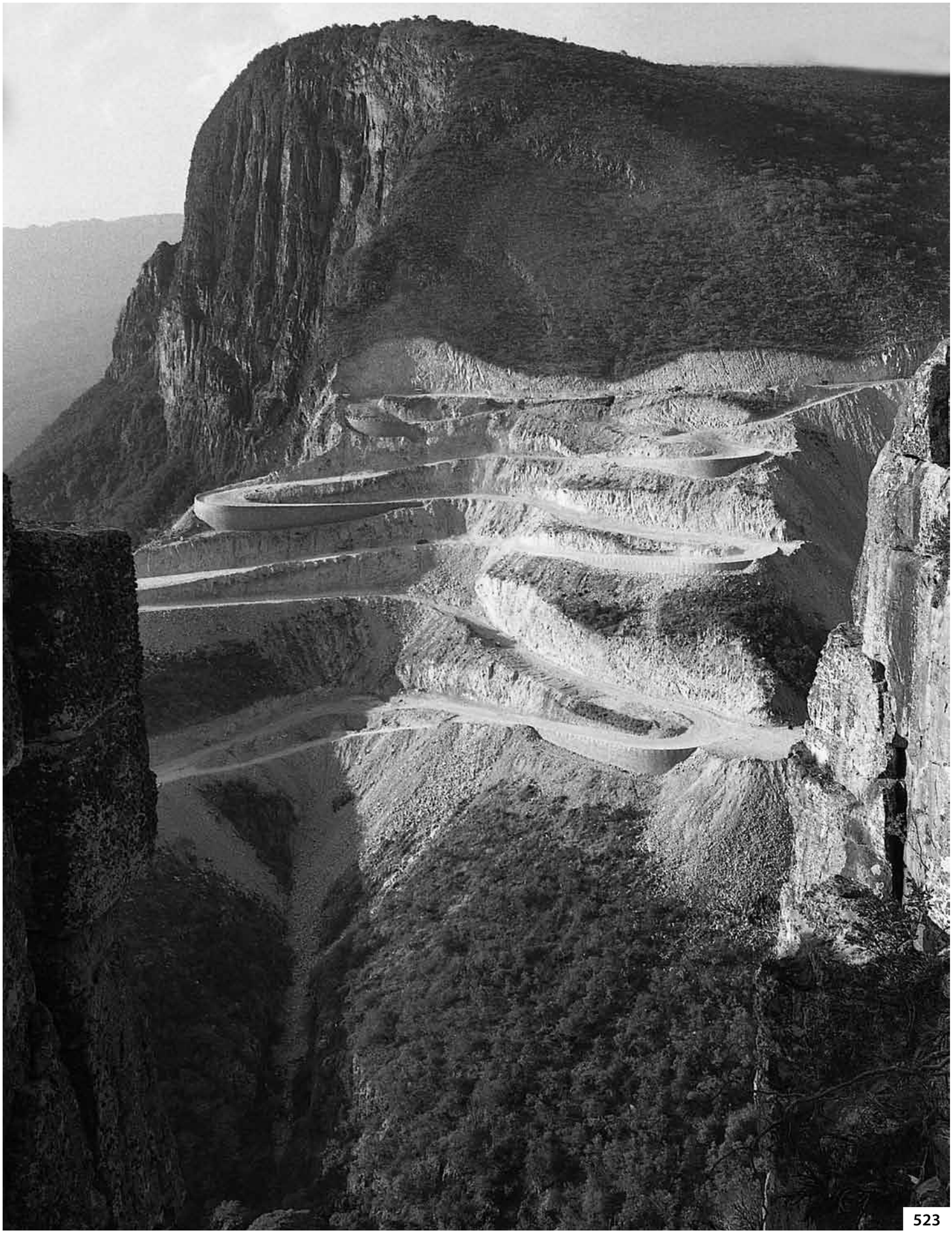


520



521

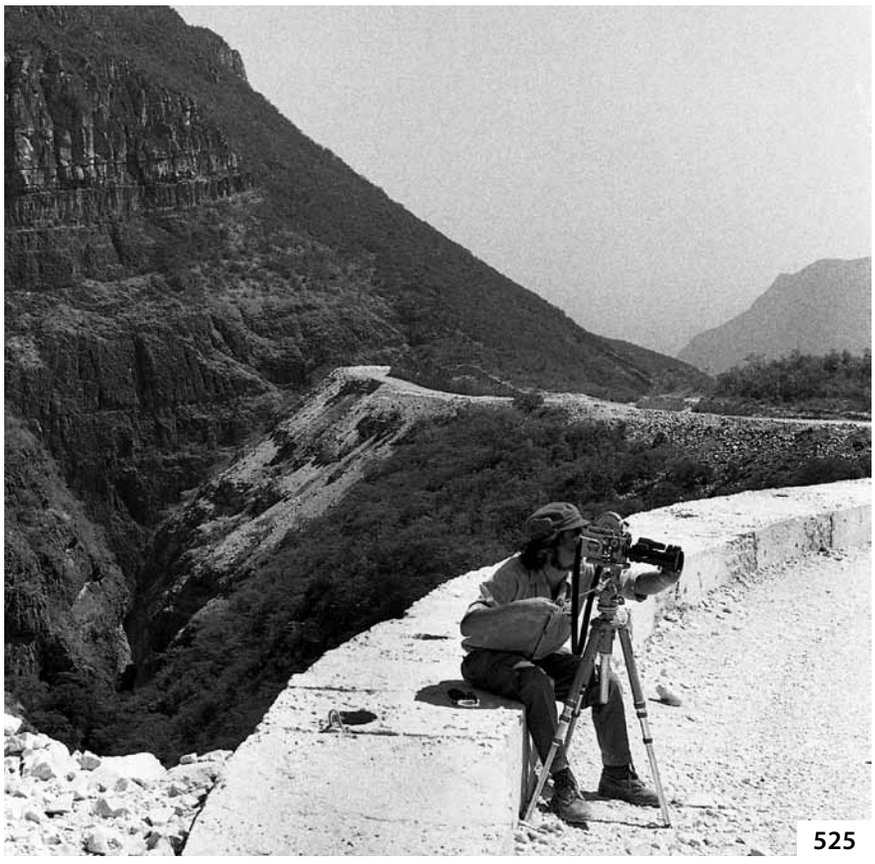
522



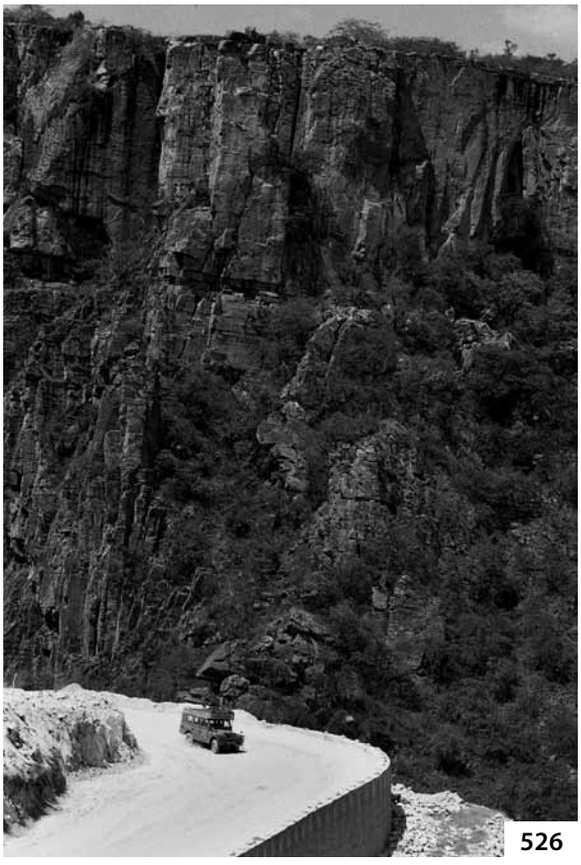
523

423-524-525-526-527 – **O Governo estava a construir um acesso rodoviário mais rápido de Sá da Bandeira a Moçâmedes, uma grande obra de engenharia.**

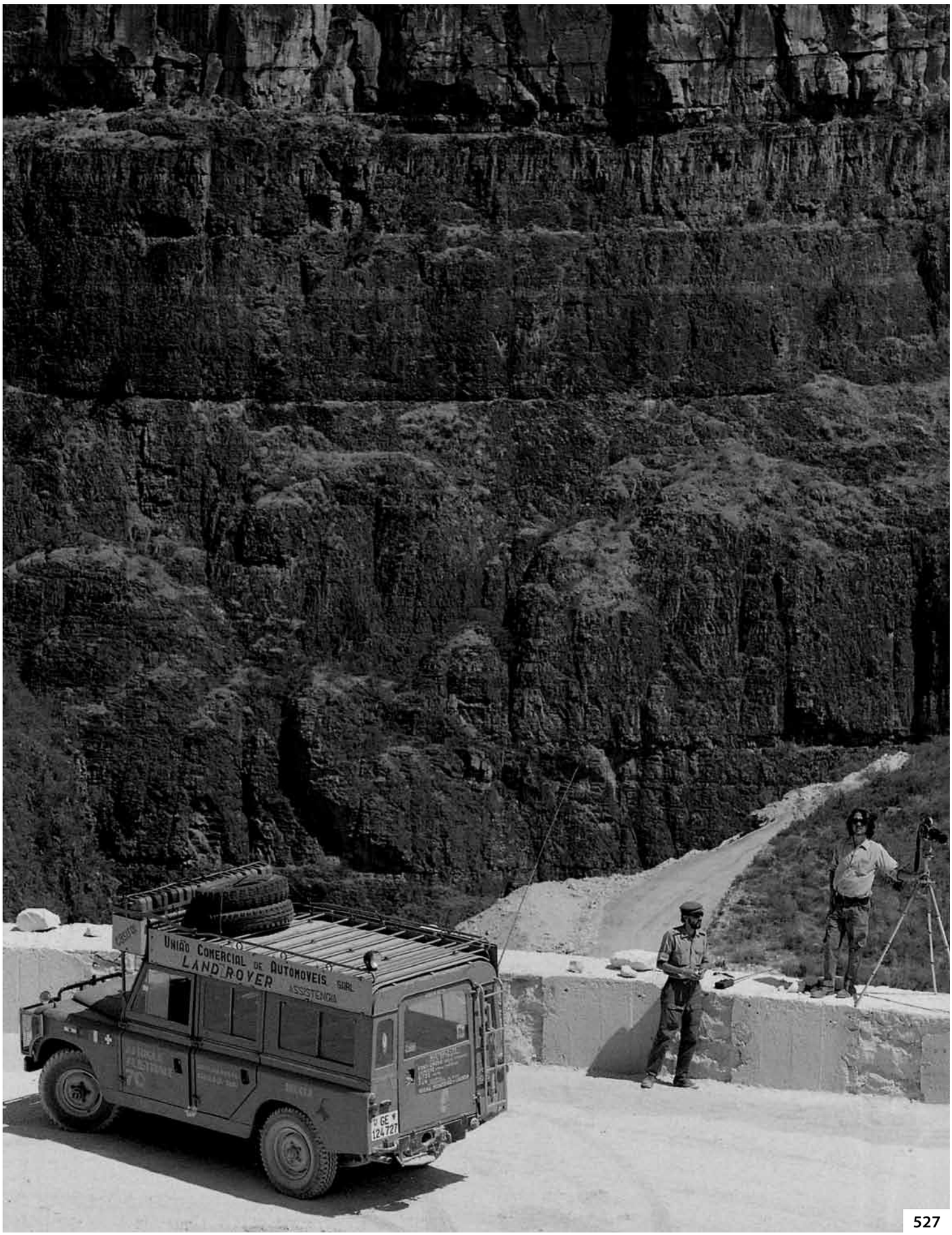
524



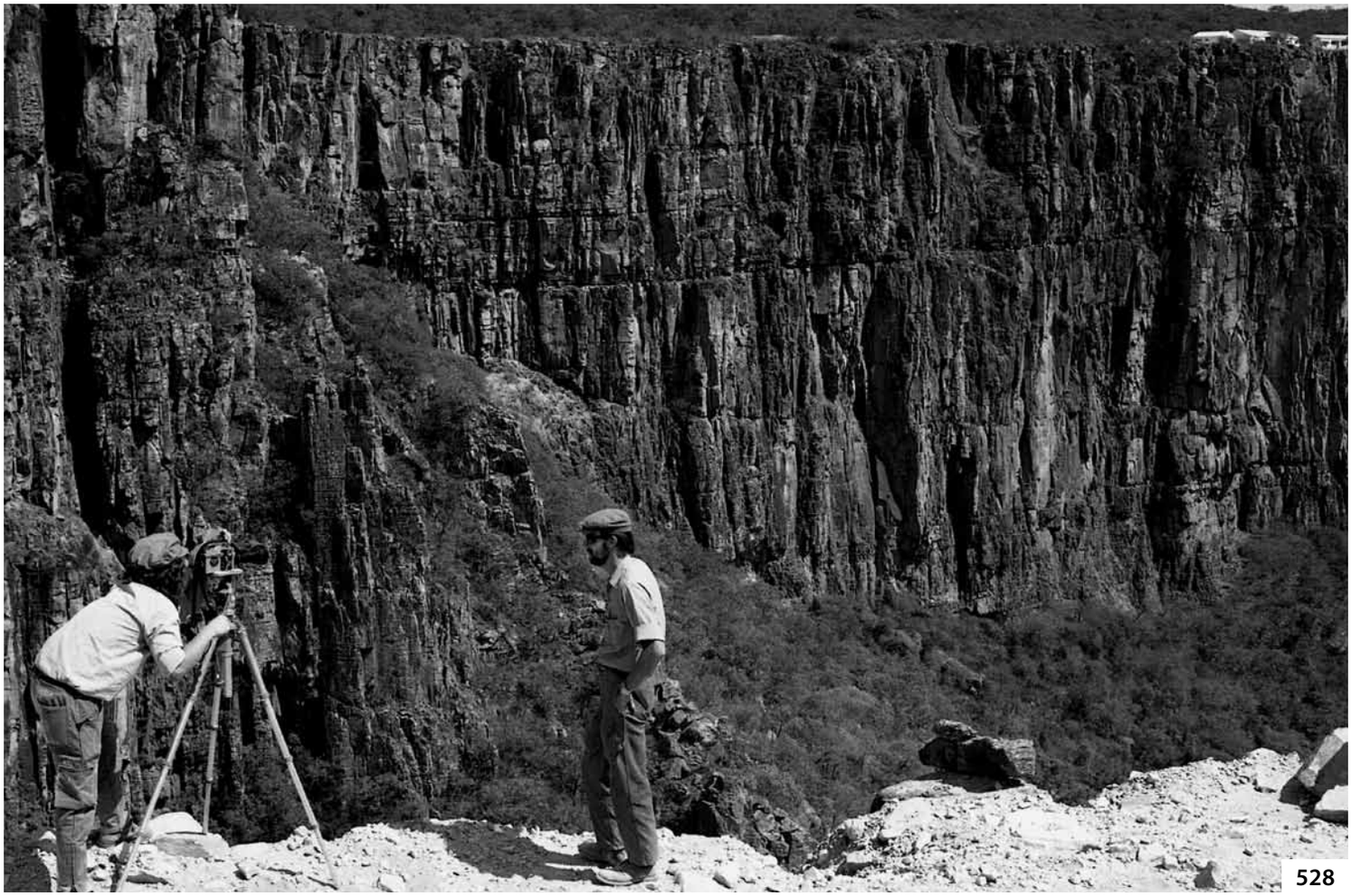
525



526

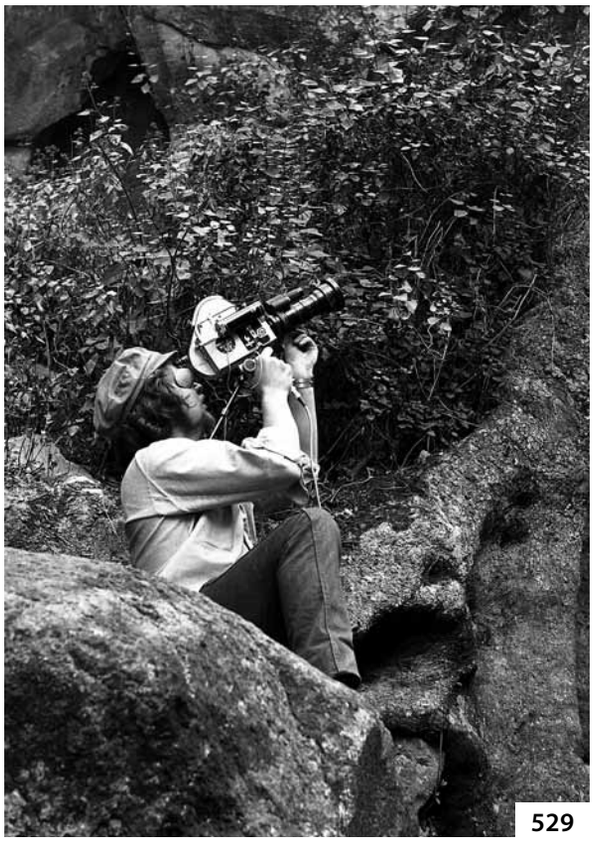

UNIÃO COMERCIAL DE AUTOMOVEIS SARL
LAND ROVER
ASSISTENCIA

527



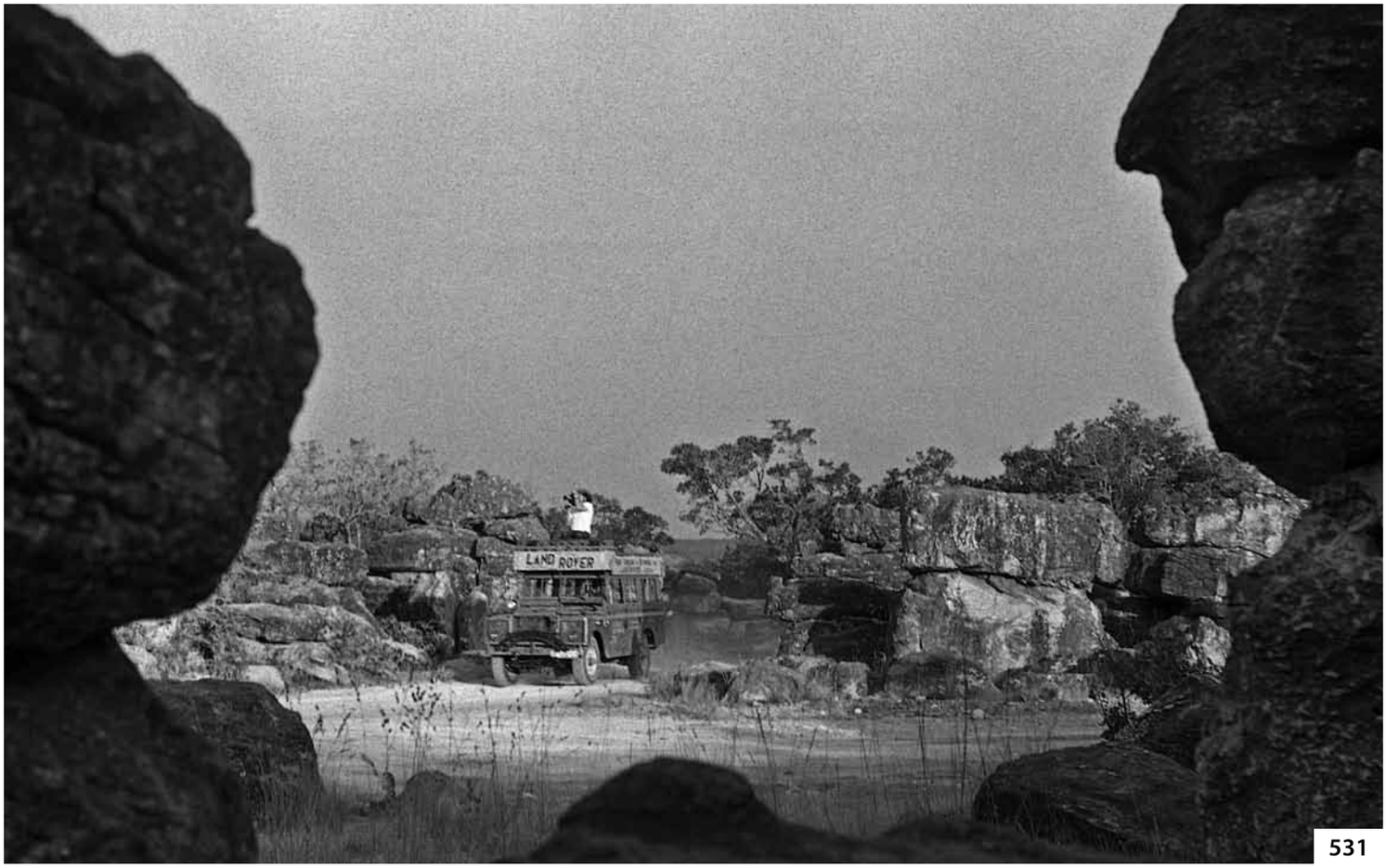
528

528-529-530-531-532-533-534-535 – **Guy e Bernard filmaram e fotografaram durante dias esta magnífica região de Angola. Do alto da serra desfrutava-se de uma vista da planície até ao mar.**

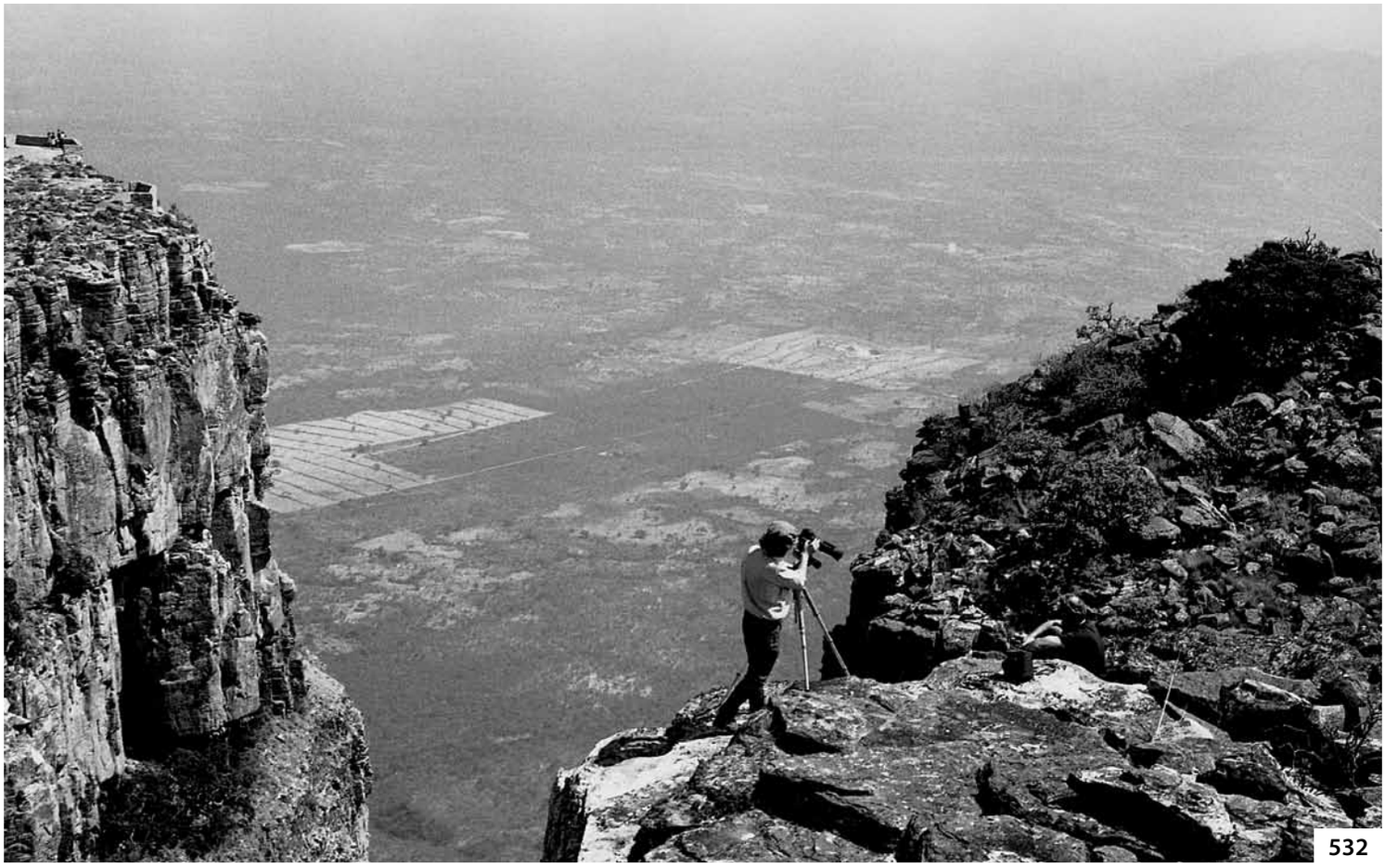


529

530



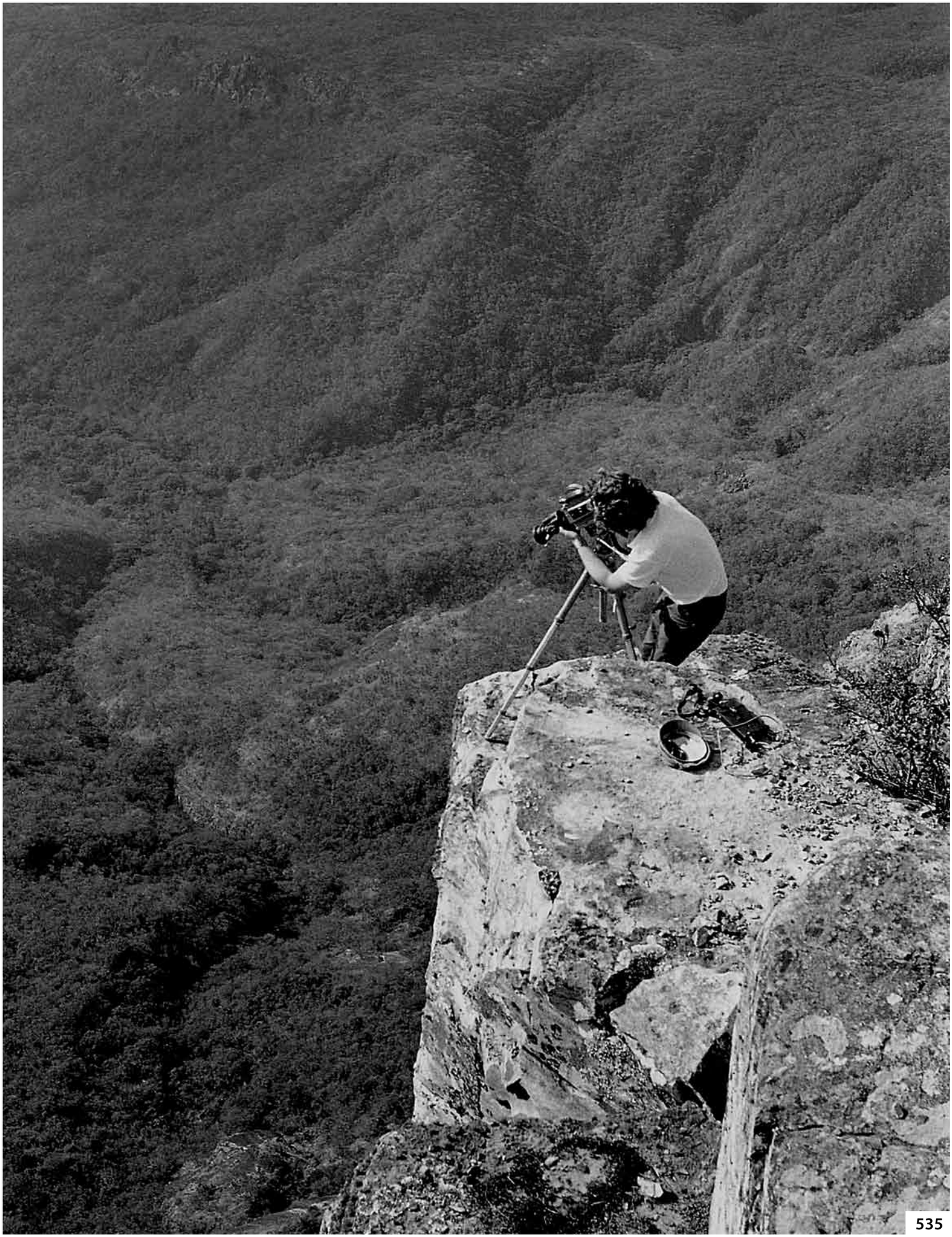
531



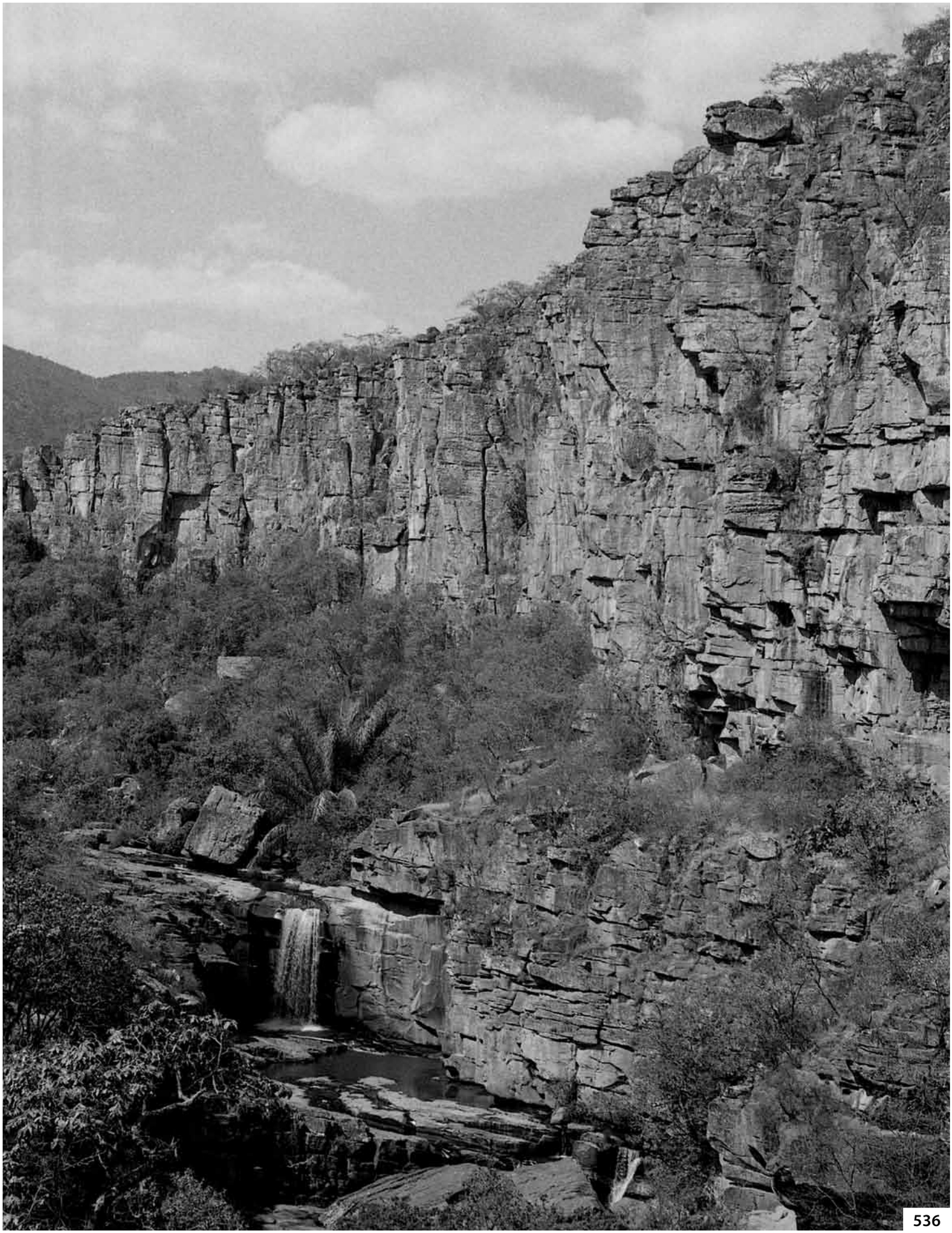
532

533

534



535

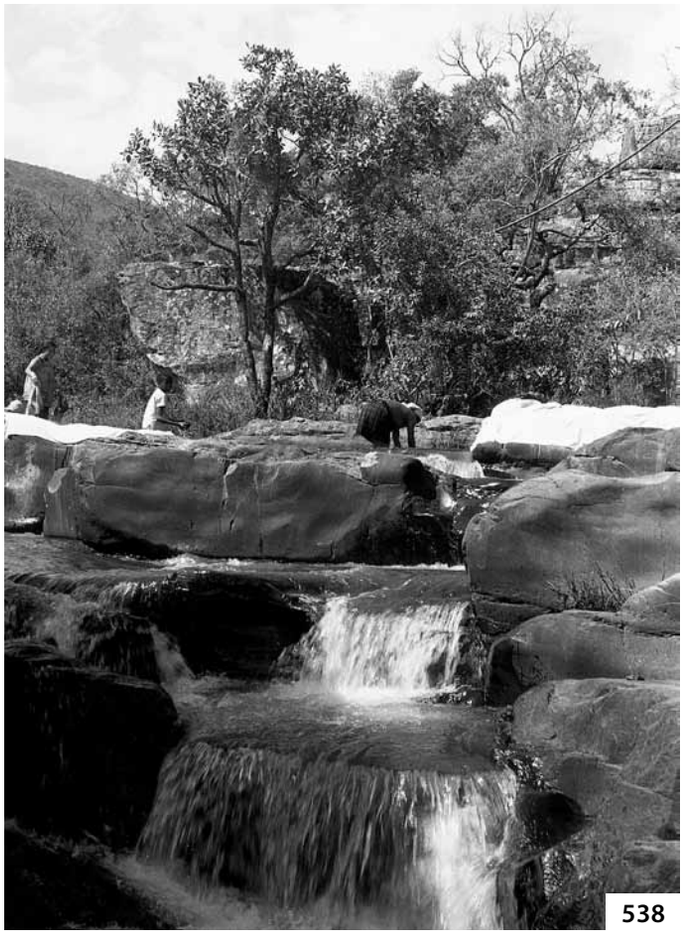


536

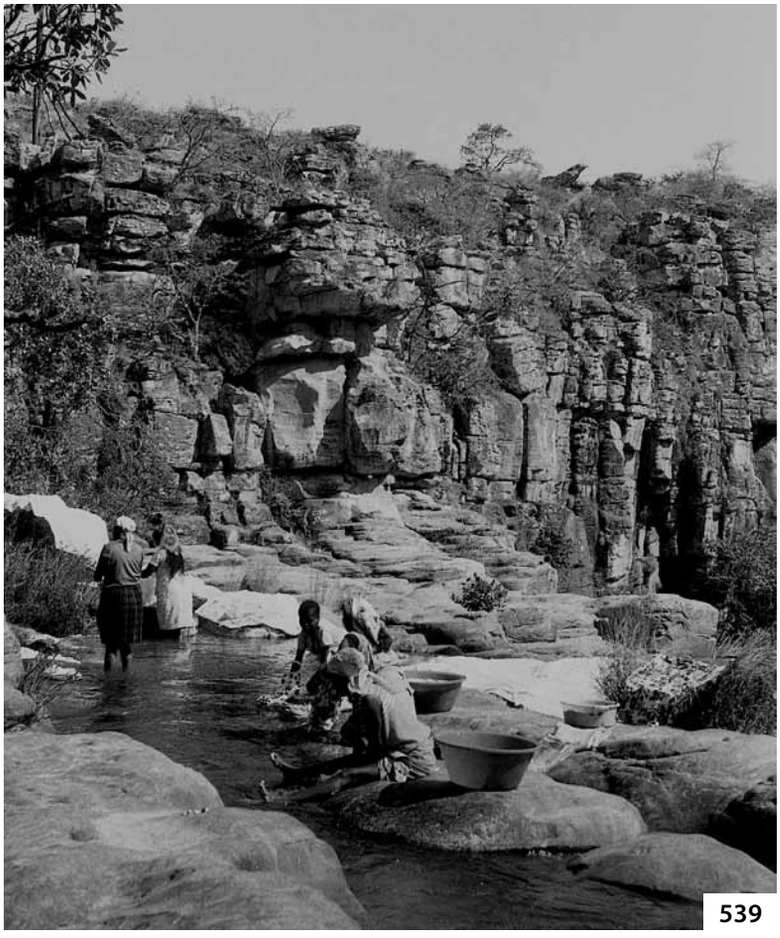
Linda vista de uma das inúmeras cascatas da Tundavala.

537

537-538-539-540-541-542-543-544 – **Mulheres negras e brancas, lado a lado, lavando roupa.**



538



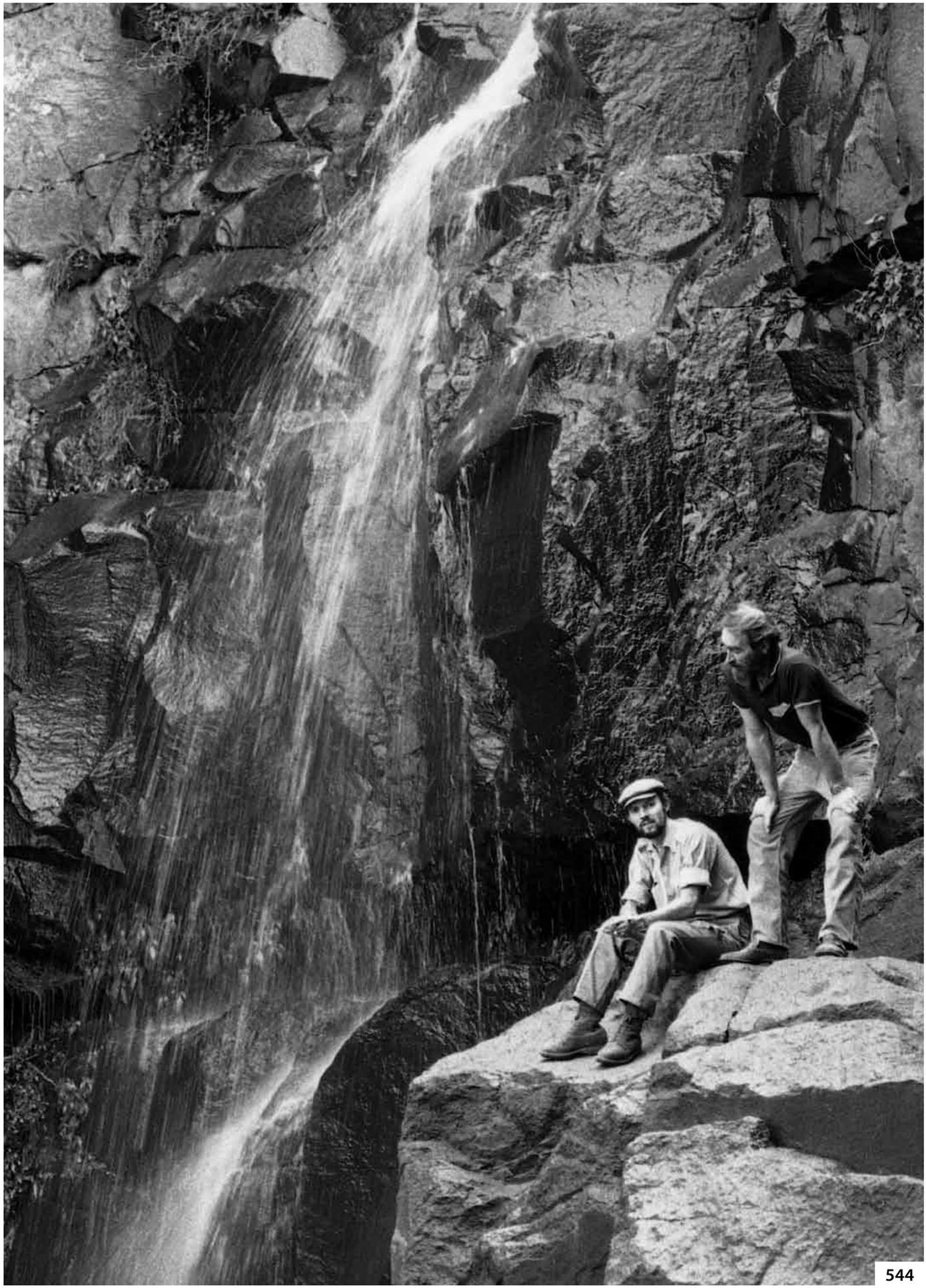
539

540

541

542

543



544

545

545-546-547-548-549 – **Entre Sá da Bandeira e Moçâmedes encontrámos a maior plantação de laranjeiras.**

546

GE
124727

547

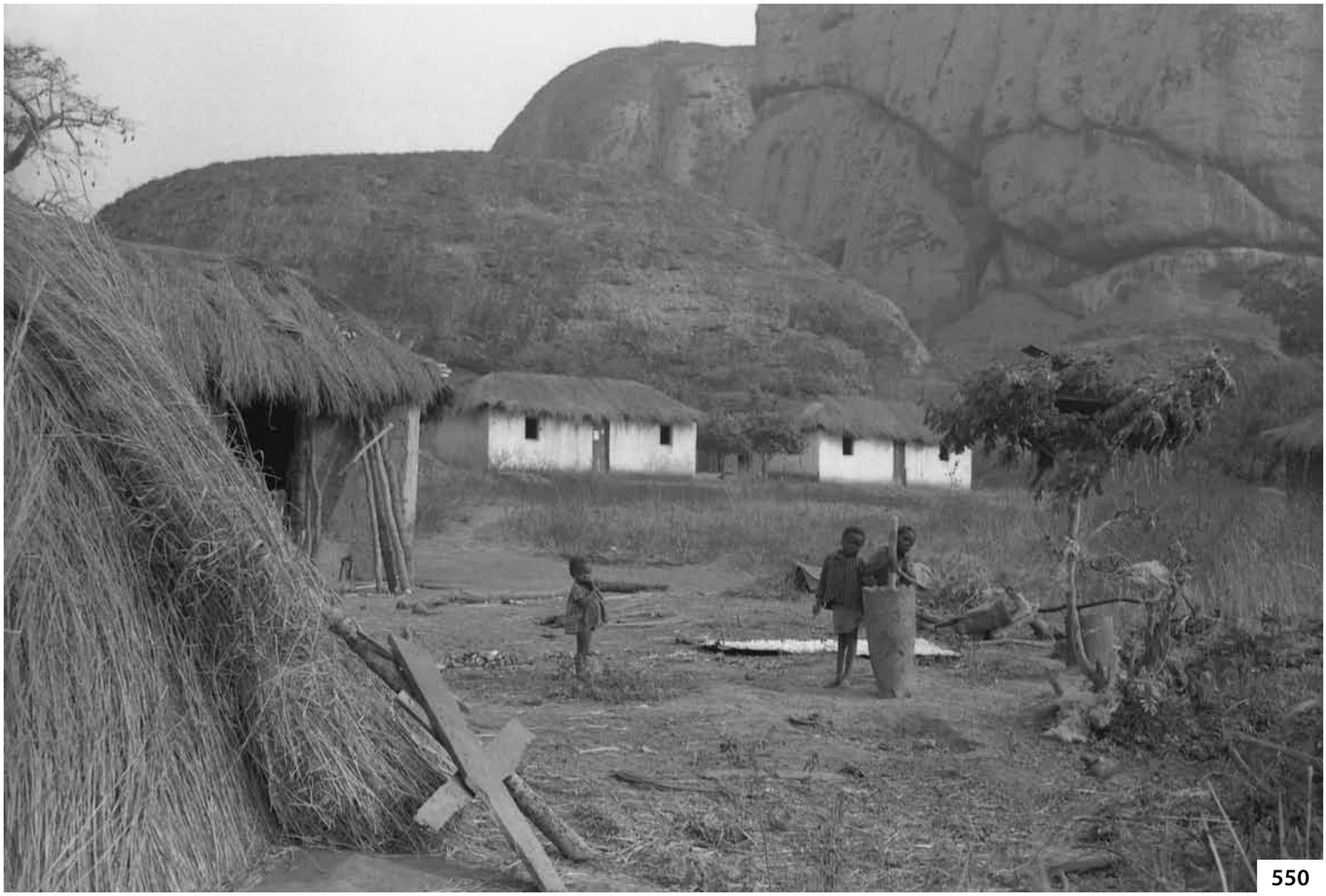
Castrol
AFRIQUE
AUSTRALE
70

548

LAND
TECNICA
ASSISTENCIA
ROVER

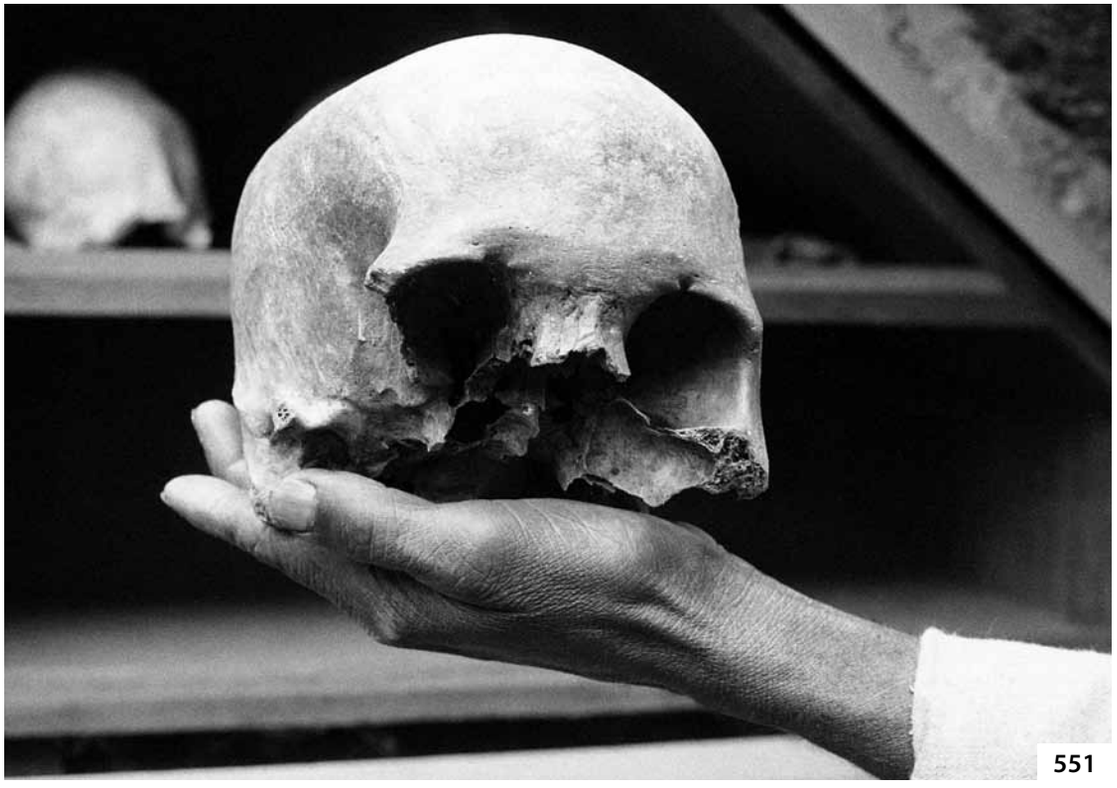
549

PUNGO ANDONGO



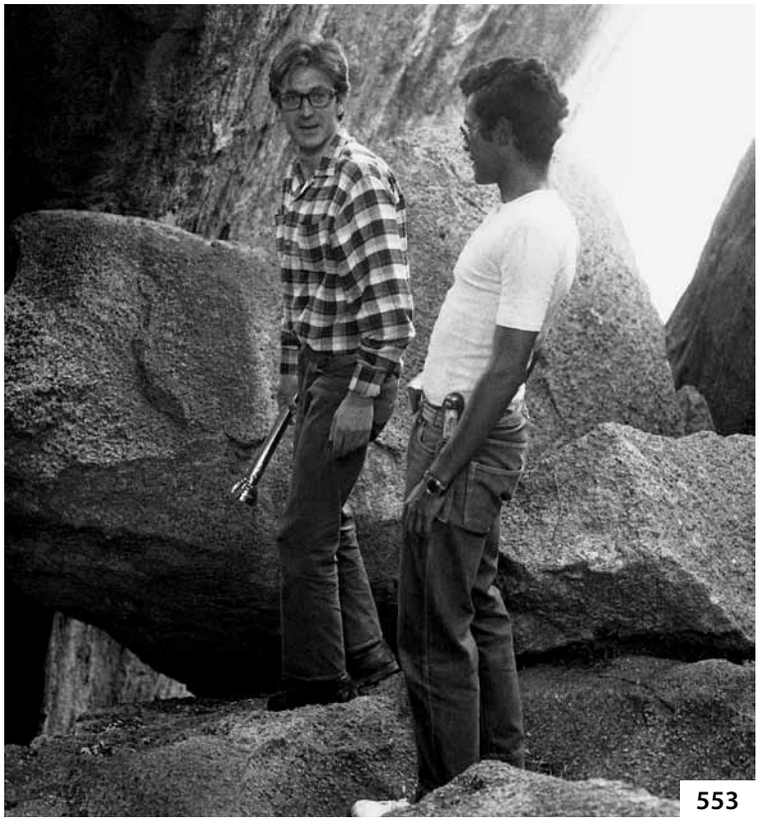
550

550-551-552-53-554 – **Perto de Malange existe um sítio interessante: Pedras Negras de Pungo Andungo, capital do antigo reino de Angola, onde durante sete anos os portugueses combateram os holandeses que dominavam aqueles lugares. As ossadas resultantes dessas batalhas contra os holandeses, estavam preciosamente guardadas pelo chefe da aldeia.**

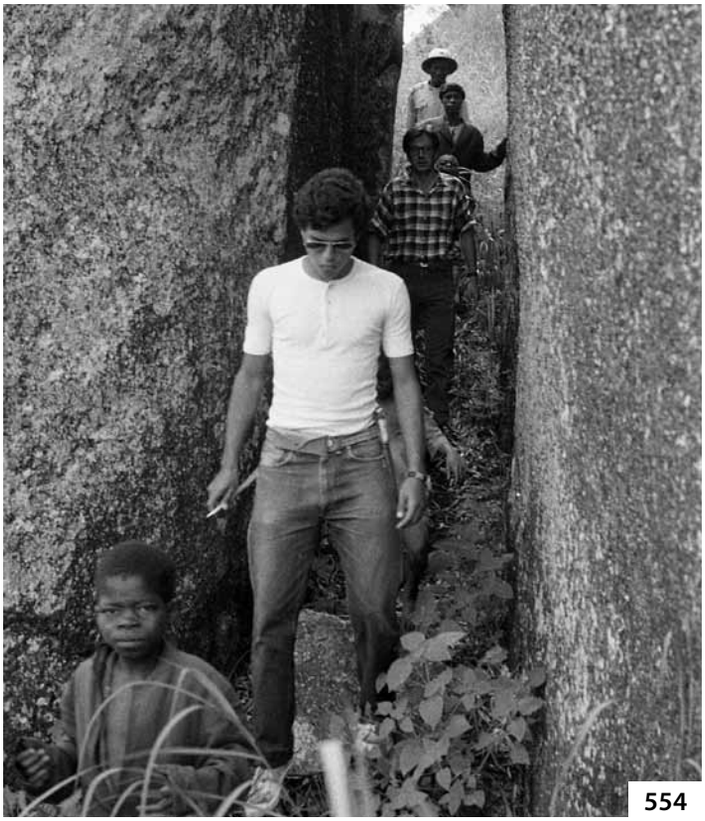


551

552



553

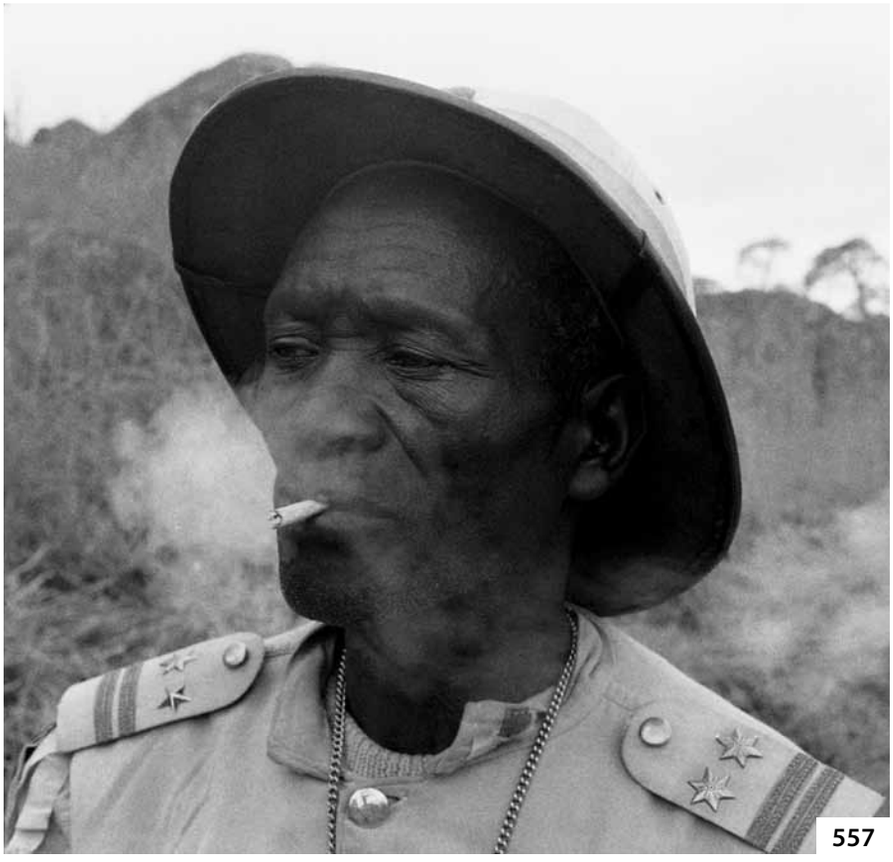


554

555

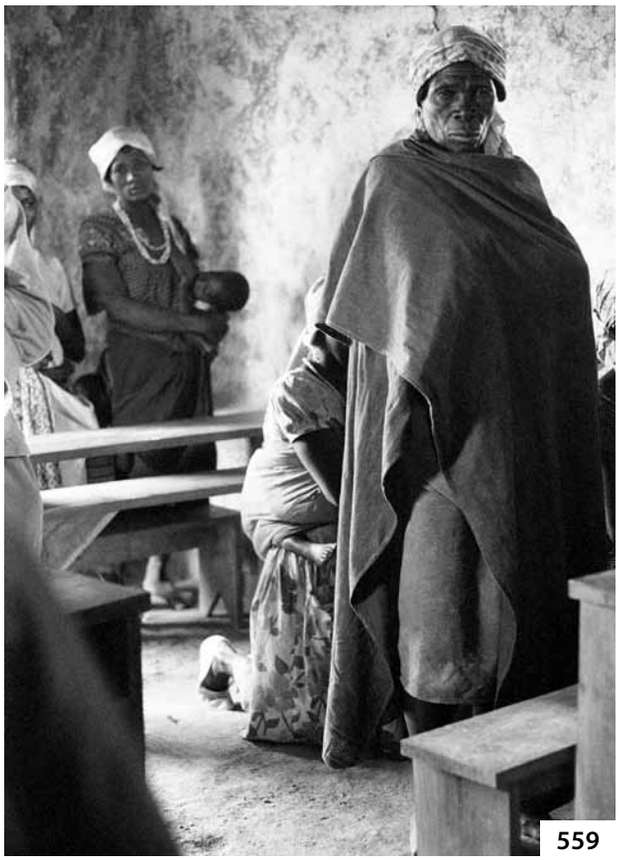
555-556-557-558-559-560 – **O chefe da aldeia e seus familiares.**

556

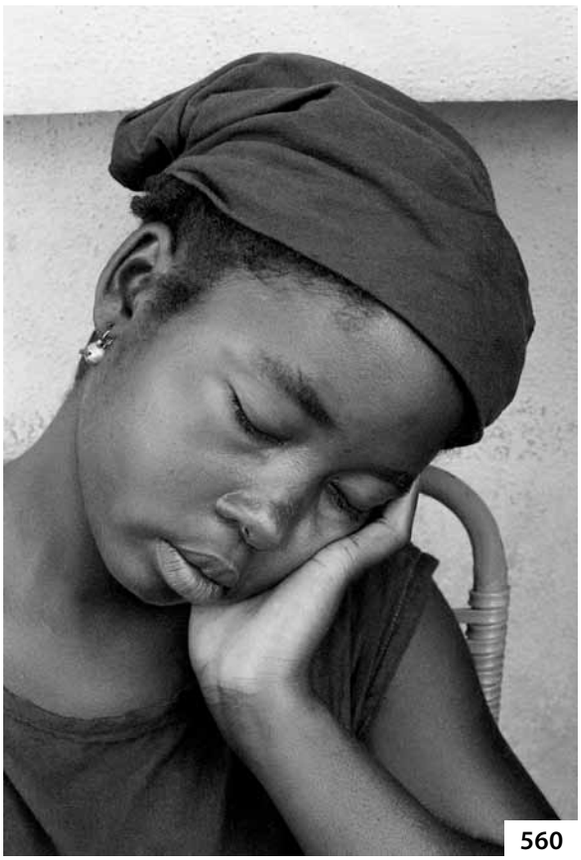


557

558



559



560

PARQUE NACIONAL DO IONA

561

No deserto perto de Moçâmedes, Jean Charles na companhia do "Turra".

562

A pista aérea do Parque, que só podia ser visitado com uma autorização especial do Governador de Moçâmedes.

563

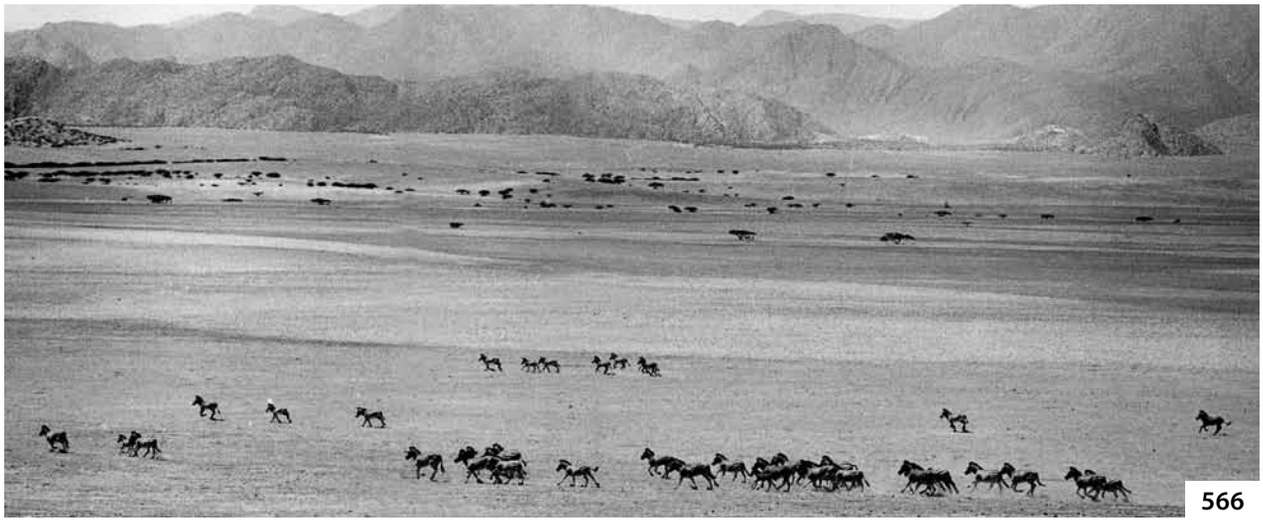
O acampamento principal da Espinheira que podia alojar seis visitantes.

564

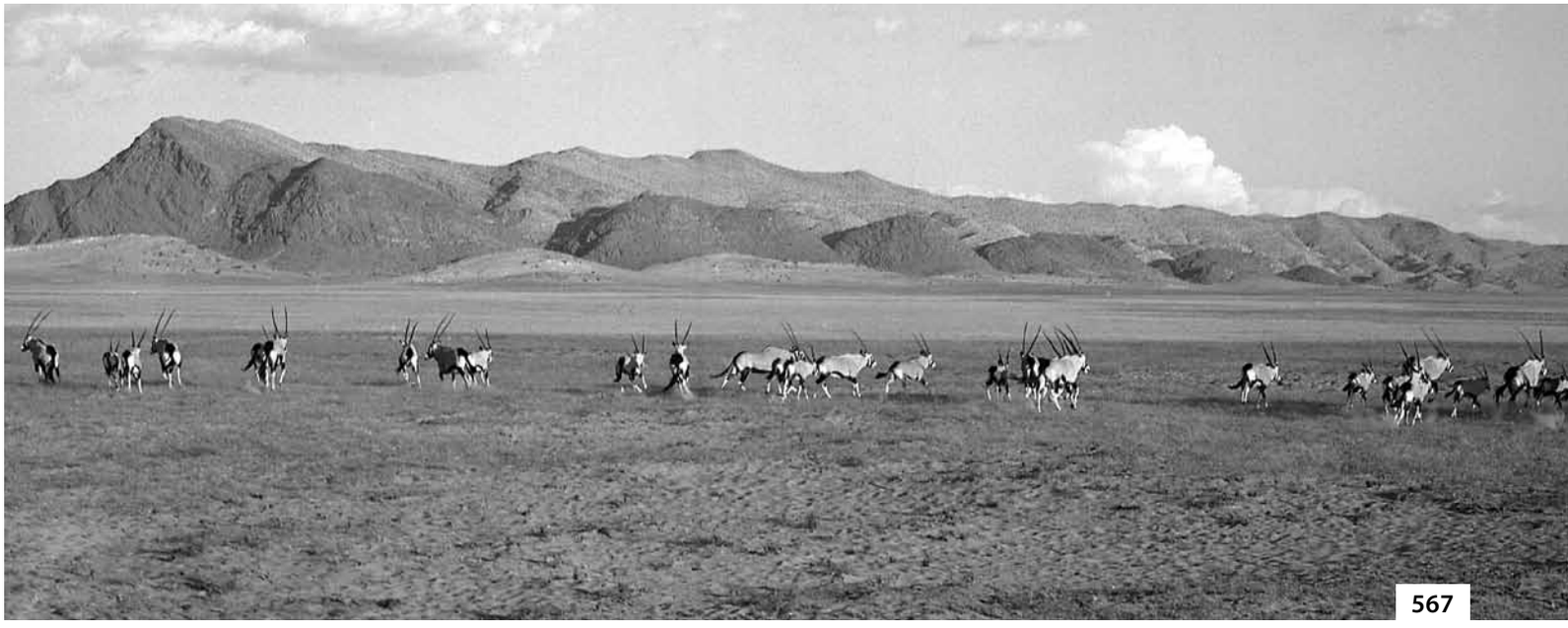
O sentido interdito, no meio do nada, era muito importante para o visitante não se perderem, uma vez que não existiam estradas.

565

565-566-567-568 – **Nos vastos espaços do Parque do Iona existia uma fauna muito variada: rinocerontes pretos, zebras, órix-gazelas, cabras de leque, elefantes, leões, leopardos, muitas variedades de antílopes, avestruzes, raposas, hienas, macacos-cão, suricatas, pinguins, lontras e muitos outros animais.**

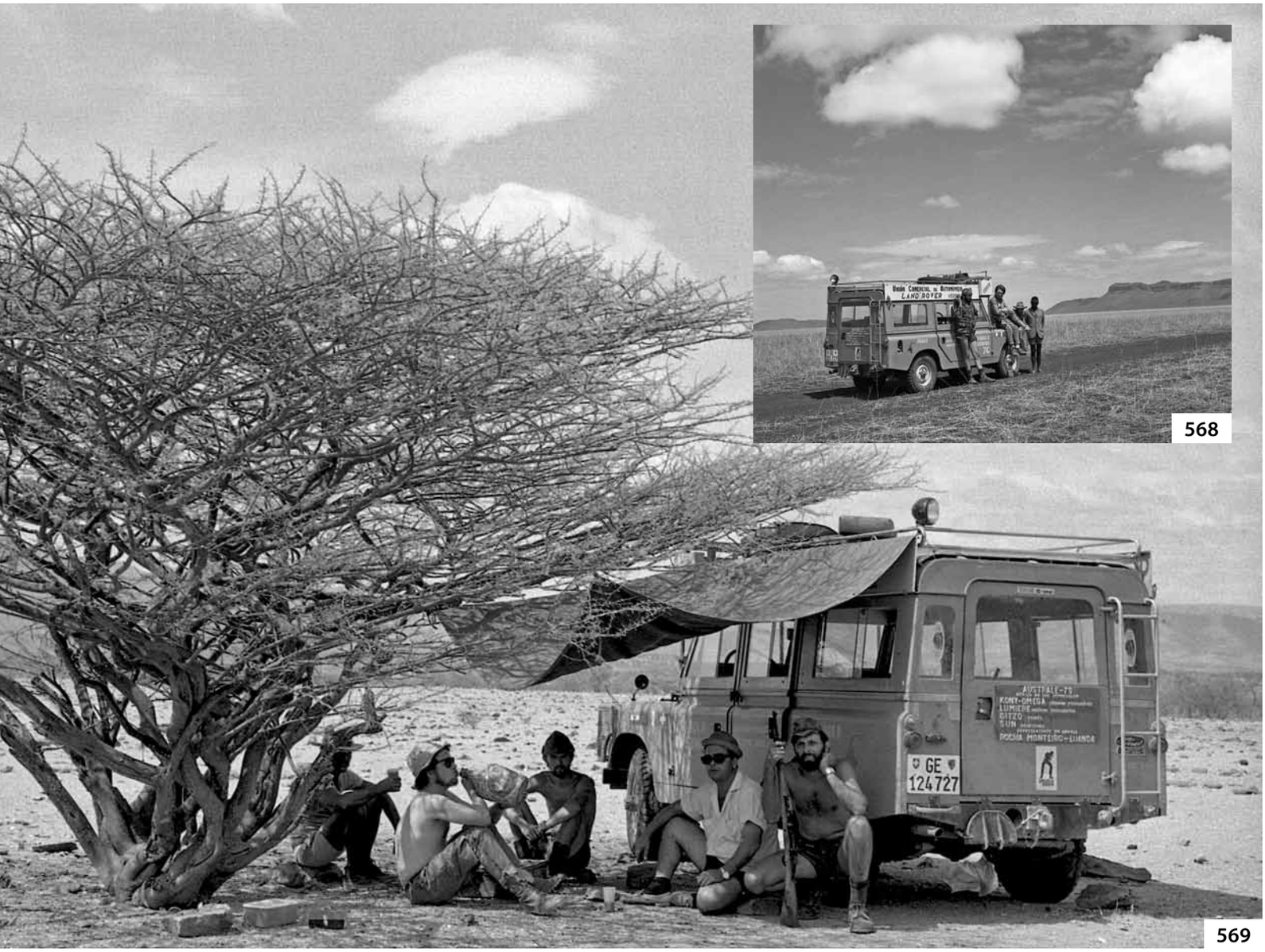


566



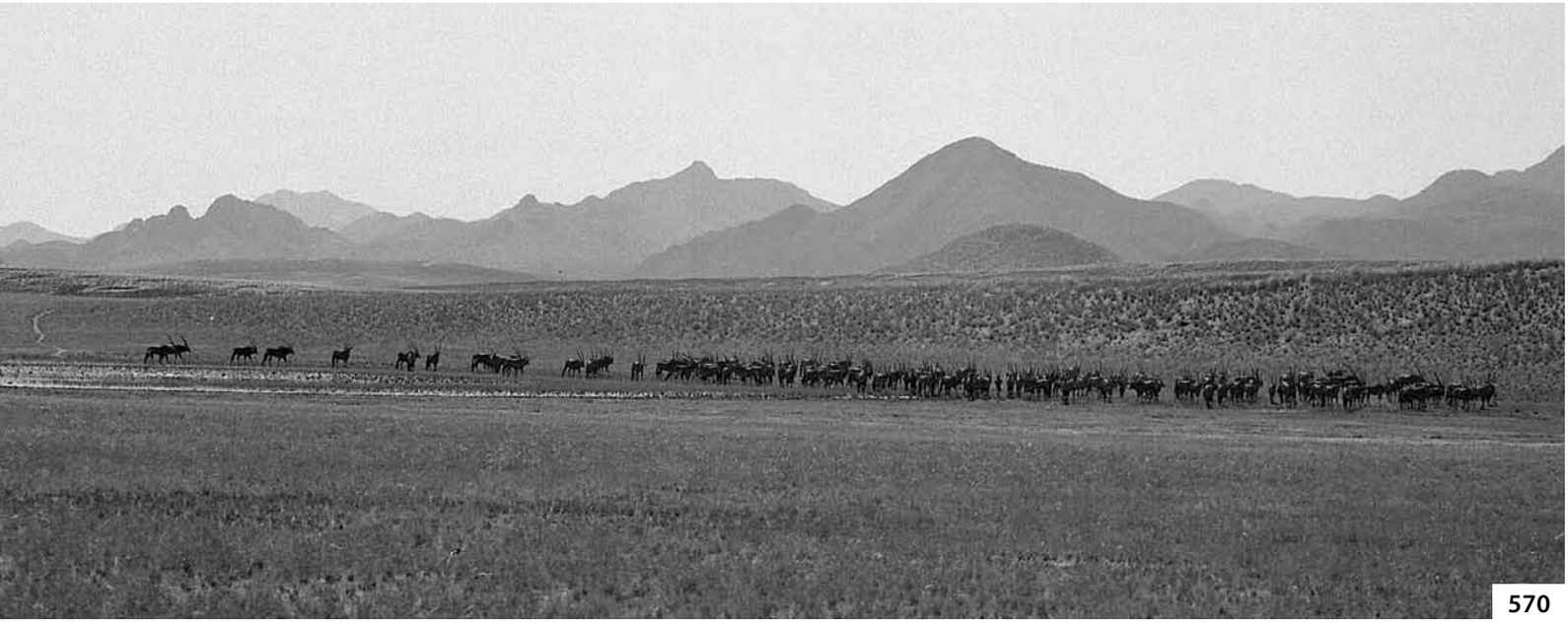
567

568

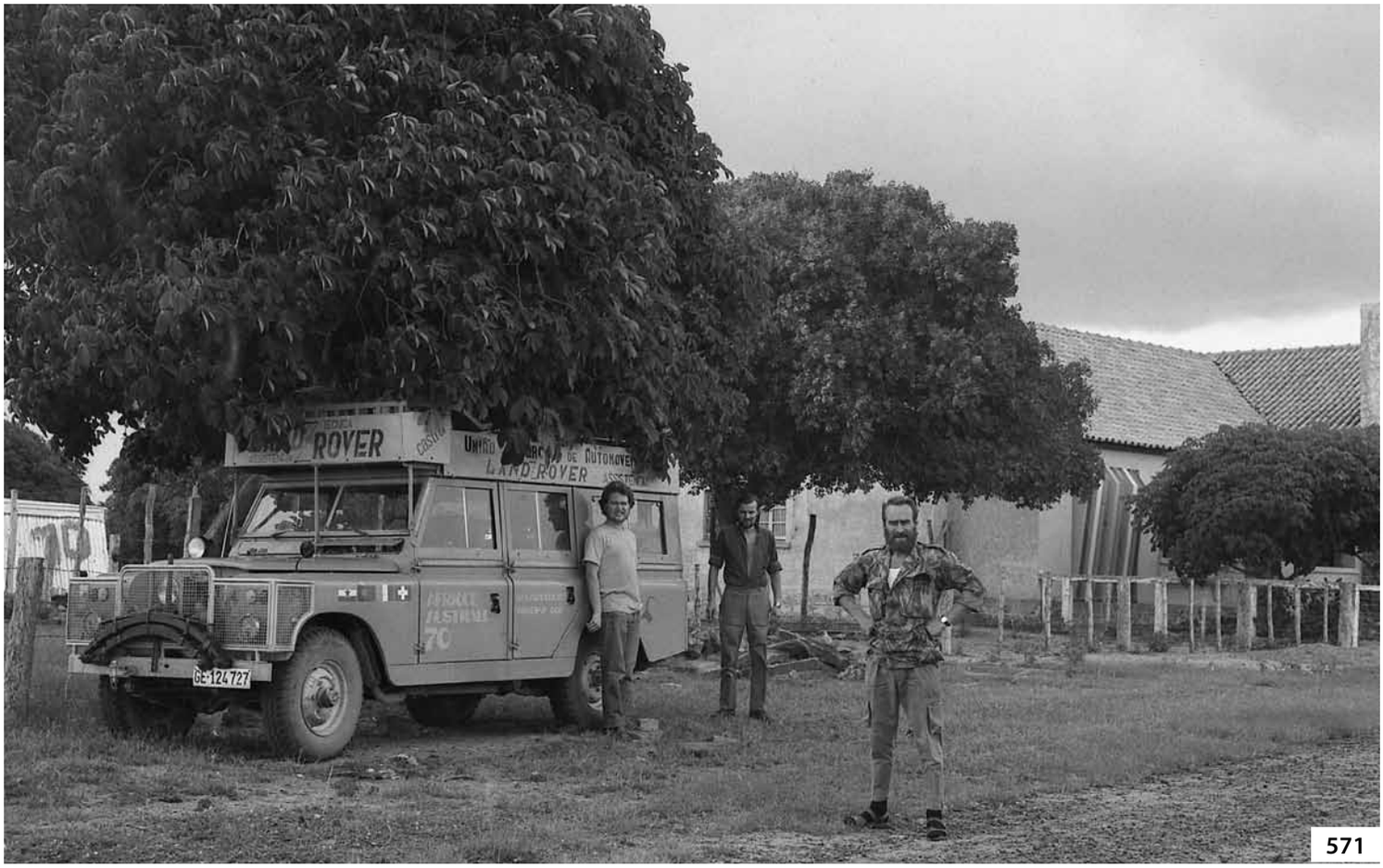


569

569-570 – **Ao meio dia fazia muito calor (50ºC à sombra). No Land-Rover e ao pé de uma espinheira, fizemos uma pose refrescante para almoçar.**

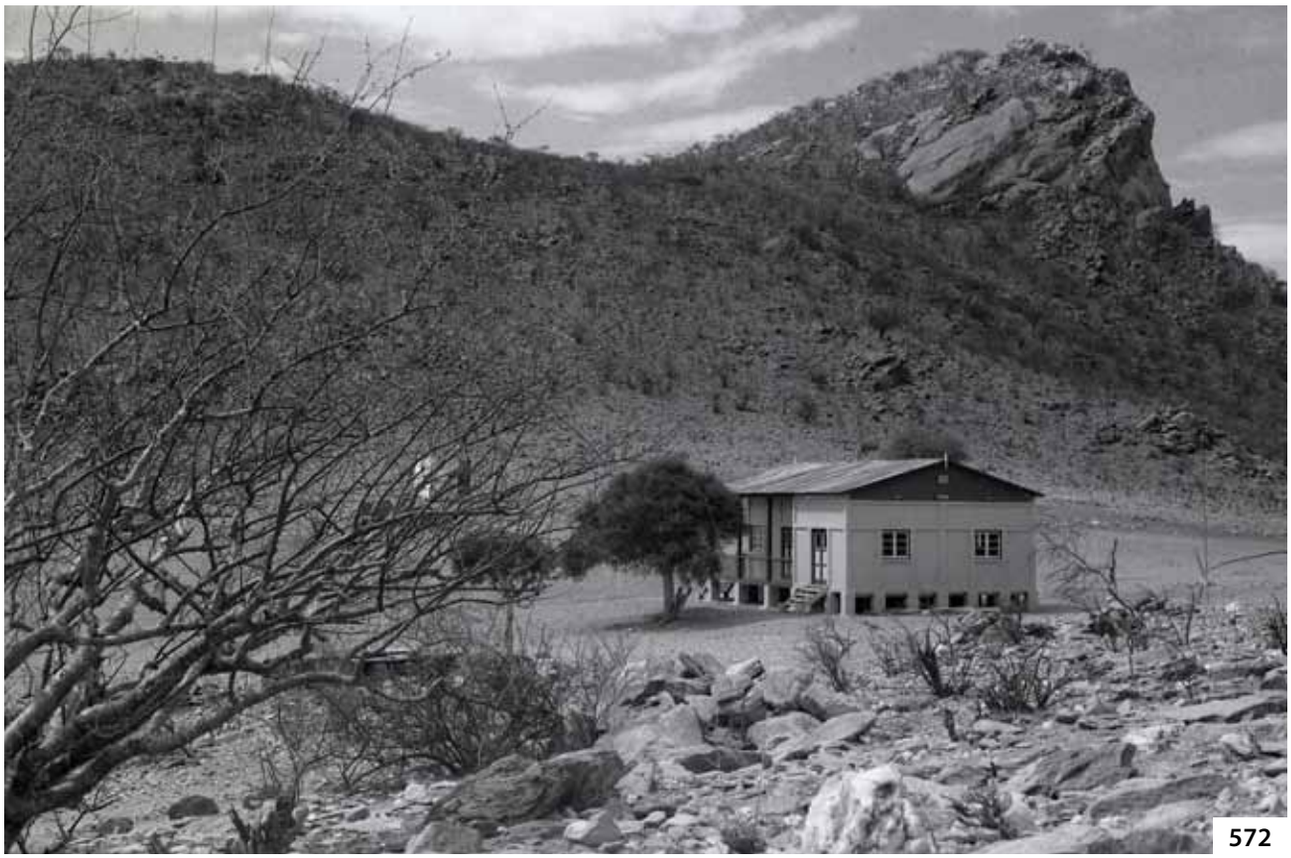


570

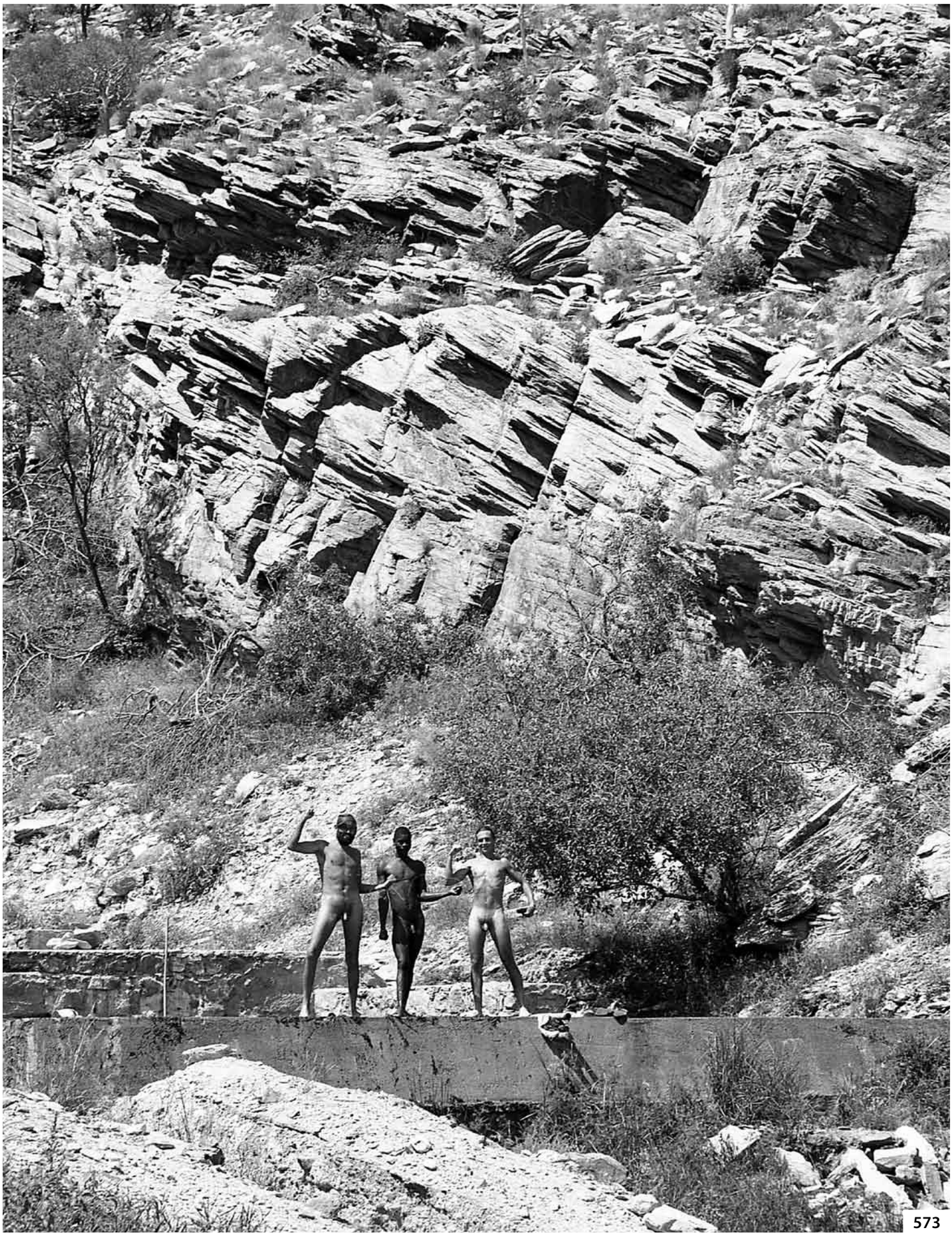


571

571-572-573 – **No lado montanhoso do Parque, perto do rio Cunene, ficava o segundo acampamento, junto a uma nascente de água muito límpida. Existia mesmo um tanque para tomar bons banhos. (No texto explico as razões deste acampamento se encontrar abandonado).**



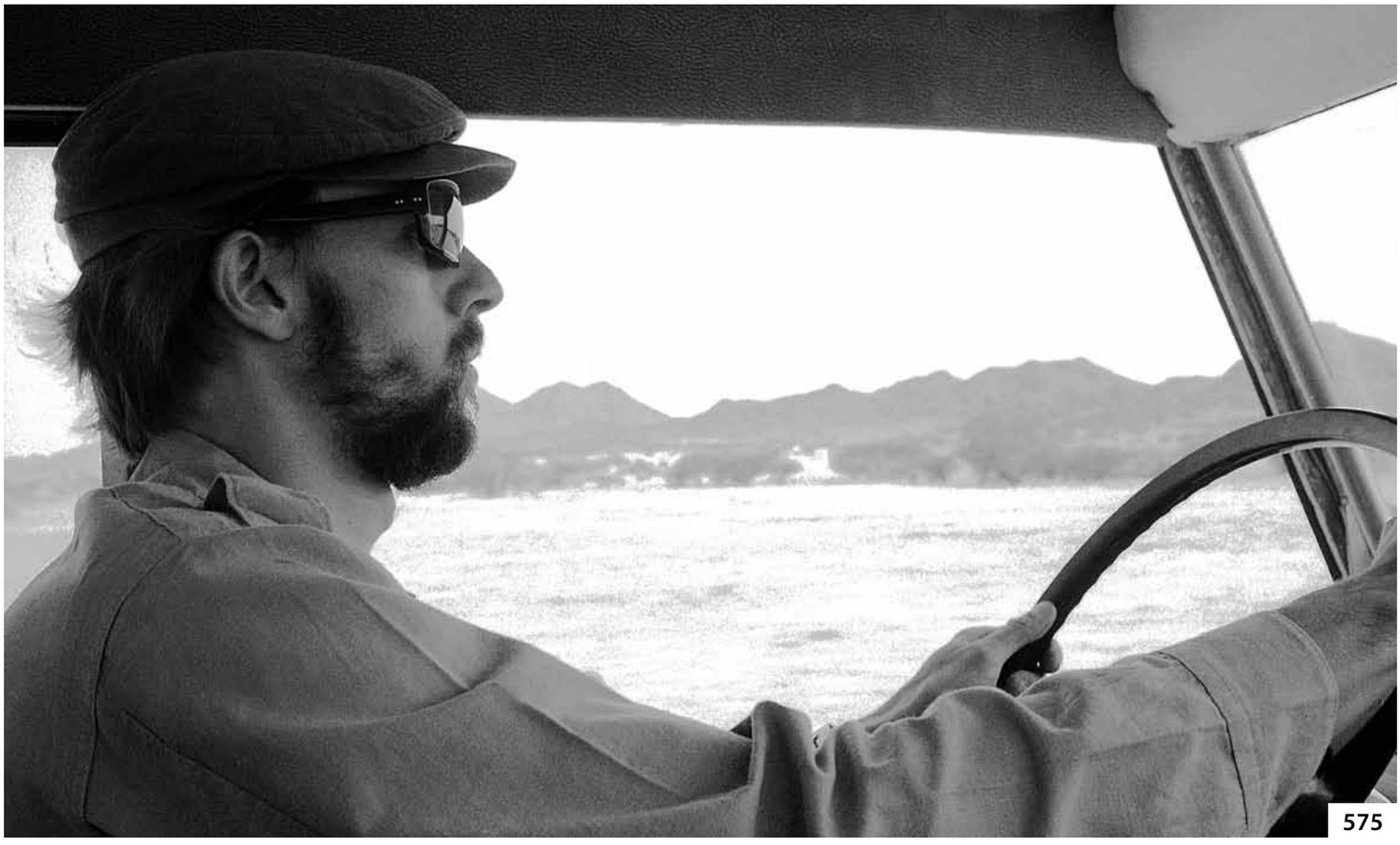
572



573

574

574-575-576-577 – **A estrada de acesso ao Parque era longa e cheia de pedras e espinheiras. Na época das chuvas a travessia do rio Curoca era problemática.**

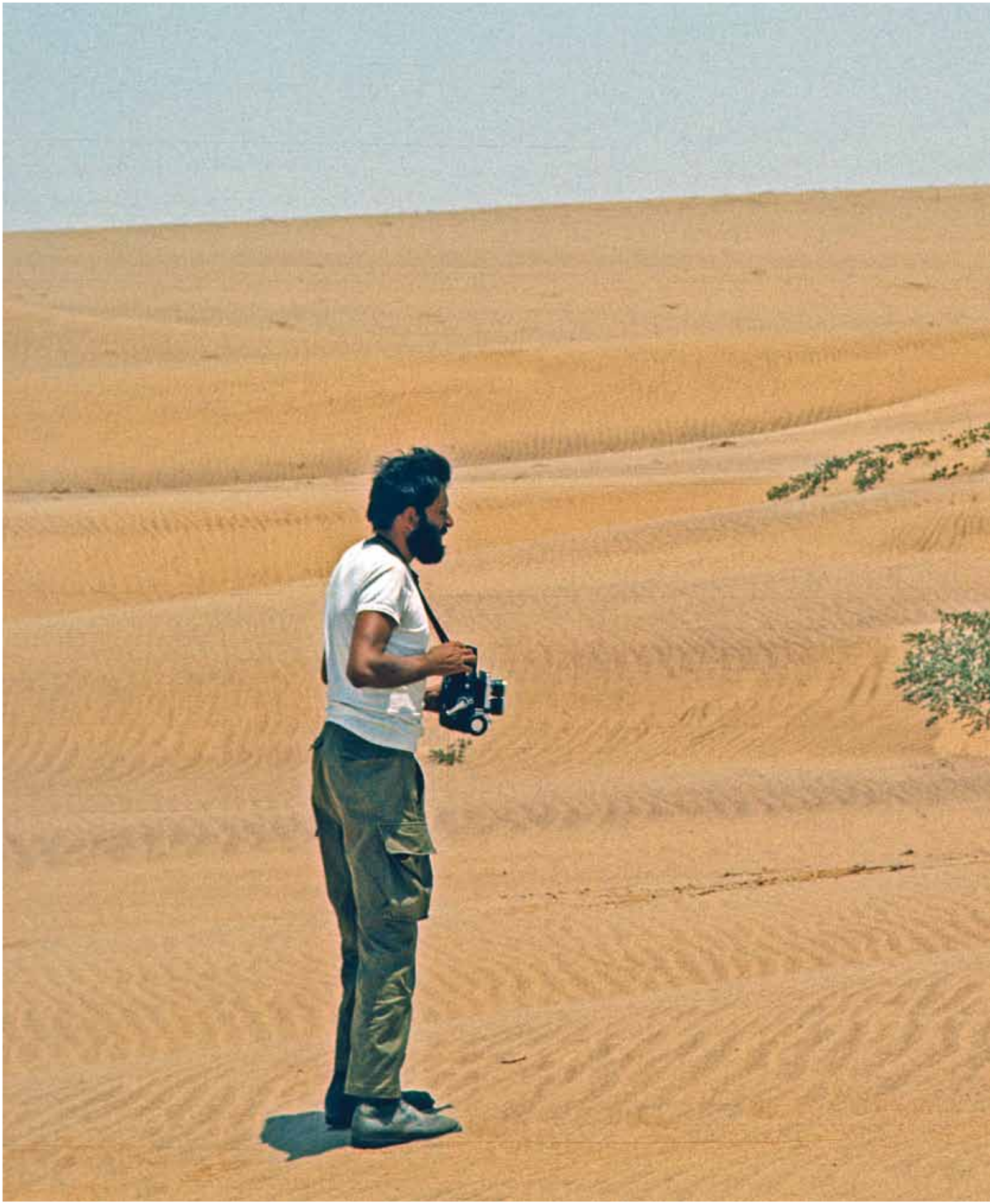


575

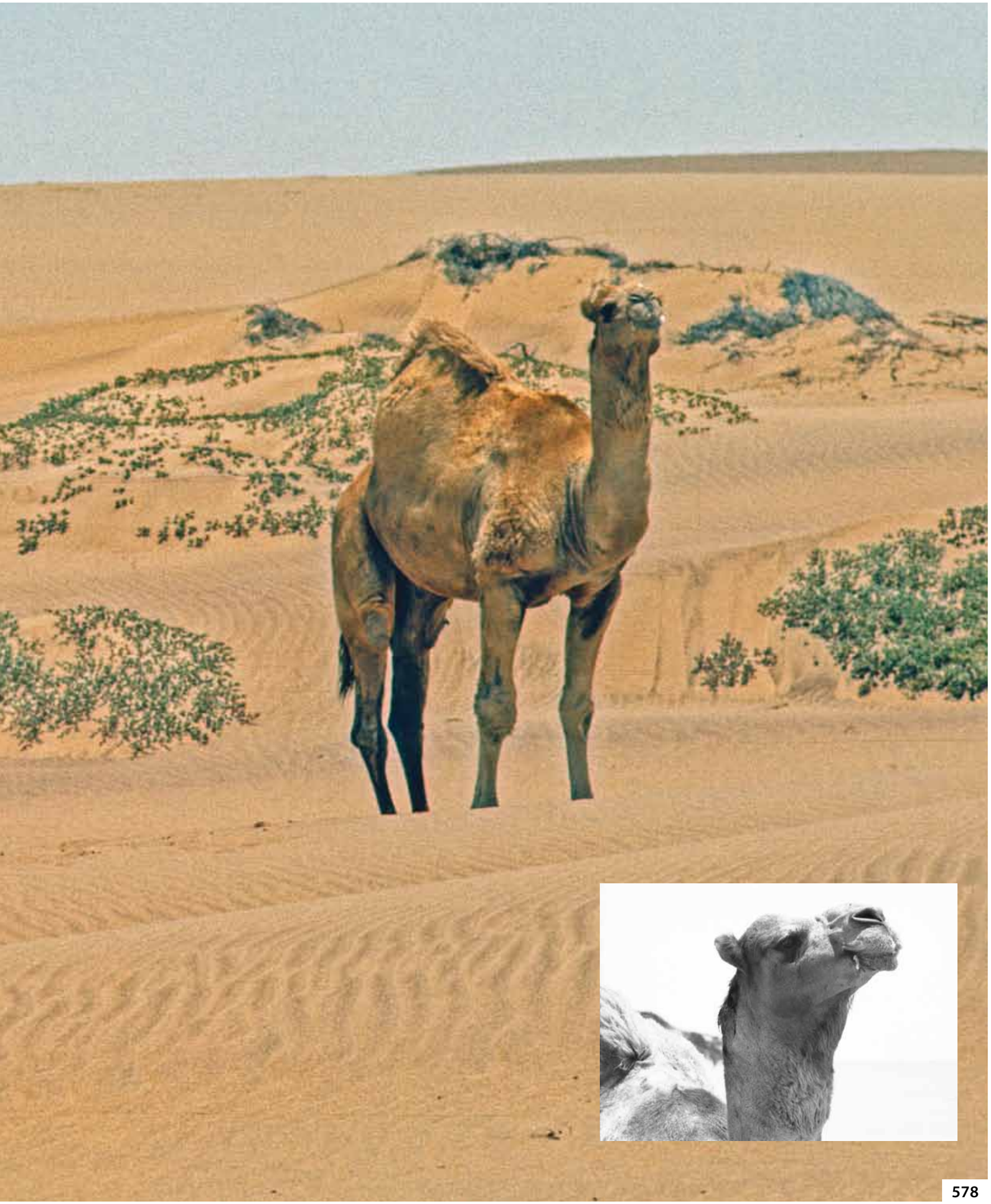
576

COMERCIAL DE AUTOMOVEIS SARL
LAND ROVER ASSISTENCIA
CASTROL

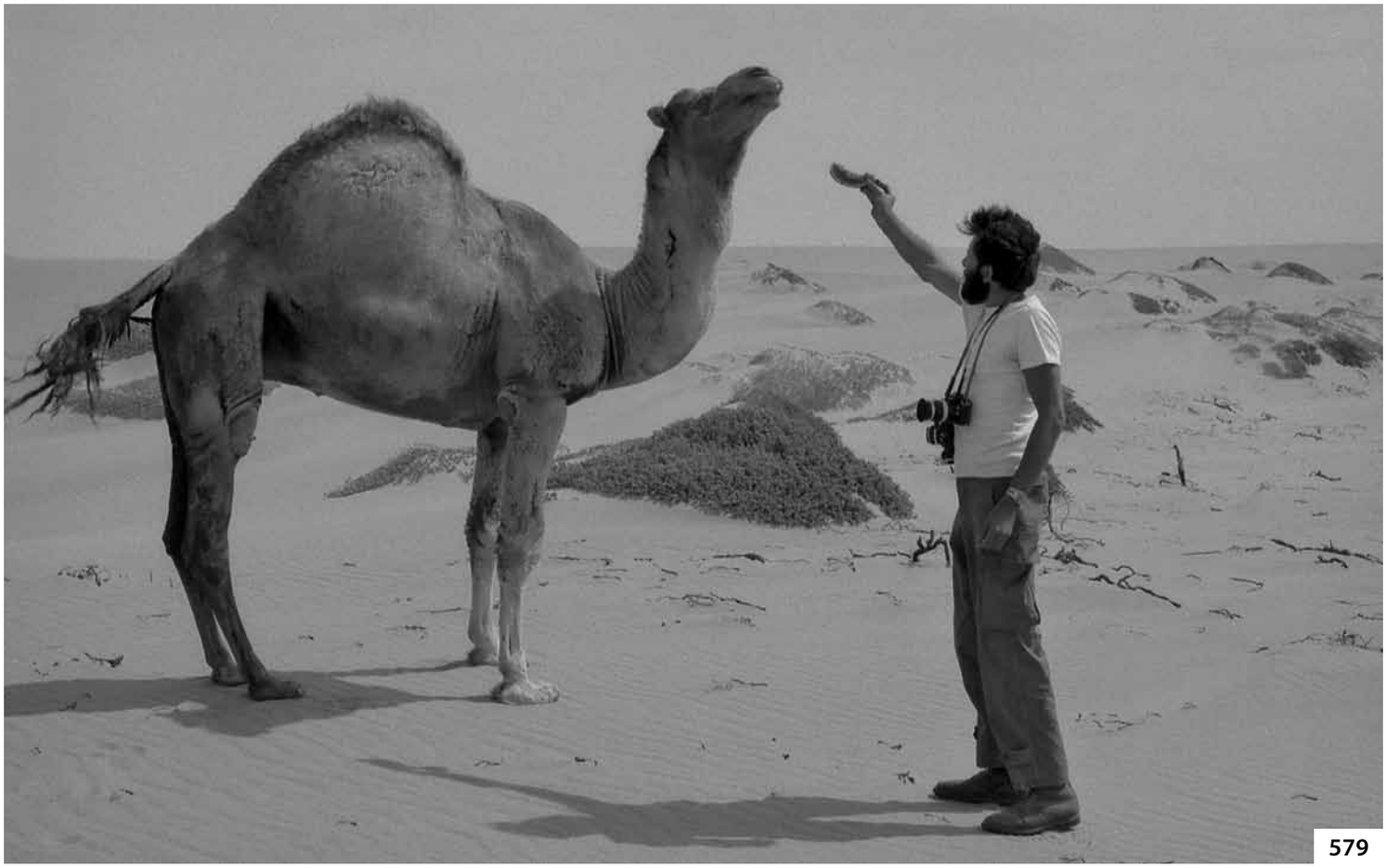
577



578-579-580-581-582 – **Sobre a costa atlântica do Parque do Iona situava-se o deserto de areia, onde deparámos com dromedários selvagens em total liberdade.**

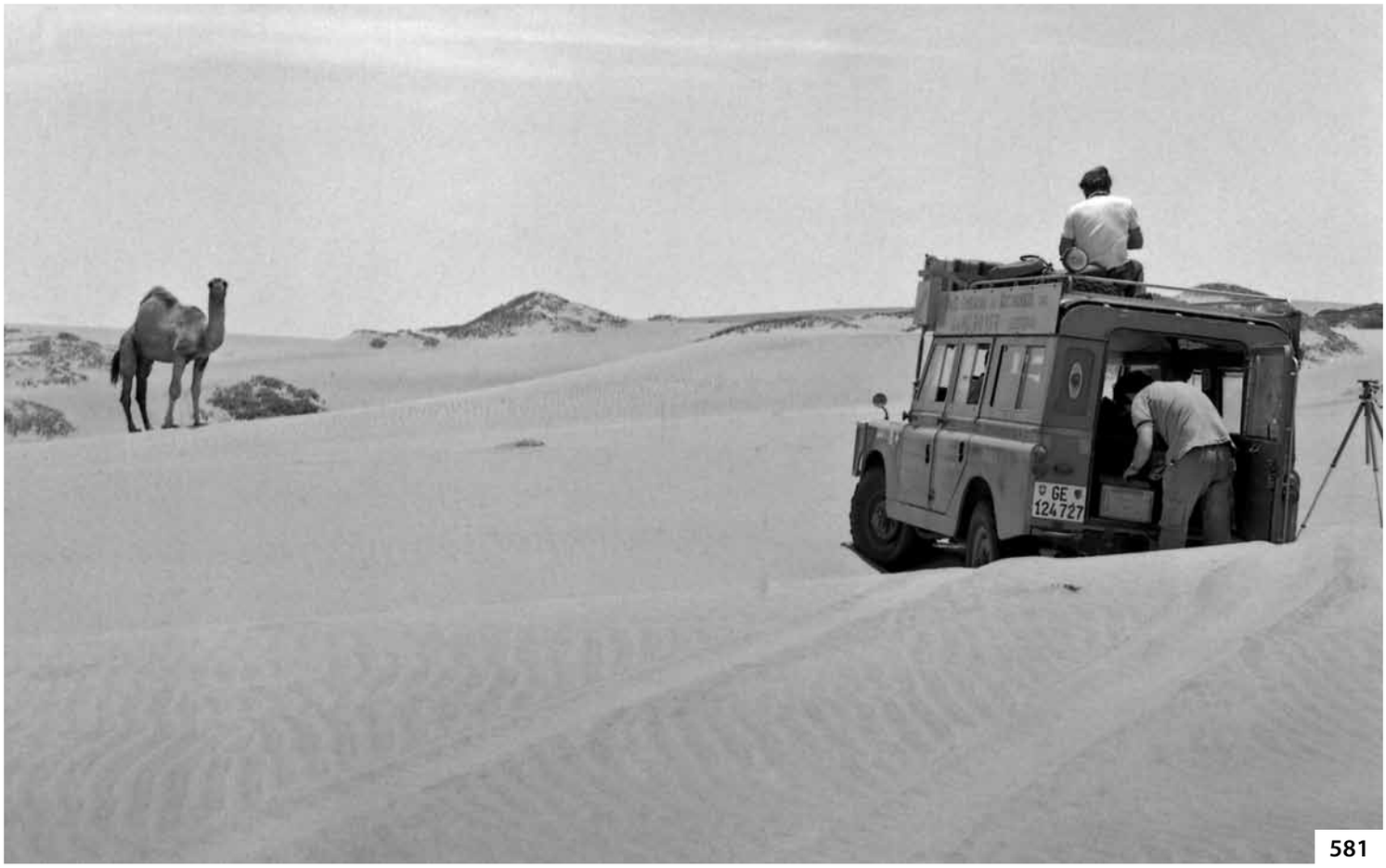


578



579

580



581

582

583

Numa das picadas da parte montanhosa do Parque havia uma tabuleta a fotografar.

584

Na presença do guarda, do nosso guia e de um amigo (Mário Merlini), Guy instalou a sua câmara.

585

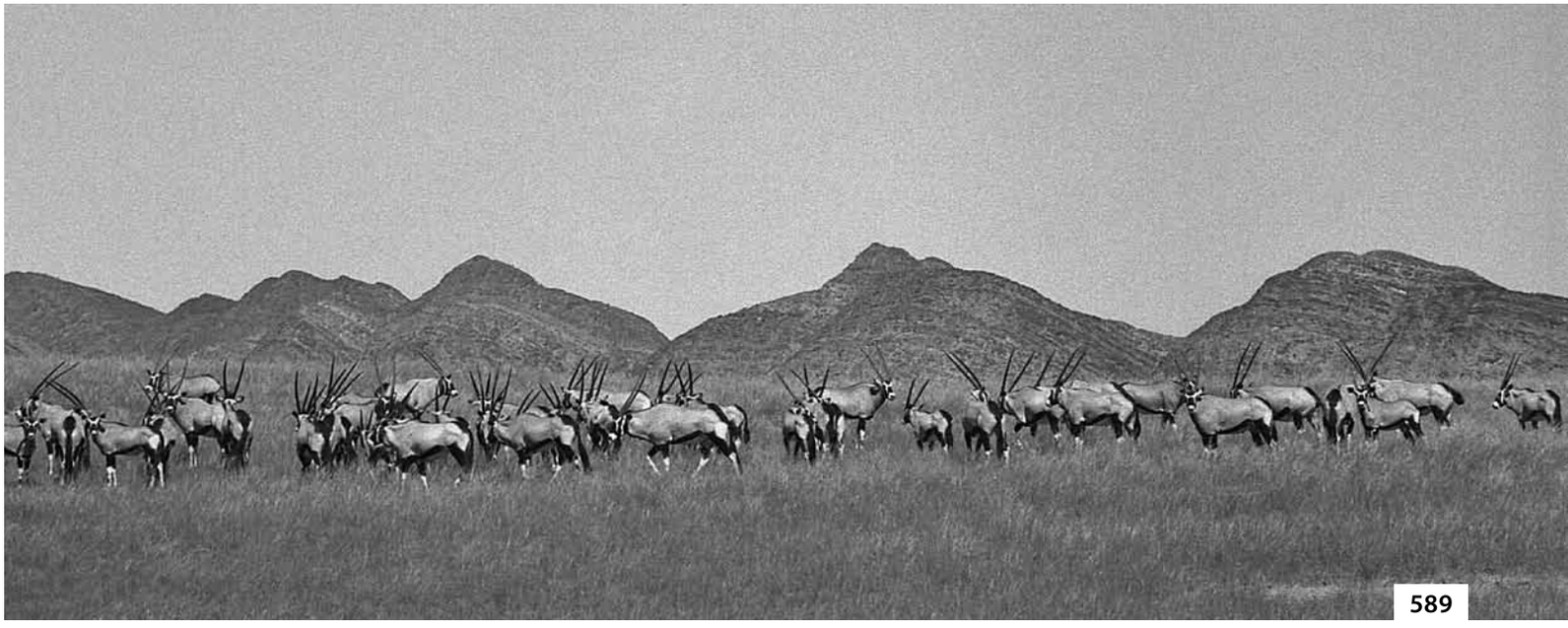
Os caminhos de pedregulhos eram um castigo para os pneus e a suspensão do Land-Rover.

586

Em pleno deserto na região das dunas, na total ausência de trilhos, os atolamentos eram frequentes.

587

O tecto do Land-Rover era um bom promontório para ver e filmar os animais.



589

588

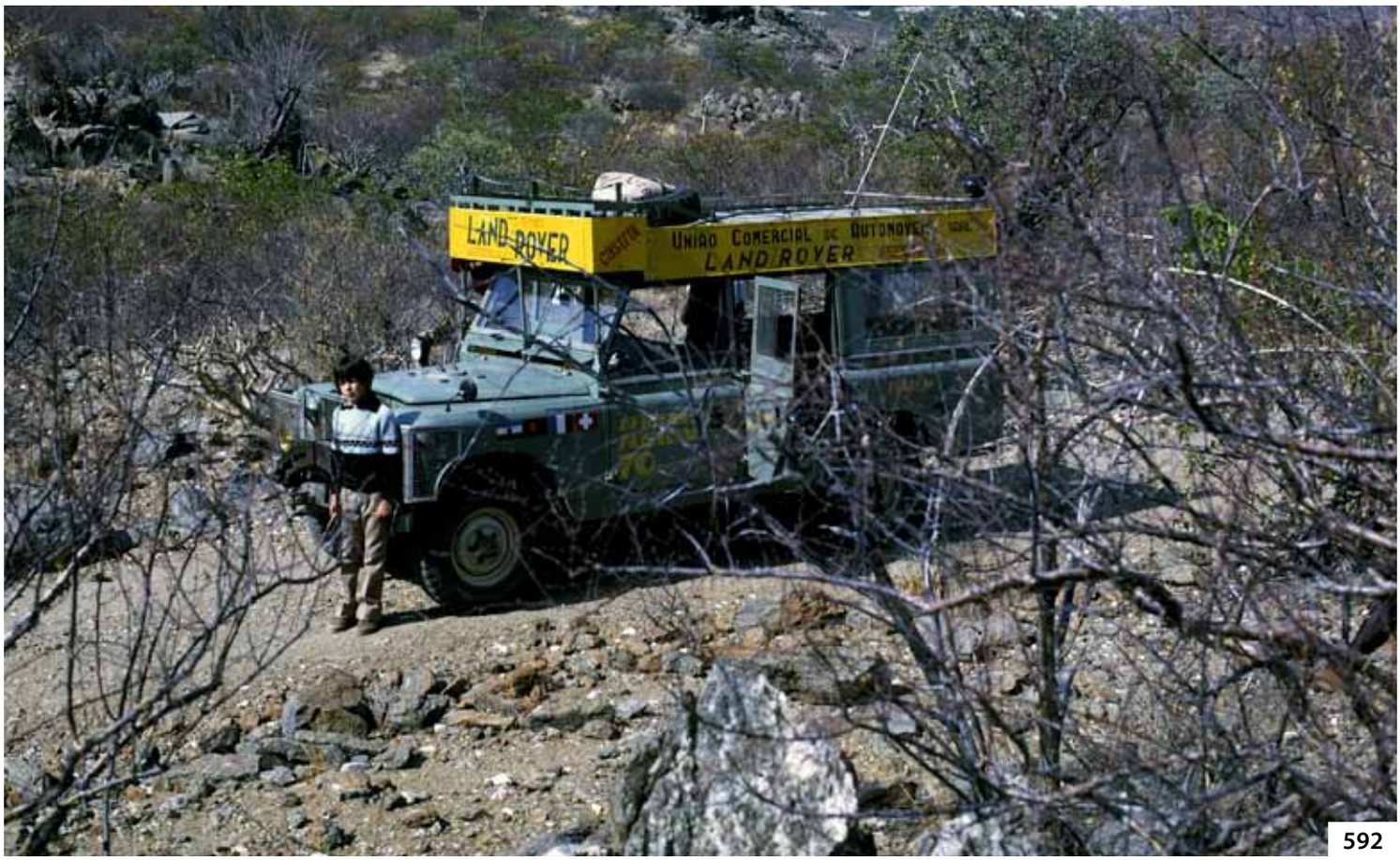
O sinal, de sentido proibido, indicava claramente que deveríamos virar à esquerda ou à direita.

590

589-590 – **Manadas de órix-gazelas.**

591

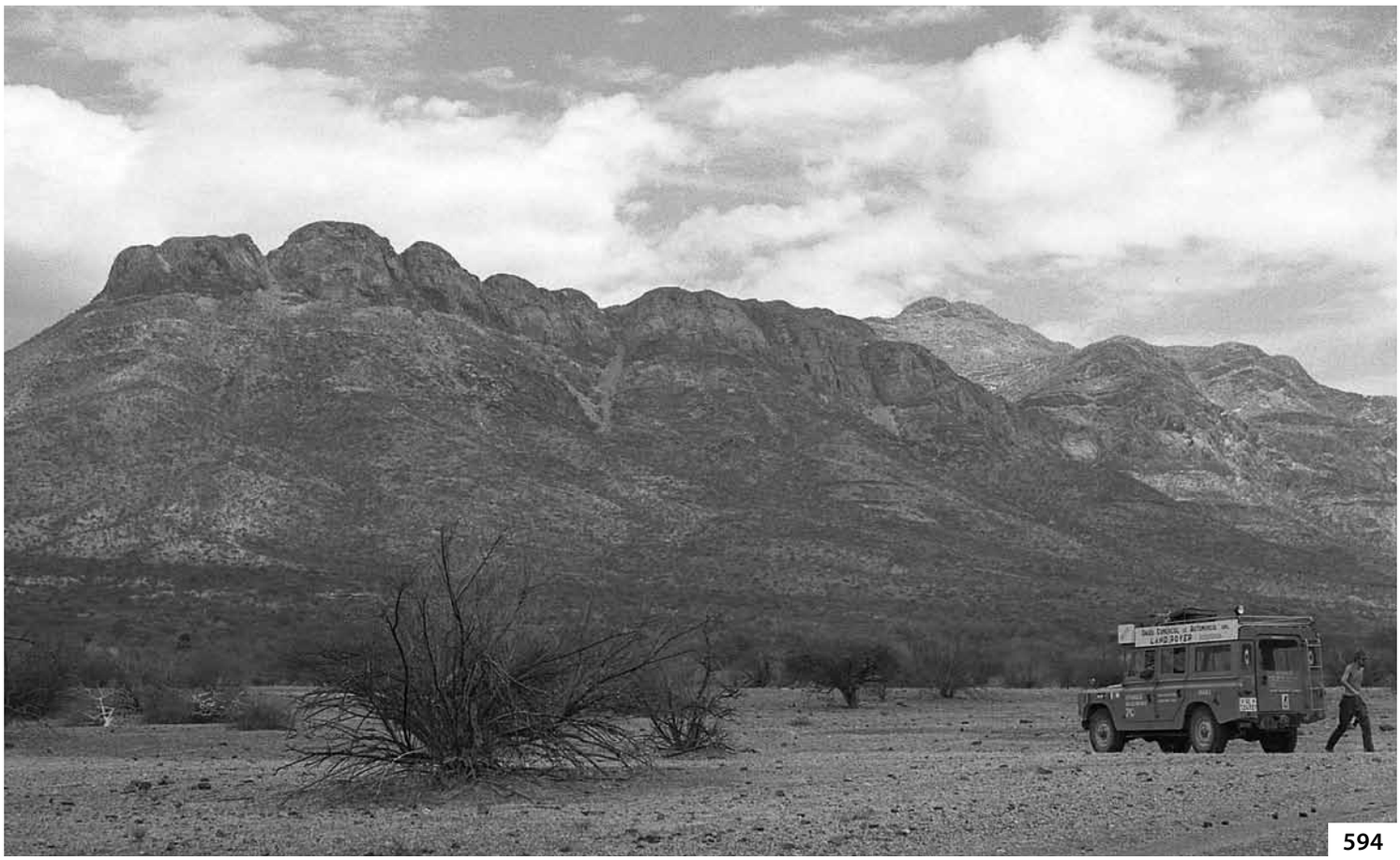
No tempo das chuvas era, muitas vezes, necessário esperar horas para poder atravessar o rio Curoca.



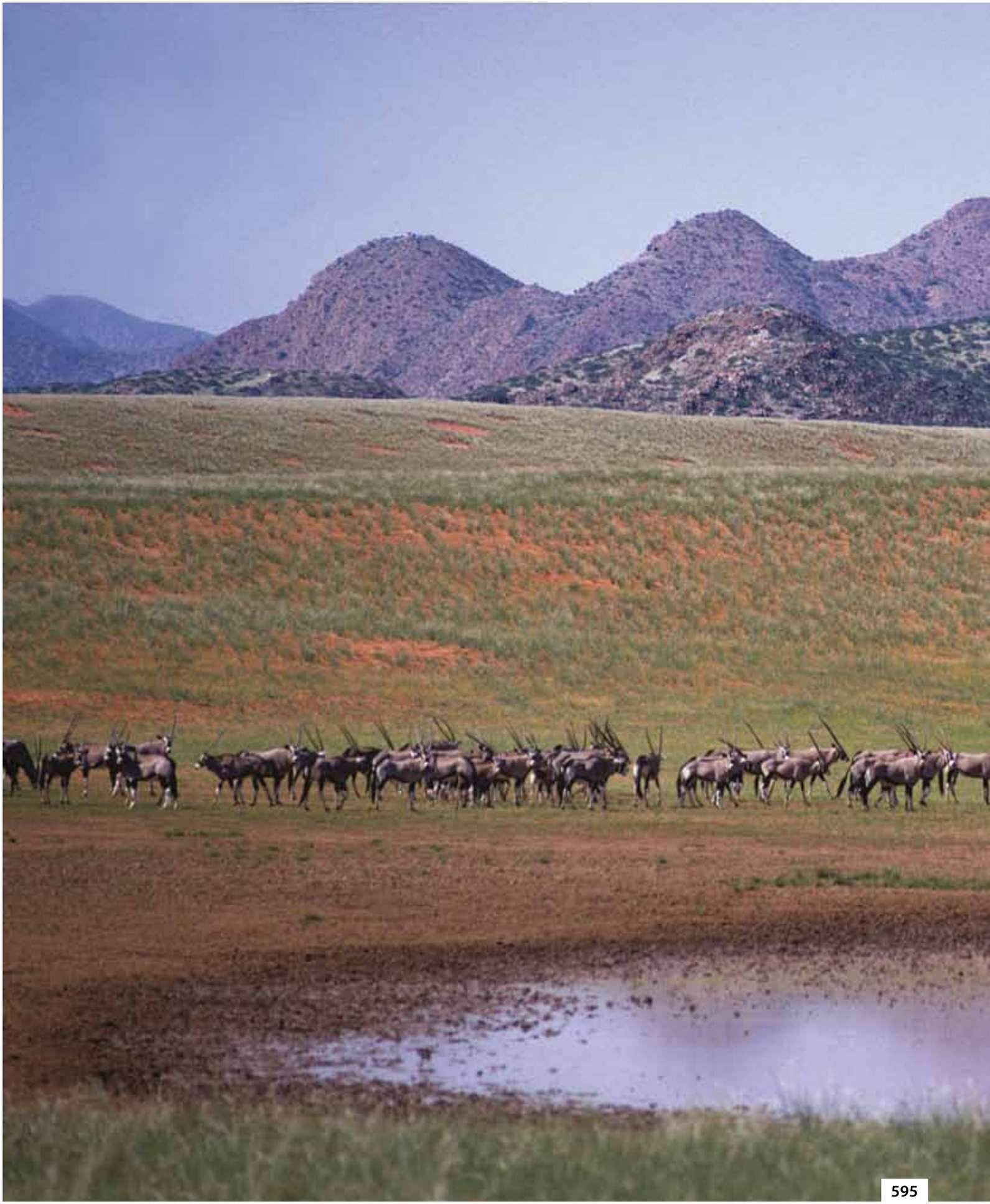
592

592-593-594 – **Vários aspectos da vegetação do Iona.**

593



594



Depois das chuvas, as dunas ficavam cobertas de relva que eram um regalo para os olhos humanos e para os animais.

596

As avestruzes eram ariscas e muito difíceis de se aproximarem.

597

597-598-599 – **Os órixes e as zebras eram muito temerosos.**

598

599

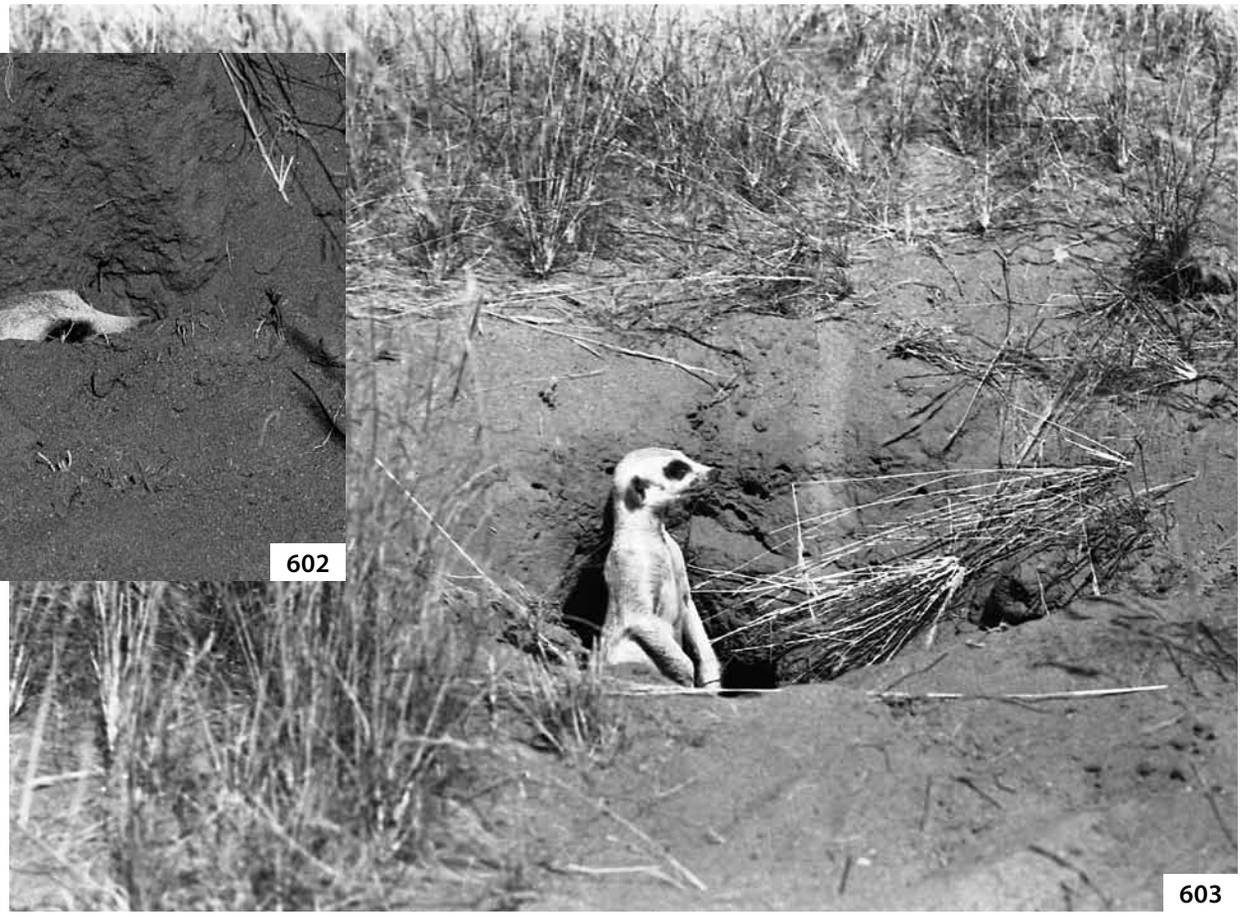
600

Manada de zebras.

601

Uma linda manada de avestruzes que muito dificilmente nos deixavam aproximar.

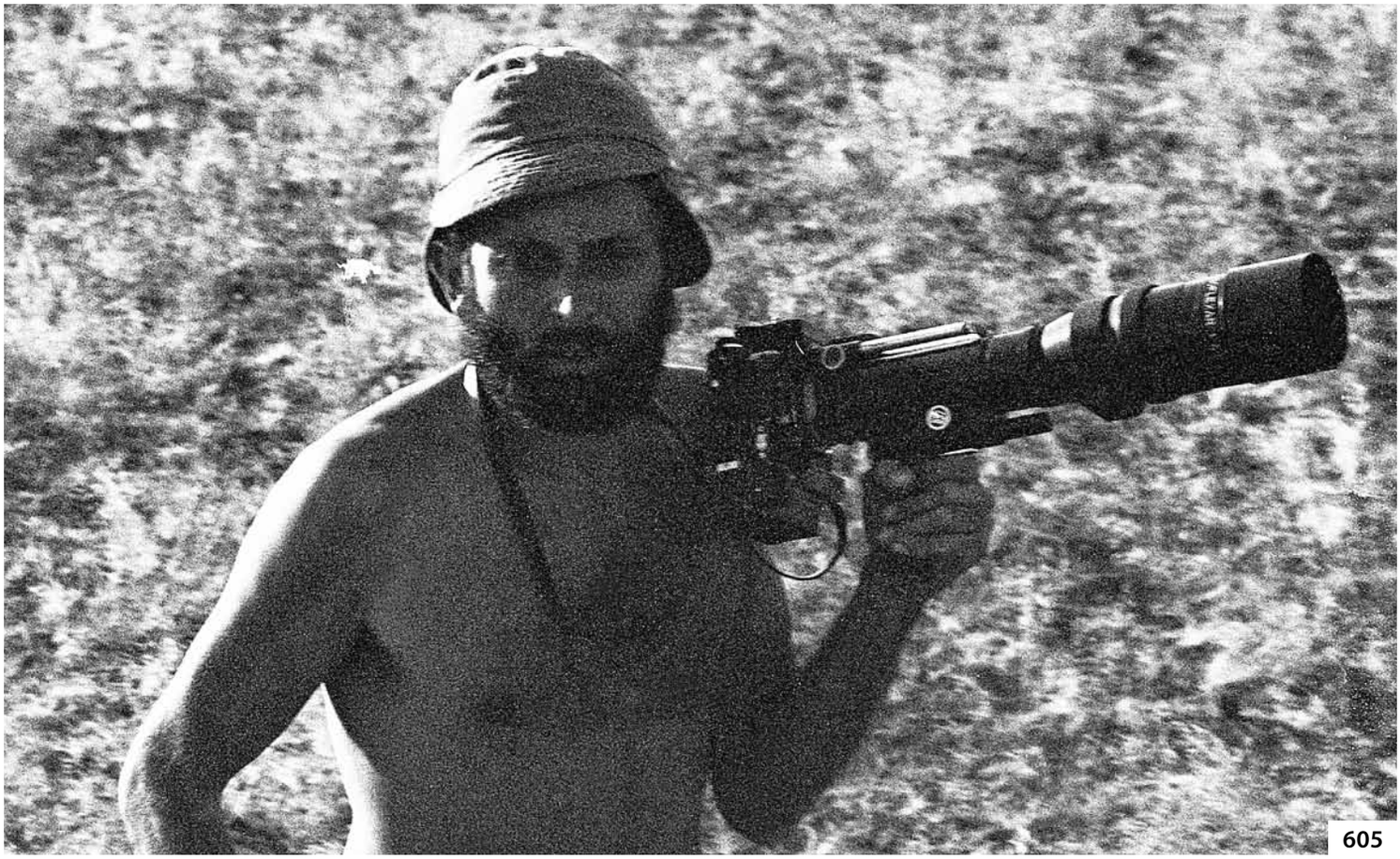
602



603

602-603-604 – **As suricatas, que tinham sido recentemente descobertas no parque do Iona, eram igualmente temerosas mas, em simultâneo, muito curiosas.**

604



605

Jean Charles com a sua "bazuca" podia à vontade fotografar as suricatas.

606

Os jovens antílopes metiam-se à sombra sob as espinheiras.

607

607-608-609-610 – **Fotografando e filmando os camelos.**

608

609

610

611

Em plena canícula, não era preciso lume para fritar os ovos.
O capô da Land-Rover servia perfeitamente de frigideira.

612

612-613-614-615 – **Devido às vastas extensões do Parque, era necessário ter um guia e bem preparado o itinerário para se poder regressar ao acampamento antes de anoitecer.**

613

614

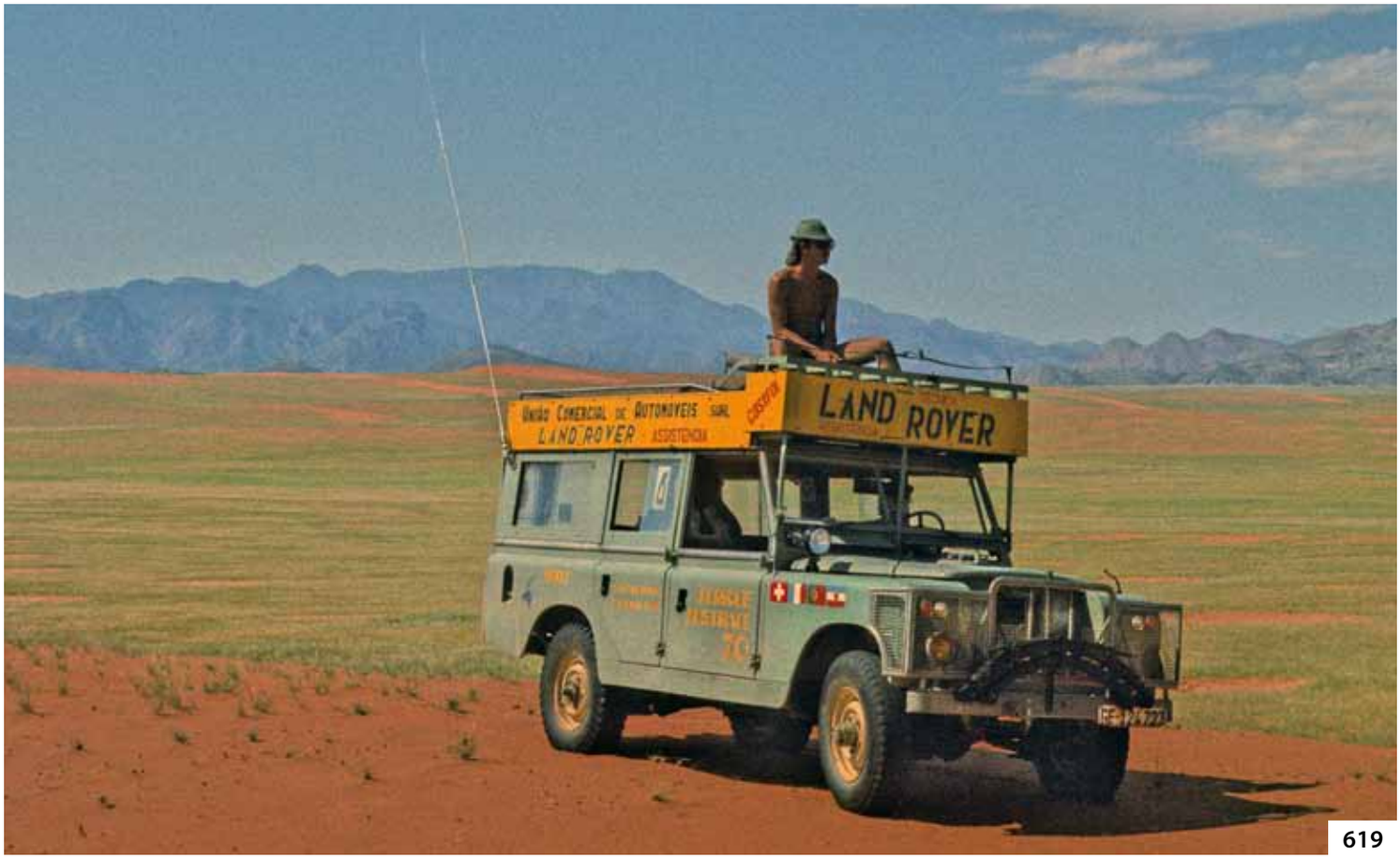
615

616

616-617-618 – **Vários aspectos da vegetação do Iona.**

617

618



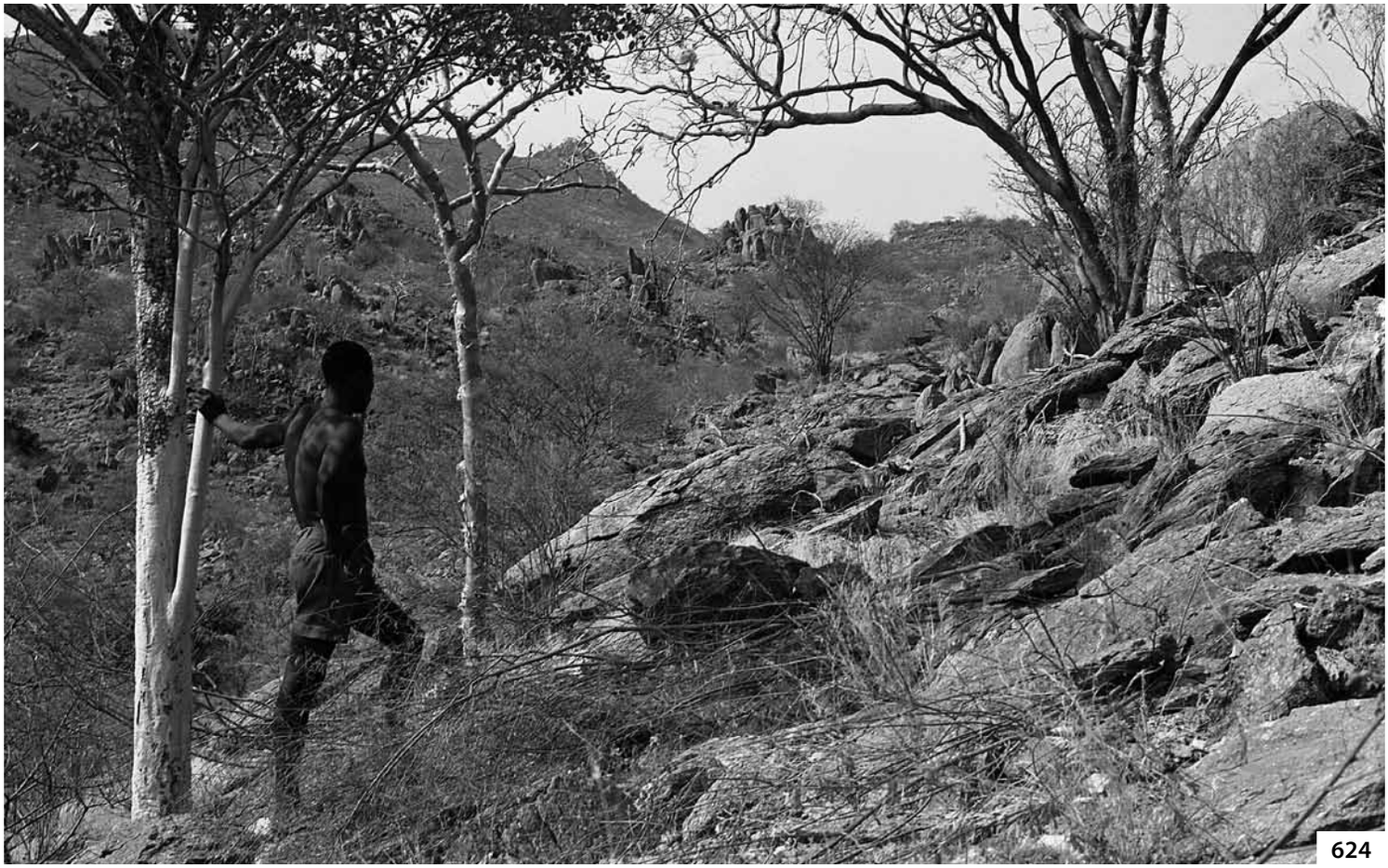
619-620 – **O tecto da Land-Rover era o melhor lugar para se ter uma bela visão do local e não havia polícias por perto para nos impedir de o fazer.**

621

621-622-623-624 – **Jean Charles, Olivier, o guia do Parque e um pisteiro Muximba nas montanhas do Iona à procura dos elefantes.**

622

623



624

625

625-626-627-628 – **Dentro do parque do Iona, mais a Leste, próximo das zonas montanhosas, viviam os Muximba que ficaram intrigados e divertidos ao verem-nos. Numa das fotos, o Olivier e uma menina Muximba, talvez da mesma idade, posam entre risos.**

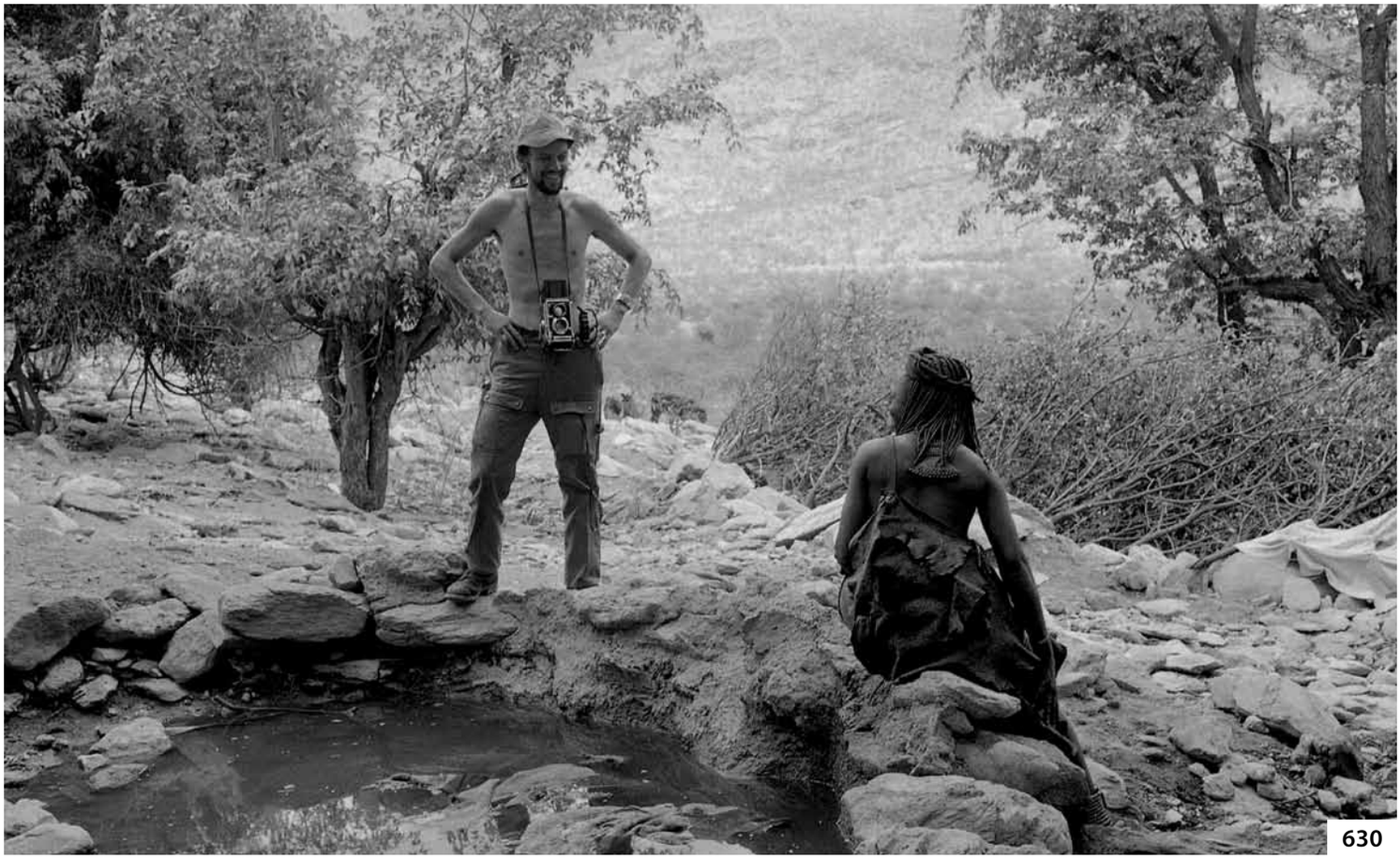
626

627

628

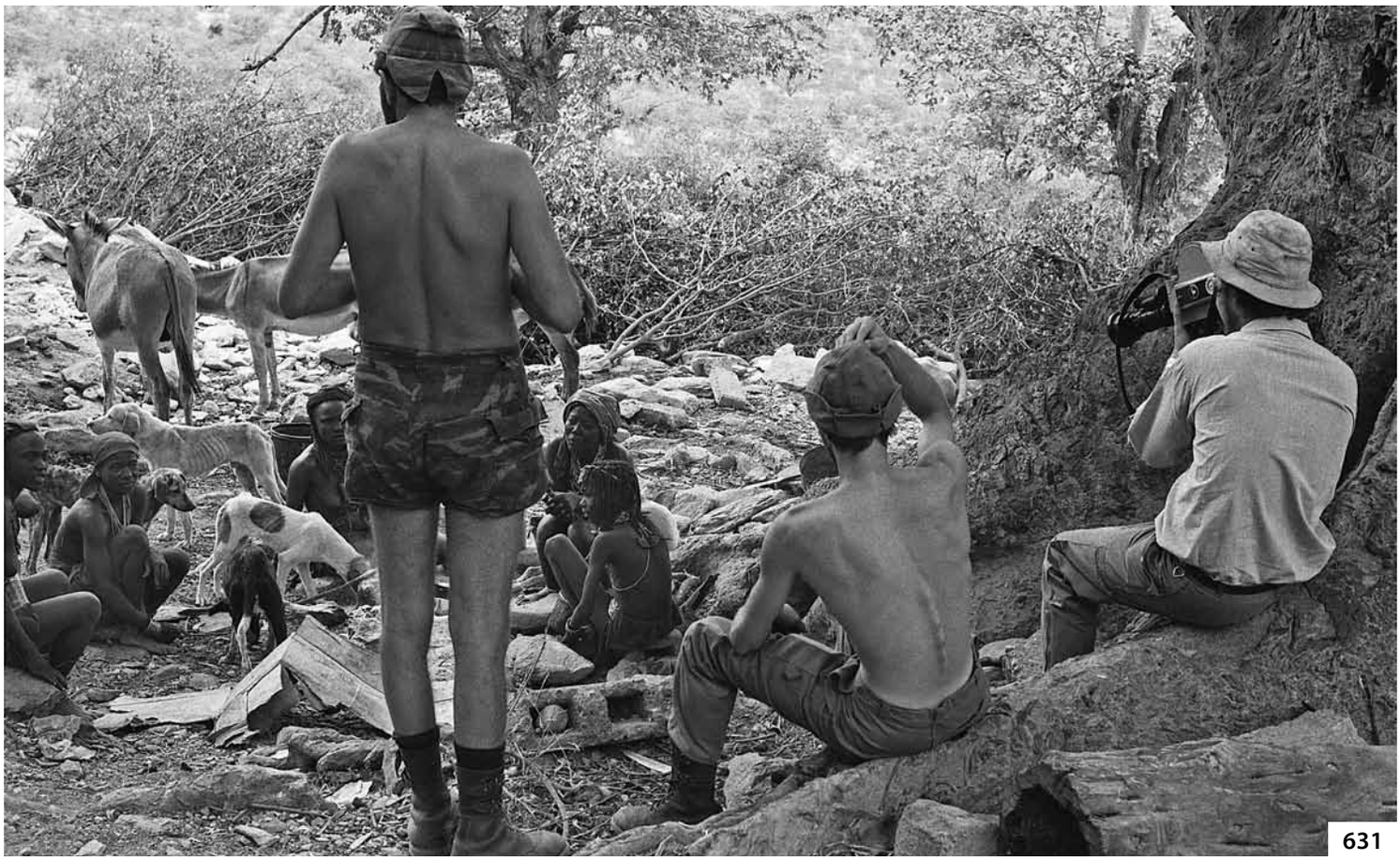
629

Perguntámos a esta menina, através do guia, se queria casar-se com o Jean Charles, respondendo que não porque ele tinha a pele muito branca…

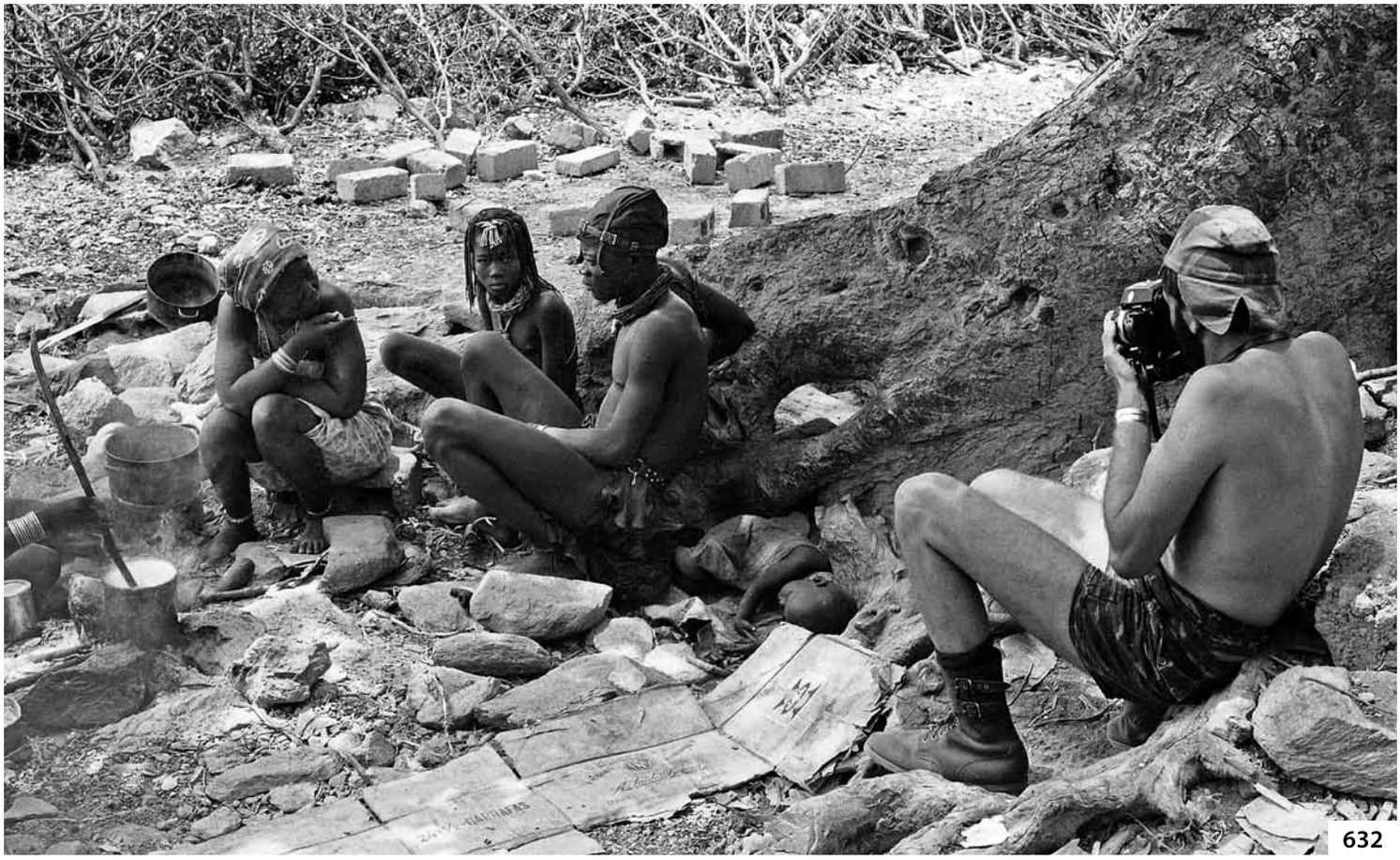


630

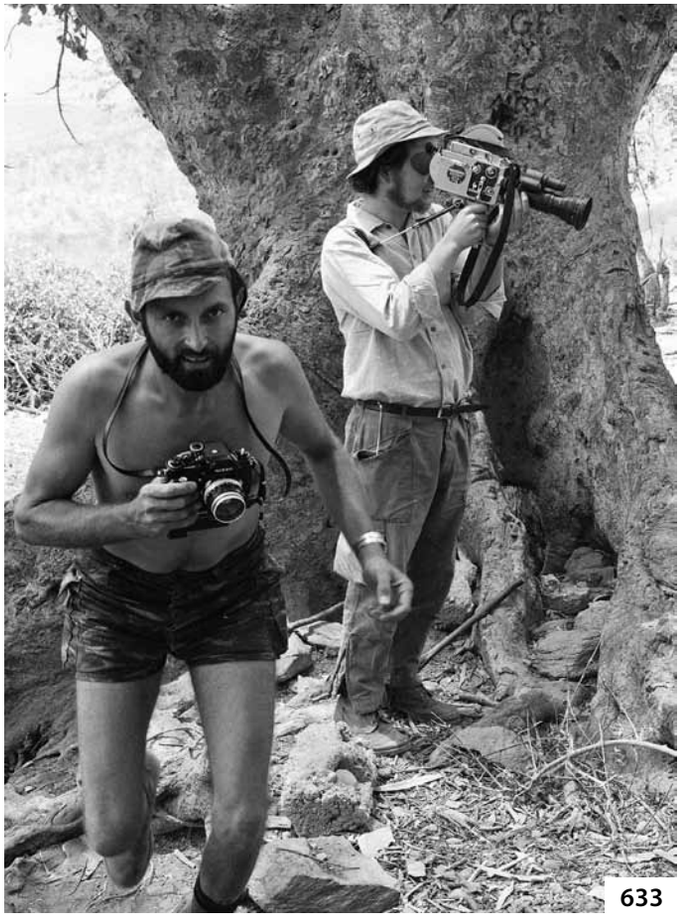
630-631-632-633-634 – **Uma família Muximba à volta de uma nascente, à sombra, preparando a refeição.**



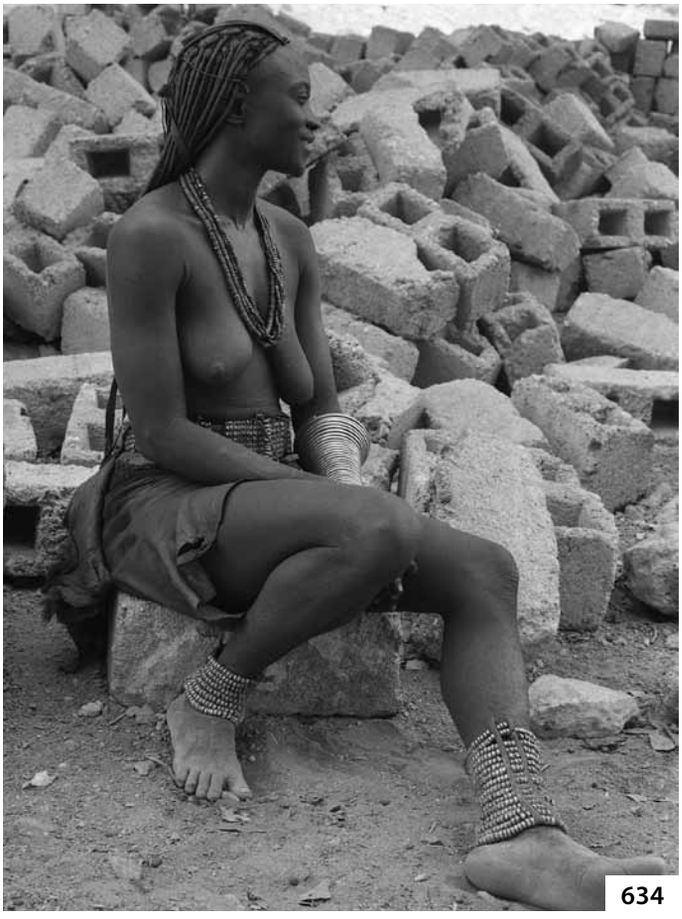
631



632



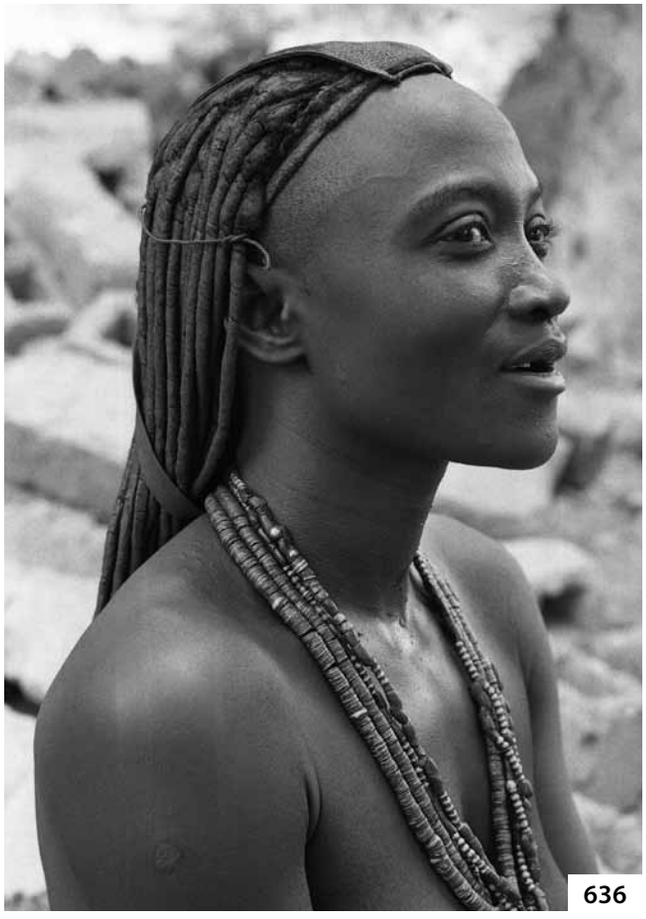
633



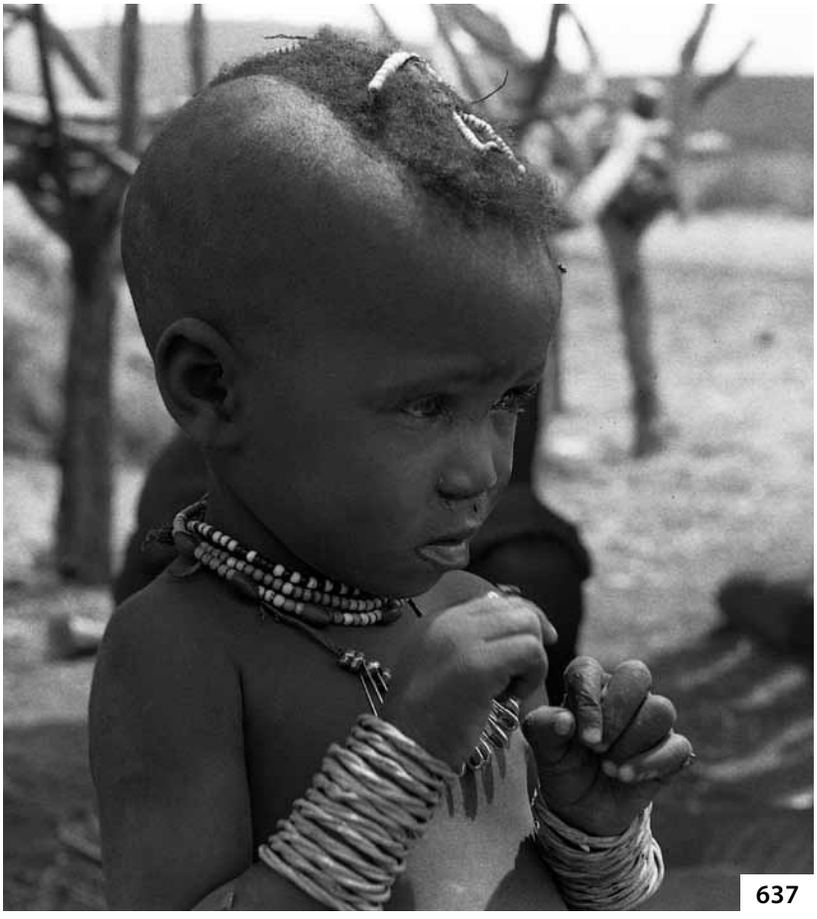
634

635

635-636-637 – **No acampamento, as mulheres e as crianças "transpiravam" saúde.**



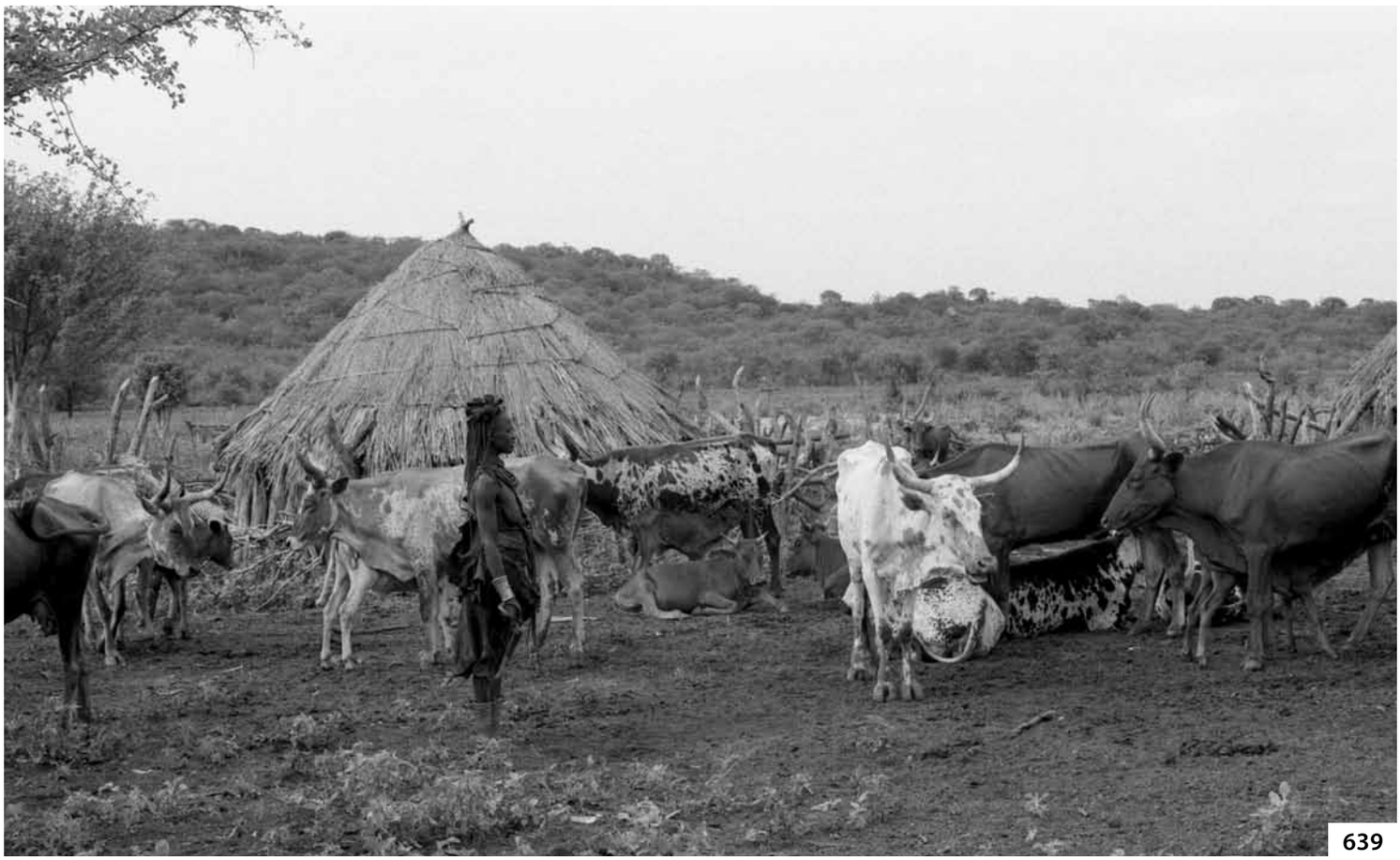
636



637

638

638-639 – **Nómadas e essencialmente criadores de gado, os Muximbas alimentavam-se à base de leite, iogurte e carne. A pele do gado servia de vestuário ou de cobertas para as noites mais frescas.**

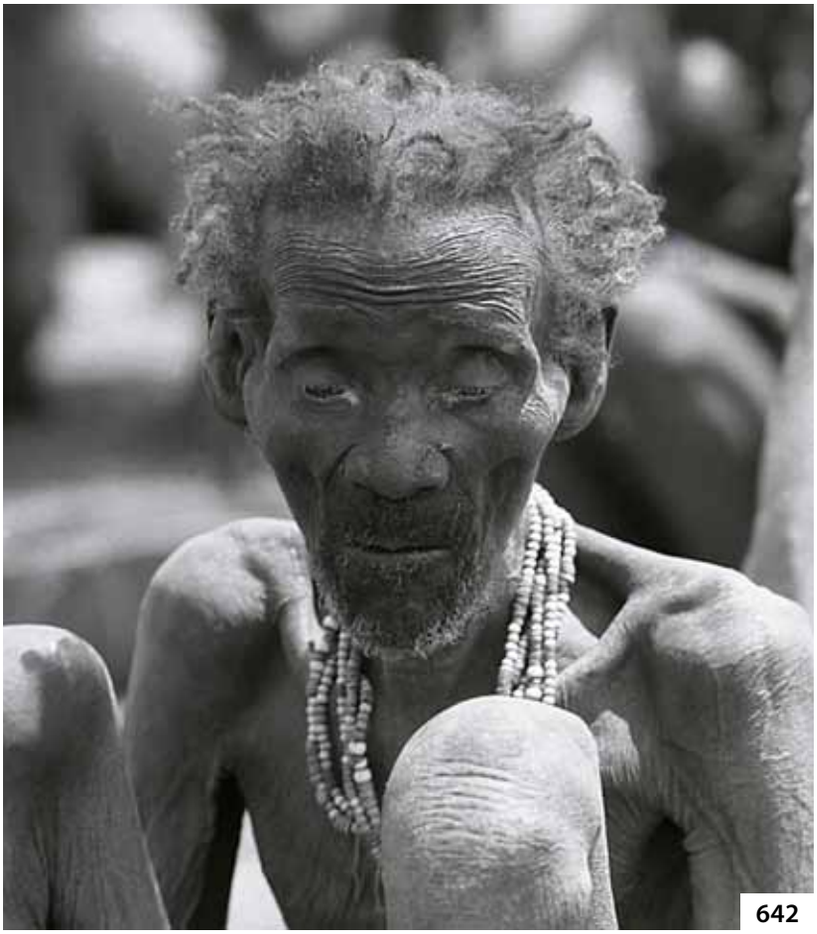


639

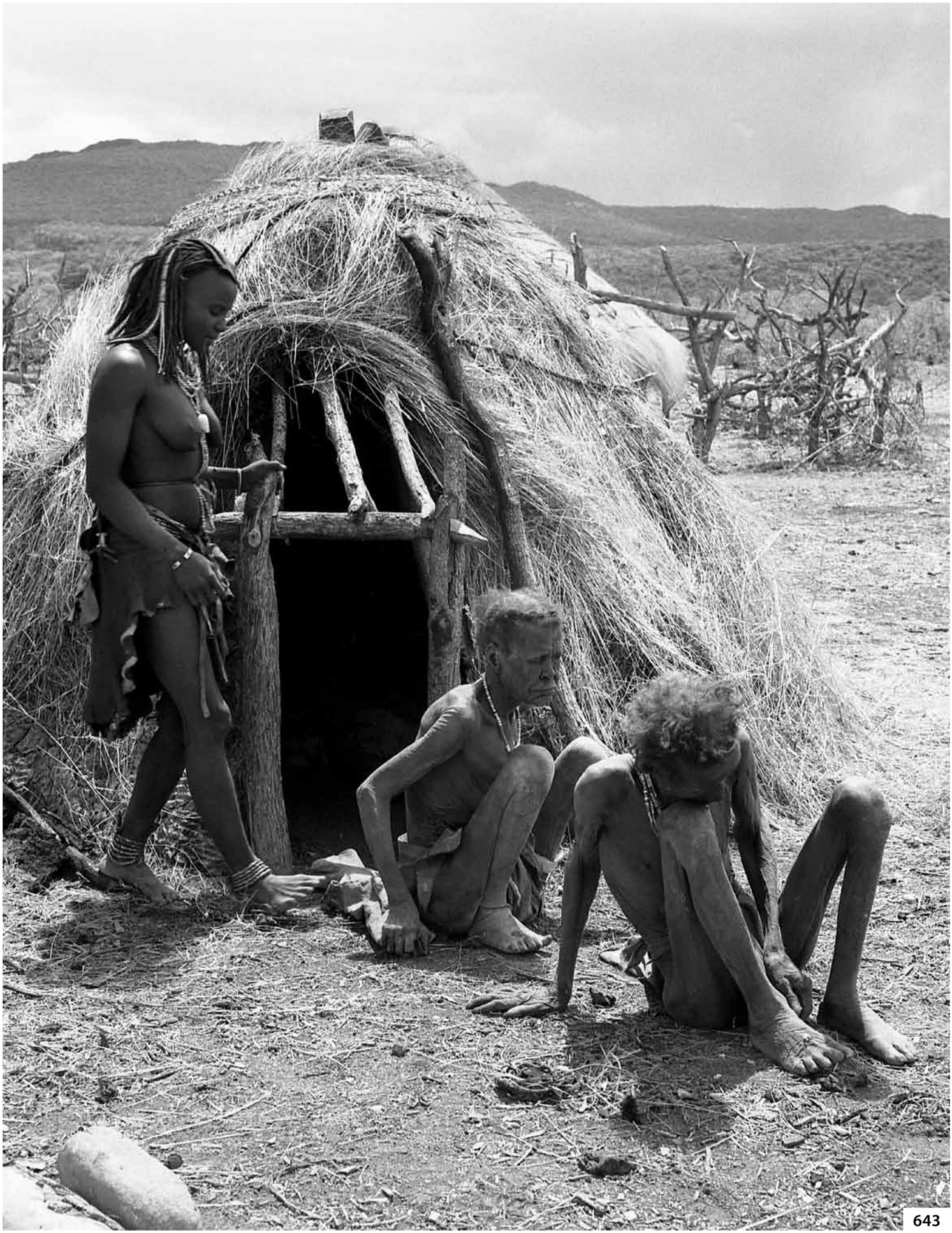
640

640-641-642-643 – **Os Muximbas viviam em pequenas habitações precárias.**
Por já não poder caminhar, este casal de idosos com mais de 100 anos, rastejava pelo chão.

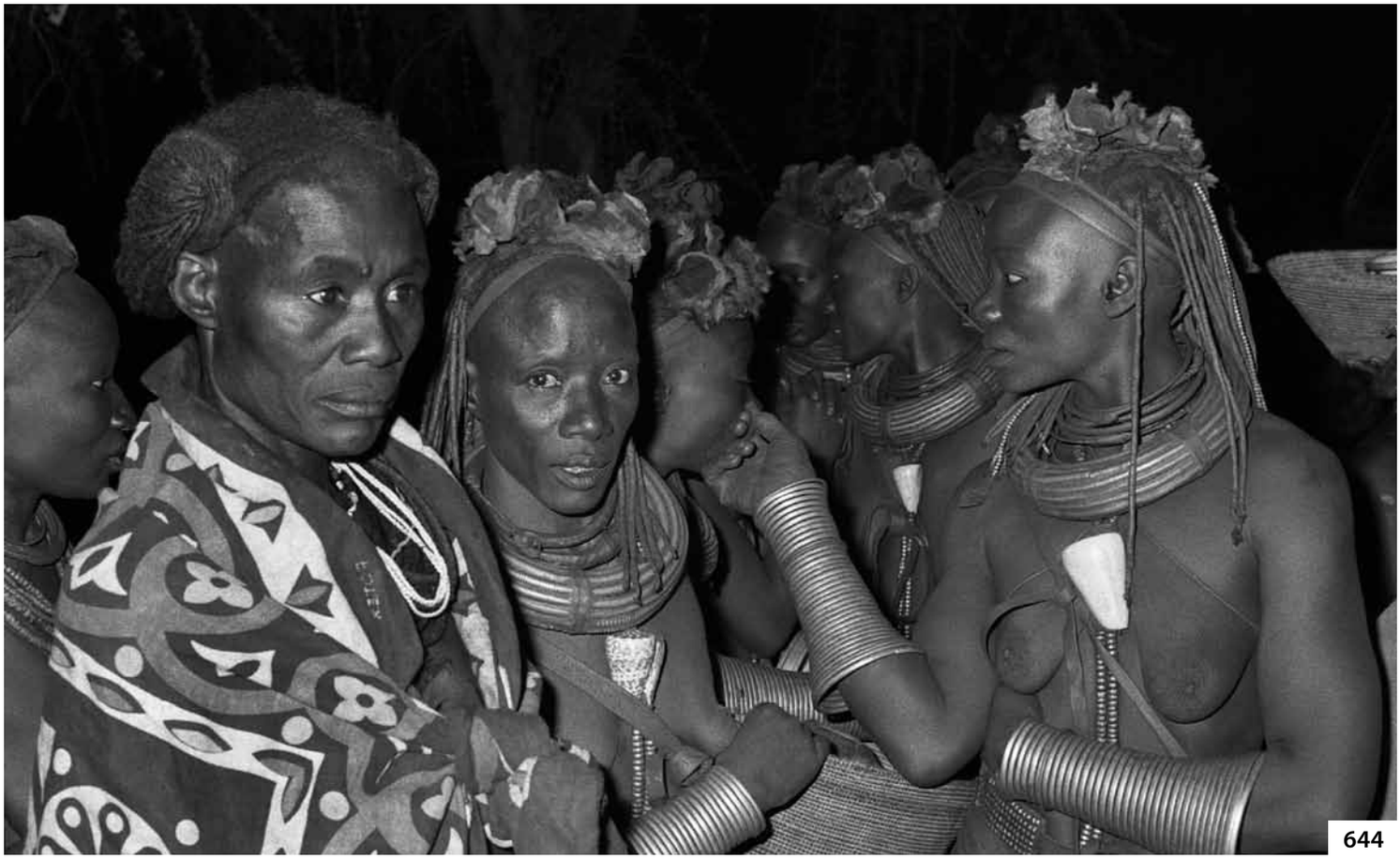
641



642



643

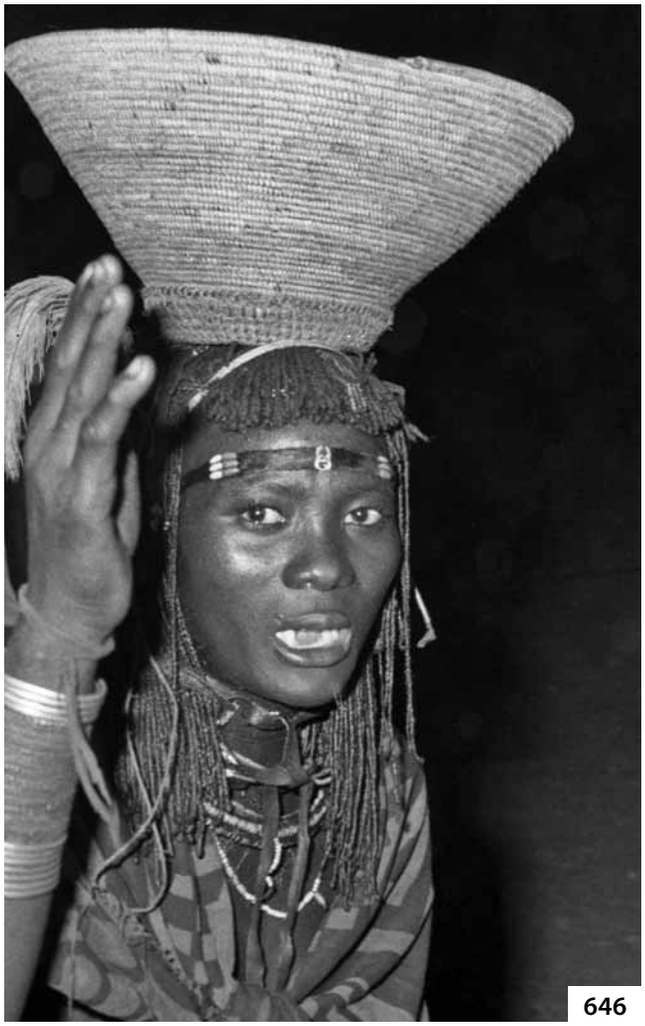


644

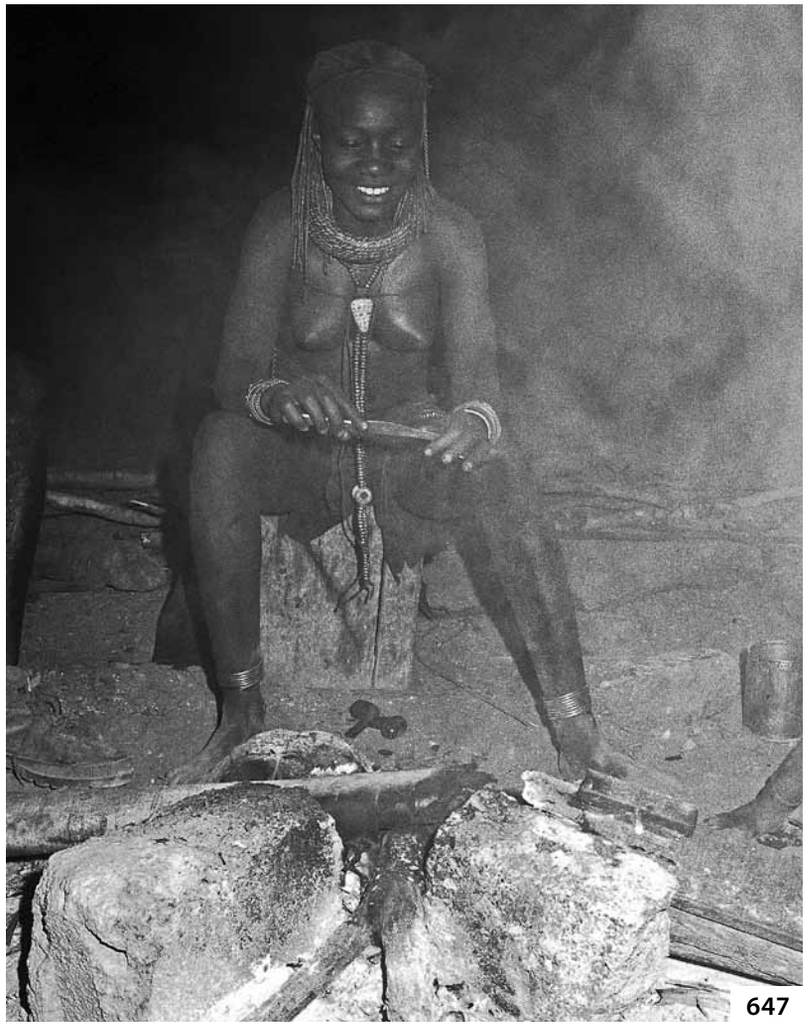
644-645-646-647-648 – **Todas as noites, muito frias, em volta da fogueira, toda a tribo se juntava, discutia e ria do que se passara nesse dia.**

645

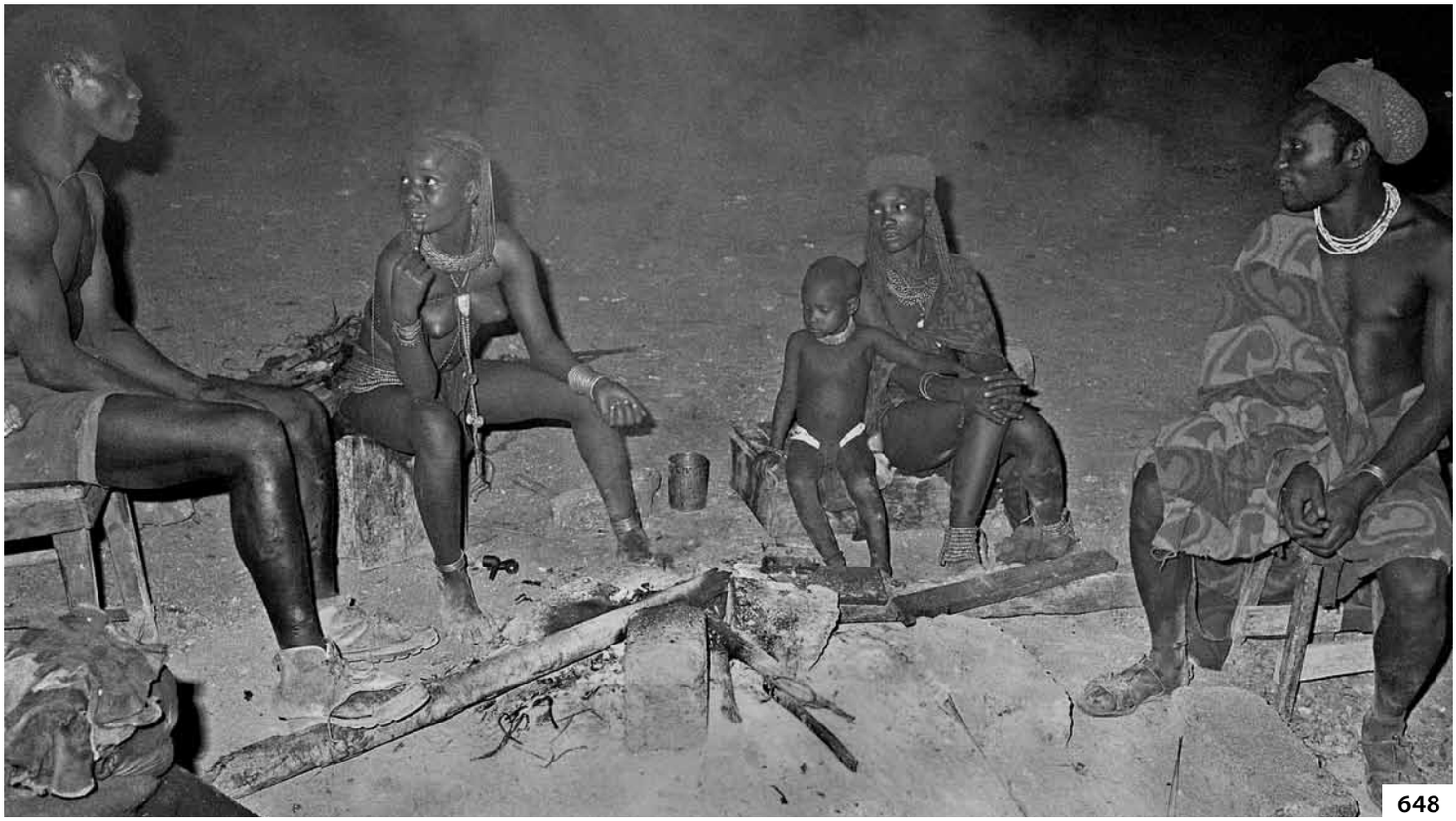
647



646



647



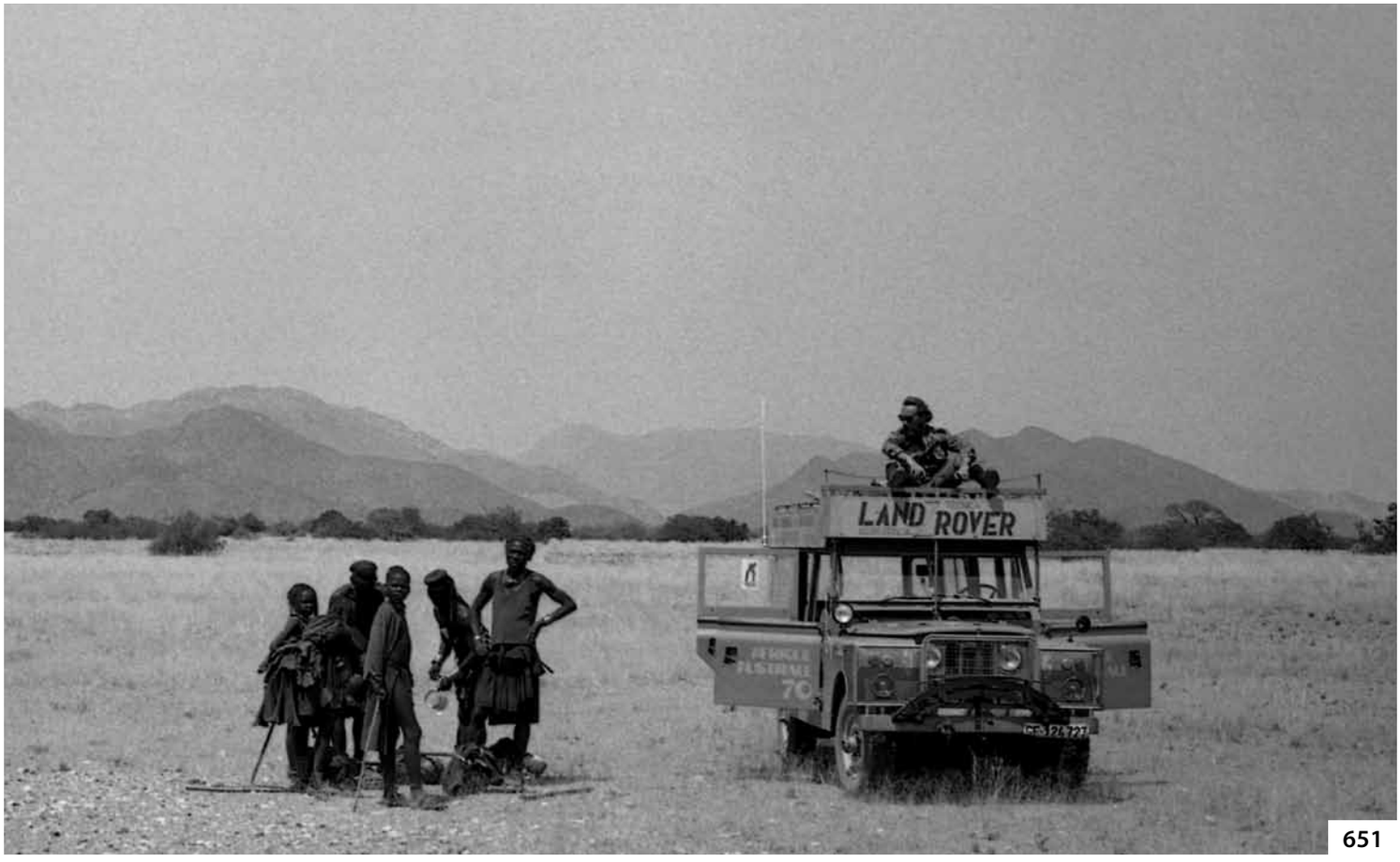
648

649

Welwitschia Mirabilis é uma surpreendente planta do deserto, que pode durar 2.000 anos, aproveitando o orvalho nocturno depositado nas suas folhas. O seu tronco pode atingir quatro metros de diâmetro e as raízes uma profundidade imensa.

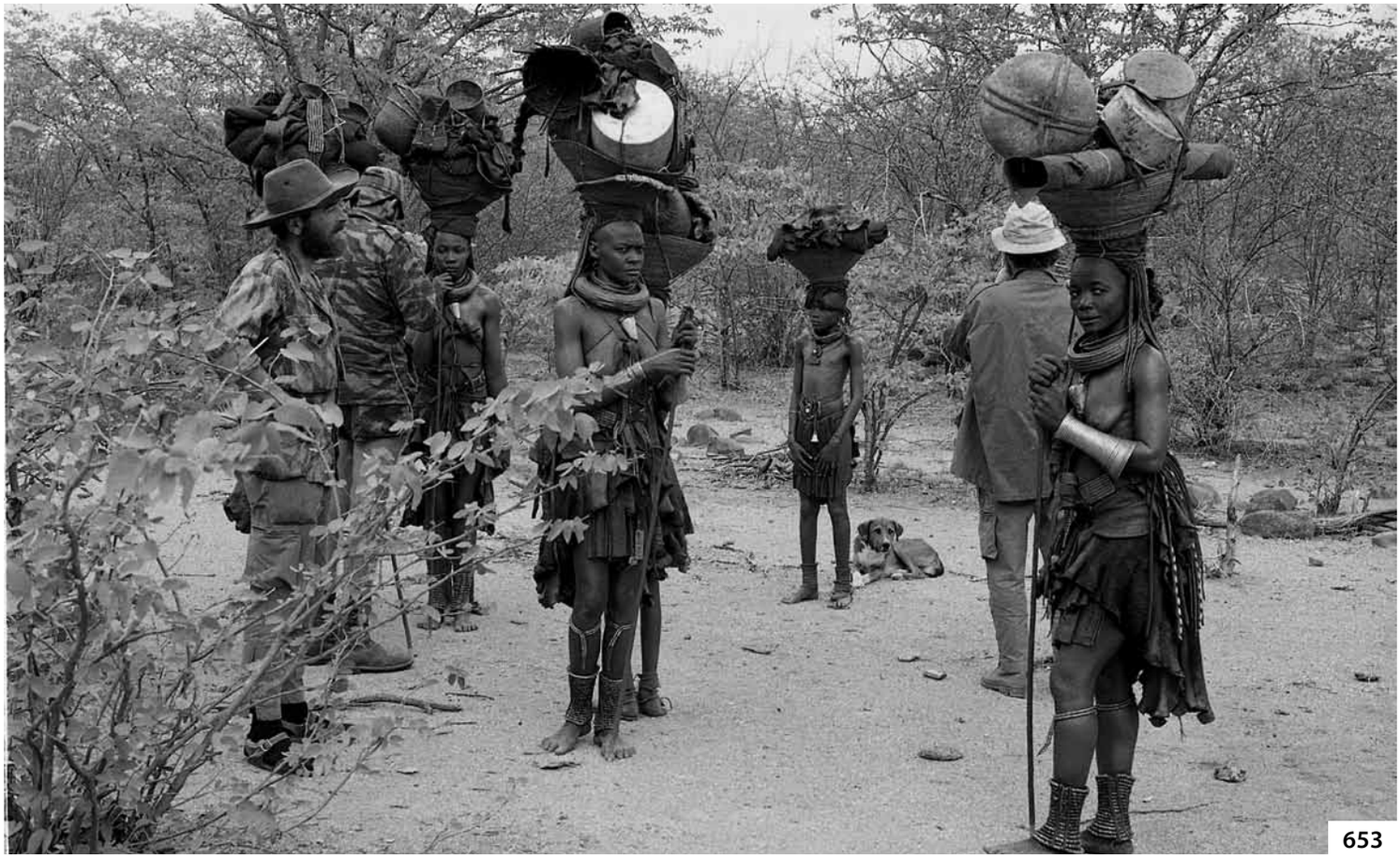
650

650-651-652-653 – **Sendo nómadas, os Muximbas decidiram deixar o acampamento para ir até às zonas arborizadas e, por isso, mais verdes boas para pastar os seus animais.**



651

652



653

654

654-655 – **Nas suas pequenas cubatas provisórias feitas com ramos de árvores, terra e esterco de vaca que endurece como cimento.**

655

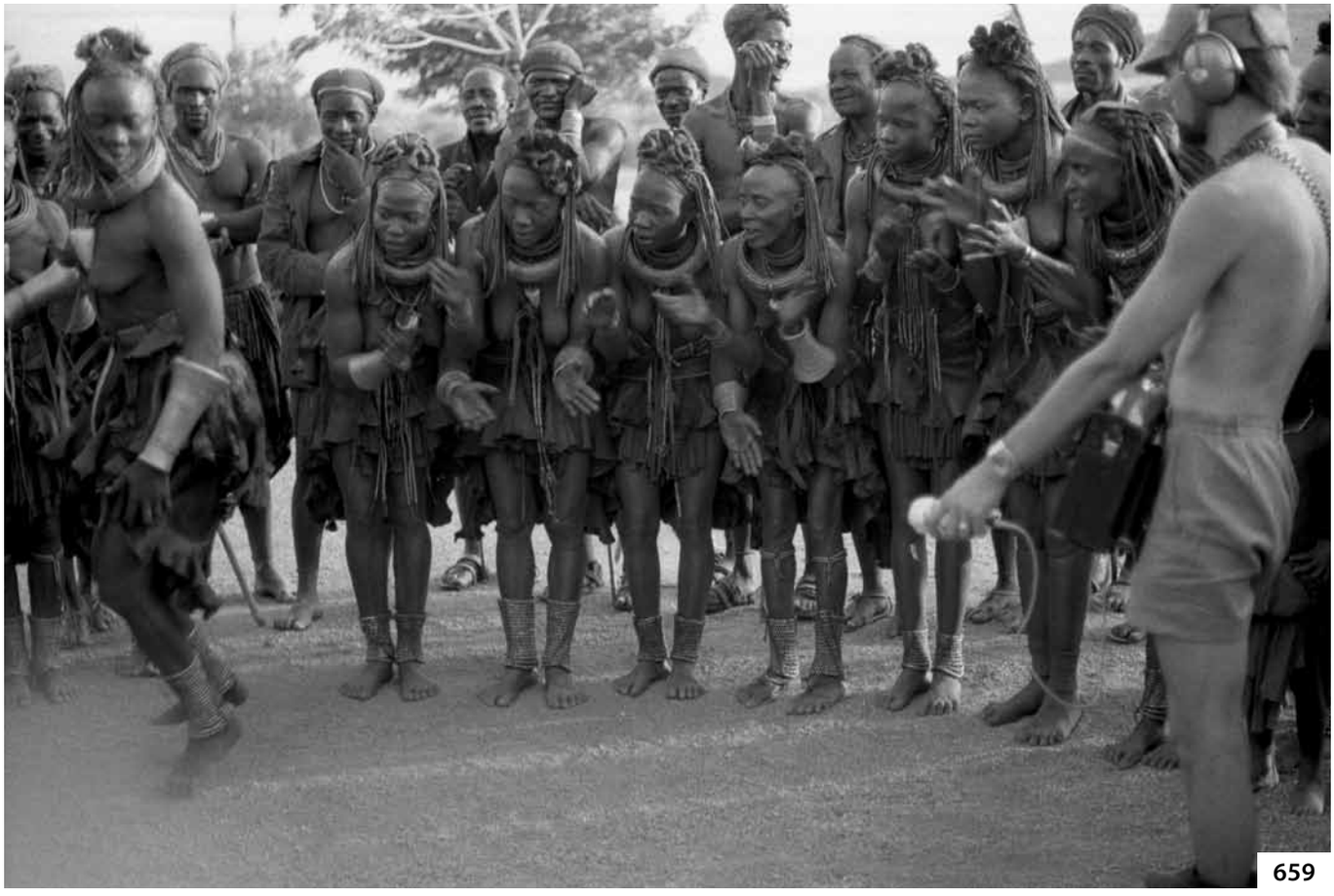
656

656-657 – **A nossa máquina profissional Linhof suscitava sempre a curiosidade, sobretudo por a imagem no visor estar invertida.**

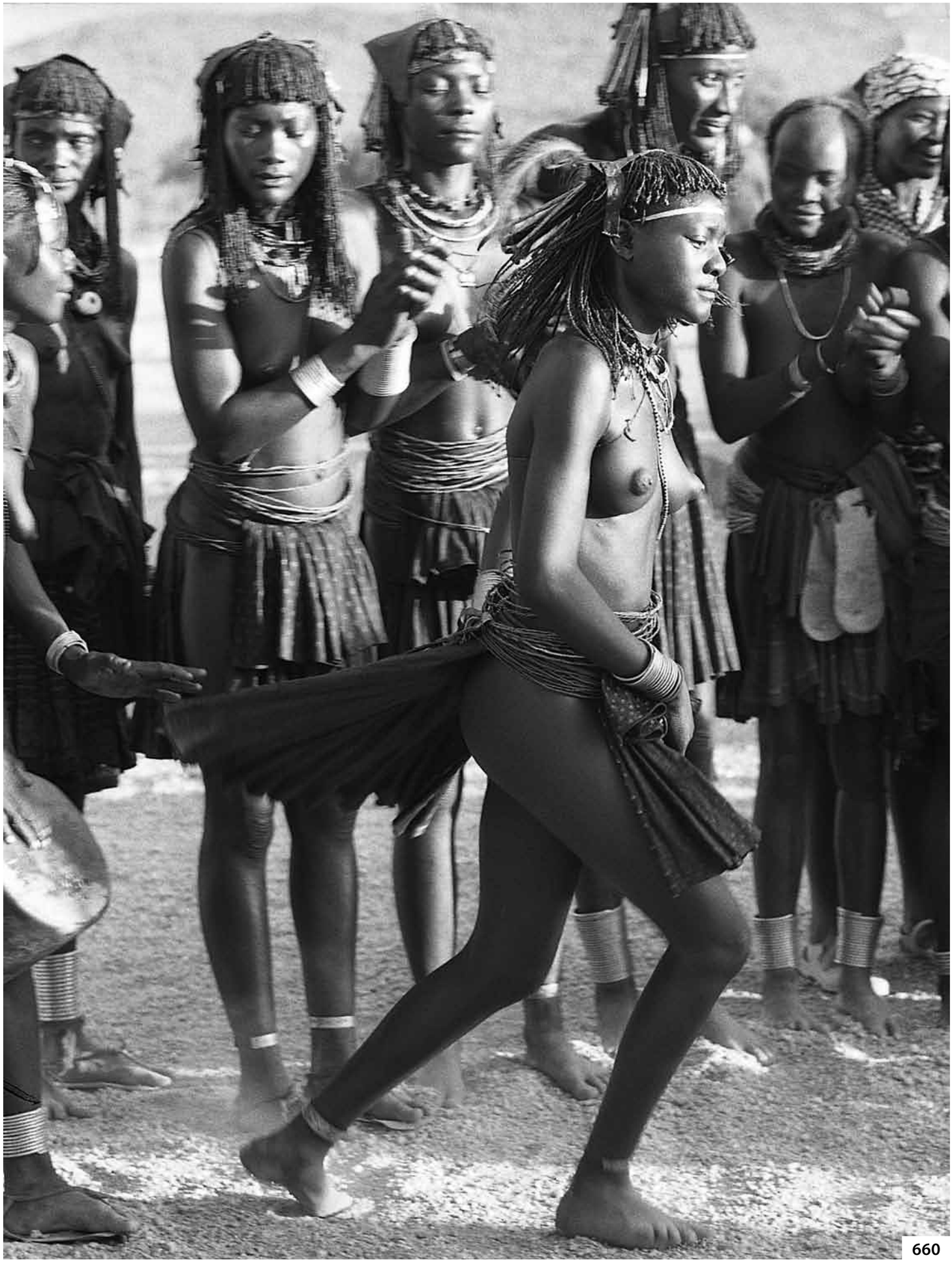
657

658

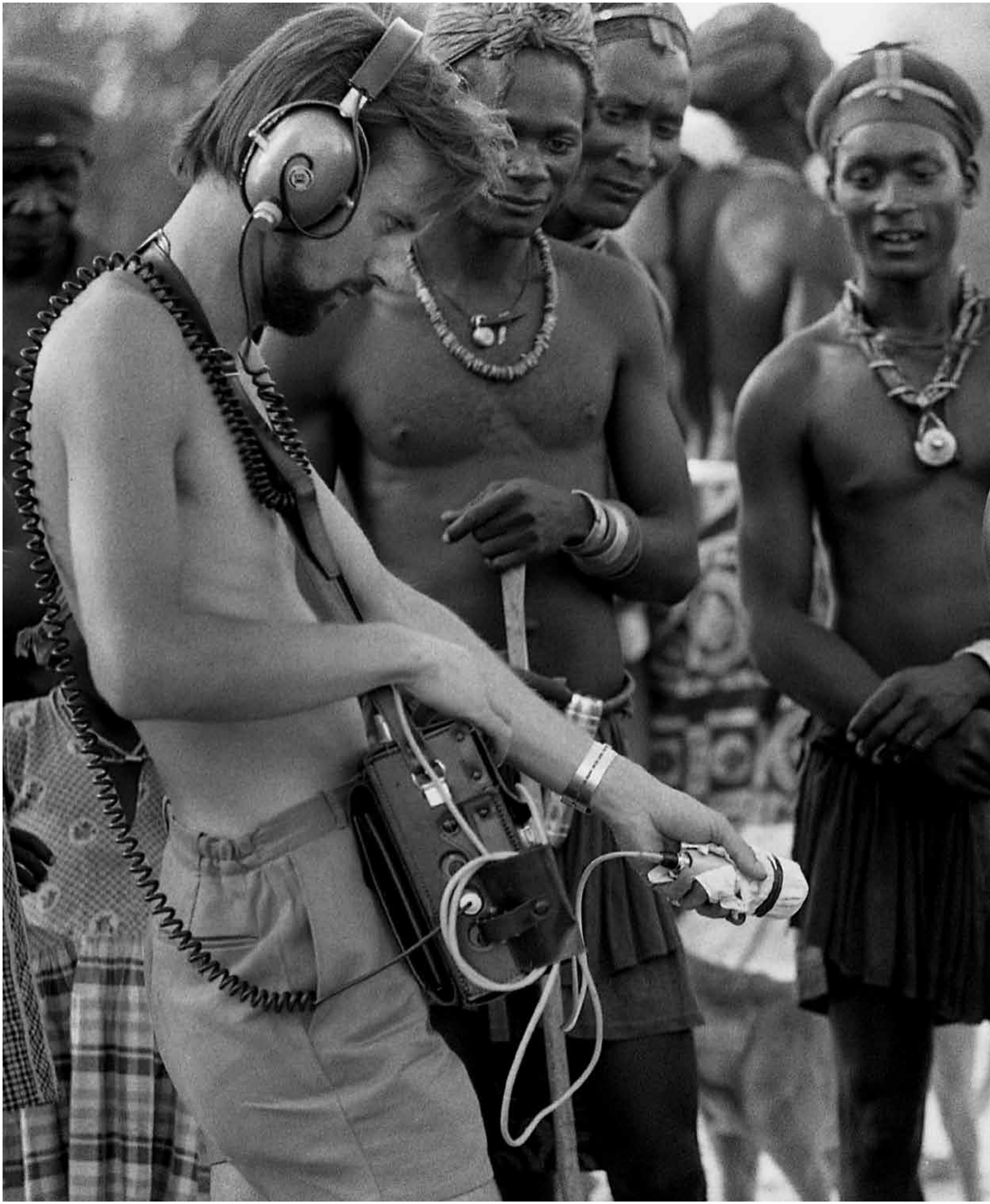
658-659-660 – **Por ocasião da visita do Governador-Geral ao distrito de Oncocua, situado no extremo Sudoeste de Angola, decorreram grandes festas, em que diversas etnias se reuniram. Toda a gente dançou, riu e se divertiu.**



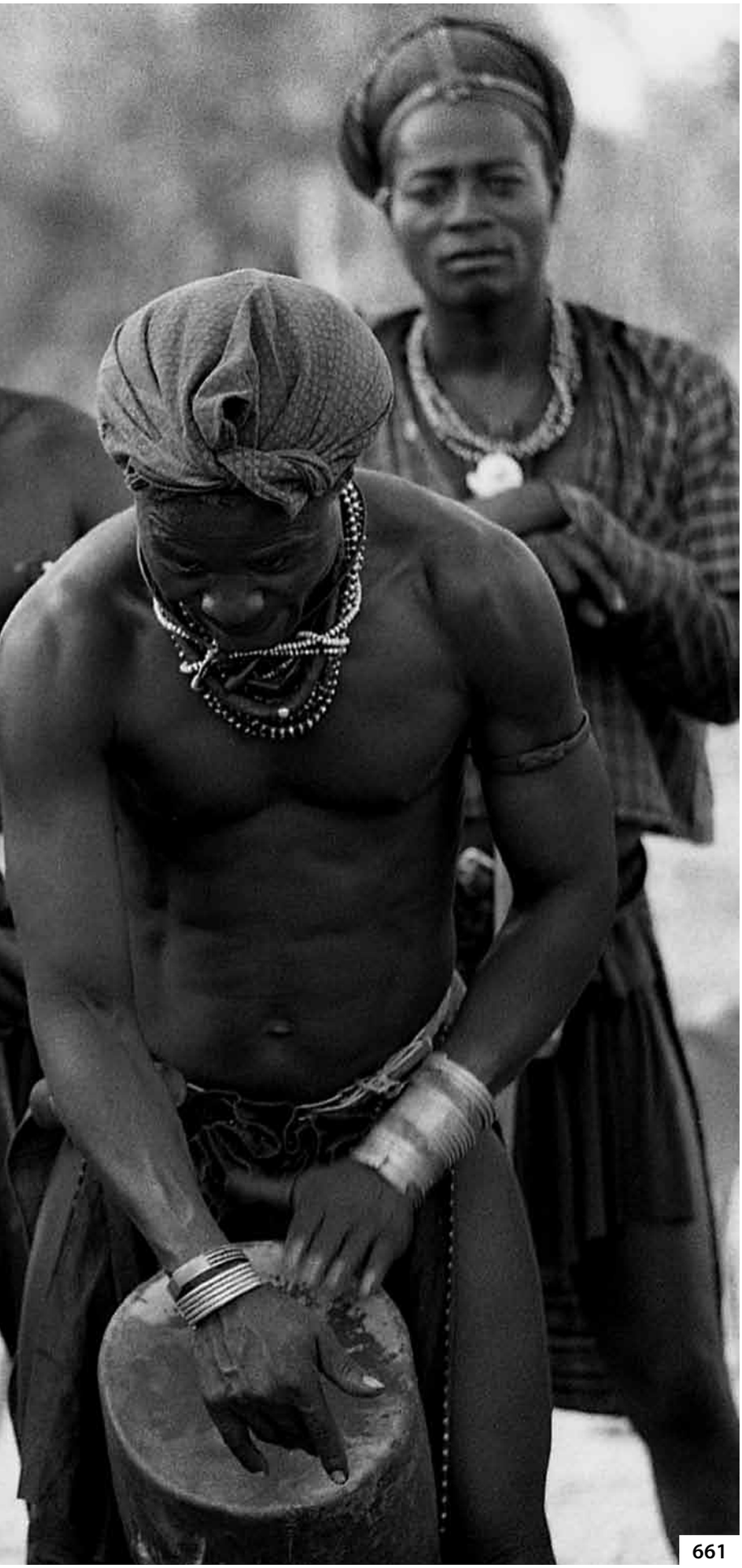
659



660



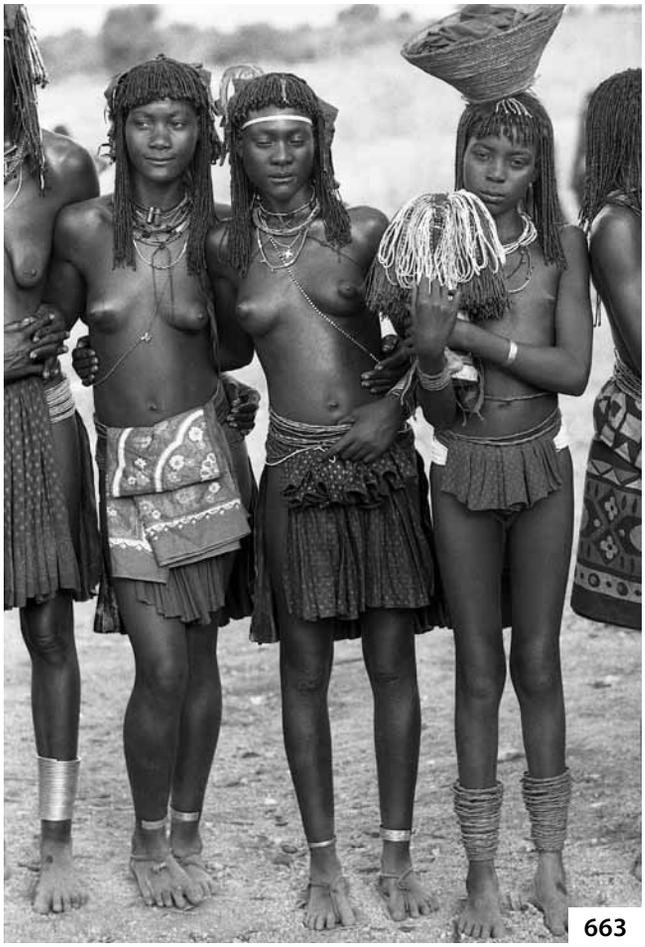
Os homens, sempre separados das mulheres, tocavam um "tam-tam" chamado Quioco, registando o Guy as suas actuações.



661

662

662-663 – **Um grupo de jovens raparigas da tribo M'Huíla. Uma das garotas tem uma boneca na mão.**



663

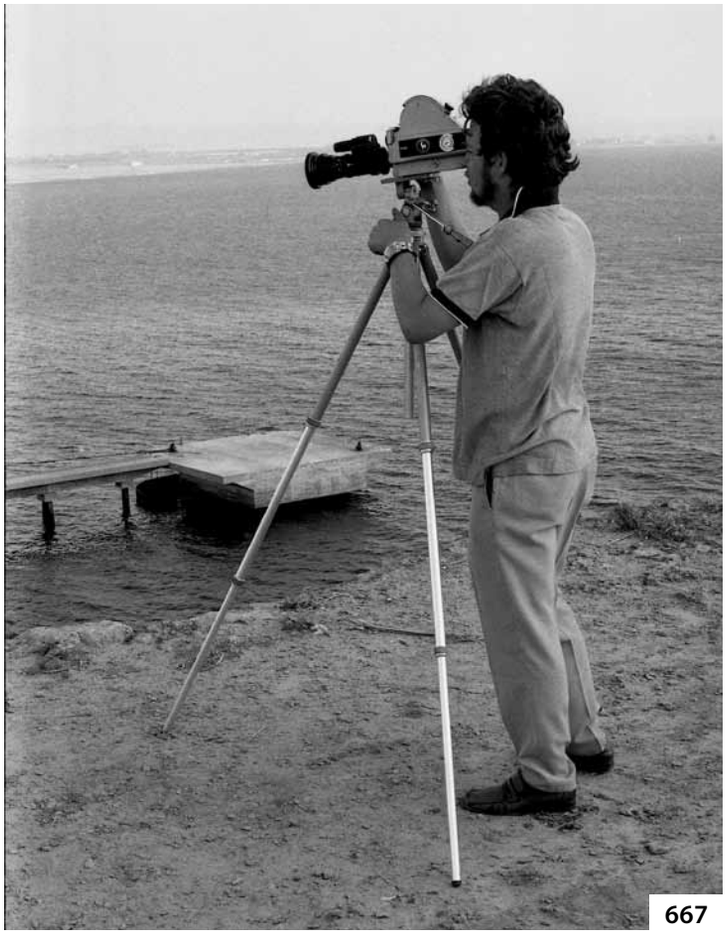
664

664-665 – **Nas praias do Lobito, brancos e negros, usufruem do mar.**

665

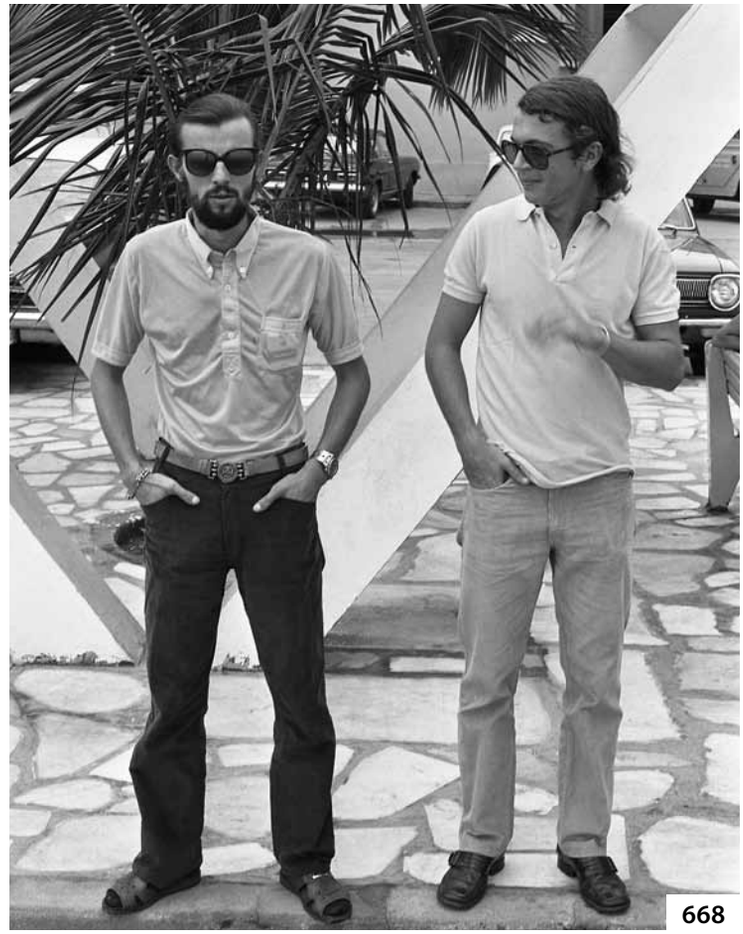
666

Jean Charles e Ana Maria mais dois amigos de Moçâmedes.



667

Bernard e suas filmagens.



668

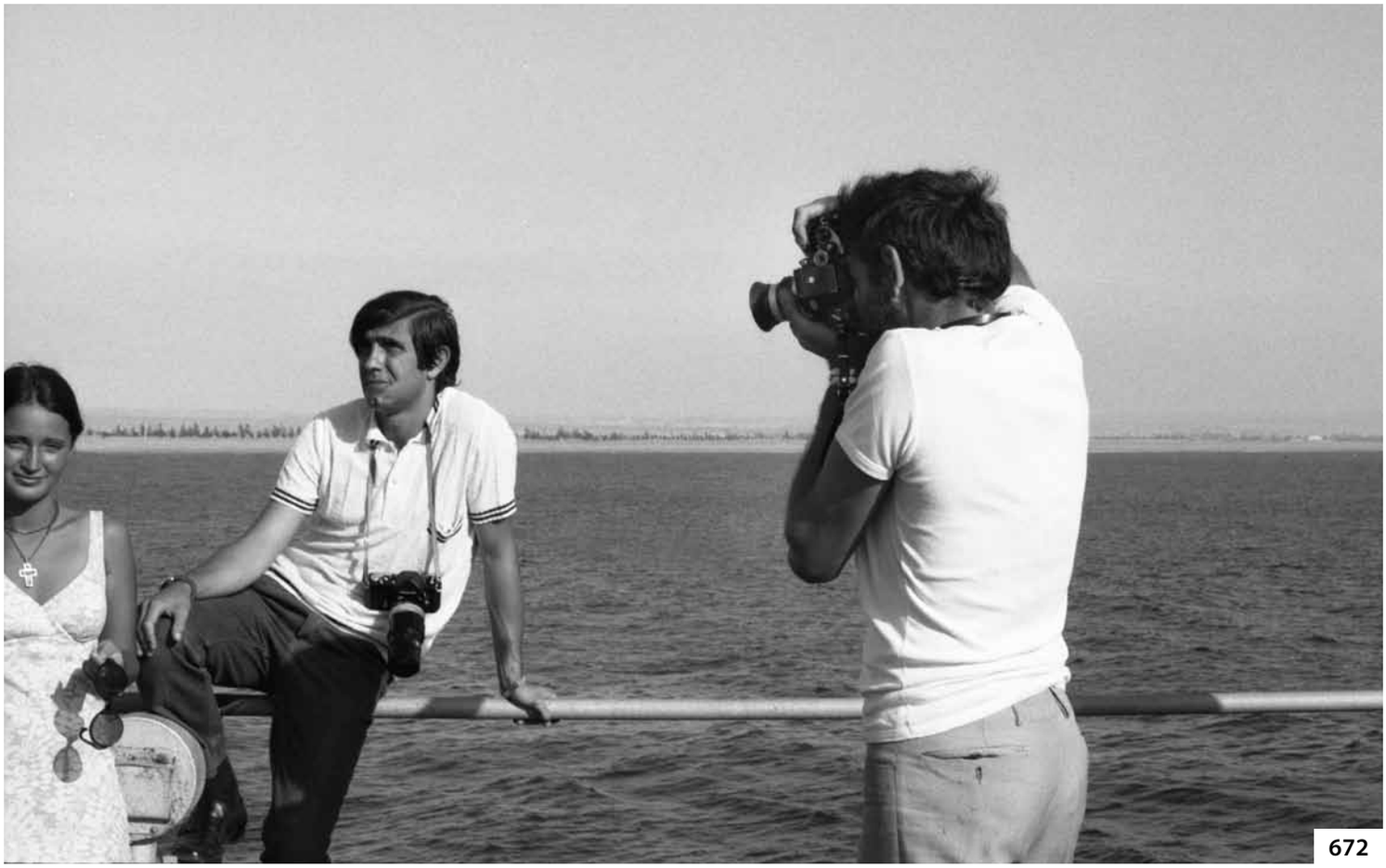
Guy e Mario Merlini na esplanada da praia de Moçâmedes.

669-670-671 – **O mineral de ferro extraído na região de Artur de Paiva, em Cassinga, era transportado em longos comboios, para o porto mineiro de Giraúl, com águas profundas, onde era carregado para vários países em enormes navios-tanques que podiam atingir 150.000 toneladas. Em segundo plano, as fabricas de farinha de peixe, os frigoríficos e o porto pesqueiro.**

669

670

671



672

672-673-674-675-676-677 – **Uma série de fotos de Ana Maria com dois amigos a bordo dos navios-tanques.**

673

674

675

676

677

678

Jean Charles no cais de embarque do Giraúl.

Dentro do barco, Ana Maria, o irmão mais novo, Olivier e dois amigos.

680

680-681-682-683-684-685-686-687 – **Festa dada pelo Governador-Geral, Rebocho Vaz, para a qual foi convidada a senhora Lídia Pinheira, à sua chegada a Luanda, rodeada de altas personalidades civis e militares de Angola.**

681

682

683

684

685

686

687

688

689

688-689-690-691-692-693 – **A senhora Lídia Pinheira rodeada dos dois filhos, Olivier e Fabienne, em Sá da Bandeira.**

690

691

692

693

694

694-695-696-697 – **Lídia Pinheira e as crianças prontas a embarcar no avião, rumo a Moçâmedes.**

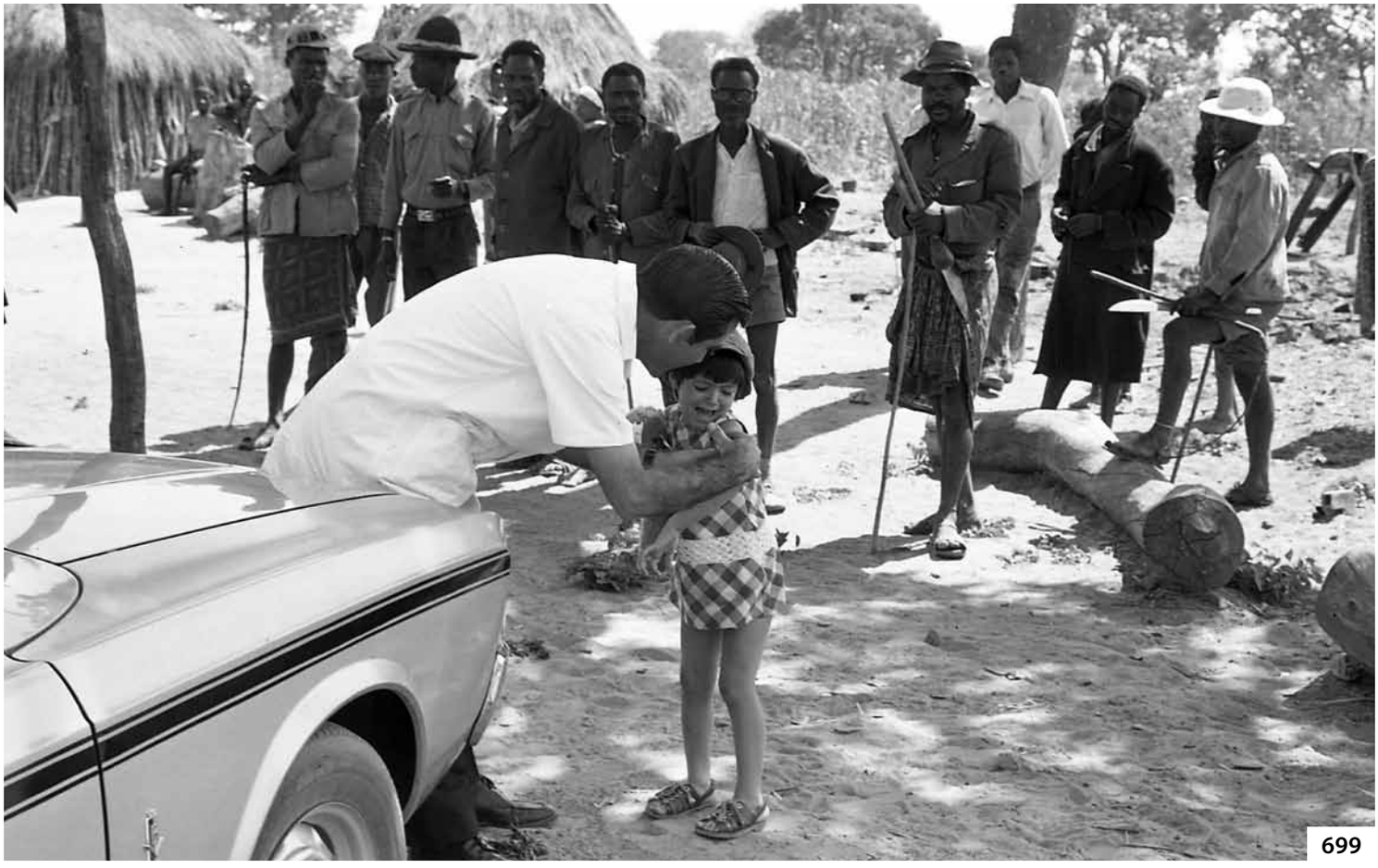
695

696

697

698

698-699 – **Campanha de vacinação para brancos e negros, numa aldeia perto de Moçâmedes.**



699

700

702-703 – **Lidia Pinheira, Fabienne em companhia da família Robalo em Moçâmedes.**

701

702

Foto tirada para os lados de Tundavala.

703

703-704 – **Lidia Pinheira, as crianças e amigos em visita ao parque do Iona.**

704

705

**Cada pessoa que visitava o Iona tinha de levar uma pedra e colocá-la neste sítio.
Assim, segundo a tradição, voltaria lá de certeza…**

706

Depois da separação de Lídia, Jean-Charles, vindo de França, passou por casa da sua irmã em Lisboa, a caminho de Luanda com o filho Olivier.

707

709-710 – **Com as bagagens e já pronto a embarcar para Luanda, Jean Charles na companhia da irmã Juby, que era hospedeira da TAP.**

708

709

Olivier, já dentro do avião, muito triste.

710

Olivier, já em Luanda com cara "de poucos amigos".

711

Uns dias depois o Olivier já se ria.

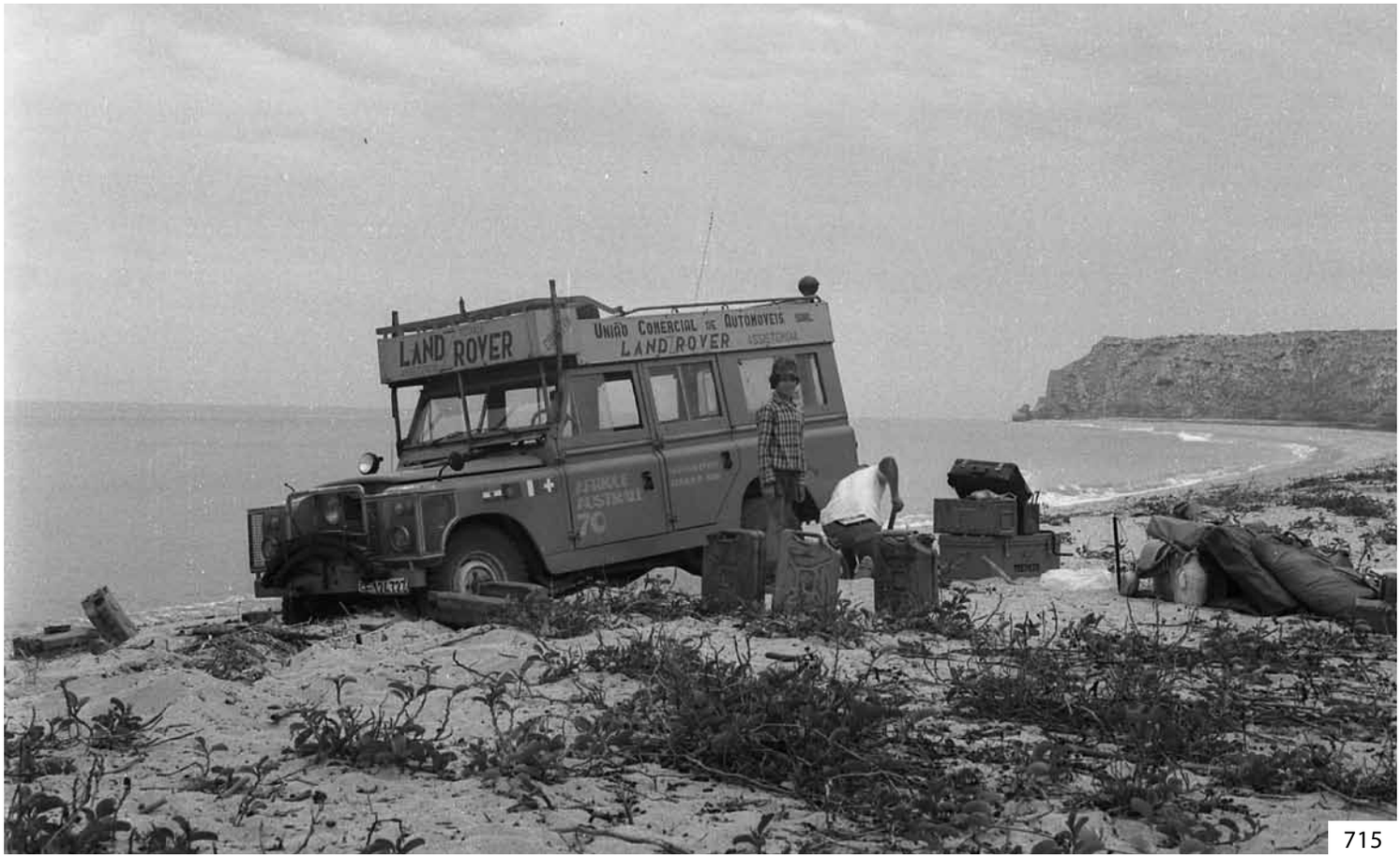
BENGUELA--MOÇAMEDES PELA COSTA

712

712-713-714 – **Pelo Natal de 1971, Jean Charles e o Olivier no Land-Rover tentaram ligar a cidade de Benguela a Moçâmedes, pela costa. Não havia ainda estrada, apenas picadas pelas quais era muito difícil transitar.**

713

714



715

715-716-717 – **Outras vezes seguíamos pelas praias, com os inevitáveis problemas de condução na areia.**

LAND ROVER
UNIÃO COMERCIAL DE AUTOMOVEIS SARL
LAND ROVER
ASSISTENCIA
70

716

LAND ROVER
TECNICA
ASSISTENCIA
LAND ROVER

717

718

718-719 – **Aqui, junto às ruínas de uma pescaria construída por noruegueses que, em Angola, se dedicaram à pesca da baleia.**

719

720

720-721 – **Tumbas dos marinheiros noruegueses.**

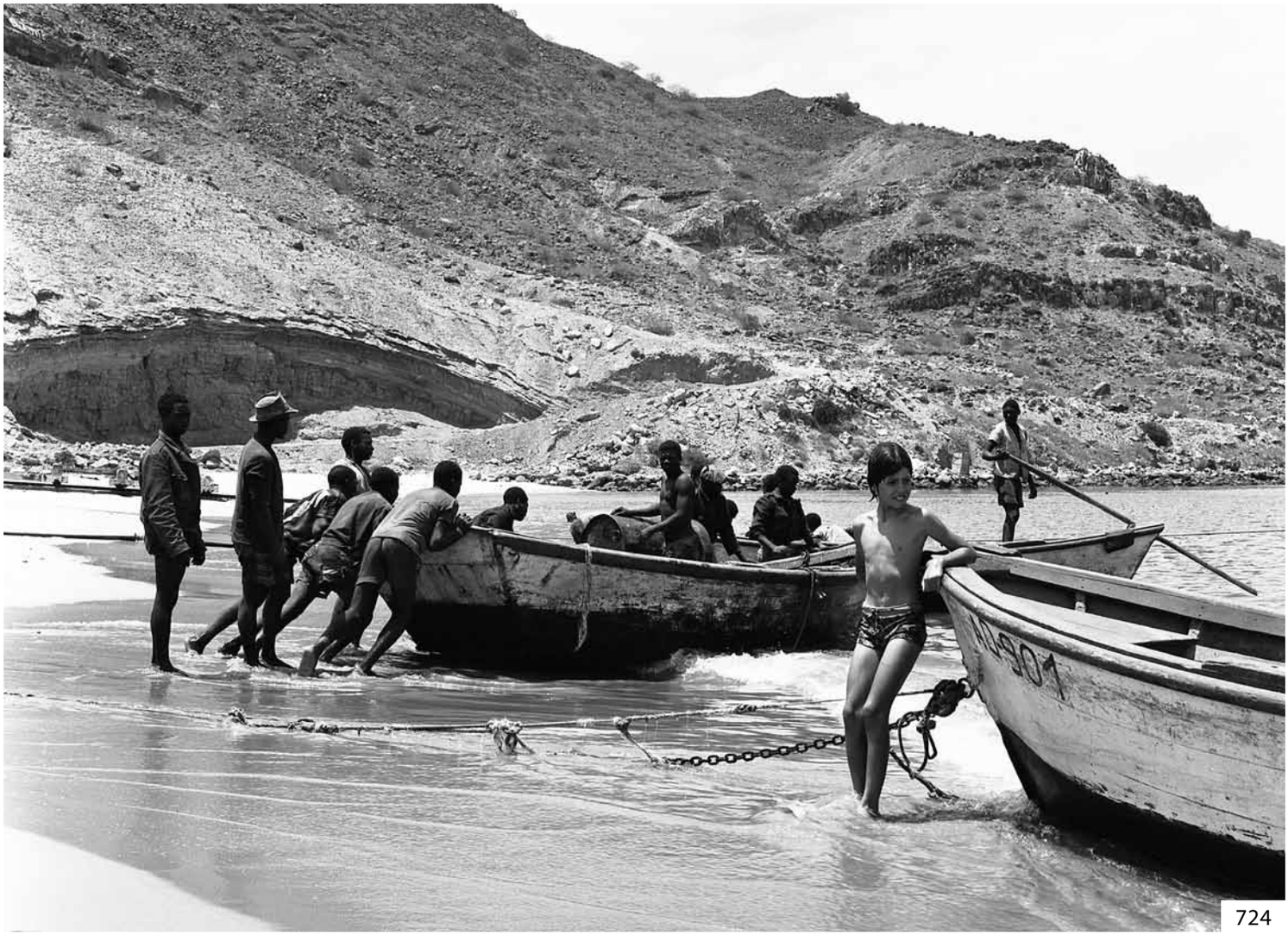
721

722

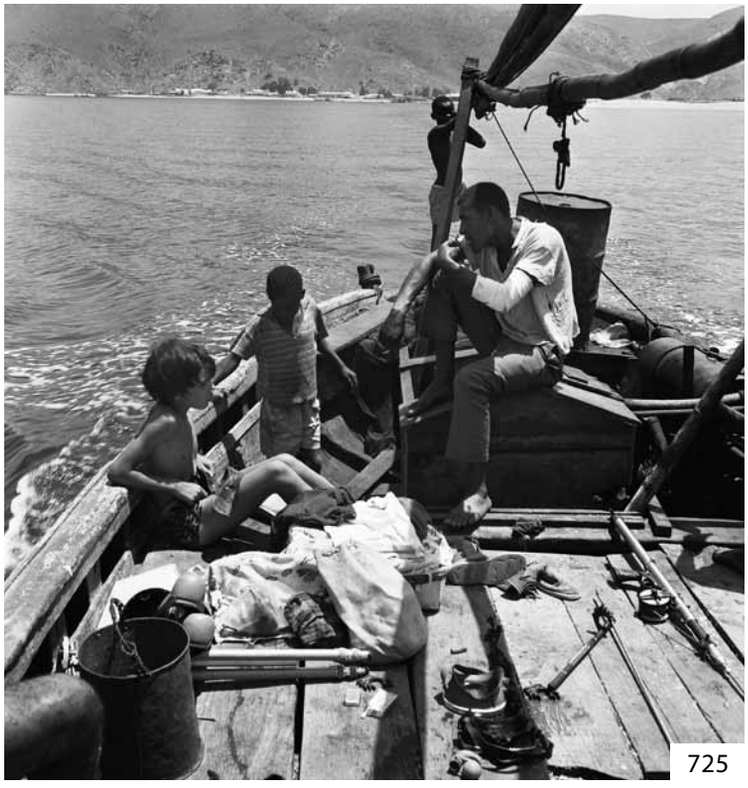
722-723-724 – **O Olivier gostava de pescar ao longo da costa.**

723

725

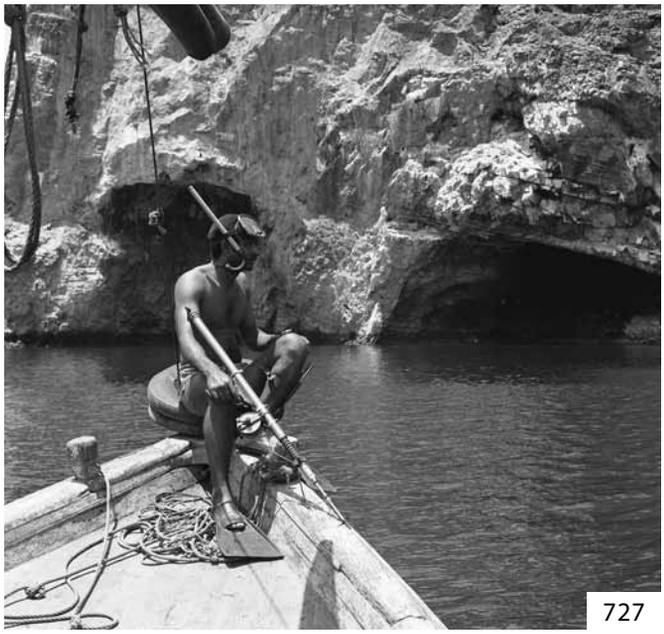


724

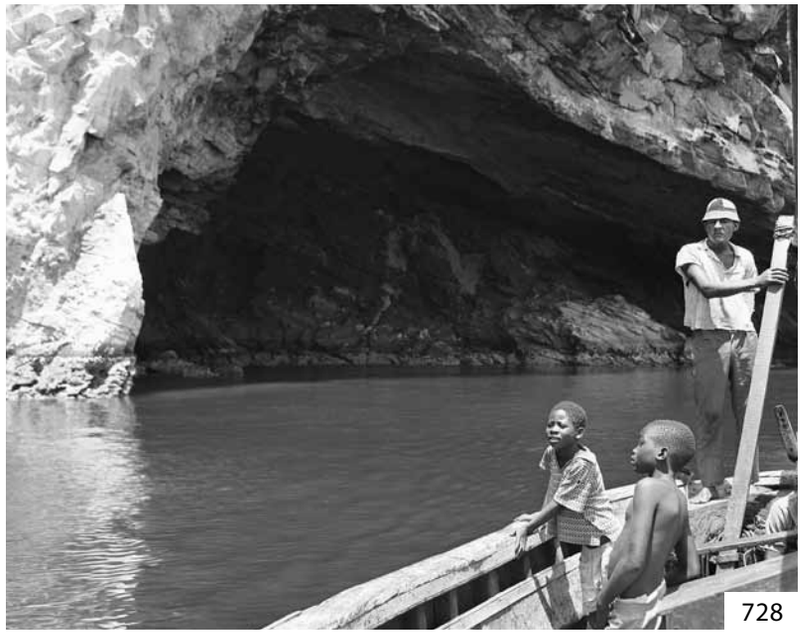


725

726



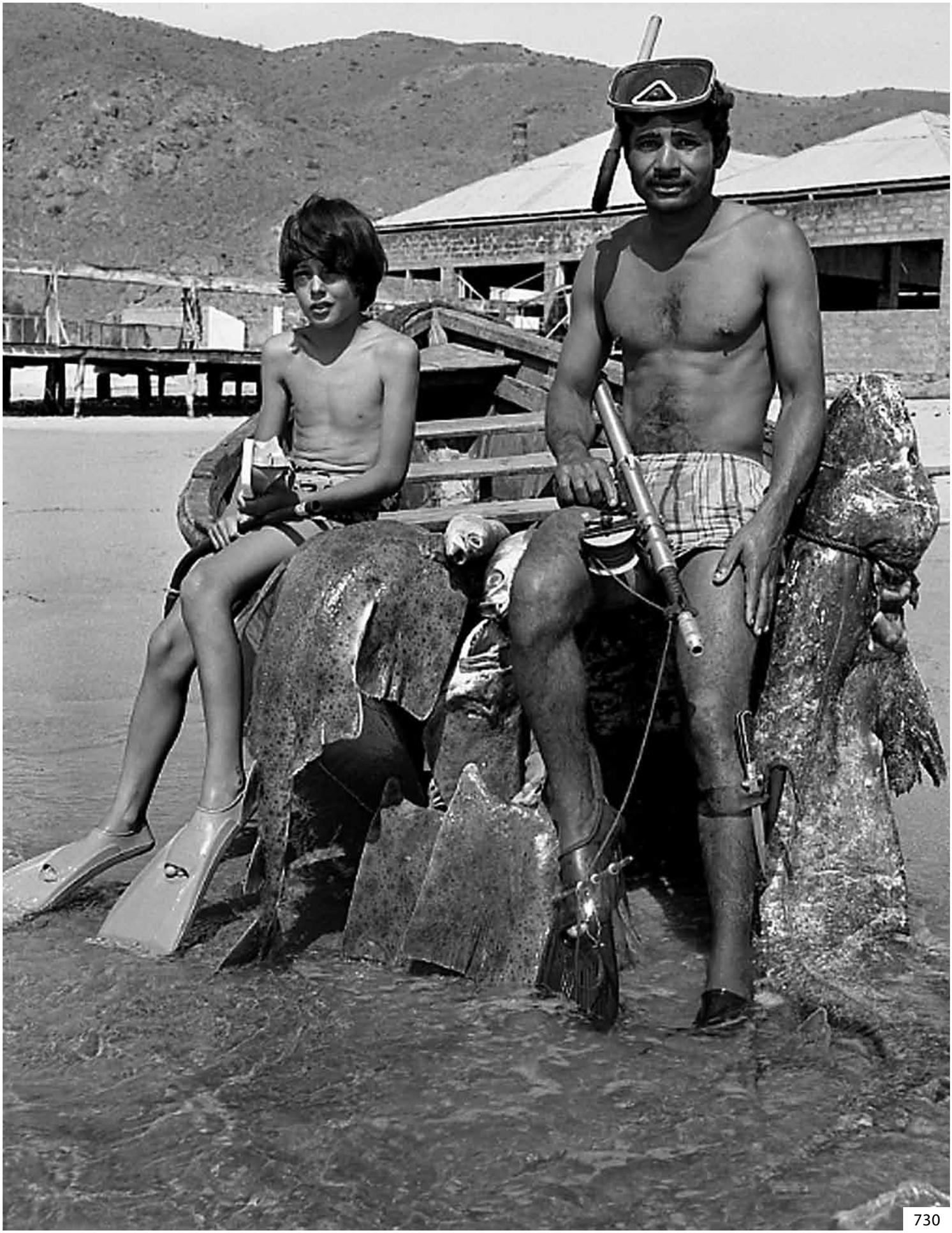
727



728

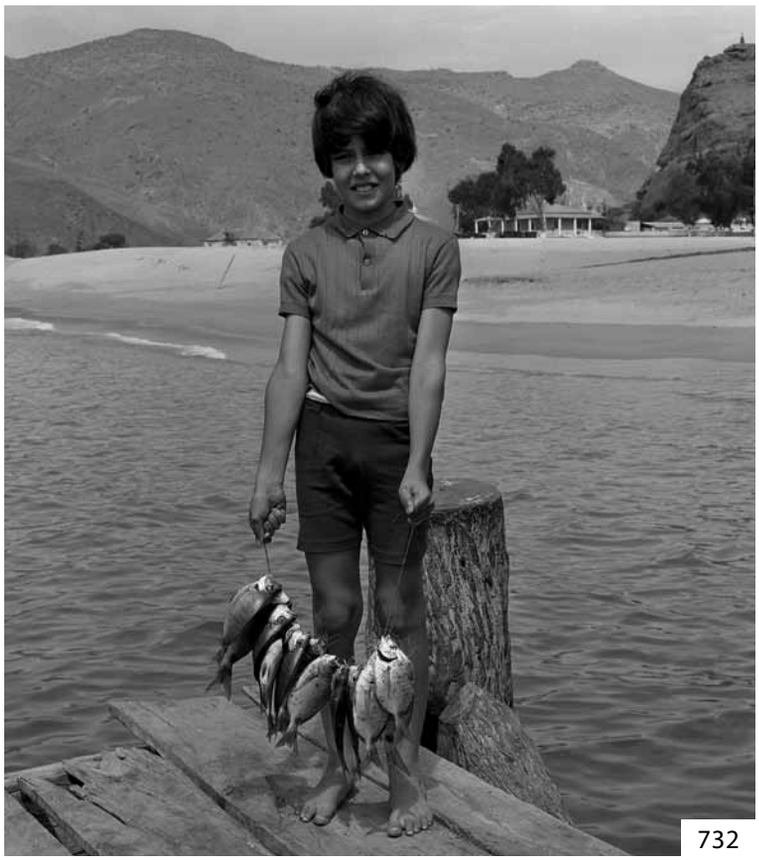
729

725-726-727-728-729-730-731 – **Um responsável pela pescaria fazia caça-submarina e costumava mergulhar numa gruta perto da praia. Eis o resultado ao fim de poucas horas!**



730

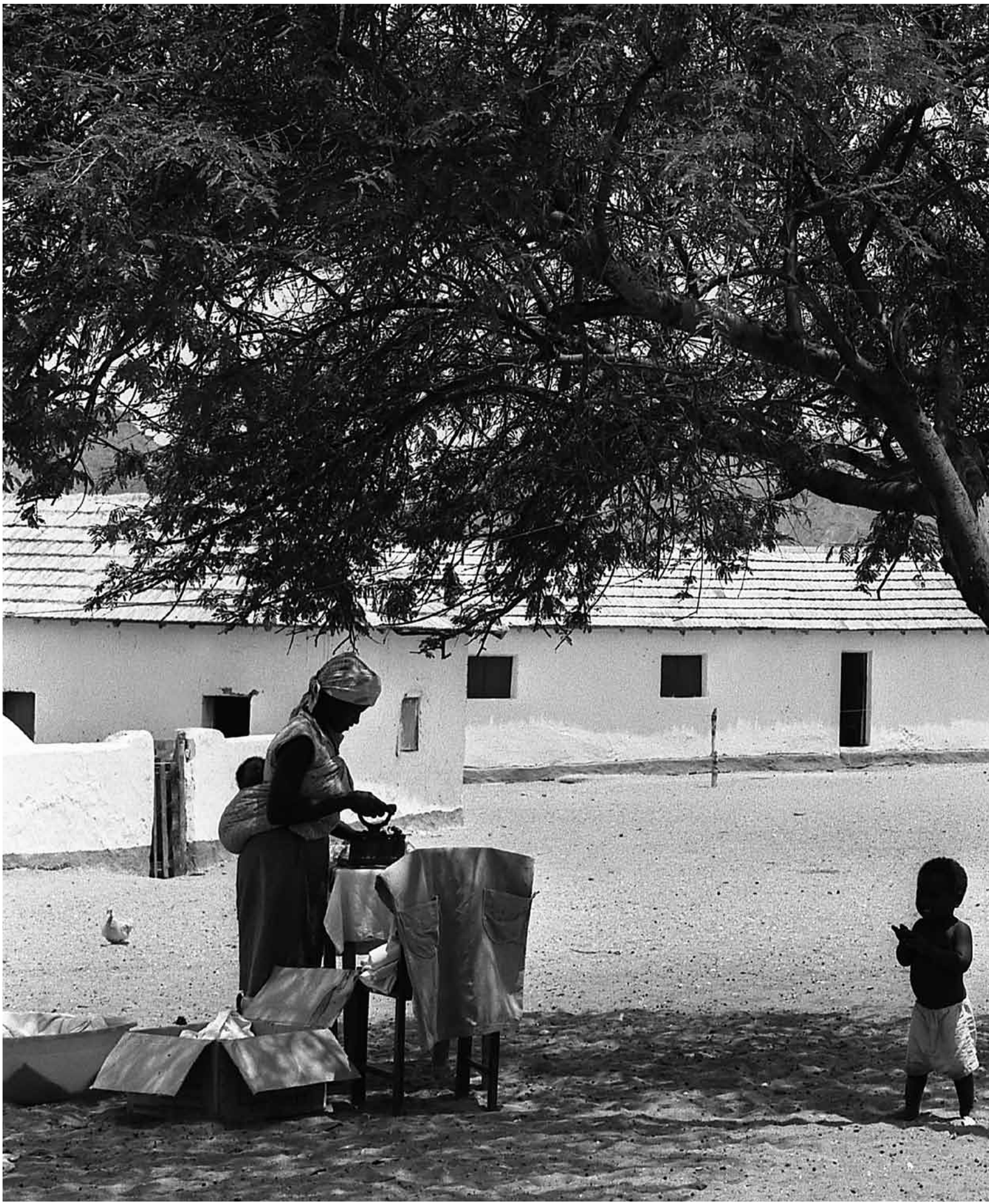
731



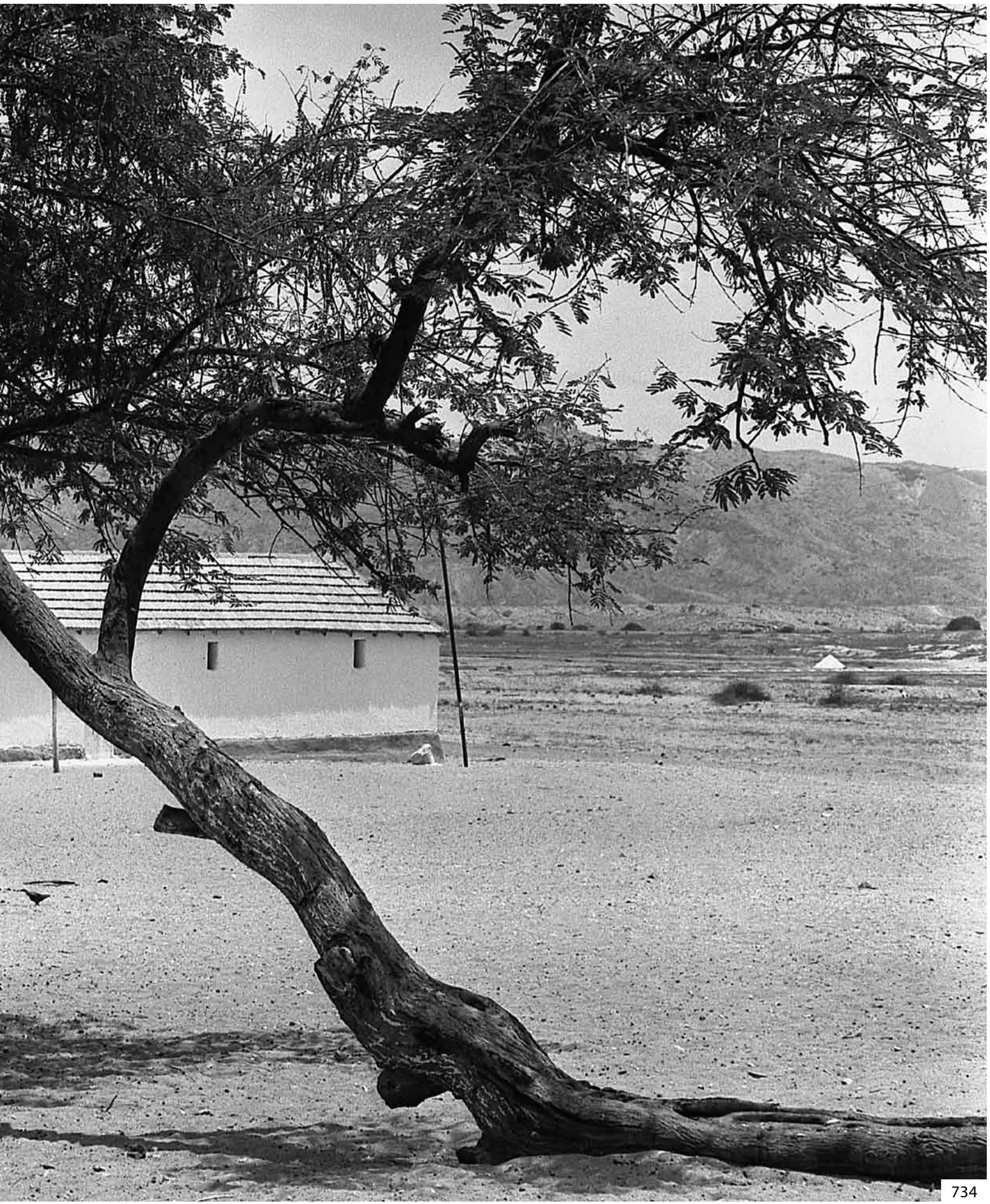
732

733

732-733 – **Olivier exibindo o peixe que pescou.**



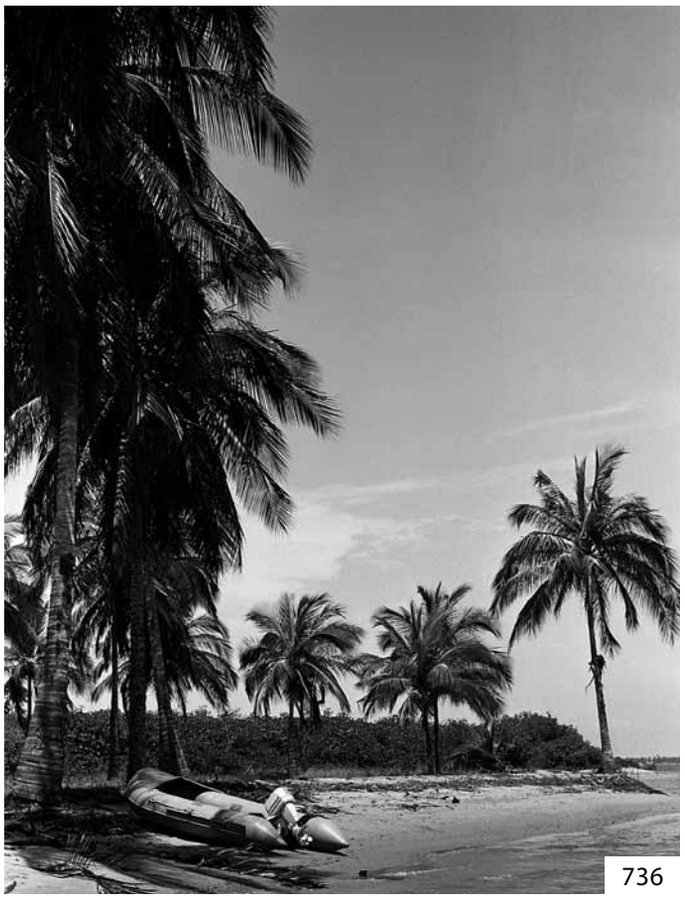
Uma empregada engomando com um ferro a carvão, levando um pequenino às costas e vigiando ao mesmo tempo o outro filho, um pouco maior.



734

735

735-736-737-738-739-740-741-742-743-744-745-746 – **Com os nossos barcos de borracha Pirelli, Guy, Bernard e Kosta aportámos à ilha do Mussulo para passar um dia tranquilo com uns amigos.**



736

737

738

740

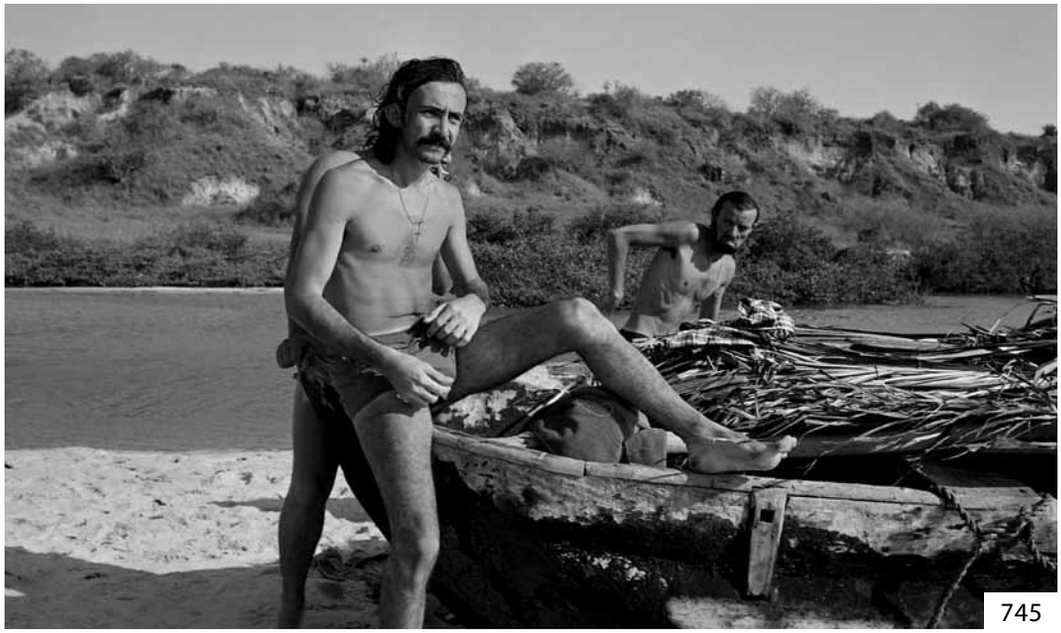
741

739

742

743

744



745

746

747

Depois de um dia muito agradável na ilha do Mussulo, o regresso a Luanda não foi nada fácil.

Embarque da equipa A70 para a europa.

A partir de Janeiro/Fevereiro de 1972, Kosta, Guy e Bernard estavam em Luanda à espera de embarcar para Lisboa, terminando assim a aventura da A70.

ANEXOS

Algumas das senhas do combustível oferecido pela FINA.

S. R.

SECRETARIA DE ESTADO DA INFORMAÇÃO E TURISMO

DIRECÇÃO-GERAL DA INFORMAÇÃO

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO

Of. n.º

Ref.

C R E D E N C I A L

Roga-se a todas as entidades a quem esta credencial for presente o favor de prestarem aos seus portadores Srs. JEAN PINHEIRA e KOSTA CVETICANIN, da equipa cinematográfica "AUSTRALE 70", todas as facilidades para o bom desempenho da sua missão.

Lisboa, 29 de Junho de 1971

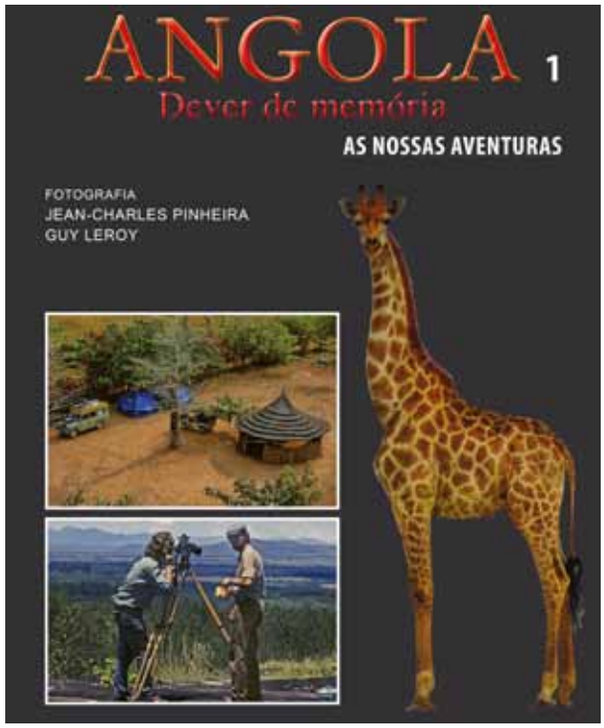
O DIRECTOR GERAL DA INFORMAÇÃO

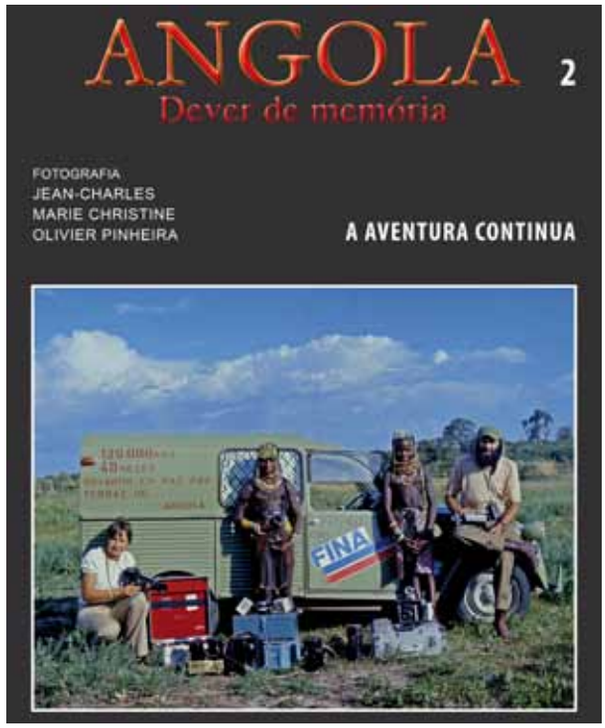
(Geraldes Cardoso)

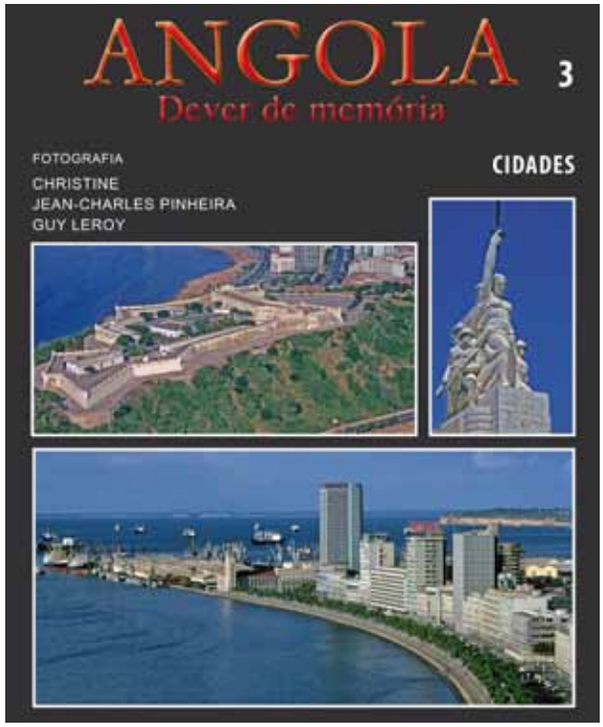
Uma das credenciais emitidas pelo CITA.

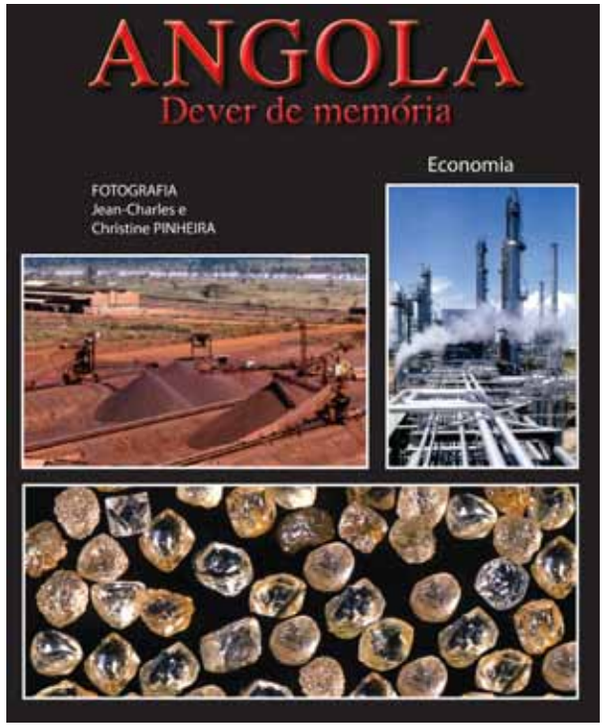
Nota de 20 escudos – frente e verso.
Era o preço de um almoço completo nessa época em Luanda.

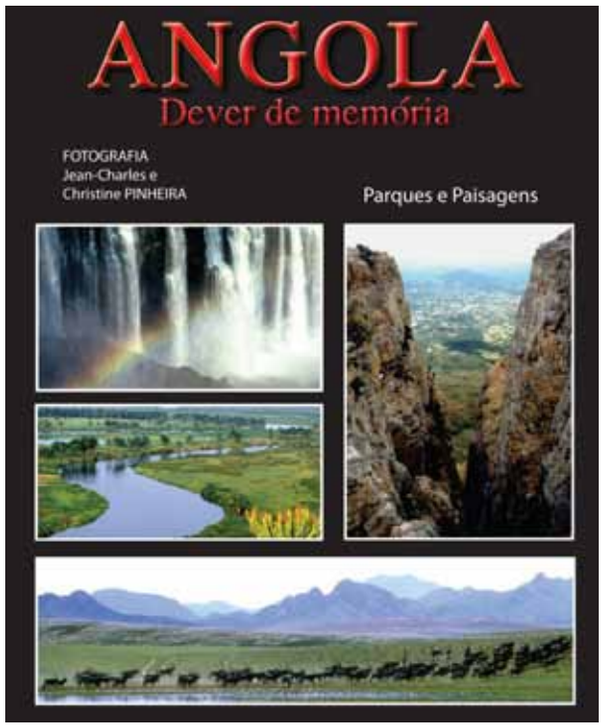
CAPAS DA COLEÇÃO DEVER DE MEMÓRIA

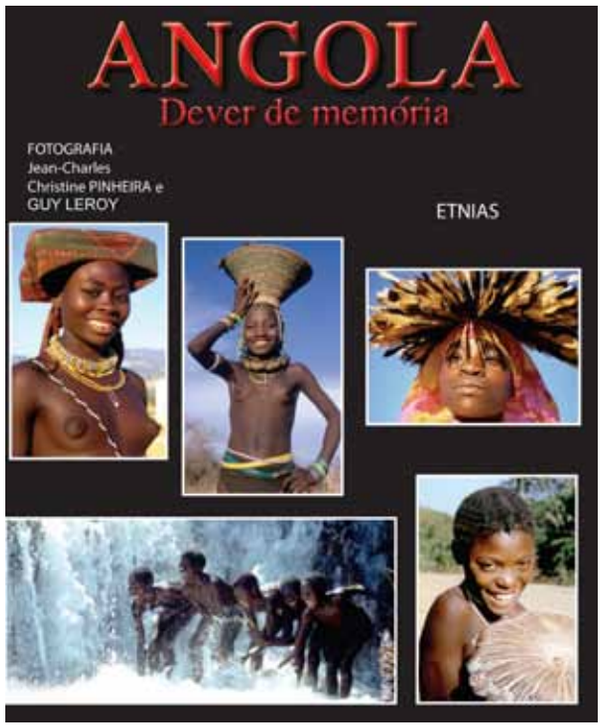


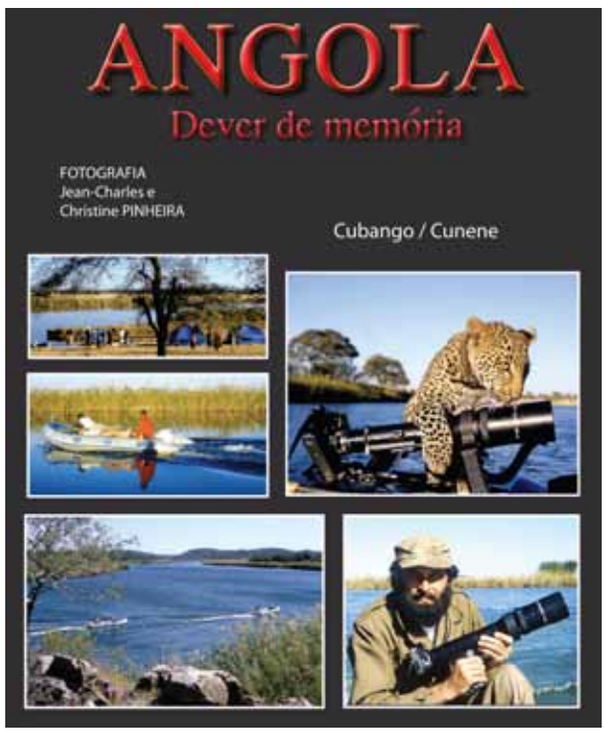


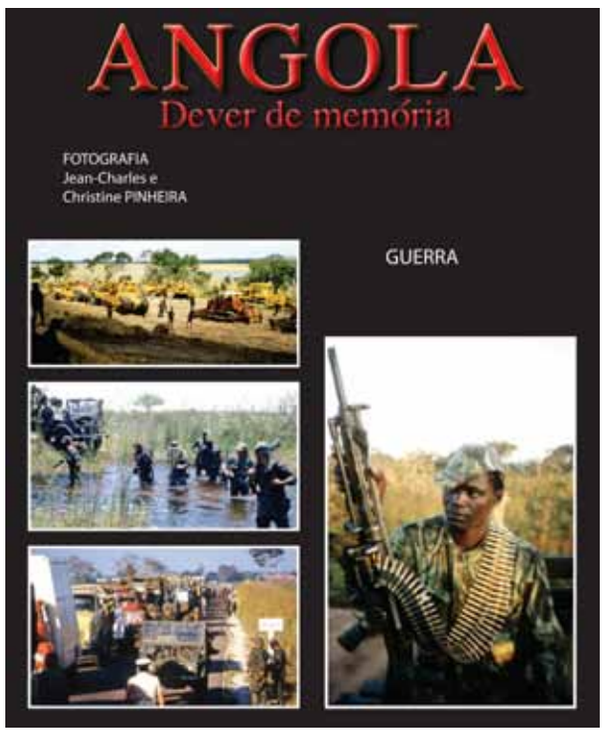





ANGOLA
Dever de memória
FOTOGRAFIA
Jean-Charles e
Christine PINHEIRA
Parques e Paisagens


ANGOLA
Dever de memória
FOTOGRAFIA
Jean-Charles
Christine PINHEIRA e
GUY LEROY
ETNIAS


ANGOLA
Dever de memória
FOTOGRAFIA
Jean-Charles e
Christine PINHEIRA
Cubango / Cunene


ANGOLA
Dever de memória
FOTOGRAFIA
Jean-Charles e
Christine PINHEIRA
GUERRA

ANGOLA

AS NOSSAS AVENTURAS 1

Edição
Editora Palancanegra

Direcção
J. C. Pinheira
00332 47574615
jc.pinheira@wanadoo.fr

Assessoria
Marie Christine Pinheira

Prefácio
General Silvinio
Silvério Marques

Textos
J. C. Pinheira
Inês Branco

Fotografia
J. C. Pinheira
Guy Leroy
Kosta Cventicanin

Abril, 2014

JC & MC PINHEIRA
REPORTERS PHOTOGRAPHES

EDITORA PALANCANEGRA

Proclamai sempre bem alto por forma que todo o Mundo vos ouça, que nunca consentireis que os Territórios de Além-mar, onde há cinco séculos trabalhamos e sofremos, sejam considerados terra de ninguém, onde outros Povos se possam estabelecer livremente, ou onde se queiram fazer ensaios utopicos de quaisquer Internacionalizações.

NORTON DE MATOS